



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

SANDRA MARIA DOS SANTOS

**A FESTA DE SÃO JOÃO COMO UM DOS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DA
SERTANIDADE EUCLIDENSE E O CORDEL COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2025

SANDRA MARIA DOS SANTOS

**A FESTA DE SÃO JOÃO COMO UM DOS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DA
SERTANIDADE EUCLIDENSE E O CORDEL COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto.

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237f	<p>Santos, Sandra Maria dos A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense e o cordel como ferramenta pedagógica no ensino de história / Sandra Maria dos Santos; orientador Paulo Heimar Souto. – São Cristóvão, SE, 2025. 235 f. : il.</p>
	<p>Dissertação (mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.</p>
	<p>1. História - Estudo e ensino. 2. Festas juninas. 3. Festas religiosas - Euclides da Cunha (BA). 4. Identidades culturais. 5. Educação - Bahia. I. Colégio José Aras. II. Souto, Paulo Heimar, orient. III. Título.</p>

CDU 94:398(813.8)

SANDRA MARIA DOS SANTOS

**A FESTA DE SÃO JOÃO COMO UM DOS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DA
SERTANIDADE EUCLIDENSE E O CORDEL COMO FERRAMENTA
PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada em, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente - Orientador
Prof. Dr. Paulo Heimar Souto.
Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (UFS)

Membro Interno
Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos
Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (UFS)

Membro Externo
Prof.ª Dr.ª Josefa Eliana Souza
Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS)

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte inesgotável de fé, força e luz, que me sustentou e me guiou em cada desafio e em cada etapa ao longo desta travessia.

À minha família, que sempre foi minha base, meu lar de conforto e segurança. À minha mãe que, mesmo frágil e acamada, compreendia o silêncio das minhas ausências com a sabedoria de quem sempre me esperou. Aos meus filhos, Sofia e Miguel, minha maior fonte de inspiração e alegria, sou profundamente grata por entenderem minhas ausências e por renovarem minhas forças diariamente, com sorrisos e abraços. Ao meu esposo, Jânio Lima, pela parceria, companheirismo e presença marcante na vida dos nossos filhos durante essa jornada.

Ao Professor Dr. Paulo Heimar Souto, meu orientador, expresso minha profunda gratidão pela dedicação, pelo incentivo contínuo e pela confiança depositada em meu potencial. Suas exigências e contribuições inestimáveis foram essenciais para a concretização desta pesquisa.

Aos professores do PROFHISTÓRIA da Universidade Federal de Sergipe, pelo compartilhamento de conhecimentos e pelo despertar de novas perspectivas em mim sobre a prática docente e a história como campo de possibilidades transformadoras.

Aos meus colegas de turma, que tornaram esta caminhada mais leve, com companheirismo, troca de experiências, escuta e apoio mútuo. Vocês são parte fundamental dessa conquista e um reflexo do quanto o aprendizado coletivo pode ser enriquecedor.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, Dr.^a Josefa Eliana Souza e Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos, pelas generosas contribuições e pelo cuidado na análise deste trabalho. Suas observações foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa.

Aos alunos dos 9º anos A e B do Colégio José Aras, pela dedicação e entusiasmo ao abraçarem o Projeto de Aulas Oficinas, contribuindo significativamente para o sucesso das atividades propostas e permitindo-se refletir profundamente sobre sua sertanidade.

Aos colegas do Colégio José Aras, pela acolhida calorosa, pelo apoio e pela amizade construída ao longo de mais de duas décadas de convivência.

Aos colaboradores da pesquisa, que generosamente compartilharam suas experiências e concederam entrevistas: Michel Andrade, Ronaldo Campos, Mauriza Cândida, Alfredo Junior, Chico D'Oliveira, Ivan do Nascimento, Melissa Bonfim e Inamar Coelho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, expresso minha mais sincera gratidão.

“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver”.

(Alberto Caeiro, 1993)

RESUMO

Esta pesquisa visa contribuir para o ensino de História, auxiliando docentes do 9º ano do Ensino Fundamental no que se refere à identidade cultural, conforme dispõe a Competência Geral 3 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O estudo tem como foco a festa de São João como um dos elementos identitários de afirmação da sertanidade em Euclides da Cunha, Bahia. O problema central desta investigação surgiu de inquietações pessoais e de observações da prática docente, na qual percebemos a ausência de um sentimento de pertencimento ao sertão entre estudantes do Colégio José Aras, em Euclides da Cunha. A proposta tem como objetivo refletir a festa de São João como um dos símbolos de afirmação da identidade sertaneja euclidense, pensando em torno do sentimento de pertencimento dos estudantes à cultura sertaneja. A análise teórica dialoga com as ideias de Hall (2022), Burke (2021), Cunha (2012), Albuquerque Jr. (2011), Priore (1994), entre outros. No que tange à metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa, seguindo o modelo de Aula-Oficina desenvolvido por Barca (2004), que acreditamos ser altamente eficaz no processo de aprendizagem histórica dos estudantes, proporcionando uma vivência pedagógica significativa. As aulas-oficinas, sob o título “Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense”, especificamente a parte propositiva desta pesquisa, promovem a discussão de conceitos por meio de debates e atividades práticas que culminarão na produção de cordéis. Além disso, realizamos um levantamento de fontes documentais e registros iconográficos, como também aplicamos questionários e entrevistas semiestruturadas com membros proeminentes da comunidade local envolvidos na preservação da tradição junina. Essa abordagem se aproxima do viés da história oral e pretende captar as percepções dos envolvidos em torno do sertão e da cultura junina. Os resultados da pesquisa ressaltam a festa de São João como uma prática cultural imprescindível em Euclides da Cunha, que desempenha um papel crucial na integração da comunidade e no fortalecimento do sentimento de pertencimento ao sertão. As aulas-oficinas se mostraram uma prática eficaz no processo de aprendizagem histórica, enquanto a produção de cordel se revelou uma metodologia potente para aproximar os estudantes de sua cultura, promover reflexões críticas e fortalecer a identidade cultural, proporcionando, ao mesmo tempo, um diálogo com a cultura local e suas raízes.

Palavras-chave: Ensino de História. Sertão. Identidade Sertaneja. Festa de São João. Aulas-Oficinas. Cordel.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the teaching of History by assisting ninth-grade teachers in addressing cultural identity, as outlined in General Competency 3 of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). The study focuses on the São João festival as one of the identity elements affirming *sertanidade* in Euclides da Cunha, Bahia. The central issue of this investigation arose from personal concerns and observations of teaching practices, in which we noticed the absence of a sense of belonging to the *sertão* among students at Colégio José Aras in Euclides da Cunha. The objective of this study is to reflect on the São João festival as a symbol of the affirmation of the *sertanejo* identity in Euclides da Cunha, considering the students' sense of belonging to *sertanejo* culture. The theoretical analysis engages with the ideas of Hall (2022), Burke (2021), Cunha (2012), Albuquerque Jr. (2011), Priore (1994), among others. In terms of methodology, we adopted a qualitative approach, following the *Aula-Oficina* (Workshop-Class) model developed by Barca (2004), which we believe is highly effective in the historical learning process of students, providing a meaningful pedagogical experience. The *Aulas-Oficinas*, titled "*For a Cultural and Identity Poetics of the Euclidense Sertão*", form the propositional part of this research, fostering the discussion of concepts through debates and practical activities that will culminate in the production of *cordel* literature. In addition, we conducted a survey of documentary sources and iconographic records, as well as applied questionnaires and semi-structured interviews with prominent members of the local community engaged in preserving the São João tradition. This approach aligns with the perspective of oral history and seeks to capture the perceptions of those involved regarding the *sertão* and São João culture. The research results highlight the São João festival as an essential cultural practice in Euclides da Cunha, playing a crucial role in community integration and strengthening the sense of belonging to the *sertão*. The *Aulas-Oficinas* proved to be an effective practice in the historical learning process, while the production of *cordel* emerged as a powerful methodology to bring students closer to their culture, encourage critical reflections, and strengthen cultural identity, fostering a dialogue with local culture and its roots.

Keywords: History Education, Sertão, Sertanejo Identity, São João Festival, Workshop-Lessons, Cordel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Casamento na roça no Arraiá do Cumbe, 1987	50
Figura 2	Festa de São João na Avenida Ruy Barbosa em 1993	51
Figura 3	Trio do Jegue do Mundinho Doido, no Arraiá do Cumbe, 1992	52
Figura 4	Programação do Arraiá do Cumbe, 2018	56
Figura 5	Programação do Arraiá do Cumbe, 2023	57
Figura 6	Programação do Arraiá do Cumbe, 2024	57
Figura 7	Cordel de Inamar Coelho.....	58
Figura 8	Nativus do Cumbe, 2024	61
Figura 9	Nativus do Cumbe, 2008	63
Figura 10	Nativus do Cumbe, 2024	64
Figura 11	Forró Quentão, 2016	70
Figura 12	Apresentação de quadrilhas das escolas municipais de Euclides da Cunha, Bahia, 2024	72
Figura 13	Caipiras Aloprados, vencedores do Folia Sertaneja 2024	73
Figura 14	Cartaz do Festival Folia Sertaneja 2024	73
Figura 15	Antiga sede do Colégio José Aras	88
Figura 16	Nova sede do Colégio José Aras	89
Figura 17	Desenhos 1, 2, 3, 4, 5 - Representações do sertão, 9º ano B	102
Figura 18	Desenhos 6, 7, 8, 9 – Representações do sertão, 9º ano B	103
Figura 19	Representação do sertão em verso	103
Figura 20	Representação do sertão em versos.....	104
Figura 21	Representação do sertão em prosa.....	104
Figura 22	Produção de cordel	106
Figura 23	Atividade sobre identidade cultural	107
Figura 24	Produzindo xilogravuras	109
Figura 25	Xilogravuras	110
Figura 26	Cordel cantado	112
Figura 27	Recital de cordel	112
Figura 28	Coreografia <i>Ave Maria Sertaneja</i>	113
Figura 29	Apresentação <i>Quadrilha Arroxé o Nô</i>	114
Figura 30	Roda de conversa	114
Figura 31	Forró pé de serra	115
Figura 32	Folhetos de cordel	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Conceito de sertão	90
Quadro 02	Sobre o sentimento de pertencimento ao sertão	92
Quadro 03	Sobre a representação do sertanejo na sociedade	93
Quadro 04	Sobre a presença do sertão na vida cotidiana	95
Quadro 05	Sertão e sentimentos	96
Quadro 06	Identificação com a cultura sertaneja	97
Quadro 07	Importância da festa de São João para a cultura local	98
Quadro 08	O papel do forró nas festas de São João	99
Quadro 09	A presença de outros ritmos nas festas de São João	100

LISTA DE MAPAS

Mapa1 Mapa do município de Euclides da Cunha Bahia 21

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CESVASF - Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco
DCRB - Documento Curricular Referencial da Bahia
EOB – Educandário Oliveira Brito
DCREC – Documento Curricular Referencial de Euclides da Cunha
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
NTE - Núcleo Territorial de Educação
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
UNEB - Universidade Estadual da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONTEXTO, LOCALIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA.....	22
2.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS.....	26
2.1.1 Breve contextualização sobre o ensino de História no Brasil.....	26
2.2 OS REFERENCIAIS TEÓRICOS, OS CONCEITOS E A TEMÁTICA	29
2.3 BASES LEGAIS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA.....	41
3. ARRAIÁ DO CUMBE: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.....	45
3.1 A FESTA DE SÃO JOÃO COMO ELEMENTO IDENITÁRIO DA SERTANIDADE EUCLIDENSE.....	45
3.2 FORRÓ: ARTE E IDENTIDADE SERTANEJA NO CONTEXTO CULTURAL DO BRASIL E DO NORDESTE.....	54
3.3 NATIVUS DO CUMBE: “O PÉ DE SERRA ANDANTE”	59
3.4 FESTIVAL DE QUADRILHAS NO CUMBE: TRADIÇÃO REINVENTADA.....	65
3.5 VOZES DO SERTÃO EUCLIDENSE: PERCEPÇÕES SOBRE A SERTANIDADE E A FESTA DE SÃO JOÃO.....	76
4. APLICAÇÃO DE AULAS-OFICINAS E REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM HISTÓRICA ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE CORDEL.....	84
4.1 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA.....	84
4.2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	87
4.3 DISCUTINDO OS RESULTADOS DAS AULAS OFICINAS	89
4.3.1 Aula-oficina 1: Problematizando o conceito de sertão e sertanejo.....	89
4.3.2 Aula-oficina 2: O sertão cantado em versos de cordel.....	105
4.3.3 Aula-oficina 3: O que é identidade? Quais os elementos definem a identidade sertaneja?.....	106
4.3.4 Aula-oficina 4: A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense.....	108
4.3.5 Aula-oficina 5: O sertão cantado por Luiz Gonzaga.....	110

4.3.6 Mostra cultural: Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense.....	111
4.3.7 A aprendizagem histórica por meio do cordel: O sertão e o São João na perspectiva de estudantes do 9^a ano do ensino fundamental.....	116
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES	134
APÊNDICE A - Aulas-oficinas: por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense	134
APÊNDICE B – Ofícios enviados para concretização da pesquisa	169
APÊNDICE C - Entrevista com representante do “Nativus Do Cumbe”: o pé de serra andante do sertão	172
APÊNDICE D –Entrevista com puxadora do Festival de Quadrilhas	176
APÊNDICE E - Entrevista com organizador do Festival de Quadrilhas	180
APÊNDICE F - Entrevista com ex – organizador do Festival de Quadrilhas	186
APÊNDICE G –Entrevista com o forrozeiro Chico D’Oliveira	191
APÊNDICE H –Entrevista com o sanfoneiro Vaninho San	200
APÊNDICE I – Entrevista com a multiartista Mel do Cumbe	206
APÊNDICE J – Entrevista com o cordelista Inamar Coelho	211
APÊNDICE K –Desenhos produzidas pelos alunos	215
APÊNDICE L – Cordéis produzidos pelos alunos	218

1. INTRODUÇÃO

O tema proposto é resultado de inquietações que atravessam a minha vida e a minha prática docente, enquanto professora da educação básica, na rede municipal de ensino na cidade de Euclides da Cunha, Bahia. Desde muito jovem, sempre me questionei sobre a minha identidade, sobre quem sou e qual o meu lugar no mundo. Sou filha do sertão baiano, nasci e cresci numa comunidade rural, Fazenda Formiga, no município de Euclides da Cunha, na região do semiárido. Filha de mãe solo, lavradora, oleira e lavadeira. Minha mãe, natural do sertão baiano, mulher forte, marcada pelo abandono e por muitas dores, apesar das adversidades e das limitações de instrução escolar, soube entender que a educação poderia oferecer um futuro com mais oportunidades para seus oitos filhos. Tive uma infância difícil, com muitas faltas, mas muito rica em memórias afetivas.

Na minha vida escolar, nunca fui provocada a pensar sobre a minha identidade, visto que a história local era trabalhada de forma muito superficial. Do mesmo modo, na minha licenciatura em História, empreendida no Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF, em Belém do São Francisco – PE, também não me senti estimulada a refletir acerca da minha sertanidade.

O primeiro contato que tive com o conceito de identidade foi na Pastoral da Juventude em Euclides da Cunha, grupo jovem da igreja católica, no qual participei durante toda a minha juventude, o que contribuiu muito para a minha formação e as minhas escolhas de vida. Foi na Pastoral da Juventude, junto a outros jovens, que passei a refletir sobre o conhecimento de si, do outro e sobre o sentido de viver em comunidade, mas ainda assim, devido às inconstâncias da juventude, não me apropriei devidamente desses valores na minha vida prática.

Foi atuando na sala de aula, inicialmente na Educação de Jovens e Adultos, no Programa Alfabetização Solidária, numa comunidade rural, que percebi que a falta de consciência do sentimento de pertencimento não era um sentimento inerente a mim, mas era algo compartilhado com a comunidade escolar a qual pertencia. Quando me tornei professora de História da rede municipal de ensino do fundamental II em 2002, mediante concurso público, no qual continuo laborando atualmente, essa percepção foi ainda mais gritante. Trabalho com adolescentes e jovens imersos ao mundo globalizado e conectados à cultura de massa, no qual a construção de um sentimento de pertença ao sertão é quase inexistente.

Durante pouco mais de duas décadas no chão da sala de aula, em razão das limitações da minha formação escolar e acadêmica no que diz respeito às reflexões sobre identidade, não consegui fazer um trabalho eficaz nessa perspectiva. O trabalho sobre história local na minha

prática docente sempre foi atrelado ao mês de setembro, em virtude do aniversário do município de Euclides da Cunha, porém um ensino raso, simplista, resumido ao contexto histórico do município, economia e cultura, sem que houvesse uma reflexão mais profunda sobre as questões identitárias, que dirá sobre sertanidade.

Durante o mestrado profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UFS), ao buscar uma temática para minha dissertação, tive a oportunidade de refletir sobre minha prática docente e as lacunas em minha formação. Nesse processo, comprehendi a importância de abordar questões relacionadas à minha identidade e pertencimento. Dessa forma, decidi investigar a identidade sertaneja, com um enfoque particular na festa de São João em Euclides da Cunha - BA, uma celebração que preserva tradições locais e constitui um símbolo fundamental na construção da identidade cultural da comunidade. Escolhi esse tema pela sua relevância na promoção do diálogo entre a história e o cotidiano dos meus alunos, resgatando elementos identitários frequentemente negligenciados no ambiente escolar. Além disso, procuro integrar esses elementos culturais de forma mais eficaz às minhas estratégias pedagógicas, promovendo a aprendizagem histórica e um ensino mais contextualizado e significativo para os alunos. Assim, almejo não apenas enriquecer meu conhecimento acadêmico, mas também aprimorar minha atuação como educadora, valorizando e difundindo a riqueza cultural do sertão euclidense.

Diante das reflexões apresentadas, sinto-me instigada a pensar sobre essa lacuna que existe na minha formação e sobre as minhas referências identitárias que moldam a minha/nossa identidade. Essa percepção me levou a refletir sobre a importância de identificar um elemento cultural comum que possa fortalecer o meu/nosso sentimento de pertencimento ao sertão euclidense e contribuir para a afirmação dessa identidade. Dentre os muitos elementos culturais que compõem a nossa identidade, a festa de São João se destaca como um dos pilares mais significativos da cultura euclidense, sendo considerada nesta análise como um dos principais elementos da identidade cultural local.

As festas de São João atravessam a minha existência e ocupam um lugar muito especial nas minhas memórias afetivas, principalmente, no que remete a minha vida escolar. Lembro-me que usávamos trajes típicos, como vestidos de chita e camisas xadrez, dançávamos a quadrilha e celebrávamos o casamento na roça. A escola se transformava com a decoração típica, enchendo os corredores de vida e cor. Havia bandeirinhas coloridas penduradas por todos os lados e os murais das salas de aula eram decorados com desenhos de fogueiras, balões e personagens juninos. Hoje essa tradição continua sendo uma permanência na minha prática

docente e se perpetua na experiência compartilhada por meus filhos, Sofia de 9 (nove) e Miguel de 5 (cinco) anos de idade.

Outra memória afetiva que guardo com carinho reporta-se às fogueiras de São João. Naquelas noites frescas, nos agrupávamos em torno da fogueira, desfrutando do calor que ela oferecia. Enquanto contemplávamos as chamas hipnotizantes, compartilhávamos conversas animadas, degustando um saboroso milho assado e nos entregando ao ritmo do forró que nos convidava a dançar.

O São João, embora uma festa tradicional profundamente enraizada em diversas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, também deve ser entendido em seu contexto contemporâneo e mutável. Embora seja verdade que esta festividade une pessoas de diferentes idades, crenças e origens étnicas, simbolizando a união e a diversidade cultural, é importante reconhecer que ela não é isenta de transformações e adaptações ao longo do tempo. As influências do cristianismo popular, que marcaram minha criação e ainda permeiam muitas dessas celebrações, convivem com uma pluralidade de interpretações e manifestações culturais que variam de lugar para lugar. Assim, ao conectar minhas origens culturais com essas influências, procuro não apenas ressaltar a diversidade de valores, costumes e simbolismos que caracterizam essa celebração no território sertanejo, mas também relativizar o quanto essa diversidade é dinâmica e sujeita a mudanças de acordo com contextos sociais e históricos específicos.

As festas juninas em Euclides da Cunha, especialmente o São João, é a tradição cultural que mais nos conecta enquanto municípios, quer seja na musicalidade do forró, quanto nas comidas típicas como: pamonha, milho cozido, bolo de milho, amendoim e tantas outras iguarias típicas da região. O festival de quadrilhas é outra beleza à parte, os jovens apresentam coreografias temáticas que são organizadas por povoados e comunidades locais. Nas semanas que antecedem o evento, toda a comunidade se prepara para receber os festejos, as ruas são enfeitadas com bandeirolas coloridas, balões e fogueiras, o comércio e as escolas são decorados com bandeirolas, espantalhos e outros elementos típicos da festa.

Enfim, a festa de São João é uma celebração que movimenta o comércio, o turismo, as escolas, as praças e povoados, agregando pessoas de todas as idades. É o momento de encontro das famílias com os seus parentes que moram na capital e/ou em outros estados, principalmente os de São Paulo que vem celebrar esse momento festivo com seus familiares. Além das festividades nas ruas e praças com artistas locais e nacionais, muitas famílias também celebram o São João em suas casas, reunindo-se com parentes e amigos para compartilhar momentos de alegria e confraternização.

Outro elemento que está imbricado à cultura sertaneja e a tradição da festa de São João é o cordel, que também faz parte das minhas memórias afetivas e marcou de forma significativa o meu processo de letramento. Como venho de uma família humilde, durante a infância não tive acesso a livros de literatura infantil, o meu primeiro contato com a escrita literária aconteceu através dos cordéis, que era uma presença comum em meu lar. Os folhetos de cordéis eram narrativas versificadas sobre figuras como Lampião, o cangaço, a guerra de Canudos e Antônio Conselheiro, além de versos sobre políticos, principalmente durante as campanhas eleitorais. No entanto, lamentavelmente, essa rica tradição cultural parece ter se perdido ao longo do tempo e hoje em dia é raro encontrar cordéis e cordelistas pelas ruas da cidade. Além disso, durante um período da minha trajetória como docente, tive a oportunidade de escrever alguns versos de cordel abordando a história local, o que me proporcionou uma conexão mais profunda com essa forma de expressão literária.

Nesse sentido, a nossa abordagem busca desenvolver um produto pedagógico que utilize a literatura de cordel como uma ferramenta que pode ser eficaz no ensino de história e promover a aprendizagem histórica de estudantes do 9º ano do ensino fundamental. O projeto consiste em aulas-oficinas de literatura de cordel, intituladas *Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense*. O objetivo principal é criar narrativas históricas de caráter popular sobre o sertão e a cultura sertaneja, com um foco especial na festa de São João. Pretendemos abordar esse conteúdo de maneira lúdica, autônoma e autêntica, buscando promover o desenvolvimento da capacidade de autoria dos alunos e sua conexão significativa com o contexto histórico-cultural do sertão.

Através desta perspectiva, almejamos dar visibilidade a narrativas regionais e populares que, muitas vezes, são negligenciadas nas práticas tradicionais de ensino de história. Para isso, pretendemos atingir como objetivo geral: Desenvolver e implementar aulas-oficinas baseadas na produção de cordéis sobre a festa de São João, com o propósito de promover a aprendizagem histórica, fortalecer a identidade cultural sertaneja e fomentar o sentimento de pertencimento entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental. E como objetivos específicos, os seguintes pontos:

- Compreender e valorizar as tradições culturais do sertão euclidense, analisando a festa de São João como um elemento de identidade e pertencimento.
- Investigar como os estudantes do 9º ano do Colégio José Aras compreendem e vivenciam a identidade sertaneja em seu cotidiano.

- Analisar, por meio de entrevistas qualitativas, as percepções subjetivas de membros da comunidade local sobre a sertanidade euclidense e a celebração do São João.
- Desenvolver e implementar aulas-oficinas como estratégia pedagógica para promover a aprendizagem histórica e aprofundar a compreensão da cultura junina e do sertão.
- Utilizar o cordel como ferramenta pedagógica no ensino de História para explorar o sertão e as festividades de São João de maneira interdisciplinar, incentivando a autonomia, a criatividade e a produção autoral dos estudantes.
- Avaliar a evolução da aprendizagem histórica dos alunos durante as aulas-oficinas, analisando o desenvolvimento de competências essenciais no processo de ensino e aprendizagem da História.

Deste modo, para alcançar nossos objetivos, optamos por uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, centrada na subjetividade humana, com ênfase em uma perspectiva exploratória-descritiva, conforme proposto por Lakatos e Marconi (2008). Nesse contexto, analisaremos a festa de São João como um dos elementos constitutivos da sertanidade dos euclidenses. Devido à escassez de documentação sobre essa celebração em específico, aplicamos questionários com questões abertas, bem como entrevistas semiestruturadas com membros¹ da comunidade local, buscando reconstruir essa importante narrativa cultural. Essa abordagem metodológica também se alinha com os princípios da história oral, conforme discutido por Meihy e Seawright (2021), visando capturar fragmentos da memória coletiva e reconstruir a história da festa de São João em Euclides da Cunha. Adicionalmente, empregaremos a fotografia como um instrumento complementar para registrar e relembrar momentos marcantes da festa de São João, reconhecendo sua significativa influência na formação da cultura e da identidade local.

Como recurso pedagógico deste estudo, desenvolvemos e implementamos aulas-oficinas, conforme delineado por Barca (2004), que representam a vertente propositiva desta investigação. Dessa forma, as aulas-oficinas terão como foco a exploração de conceitos relacionados ao sertão, à celebração da festa de São João e à identidade sertaneja, culminando na produção de literatura de cordel.

Destarte, através de aulas práticas e oficinas, buscaremos promover a criação de narrativas históricas no formato de cordel, com o propósito de aprofundar a vivência escolar e

¹ Tanto nos questionários, quanto nas entrevistas serão utilizados os nomes pelos quais os colaboradores são oficialmente identificados.

fortalecer o senso de identidade e pertencimento dos estudantes ao sertão. O objetivo primordial é examinar se essas iniciativas capacitam os envolvidos a desenvolver uma ligação mais profunda e significativa com a cultura e a história local.

A presente pesquisa delineia uma narrativa culturalmente rica, incentivando a compreensão e a valorização das raízes do sertão euclidense. Nesse contexto, busca-se estimular os alunos a perceberem o mundo a partir de sua própria realidade, ressignificando seu senso de pertencimento. Essa perspectiva inspira-se na reflexão de Fernando Pessoa (1986), em *O Guardador de Rebanho*², ao afirmar: “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...”, enfatizando que a ampliação da visão de mundo ocorre a partir do reconhecimento da profundidade do próprio lugar. O enfoque histórico adotado, que entrelaça o sertão e a festa de São João por meio da poesia popular, constitui uma contribuição significativa tanto para a preservação e valorização da identidade sertaneja quanto para o ensino de História, promovendo uma abordagem mais contextualizada e significativa.

Considerando essas observações e alinhado aos propósitos do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe, optamos por explorar a temática *A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense e o cordel como ferramenta pedagógica no ensino de história*. A escolha desse tema se justifica pela percepção da ausência de um sentimento de pertencimento e identificação dos estudantes à identidade sertaneja, inferindo os festejos juninos como um dos elementos identitários de afirmação da sertanidade, que pode ser potencializado no ensino de história através da literatura de cordel. Os resultados dessa pesquisa estão detalhados nas próximas páginas e, a seguir, expomos um resumo sucinto de cada seção.

No início, são apresentadas as motivações pessoais que conduziram a pesquisa, destacando minha trajetória pessoal e as razões que me levaram a investigar a temática em questão. Além disso, é delineada a problemática de pesquisa, evidenciando lacunas existentes, bem como os objetivos e a metodologia. Em seguida, demonstramos ao leitor o contexto e o ambiente nos quais a pesquisa se desenvolve. Abordamos informações geográficas, históricas e socioeconômicas relacionadas ao município de Euclides da Cunha, situando a relevância do local para o estudo proposto.

A Seção I, intitulado “Considerações teóricas: diálogos possíveis”, é dedicado à fundamentação teórica que sustenta a pesquisa. Nessa seção, apresentamos uma breve

² Autor: Fernando Pessoa (Alberto Caeiro) fonte: Obra Poética e em Prosa Ed. António Quadros. Porto, Lello & Irmão, 1986.

contextualização do ensino de História no Brasil, expomos os referenciais teóricos utilizados, os principais conceitos explorados e a delimitação da temática. Este capítulo é essencial para fornecer uma base sólida e abrangente ao leitor.

Na Seção II, nomeado “Arraiá do Cumbe: mudanças e permanências”, exploramos o conceito de festa, as origens da celebração de São João e fizemos um apanhado histórico do Arraiá do Cumbe na cidade de Euclides da Cunha - BA. Analisamos as transformações ocorridas ao longo do tempo nessa festividade e destacamos elementos marcantes como o forró, o festival de quadrilhas e o distintivo “Nativus do Cumbe”, reconhecido como “O maior pé de serra andante do sertão”. Além disso, analisamos entrevistas conduzidas com membros proeminentes da comunidade que possuem o compromisso de preservar a cultura local.

Na Seção III, cognominada “Aplicação de aulas-oficinas e reflexões sobre a aprendizagem histórica através da produção de cordel”, dedicamo-nos à discussão dos resultados das aulas-oficinas. Inicialmente, apresentamos a metodologia utilizada para promover a aprendizagem histórica. Em seguida, procedemos com uma breve caracterização da escola e a apresentação do perfil dos sujeitos da pesquisa, elementos essenciais para contextualizar as oficinas. Por fim, detalhamos o processo de cada aula oficina, destacando os avanços na aprendizagem histórica dos alunos, e realizamos uma análise dos cordéis produzidos pelos estudantes, evidenciando os conhecimentos históricos adquiridos ao longo das oficinas.

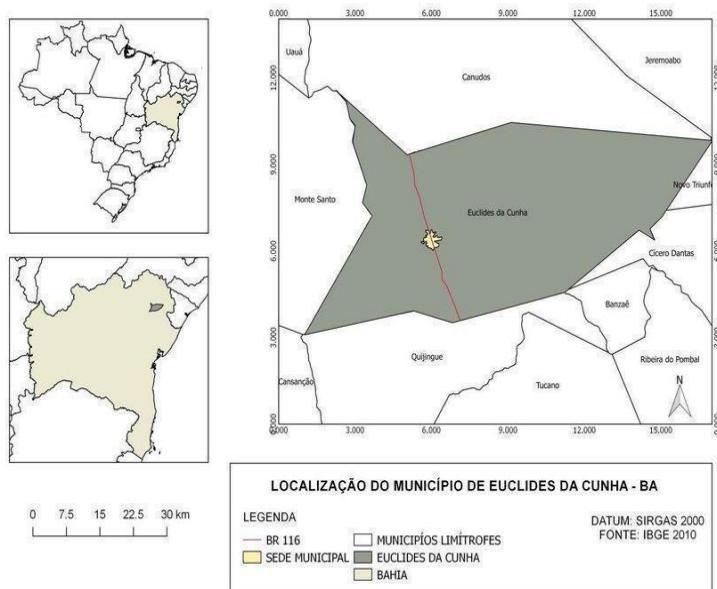
Por fim, apresentamos as considerações finais em que pretendemos sumarizar os principais achados da pesquisa e discutir as contribuições para o conhecimento existente, as possíveis aplicações práticas dos resultados e sugestões para pesquisas futuras, encerrando de forma reflexiva e integradora.

Nos apêndices, apresentamos a parte propositiva da dissertação que materializa o resultado prático da pesquisa por meio de um roteiro de aulas-oficinas intituladas “Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense”, a ser concretizada em turmas do 9º ano do Colégio José Aras, da rede municipal de ensino na cidade de Euclides da Cunha-BA, entre os meses de outubro e novembro de 2024. Nesse espaço, detalhamos os passos e metodologias empregados na criação desse Recurso Educacional Aberto, relacionando-o diretamente aos objetivos e conclusões da pesquisa.

2.CONTEXTO, LOCALIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA

A pesquisa em tela está ambientada e contextualizada na região do semiárido baiano no município de Euclides da Cunha, nordeste da Bahia, a 325 km³ da capital, Salvador, estando o seu território totalmente incluído no Polígono das Secas⁴. O principal bioma é a Caatinga e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,567⁵. Limita-se com os municípios de Canudos, Qujingue, Monte Santo, Cícero Dantas, Novo Triunfo e Banzaê. Sua população, de acordo com o último censo do IBGE/2022, é de 61.456 habitantes.

Mapa I – Mapa do município de Euclides da Cunha-Bahia



Fonte: ResearchGate. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-do-municipio-de-Euclides-da-Cunha-BA_fig1_351235987. Acesso em: 01 jan. 2024.

O município de Euclides da Cunha está situado no espaço geográfico dos 417 municípios que compõem os 27 Territórios de Identidade no Estado da Bahia, especificamente no Semiárido Nordeste II - Núcleo Territorial de Educação (NTE) 17⁶. Essa divisão se baseia

³ Em linha reta, 266 km. Ver: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 1958. p. 218. v. XX.

⁴ É uma região geográfica localizada no Nordeste e no extremo norte da região Sudeste do Brasil. O marco legal da criação dessa área surgiu em 1946 e foi oficialmente instituído em 1968, por meio da Lei 63.778, decretada pelo governo brasileiro. A legislação busca enfrentar os impactos adversos do clima e promover o bem-estar na região por meio de políticas públicas de desenvolvimento político e social.

⁵ PNUD/2010. Disponível em: **IBGE**. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/euclides-da-cunha/panorama>. Acesso em: 23 nov. 2023.

⁶ O núcleo é composto por 18 municípios que incluem Adustina, Antas, Banzaê, Cícero Dantas, Cipó, Coronel João Sá, Euclides da Cunha, Fátima, Heliópolis, Jeremoabo, Nova Soure, Novo Triunfo, Paripiranga, Pedro Alexandre, Ribeira do Amparo, Ribeira do Pombal, Santa Brígida e Sítio do Quinto. Esses municípios se identificam de acordo com os elementos identitários do Planejamento das Políticas Públicas, organizados conforme os critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos (DCRB, 2019, p.25).

em critérios essenciais relacionados aos aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos, que são fundamentais para o planejamento e a implementação das políticas públicas na região. Neste contexto, é fundamental considerar os elementos identitários que nos caracterizam enquanto sujeitos pertencentes a este território de identidade. Para alcançar tal compreensão, torna-se necessário entender o processo histórico que moldou e definiu este lugar, o qual é foco da nossa investigação.

No centro dos rincões sertanejos da Bahia, no sapé da celebre cordilheira, antes coberta pela Mata das Preguiças, estava a Fazenda Cumbe do Major, pertencente ao Major Antonino⁷, primeiro núcleo populacional do atual município de Euclides da Cunha, há muitos anos conhecida e chamada Cumbe⁸. Os primeiros habitantes da região foram os índios Caimbés⁹, da tribo tupiniquins, que inicialmente viviam no aldeamento de Massacará¹⁰ e depois se deslocaram para a localidade que mais tarde se tornou a Fazenda Caimbés. Os padres jesuítas, em missão de catequese pelo sertão, construíram, no local do atual distrito de Massacará, uma capela, ainda de pé, e um convento, destruído pelos próprios jesuítas, quando foram expulsos do Brasil em 1759. Atualmente, a região de Massacará é reconhecida como um território de ocupação indígena tradicional¹¹ que ainda mantém hábitos e costumes dos seus ancestrais. O distrito abriga a Igreja da Santíssima Trindade¹² de Massacará, constituindo um espaço de importância cultural e histórica para a comunidade indígena local.

O crescimento do Cumbe foi impulsionado pela construção do Tanque da Nação, construído¹³ no século XIX durante o reinado de D. Pedro II, já que se tratava de uma região castigada pela seca, a construção de um açude representava o único meio para abastecer a região. Desbravado por colonos oriundos dos municípios circunvizinhos, principalmente de

⁷ Senhor de grandes glebas e de avultado número de agregados, primeiro desbravador das terras do município. Ver: **Encyclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 1958. p. 217. v. XX.

⁸ Aguardente que se obtém através da fermentação e destilação do mel, ou borras do melaço. Ver: **Novo Dicionário Aurélio**,. Rio de Janeiro, 1975. p.245. **Internet Archive**. Disponível em:<https://archive.org/details/novodicionriodal0000ferr/page/408/mode/2up?q=cumbe> . Acesso em: 23 nov.2023.

⁹ Vivem no estado da Bahia, na Terra Indígena Massacará, município de Euclides da Cunha e “ocupam imemorialmente uma área de terra do sertão baiano, precisamente entre as bacias do rio Itapicuru e do Vaza Barris. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaimb%C3%A9> . Acesso em: 23 nov. 2023.

¹⁰ A Terra Indígena de Massacará de 8.020ha, localizada no estado da Bahia, travessada pela rodovia BA-220 e o Riacho Massacará, homologada e registrada no CRI e na SPU com 1.002 Kaimbé (FUNAI/SEII, 2011). **Indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://antropos.org.uk/117-kaimbe/> . Acesso em: 23 nov. 2023.

¹¹ Território homologado pelo Decreto 395 - 26/12/1991. **Terras indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3761> . Acesso em: 23 nov. 2023.

¹² Fundada por missionários jesuítas em 1639. Ver em: **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaimb%C3%A9> . Acesso em: 23 nov. 2023.

¹³ Sobre a construção, ver Aras (2003, p.101).

Monte Santo e Tucano, estabeleceram-se com suas famílias na região, dedicando-se à agricultura e à criação de gado, atividades que ainda hoje são fundamentais para a economia local.

Cumbe foi crescendo e, em pouco tempo, o vilarejo pertencente a Monte Santo¹⁴ se expandiu, tornando-se o povoado mais desenvolvido da região. No centro da praça, onde hoje está a Igreja Matriz, foi construída uma capela pelo padre Vicente Sabino dos Santos, consagrada a Nossa Senhora da Conceição que desde os primórdios foi aclamada a Padroeira desta terra. Sua primeira festa foi realizada no dia 08 de dezembro de 1880, na mesma data da criação do povoado, e ainda hoje é a principal festa religiosa do município. As novenas principiam sempre no penúltimo ou último dia de novembro, culminando os festejos com uma grande procissão e missa solene no dia consagrado à Virgem.

O povoado do Cumbe foi elevado à categoria de vila pela Lei estadual nº 253 de 11 de junho de 1898, após ser desmembrada de Monte Santo. Em 1911, tornou-se um município, mantendo o distrito-sede. No entanto, em 1931, a Vila do Cumbe, ainda como distrito-sede, foi extinta e sua área foi novamente anexada ao município de Monte Santo. A emancipação do território só ocorreu em 19 de setembro de 1933, sendo elevado novamente à categoria de município, constituído de dois distritos: Cumbe, a sede, e Canudos. Em 1938, a pedido do poeta José Aras¹⁵ Cumbe teve seu nome alterado para Euclides da Cunha, em homenagem ao autor da obra “Os Sertões”, um tributo a quem tinha escrito não apenas uma epopeia, mas traçado um quadro dramático da situação do sertanejo.

A Guerra de Canudos, travada entre 1896 e 1897, representa um marco histórico fundamental em nossa história e está profundamente enraizada em nossa memória coletiva, sendo um evento que moldou a identidade local e nos afeta até hoje. O episódio de Canudos é frequentemente lembrado em festas, celebrações e tradições locais, ajudando a manter viva a memória do conflito. Na região, Canudos é representada como um símbolo de luta e resistência contra a opressão

¹⁴ Ficou conhecido na história do Brasil por ter sido o quartel-general do exército durante a Guerra de Canudos em 1897. Além disso, em 1784, no interior do município de Monte Santo, foi encontrada a Pedra do Bendegó, o maior meteorito já encontrado em solo brasileiro. **Estado da Bahia:** Prefeitura de Monte Santo. Disponível em: <https://montesanto.ba.gov.br/nossa-historia/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

¹⁵ José Soares Ferreira Aras (28 de julho de 1893, Freguesia de Nossa Senhora do Cumbe, atual Euclides da Cunha – Euclides da Cunha, 18 de outubro de 1979), foi um poeta, repentista e memorialista, especialmente ao retratar a história do município de Euclides da Cunha e a Guerra de Canudos (Aras, 2003).

A taxa de escolarização do município de Euclides da Cunha, considerando a faixa de 6 a 14 anos, é de 97,8%¹⁶. De acordo com dados da secretaria municipal de Educação, o município possui 58 escolas vinculadas ao ensino fundamental e 5 voltadas para o nível médio. Além disso, também disponibiliza um campus da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), além de outras instituições privadas que contribuem para a acessibilidade ao ensino superior.

No que diz respeito ao escopo desta pesquisa, o foco analítico serão duas turmas de 9º ano do Colégio José Aras, no município de Euclides da Cunha, Bahia. A escolha dessa unidade de ensino se justifica pela sua posição como a maior escola da rede municipal de ensino, onde tenho o privilégio de lecionar há mais de duas décadas. A seleção das duas turmas será realizada através de sorteio, uma no turno matutino e outra no turno vespertino.

A abordagem metodológica adotada neste estudo é a qualitativa com base no modelo de aula-oficina, proposto por Barca (2004), cujo objetivo é fomentar a participação ativa, a criatividade, a cooperação e a reflexão crítica dos estudantes. Neste modelo, o professor assume um papel de facilitador, buscando interpretar as ideias prévias dos alunos, que são considerados agentes ativos na construção do conhecimento.

Em uma perspectiva inicial, é fundamental esclarecer que, dentro deste contexto, a terminologia “metodologia” refere-se à compreensão crítica dos caminhos inerentes ao processo científico. Isso implica questionamentos e reflexões sobre os limites e possibilidades desse processo, conforme delineado por Demo (1989). Vale ressaltar que essa abordagem não se concentra na discussão exclusiva de técnicas qualitativas de pesquisa, mas sim nas diversas abordagens para conduzir uma investigação científica.

Os procedimentos metodológicos adotados aqui, consistem na realização de aulas-oficinas interdisciplinares de literatura de cordel intitulada “Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense”, bem como na condução de questionários com questões abertas e entrevistas semiestruturadas que se aproximam do viés da história oral. Essas entrevistas têm como propósito captar fragmentos da memória individual e coletiva de membros proeminentes da comunidade engajados na preservação da cultura local. Entre esses membros, incluem-se um sanfoneiro, um forrozeiro, um puxador de quadrilha, um cordelista, entre outros. Acreditamos que essas entrevistas forneceram uma visão autêntica e significativa sobre a importância da festa de São João em Euclides da Cunha para contribuir na afirmação da identidade local.

¹⁶ Vê em: **IBGE**. Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/euclides-da-cunha/panorama> . Acesso em: 23 nov. 2023.

A escolha pela entrevista semiestruturada como método para obter as narrativas de alguns dos nossos entrevistados se baseiam nas reflexões apresentadas por Santos, Jesus e Battisti (2021), e se destaca por sua natureza mediadora e flexível, uma vez que se baseia em perguntas abertas, as quais serão gravadas, posteriormente transcritas e analisadas. A entrevista semiestruturada é especialmente adequada para trabalhar com contextos socioespaciais, econômicos e linguísticos diversos. Além disso, a abordagem está em sintonia com os princípios da história oral conforme defendidos por Meihy & Seawright (2021), os quais valorizam a subjetividade humana, considerando suas dimensões coletivas e individuais e estabelecem inter-relações entre o indivíduo, a sociedade, o território e o tempo.

Essa abordagem foi adotada, diante das limitações de registros sobre esta festividade no município de Euclides da Cunha, com o intuito de apreender as percepções e experiências vivenciadas por moradores locais acerca dessa manifestação cultural. Além disso, utilizamos a fotografia como um recurso complementar para capturar e reviver momentos significativos da festa de São João, reconhecendo sua profunda influência na formação da cultura e da identidade sertaneja. A adoção dessa abordagem multifacetada nos permitirá compreender de maneira mais completa e profunda a importância dessa celebração para a comunidade local, visto que a entrevista tem se mostrado um instrumento profícuo para alcançar este objetivo.

As entrevistas nos permitiram acessar os conhecimentos, experiências e memórias de moradores locais, proporcionando uma visão detalhada e rica das tradições, práticas e significados associados à celebração desta festa na comunidade euclidense. Ao adotar uma abordagem qualitativa baseada em entrevistas, buscamos capturar nuances, histórias pessoais e interpretações individuais que podem ajudar a suprir a ausência de registros escritos. Através desses relatos, podemos compreender melhor como a festa de São João é vivenciada, percebida e transmitida de geração em geração, contribuindo para a preservação e valorização da cultura local.

As aulas-oficinas tiveram duração de 20 horas/aulas, cujos pormenores foram minuciosamente delineados na seção destinada ao produto desta investigação. A proposta inclui a aplicação de questionários, leituras e estudos de textos sobre o tema, bem como análise de vídeos/documentários, imagens, músicas, poemas e cordéis. Assim, os participantes foram imersos em um processo reflexivo que envolveu debates, discussões, rodas de conversa e produções centradas no sertão, na cultura junina e na identidade sertaneja. Esse percurso resultou na produção de cordéis, que não apenas ajudaram a despertar o sentimento de pertença dos alunos, mas também contribuiu para potencializar a aprendizagem histórica sobre a cultura local. Além disso, abordamos a estrutura distintiva do cordel, orientando os participantes na

produção criativa desse gênero literário e proporcionando uma experiência reflexiva sobre sua sertanidade.

Em estreita síntese, as oficinas foram aplicadas em 3 horas/aulas semanais e buscaram problematizar e explorar os conceitos de sertão, identidade, cultura e pertencimento. Além disso, discutimos os elementos definidores da identidade sertaneja, com foco na festa de São João e sua relevância para a afirmação da identidade local. Ademais, analisamos a representação do sertão na obra musical de Luiz Gonzaga, investigando suas influências culturais, sociais e históricas, e seu impacto na construção da identidade nordestina/sertaneja e na valorização da cultura popular brasileira.

Nesta perspectiva, acreditamos que as aulas-oficinas¹⁷ e a produção de cordel são ferramentas pedagógicas de grande potencial, que podem tornar o ensino de história mais significativo. A proposta visa incentivar o protagonismo dos alunos, promover a expressão oral e escrita, além de contribuir para o resgate e preservação da cultura local. Com essa abordagem, pretendemos fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes ao seu território de identidade a partir de uma imagem positiva do sertão, bem como promover a aprendizagem histórica.

2.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

2.1.1 Breve contextualização sobre o ensino de História no Brasil

Para quem está no “chão” da sala de aula, exercendo a docência na disciplina de história, é comum ouvir questionamentos do tipo: “Para quê estudar história? Que importância tem o passado em nossa vida? Qual a função da história?” refletir criticamente sobre essas e a outras indagações sobre as atribuições do ensino de história, não é tarefa fácil, exige do professor o mínimo de conhecimento epistemológico acerca da ciência histórica que possa responder, com convicção, sobre a função de ensinar e aprender história.

O educador Paulo Freire (1997, p. 160), em *Pedagogia da Autonomia*, nos lembra que “[...] ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”, em outras palavras, ele nos fala que educar é impregnar de sentido às nossas vivências e

¹⁷ No apêndice, disponibilizamos uma sugestão de roteiro com sequências didáticas das aulas-oficinas, as quais podem ser adaptadas e implementadas em turmas de 9º ano em qualquer região do Brasil.

experiências. Logo, no ensino de história atribuir significado ao conteúdo e método histórico é um grande desafio que enfrentamos em nossa prática docente.

Por muitos anos, o ensino de História no Brasil foi marcado por uma concepção tradicional, mnemônica e eurocêntrica. Essa abordagem reforçava uma visão linear e positivista da história, centrada na narrativa dos eventos e heróis nacionais, sem levar em consideração as diferentes perspectivas das experiências históricas vividas pelas diferentes populações do país. Conforme Nadai (1993, p. 149), “[...] procurava-se negar a condição de país colonizado bem como as diferenças nas condições de trabalho e de posição face a colonização das diversas etnias”. Assim, segundo a autora, o currículo de História contribuiu para mascarar as desigualdades sociais e realçar um “país irreal”, no qual povos indígenas, africanos e mulheres foram silenciados e relegados ao esquecimento.

Esse modelo de ensino não apenas distorceu a compreensão histórica, mas também impactou negativamente a relação dos alunos com a disciplina. A ausência de representatividade, a falta de conexão entre os conteúdos ensinados e as experiências dos alunos contribuíram para a criação de uma resistência e desinteresse pela matéria. Muitos estudantes não se percebem como sujeitos e não se sentem pertencentes ao processo histórico, fazendo com que a história pareça algo estranho e sem conexão alguma com suas vidas, não vendo sentido em estudá-la.

O surgimento da Escola dos Annales, fundada na França na primeira metade do século XX por historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre, representou uma verdadeira revolução no campo da historiografia, desafiando e superando as abordagens tradicionais que predominavam até então. Diferente das tradições historiográficas anteriores, que focavam principalmente em eventos políticos e biografias de grandes personagens, os Annales privilegiaram o estudo das estruturas sociais, econômicas e culturais ao longo do tempo. Esse movimento deu visibilidade às narrativas coletivas e às experiências cotidianas das pessoas comuns, como as mulheres, os negros, os povos indígenas e outras figuras até então negligenciadas pela historiografia tradicional.

Na historiografia brasileira, essa abordagem teve um impacto significativo. Segundo Schmidt (2012), no decorrer do século XX, houve várias transformações na educação brasileira que refletiram as mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas no país ao longo desse período. Podemos destacar: a reforma Gustavo Capanema, a reforma Francisco Campos, o Movimento dos Pioneiros da Educação Nova, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Movimento da Escola Nova. Esses movimentos foram inspirados por correntes pedagógicas internacionais que buscavam novas práticas pedagógicas mais centradas no aluno,

na participação ativa e na construção do conhecimento. Esse período foi marcado por várias ações desenvolvidas pelo Ministério da Educação e Cultura, criado em 1946, como cursos para aperfeiçoamento de professores, seminários e publicações voltadas para o ensino de história.

Segundo Bittencourt (2018), os currículos produzidos após a LDB, assim como as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, se estenderam para todos os níveis de ensino e de sistemas escolares, incluindo escolas e comunidades indígenas e quilombolas, sobretudo com a introdução das Leis 10.639/03 e 11.645/08 que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e dos povos indígenas no currículo nas redes de ensino. Assim, percebe-se que houve mudanças significativas pela introdução de novos conteúdos históricos com base em uma educação democrática, inclusiva e emancipatória. Porém, para Bittencourt (2018), a constituição dessa nova proposta de ensino tem se realizado sob novos embates e confrontos, enfrentando constantes desafios para se efetivar, mediante um currículo ainda pautado pela lógica da história universal e eurocêntrica.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o ensino de História no Brasil sempre esteve num lugar de disputas, reflexo da diversidade de perspectivas, interesses e visões de mundo presentes na sociedade. Essas disputas envolvem debates sobre quais conteúdos devem ser ensinados, como devem ser abordados, quais narrativas históricas devem ser privilegiadas e como lidar com os aspectos controversos do passado. Além disso, as disputas no ensino de história envolvem a inclusão de múltiplas narrativas e perspectivas históricas. Isso implica em reconhecer a diversidade de experiências sociais, culturais e identitárias presentes na sociedade, bem como as tensões e conflitos que permeiam a construção do conhecimento histórico. A luta por uma história mais inclusiva, que contemple as vozes e experiências dos grupos marginalizados, é uma disputa importante nesse contexto.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o mais recente documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, sendo referência obrigatória para a elaboração dos currículos, e estabelece as competências e habilidades que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da educação básica, incluindo a disciplina de História, na qual a aprendizagem aparece como “[...] atitude historiadora” (BRASIL,2019, p.398). Nesse processo de aprendizagem, os estudantes são incentivados a se envolver ativamente no processo de construção do conhecimento histórico. Segundo essa perspectiva, a aprendizagem histórica deve promover aos alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como a capacidade de analisar fontes históricas, interpretar evidências, formular hipóteses e argumentar com base em evidências, desenvolvendo assim, a formação da “consciência histórica” proposta por Rüsen

(2006), para quem a “História tem uma função didática” na formação de saberes da vida prática e no processo de educação histórica.

Segundo Rüsen (2006), a história é parte do cotidiano social e individual, bem como em sua formatação tanto científica quanto não científica. Assim, para ele a história não é apenas um campo de estudo acadêmico, mas uma parte fundamental da experiência humana, que molda e é moldada pelas interações sociais e individuais. Compreender a diversidade de perspectivas históricas, reconhecer a natureza interpretativa da história e refletir sobre sua influência na formação da identidade são elementos fundamentais para desenvolver uma compreensão mais completa e crítica do passado e do presente.

Nesse sentido, é importante reconhecer que a história é um campo complexo e multidimensional, e que existem múltiplas perspectivas legítimas a serem consideradas. O ensino de história deve ser inclusivo e crítico, permitindo que os alunos tenham acesso a diferentes pontos de vista e interpretações históricas. Isso ajuda a desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de questionar narrativas dominantes.

Portanto, ensinar e aprender História vai muito além de dominar conteúdos substantivos. É necessário, sobretudo, pensar em uma aprendizagem histórica significativa, que possibilite ao aluno pensar historicamente, na perspectiva de uma aprendizagem situada. Essa abordagem promove a formação da consciência histórica, permitindo que os alunos façam relações entre o passado e o presente e, sobretudo, consigam se posicionar no espaço e no tempo.

Nesta esteira, compreendendo a importância de conectar o ensino de História à realidade do aluno, resolvemos desenvolver esta pesquisa na perspectiva da história local, tendo como tema a identidade sertaneja e como objeto a festa de São João. Nesse contexto, pretendemos explorar como essa festividade se tornou uma expressão cultural e identitária no município de Euclides da Cunha, Bahia, destacando suas tradições e seus elementos simbólicos. Além disso, investigaremos como essa festa pode contribuir para a construção da memória coletiva e o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos discentes ao território do semiárido no sertão euclidense.

2.2 OS REFERENCIAS TEÓRICOS, OS CONCEITOS E A TEMÁTICA

A pesquisa em questão é uma análise teórico-metodológica ancorada nos estudos culturais, incorporando as perspectivas de teóricos da área como Peter Burke (2021) e Roger Chartier (1988). No que diz respeito ao conceito de identidade, ela se fundamenta nas contribuições de Stuart Hall (2022) e Baumann (2005). Para a compreensão do conceito de

sertão, as ideias de Albuquerque Jr. (2011), Euclides da Cunha (2012) e Rosa (2006) são centrais, enquanto as reflexões de Claudia Vasconcelos (2007) são exploradas para discutir o discurso de afirmação da sertanidade. No que diz respeito ao conceito de festa, o estudo se baseia nas análises de Alice Itani (2003) e Del Priore (1994). Adicionalmente, as categorias de tempo e espaço são abordadas com referência a pensadores como Milton Santos (1996) e Yi-Fu Tuan (2013).

A investigação também estabelece diálogos com teorias educacionais, incluindo a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2003), a abordagem sociocultural de Vygotsky (2001) e a teoria da aprendizagem dialógica de Paulo Freire (1997). Além disso, são considerados os aspectos normativos da política educacional brasileira, contemplando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como os elementos do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) e do Documento Curricular Referencial de Euclides da Cunha (DCREC).

O propósito subjacente a esta pesquisa é elucidar a seguinte indagação: “Como a festa de São João, alinhada à produção de cordel, pode ser empregada para promover a aprendizagem histórica, fortalecer a sertanidade e reforçar o sentimento de pertencimento entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental”?

Nesse sentido, o estudo procura investigar as distintas manifestações culturais presentes na festa de São João de Euclides da Cunha, Bahia e como essa festividade pode ser um espaço de resistência e afirmação da identidade cultural sertaneja. Além disso, busca refletir sobre os discursos imagéticos construídos historicamente sobre o sertão, bem como faz uma análise do enraizamento cultural e geográfico que permeia o sertão nordestino. Ao explorar essas categorias, a pesquisa visa não apenas entender como a festa de São João pode ser utilizada no ensino de história para reforçar o sentimento de pertencimento dos estudantes ao sertão euclidense, mas também como a literatura de cordel pode potencializar essa abordagem em sala de aula, promovendo a aprendizagem histórica e uma educação mais contextualizada e significativa, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre sua própria cultura e história local.

Nesse panorama, buscamos compreender como o sujeito estabelece relação com o lugar em que vive, como se comporta e suas percepções de mundo. Além disso, procuramos depreender o papel da cultura junina como um dos referenciais de identidade cultural sertaneja. Uma análise mais aprofundada é direcionada para a compreensão das nuances da relação entre o sujeito e seu contexto, incluindo aspectos afetivos, simbólicos e culturais. Isso implica investigar como as tradições, festividades e elementos culturais juninos influenciam a

construção da identidade local. A análise se estende à forma como tais elementos são incorporados no cotidiano, moldando a percepção de pertencimento e contribuindo para a preservação e transmissão das raízes culturais.

Refletir sobre a noção de identidade local em um mundo cada vez mais globalizado é, sem dúvida, um grande desafio, em razão da crescente hibridização cultural e fluidez nas identidades, o que torna a construção de um sentimento de pertencimento uma tarefa cada vez mais complexa. Stuart Hall, em “A identidade cultural na pós-modernidade” (2022, p.09-10), discute a ideia de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou “fragmentadas”, pois as pessoas estão expostas a uma diversidade de influências culturais, valores e modos de vida, nas quais as identidades tradicionais baseadas em raça, etnia, nacionalidade ou religião podem não mais se aplicar de forma tão clara. Assim, as pessoas podem se ver navegando entre múltiplas identidades, adotando aspectos de diferentes culturas e subculturas e cada vez mais “perdendo o sentido de si”.

De acordo com Hall (2022), todas as culturas são atravessadas por diversidades internas, e ao afirmar uma identidade ou destacar uma diferença, é essencial definir o que faz parte e o que está excluído dessa cultura. Logo, identidade e diferença estão interligadas, pois para afirmar uma identidade é preciso estabelecer distinções, uma vez que a identidade se constitui na diferença.

Zygmunt Bauman (2005) também dialoga com esse conceito de identidade, destacando sua natureza complexa e multifacetada que envolve a construção e expressão da individualidade de uma pessoa dentro de um contexto social e cultural. Bauman sustenta a ideia de que a identidade não é uma característica rígida e imutável, mas sim algo fluido e sujeito a constantes mudanças e evoluções.

No entanto, essa fluidez também oferece oportunidades para a criação de identidades mais inclusivas e abertas. Em vez de ver a hibridização cultural como uma ameaça à identidade local, podemos vê-la como uma oportunidade de enriquecer nossa compreensão de quem somos. A identidade local não precisa ser estática; pode ser dinâmica e adaptável. Podemos abraçar elementos de diferentes culturas e tradições enquanto ainda mantemos um vínculo com nossa comunidade local e suas raízes.

Na abordagem proposta, nosso objetivo é examinar a relação entre território/lugar, identidade e cultura, concentrando nosso estudo em estudantes da região do semiárido, especificamente no sertão de Euclides da Cunha-BA, e suas interações com a cultura junina como um dos elementos culturais indispensáveis na afirmação da identidade local. No

Documento Curricular Referencial do Estado da Bahia (DCRB), o conceito de território é descrito com a seguinte perspectiva:

[...] território foi apropriado pelo estado a partir da noção de identidade, tomada como amálgama possível de engendrar possibilidades de desenvolvimento. De se criar laços e convergências possíveis para fazer o enfrentamento dos óbices da pobreza e da baixa capacidade produtiva [...]. Estimula-se o entendimento de que, o “desenvolvimento” (assim como “território”) é um conceito multireferencial, que pode ser interpretado pela sua significação ideológica, historicamente construída (DCRB, 2019, p. 17).

Em Santos (1996), o conceito de território se apresenta como uma configuração definida historicamente e corresponde aos complexos naturais e as construções materiais empreendidas pelo homem ao longo do tempo. Milton Santos se refere a essa materialidade como “territórios locais normativos”. Desse modo, o território não se limita apenas ao espaço habitado pelas pessoas, mas é também um campo onde se estabelecem relações de poder, influenciado pelas interações entre os indivíduos e o ambiente. Tais interações são essenciais para entender as dinâmicas territoriais. Sobre essa concepção, ele diz:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima (Santos, 1996, p.51).

Por outro lado, para Milton Santos (1996), definir de forma única o conceito de espaço ou território é um desafio complexo. Ambas as categorias possuem múltiplas interpretações e são influenciadas por diversos elementos. Portanto, qualquer tentativa de definição não é estática ou permanente, mas sim flexível e sujeita a mudanças ao longo do tempo. Isso indica que os conceitos de espaço e território têm significados variados, moldados historicamente e estão sujeitos a evoluções e adaptações.

De acordo com Santos (1978), o território é moldado pela utilização que as pessoas fazem dele, dando origem ao espaço. Enquanto o território é visto como uma entidade estável e delimitada, o espaço geográfico é mais abrangente e intrincado, concebido como um sistema integrado de objetos e ações. Neste sistema, a dimensão social se manifesta de forma concreta e histórica. O território, portanto, é um conceito fundamental na abordagem teórica e metodológica, representando uma área definida e imutável. Tuan (2012), por sua vez, privilegia o conceito de lugar para expressar as relações de ancestralidade historicamente construídas, delineando o sentimento de pertença do indivíduo a uma determinada coletividade. Nesse

sentido, nossa abordagem se alinha a essa perspectiva ao discutir o contexto do sertão nordestino, uma região marcada por particularidades naturais, sociais e culturais.

O sertão brasileiro é um tema ricamente explorado na literatura, nas artes, na música, no cinema e em diferentes formas de expressão cultural. Entre os notáveis estão Guimarães Rosa, cuja obra-prima *Grande Sertão: Veredas* (1956) oferece uma visão profunda e poética da vida na região. Euclides da Cunha, por sua vez, proporciona um estudo sociológico e histórico detalhado em *Os Sertões* (1902). No cinema, Glauber Rocha se destaca com filmes como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), enquanto o Cinema Novo, representado por obras como *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, aborda as problemáticas sociais da região. João Cabral de Melo Neto, com *Morte e Vida Severina* (1955), e artistas como Luís Gonzaga, com *Asa Branca*, e João do Vale, com *O Canto da Ema*, enriquecem ainda mais essa representação, cada um trazendo sua perspectiva única e sensibilidade para retratar essa região diversa do Brasil.

O conceito de “sertão” é polissêmico¹⁸ e tem raízes históricas profundas na cultura brasileira e na colonização do Brasil pelos portugueses. A palavra “sertão”, segundo o historiador Durval Muniz, é exclusivamente da língua portuguesa que designa o “outro”, o oposto do litoral, da civilização e do território dominado. Usada em Portugal para descrever as zonas rurais mais remotas, a palavra ganhou conotação colonial ao ser usada pelos portugueses na África para se referir às áreas não dominadas pelo colonizador. O sertão é definido em relação ao espaço dominado e é uma fronteira móvel, sempre se deslocando para o interior à medida que a fronteira avança. Representa o desconhecido, o misterioso e o ainda não explorado. No contexto brasileiro, o discurso regionalista nordestino apropriou-se do termo, restringindo seu uso ao Nordeste e excluindo o restante do país como sertão (Albuquerque Jr., 2021).

Ao longo do tempo, a categoria “sertão” ganhou conotações culturais e literárias significativas, sendo frequentemente mencionada em obras da literatura brasileira, como as de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, que exploraram as complexidades e a vida nas regiões sertanejas do Brasil. A palavra também está ligada a festividades e tradições locais, como as festas juninas, que são celebradas com entusiasmo em muitas partes do sertão nordestino. O escritor Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, obra considerada marco na produção literária nacional, apresenta um Brasil desconhecido e profundo, ele descreve o sertão de forma poética e complexa, destacando tanto a beleza e a força da natureza quanto os desafios enfrentados

¹⁸ Sobre conceitos e polissemia nas ciências humanas, ver Barros (2022).

pelos que vivem nesta região. A dualidade entre a abundância e a seca é uma característica central dessa descrição.

E o sertão é um paraíso...

Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas [...] segue o campeiro pelos arrastadores, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta... Assim se vão os dias.

Passam-se um, dois, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caiam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas... (Cunha, 2012, p. 57-58).

Darcy Ribeiro (1995), também chama atenção para os elementos ambientais e ecológicos em sua definição do sertão. Ele destaca que, nos cerrados e, especialmente, nas caatingas, a vegetação se adapta plenamente à secura do clima, sendo dominada por cactáceas, espinhos e plantas xerófilas. Ribeiro (1995, p. 339) ressalta a capacidade dessas plantas em condensar a umidade atmosférica durante as madrugadas frescas e em preservar a água da estação chuvosa em folhas fibrosas e tubérculos. Essa abordagem mais ampla, que integra aspectos ambientais, enriquece a compreensão do sertão para além de suas dimensões culturais e sociais, proporcionando uma visão mais holística desse complexo fenômeno geográfico.

Por outro lado, para Rosa (2006) o conceito de sertão transcende a simples imagem de uma paisagem árida do interior nordestino, apresentando-se como um universo intrincado, diversificado e repleto de significados. “O sertão é o mundo” configura-se como um espaço mítico no qual realidade e fantasia se mesclam em uma trama rica de sentidos. Com uma linguagem única, poética e singular, Rosa nos transporta para um universo mágico e enigmático, revelando a região como um território de infinitas possibilidades e significados, incitando uma reflexão profunda sobre a condição humana e sua interação com o mundo.

Assim, para Guimarães Rosa (2006), o Sertão não se restringe a uma localização geográfica específica, mas é uma realidade interior que reside em cada um de nós, ao afirmar que “o sertão é dentro da gente”, ele sugere que o Sertão é uma representação ampliada do mundo, uma vastidão que se estende infinitamente e que pode ser encontrada em “toda parte” e, ao mesmo tempo, em nenhum lugar em particular. É uma paisagem mítica e simbólica que transcende as fronteiras físicas e se manifesta como uma experiência humana universal. Para Rosa, o Sertão é uma metáfora da condição humana, uma jornada interior que nos convida a explorar os territórios desconhecidos de nossa própria alma, desafiando-nos a encontrar significado e identidade em meio à vastidão e à complexidade do mundo que habitamos.

Para Albuquerque Jr. (2011), o conceito de sertão foi “capturado” pelo discurso regionalista nordestino, o que implica que esse movimento regionalista teve um impacto

significativo na forma como é entendido e representado. Isso significa que a visão da região semiárida passou a ser moldada e interpretada de acordo com os interesses, valores e perspectivas desse movimento. Para Albuquerque, ao longo do final do século XIX e durante o século XX, diversos tipos de discursos, incluindo literários, políticos, técnicos, jornalísticos e artísticos passaram a associar o sertão a temas como seca, semiárido, caatinga, cangaço, messianismo e coronelismo. Essas associações gradualmente incorporaram a região ao imaginário e à identidade da região nordestina. Assim, esses discursos desempenharam um papel fundamental na construção imagética do sertão, influenciando como essa região foi percebida e interpretada ao longo do tempo.

O Movimento Regionalista é um dos principais responsáveis pela construção simbólica do que Freyre chamou de nordestinidade, associada aos elementos de uma cultura sertaneja. [...] a construção da ideia de Nordeste é apenas um dos caminhos pelos quais o Nordeste e o Sertão, ou nordestino e o sertanejo, aparecem até os dias de hoje no imaginário nacional como imagens indissociáveis e como figuras que, geralmente de forma estereotipadas, estão ligadas a ruralidade, à ideia de uma tradição que parece claramente negar tudo o que se refere à modernidade (Vasconcelos, 2007, p. 40-41).

Nesse sentido, o sertanejo é celebrado como a personificação mais autêntica do Nordeste. Surgindo da fusão entre brancos e índios, esse mestiço é considerado o elemento mais genuíno que preserva os traços das raças originárias do Brasil. Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, ressalta essa singularidade ao afirmar: “Há um notável traço de originalidade na gênese da população sertaneja” (Cunha, 2012, p.94). A literatura romântica da época, representada por escritores como José de Alencar, Capistrano de Abreu e Alfredo de Taunay, reforça a ideia de que o sertanejo poderia proporcionar ao Brasil uma civilização mais original e seria a base da identidade nacional, tendo em vista sua resistência e relação íntima com a natureza bruta do sertão (Vasconcelos, 2007).

Segundo Cunha (2012), as adversidades do sertão exercem uma influência significativa sobre o caráter do povo que aqui reside. Ele caracteriza o sertanejo como uma figura resiliente e adaptável, porém frequentemente influenciada por um fatalismo originado das dificuldades ambientais. Nesse sentido, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, desempenhou um papel fundamental na consolidação da imagem do sertanejo como um indivíduo de raça robusta em permanente confronto com seu ambiente. Logo, assim o descreve:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translção de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicênciia um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espanda da cela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. [...]

É o homem permanentemente fatigado (Cunha, 2012, p.110).

No entanto, o autor argumenta que essa fisionomia, que pode parecer cansada e fraca, na verdade “toda esta aparência de cansaço ilude” (Cunha, 2012, p.111). O sertanejo é descrito como alguém que, apesar de sua aparência, possui uma força interior considerável. Longe do litoral e das demais interferências externas, este homem se torna o símbolo da identidade nacional, pois é moldado pelo mesmo material que a natureza inóspita do sertão. Adaptado e resistente às adversidades da vida árida, ele exibe uma masculinidade acentuada. É forte, viril e robusto, características essenciais para sobreviver nesse ambiente onde até mesmo a mulher é macho, sim, senhor, mostrando sua força e valentia conforme disse o próprio Luiz Gonzaga. Assim,

A partir do paradigma naturalista, a importância do meio combinado às características da raça justificava, categoricamente, os porquês do comportamento do brasileiro. A exemplo disso, via-se o negro do litoral sendo mais malemolente, o homem do Sertão mais sisudo e ríspido, a mulata sensual... E assim foi-se criando um Brasil de tipos e construindo no discurso sobre a identidade nacional o contorno de alguns estereótipos (*Ibidem*, 2007, p. 37).

É inegável que muitas das representações do sertão e do sertanejo na literatura brasileira frequentemente são marcadas por estigmas e estereótipos. Embora algumas dessas representações possam refletir aspectos da vida de muitos sertanejos, elas tendem a simplificar e caricaturar a complexidade da vida e da cultura da região. É essencial entender que o sertão não é uma entidade homogênea, mas sim uma área rica e diversificada, repleta de diferentes histórias, culturas e realidades. A literatura nacional, ao ocasionalmente perpetuar esses estigmas e estereótipos, muitas vezes contribui para a marginalização e a cristalização do povo sertanejo. No entanto, ao longo do tempo, alguns autores têm se empenhado em apresentar uma visão mais multifacetada do sertão nordestino, buscando superar os estigmas e estereótipos frequentemente associados à região. Obras contemporâneas como *Fidalgos e Vaqueiros* de Eurico Alves, e *Ser-Tão Baiano*: o lugar da sertanidade na configuração da identidade Baiana, de Cláudia Vasconcellos, exemplificam textos que exploram de maneira mais aprofundada e crítica a realidade sertaneja.

Luiz Gonzaga, conhecido como o “Rei do Baião”, foi outro artista que exaltou o sertão de maneira positiva em suas músicas. Para ele, o sertão não era apenas uma região árida e desafiadora, mas sim um universo repleto de cultura, tradição e resiliência. Em suas composições, apesar de cantar as dores do sertanejo, Gonzaga celebrava a vida, a cultura, a força e a alegria do povo sertanejo, mesmo diante das adversidades da vida no semiárido. Em suas canções, Gonzaga retrata a beleza da caatinga, a riqueza das festas populares, como o baião, o xote e o forró, a hospitalidade e a fé do povo nordestino. Ele via o sertão como um lugar de orgulho e pertencimento, onde as tradições são valorizadas e passadas de geração em geração. Sobre essa questão a pesquisadora Cláudia Vasconcelos comenta:

Ao mesmo tempo que canta a dor e a tristeza do povo nordestino, Luiz Gonzaga canta o Sertão da alegria; das festas e dos amores; das rezas e das pilhérias. Diferentemente das imagens que relacionam o Sertão e o Nordeste apenas ao sofrimento e à miséria, Gonzaga representa um sertanejo festeiro e trabalhador. Revela que o Sertão é feito tanto de seca quanto de fartura; de cinza e de colorido; de dor e de alegria. Canta um Sertão plural que se movimenta e se balança na cadência dançante da sanfona (Vasconcelos, 2007, p.66).

Nascido em 1912, em Exu, no sertão de Pernambuco, Gonzaga também foi influenciado pelas paisagens áridas, pelas tradições e pela cultura do sertão desde sua infância. A relação profunda entre Luiz Gonzaga e o sertão pode ser percebida em sua vasta obra musical. Assim, através de sua música, o artista contribuiu para que o sertão fosse visto não apenas como uma região de dificuldades, mas também como um espaço de cultura vibrante, resistência e alegria, deixando um legado de amor e respeito pela terra e pelo povo nordestino.

Com seu acordeão e sua voz inconfundível, Gonzaga levou a cultura nordestina para todo o Brasil e para o mundo. Ele quebrou barreiras e preconceitos, mostrando que o sertão é um lugar de gente forte, trabalhadora e cheia de vida. Suas músicas celebravam as festas juninas, os vaqueiros, os cantadores, os repentistas e tantos outros aspectos da cultura nordestina, tornando-se um verdadeiro hino de resistência e identidade para o povo da região.

Neste sentido, nossa abordagem não pretende negar as adversidades enfrentadas pelo povo sertanejo, mas sim ampliar as perspectivas e problematizar os discursos simplistas que o reduzem a uma única narrativa. O nosso objetivo é destacar uma visão positiva do sertão, valorizando sua profunda riqueza cultural através dos simbolismos e significados associados à festa de São João. Em vez de perpetuar estereótipos de atraso e ruralidade. Pretendemos criar uma narrativa que celebre a diversidade e as múltiplas facetas da cultura sertaneja. Dessa forma, aspiramos construir uma representação mais autêntica, positiva e inclusiva do sertão, visando combater preconceitos e fomentar um entendimento mais completo e valoroso desta significativa região do Brasil.

Nesta abordagem, fica evidente que nossa trajetória está intimamente ligada à interação entre território, identidade e cultura. Esses três elementos são fundamentais para entender como as pessoas se relacionam, se percebem e se identificam com o sertão, tendo como ponto em comum a festa de São João. Assim, o território assume um papel vital na construção da identidade cultural, pois é nele que as comunidades humanas habitam, interagem e moldam suas experiências.

Dessa forma, o território engloba não apenas a geografia física, como o solo, o clima e a paisagem, mas também os lugares, os espaços urbanos e rurais, os ecossistemas, e até mesmo as fronteiras políticas. Esses elementos do território moldam profundamente a forma como as pessoas vivem, trabalham, se relacionam e se identificam. As experiências e vivências dentro de um território específico desempenham um papel importante na construção da identidade cultural das comunidades que o habitam, pois, as identidades são constituídas por elementos materiais e simbólicos historicamente produzidos nas sociedades.

De acordo com Roger Chartier (1988), a história cultural pode ser compreendida por meio de dois conceitos fundamentais: representação e apropriação. O conceito de representação refere-se à maneira como as pessoas, socialmente inseridas em suas respectivas realidades e posições sociais, constroem o mundo ao seu redor, dando significado a ele. Chartier argumenta que essa construção de significados não é universal, mas sim moldada pelas condições sociais e culturais em que as pessoas estão inseridas. Isso implica que a cultura não é estática nem predefinida, mas também, um conjunto de práticas humanas em constante evolução, em que os significados e simbolismos são continuamente criados e reinterpretados ao longo do tempo.

O conceito de apropriação, para Chartier (1988), refere-se ao processo pelo qual as pessoas ou grupos de pessoas fazem uso, modificam ou reinterpretam elementos culturais preexistentes de acordo com suas próprias necessidades, objetivos ou contextos. Essa apropriação pode envolver a incorporação de ideias, práticas, símbolos ou objetos de uma cultura para outra, muitas vezes resultando em uma reinterpretação desses elementos.

Ao relacionarmos os conceitos de representação e apropriação ao nosso objeto de estudo, percebemos que a festa de São João, apesar de suas raízes religiosas, é amplamente reconhecida e festejada como um fenômeno cultural. As pessoas constroem e atribuem significados a elementos como fogueiras, danças juninas e comidas típicas, como milho, quentão e canjica. Além disso, as músicas tradicionais presentes na festa evocam a vida no campo e as tradições rurais. Estes elementos são representações culturais construídas com base em experiências individuais, tradições familiares e influências sociais. A forma como a festa é

vivenciada e interpretada pode variar significativamente de uma região para outra do Brasil, refletindo as distintas realidades e posições sociais dos participantes.

Falar sobre festa junina é adentrar no universo rico da cultura popular, repleto de símbolos e significados que refletem a essência de uma sociedade e enriquecem nosso entendimento histórico. Segundo Peter Burke (2021), a cultura popular tornou-se um tema em constante debate, com contribuições significativas de teóricos como Michel de Certeau e Stuart Hall, assim como dos historiadores Roger Chartier e Jacques Revel (Burke, 2021, p.38).

Tradicionalmente, muitos veem a cultura popular e erudita como opostas e separadas. No entanto, Burke (2021) desafia essa visão, sugerindo que essas formas culturais não são mutuamente exclusivas, mas sim complementares. Para ele, “[...] talvez a melhor política seja empregar os dois termos sem tornar muito rígida a oposição binária, colocando tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla” (Burke, 2021, p.40). As festas juninas exemplificam essa fusão cultural, onde indivíduos de diferentes contextos sociais se unem para celebrar e reinterpretar tradições de maneiras singulares. Essa dinâmica não apenas destaca a diversidade e a profundidade da cultura brasileira, mas também reflete uma tendência global de intercâmbio cultural e influência mútua em diversas sociedades.

Dada a importância de abordar os referenciais teóricos e os conceitos pretendidos neste estudo, é relevante conectá-los de forma mais precisa com a temática proposta, que envolve *A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense e o cordel como ferramenta pedagógica no ensino de história*, cujo objetivo é demonstrar como a tradição da festa de São João em Euclides da Cunha - Bahia contribui no fortalecimento do sentimento de pertença dos estudantes à região do semiárido baiano e como a produção da literatura de cordel pode potencializar essa abordagem em sala de aula e promover a aprendizagem histórica.

A festa¹⁹ de São João é, indiscutivelmente, uma das celebrações mais representativas e enraizadas na cultura do nordeste/sertão brasileiro. É um evento que transcende a simples comemoração religiosa e se torna um verdadeiro elemento identitário da sertanidade, agregando uma infinidade de elementos que refletem a vida, tradições e valores do povo sertanejo. Nas palavras do professor e pesquisador Valdir Morigi,

A festa junina, sem dúvida, condensa em torno de si uma série de elementos da cultura local e regional na qual se ancora a tradição nordestina e o seu imaginário. Essa colagem de imagens, sons, ritmos, crenças, valores, representações, práticas e manifestações, teias significativas que o imaginário social abriga juntamente com outros elementos, é proveniente de várias raízes, nem sempre de fácil discernimento e identificação das fontes de suas origens (Morigi, 2005, p.3).

¹⁹ No próximo capítulo abordaremos essa discussão com mais profundidade.

Em diversas localidades do Nordeste brasileiro, tanto em algumas capitais quanto em grande parte do interior, a festa de São João é uma expressão cultural de significativa importância, abrangendo aspectos religiosos, sociais e econômicos. Ela une as comunidades em torno de suas tradições, fortalecendo laços familiares e comunitários, proporcionando um momento de celebração e alegria. “Quanto mais ela consegue agrupar e integrar esses elementos sem fugir de suas formas identitárias, mais é considerada autêntica, pois, assim, consegue representar os valores e os sentimentos de pertença do grupo regional” (Morigi, 2005, p.3). Para a socióloga Alice Itani,

As festas juninas podem ser verificadas atualmente em todo país e comemoradas até pelos não cristãos. Mesmo as festas juninas nas quais se levanta o mastro, com a imagem de São João no topo, notadamente nas festas rurais, nem sempre são acompanhadas de rituais religiosos, mas consistem em uma festividade de regozijo da comunidade. Na realidade, essa é uma festa criada e apropriada, em diferentes formas, conforme os grupos sociais, produzindo cada qual seus significados e suas expressões (Itani, 2003, p. 72).

Um dos aspectos mais marcantes da festa de São João é a sua rica mistura de elementos culturais que refletem a diversidade e a criatividade do povo nordestino. Desde as tradicionais quadrilhas, com suas danças e figurinos coloridos, até as fogueiras e fogos de artifício que iluminam a noite, passando pela culinária típica, com pratos como canjica, milho cozido, pé de moleque e quentão, tudo na festa remete-se à vida e aos costumes do nordeste/sertão. Em outras palavras, “[...] a festa junina é um corpus material e simbólico, um espaço de criação, no qual se constroem e reconstroem as relações de sentido” (Morigi, 2001, p. 22).

Além disso, a festa de São João é uma oportunidade para destacar e valorizar as manifestações artísticas locais, como a música nordestina, o artesanato e as artes plásticas. Muitas vezes, artistas e artesãos locais têm a chance de expor e vender seus trabalhos durante as festividades, contribuindo para a economia da região e promovendo a cultura sertaneja. “Assim, a festa junina é entrelaçada por um conjunto de instâncias mediadoras de sentido que constroem a teia significativa que envolve as noções de identidade regional e cultura nordestina” (Morigi, 2001, p. 21).

Para as comunidades sertanejas, a festa de São João é motivo de grande orgulho e pertencimento. Ela representa a preservação de tradições ancestrais, transmitidas de geração em geração, e a resistência de um povo que enfrenta desafios e adversidades com determinação e alegria. Mais do que uma simples celebração, a festa de São João é um símbolo da identidade

sertaneja, uma manifestação de amor pela terra, pela cultura e pelas raízes que unem aqueles que vivem no sertão nordestino.

Dentro desse escopo, exploramos a tese de que a festa de São João desempenha um papel vital na consolidação da identidade sertaneja em Euclides da Cunha, no coração do semiárido baiano. Essa celebração não é apenas uma fonte de orgulho local, mas também representa um marcador importante de pertencimento à cultura do sertão nordestino. Mais do que uma mera delimitação geográfica, o sertão é um território riquíssimo em nuances sociais e simbólicas. Dessa forma, é essencial enxergá-lo não apenas através dos clichês de seca, privação e paisagem árida frequentemente vinculados à área, mas, primordialmente, pela sua profunda diversidade cultural.

2.3 BASES LEGAIS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e o Documento Curricular Referencial da Bahia e do município de Euclides da Cunha orientam a inserção da história local no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e conta com o objetivo de ampliar sua capacidade de compreender o seu entorno social e estabelecer relações com a história nacional e global.

Nessa perspectiva, direcionamos a nossa pesquisa no viés da história local, tendo como fio condutor a valorização cultural e identitária do semiárido euclidense, objetivando à aprendizagem histórica por meio de aulas-oficinas e produção de cordéis, visando fortalecer o sentimento de pertencimento de estudantes do 9º ano do Colégio José Aras, no município de Euclides da Cunha, Bahia.

A presente investigação pode ser justificada para o 9º ano do Ensino Fundamental pela relação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que em seu escopo aborda aspectos culturais, sociais e históricos relevantes para a formação dos discentes, permitindo o desenvolvimento de habilidades previstas nessa etapa da educação. Nesse sentido, esta pesquisa contempla três das sete competências específicas de História para o ensino fundamental, a citar:

(COMPETÊNCIA 1) Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

(COMPETÊNCIA 2) Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

(COMPETÊNCIA 4) Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (Brasil, 2018. grifo nosso).

A pesquisa também dialoga com quatro das 10 competências gerais da BNCC, as quais estão atreladas a valorização cultural e identitária do indivíduo, a saber:

(COMPETÊNCIA 1) Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

(COMPETÊNCIA 3) Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

(COMPETÊNCIA 6) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(COMPETÊNCIA 9) Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018. grifo nosso).

Este estudo também corrobora com o que preconiza o Documento Curricular Referencial do município de Euclides da Cunha, o qual contempla a inserção da história local na perspectiva de “[...] um currículo que agregue a nossa história, a nossa cultura, os nossos valores e os nossos saberes, e que possibilite o fortalecimento da nossa identidade e do nosso sentimento de pertencimento”. (DCREC, 2022, p.33). Nessa perspectiva o documento afirma,

No Ensino Fundamental, o ensino de história deve ter caráter transformador, despertando o estudante para a condição de sujeitos que fazem História ao longo do tempo e dos espaços. Os objetos de conhecimento devem estar voltados para a reflexão de conceitos sobre a atividade cotidiana, sobre o tempo e sobre o sujeito histórico. Partindo desse princípio, a História se torna relevante para a construção das identidades sociais e é responsável pela construção de repertórios de atuação e compreensão da realidade (DCREC, 2022, p.538).

Quando exploramos a cultura popular no DCRB (2022), as festas juninas emergem como celebrações que transcendem meras comemorações culturais. Elas representam uma manifestação vibrante de nossa identidade cultural, enraizada na diversidade e conectada às nossas históricas raízes nordestinas. Esses eventos não são apenas festividades; eles se transformam em pilares identitários, recordando-nos do que significa ser parte dessa comunidade, especialmente para os habitantes das regiões sertanejas. Sobre essa festividade o Referencial Curricular Municipal, assim descreve:

[...] podemos dizer que as festas juninas e religiosas ditam a vida dos euclidenses. Apesar de adquirir a forma de festivais urbanos, quase que “espetáculos”, ainda temos em Euclides da Cunha grupos como Os Carcarás, dentre outras quadrilhas que mantém vivo o formato de festas interioranas, consolidando a cultura popular. Além dos festejos juninos temos também festas do Boi Bumbá, no bairro Nova América, e o Reisado que ocorre todo ano, além de outras manifestações que estão presentes nos nossos povoados, a exemplo, das festas dos Velhos e dos Paulistas. É necessário lembrar que estes festejos ganham importante destaque na dinâmica da cidade de Euclides da Cunha pela pluralidade de sentimentos que criam, entre eles o de pertencimento, de fé e devoção - que fazem com que as especificidades locais sejam vistas e sentidas como uma marca identitária mais explícita (DCREC, 2022, p.39).

Esse estudo também estabelece uma conexão com a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2003), com a abordagem sociocultural de Vygotsky (2001) e a teoria da aprendizagem dialógica de Paulo Freire (1997) as quais oferecem uma base teórica resistente para explorar e compreender a relação entre o ensino, a história local e a identidade cultural sertaneja. Ao aplicar essas teorias ao contexto específico da história local, pretende-se criar estratégias pedagógicas que respeitem e valorizem a riqueza da cultura local. Isso pode incluir o uso de narrativas locais, tradições, festas, danças e práticas culturais como recursos educativos, integrando-os ao currículo de forma a promover uma compreensão mais profunda e significativa.

Desse modo, ao articular os alicerces teóricos que fundamentam nossa pesquisa, com ênfase nos conceitos-chave, na temática central e nas bases legais que embasam nossa investigação, pretendemos abordar no próximo capítulo, intitulado *Arraiá do Cumbe: mudanças e permanências*, uma análise mais específica sobre como a cultura junina, especialmente a celebração de São João, se configura como um elemento compartilhado de identidade sertaneja no município de Euclides da Cunha, Bahia. Para validar nossa hipótese, planejamos conduzir entrevistas com membros da comunidade que desempenham papéis ativos na preservação da cultura local. Por meio dessa abordagem, almejamos compreender as nuances, os afetos e os significados que o sertão e a cultura junina despertam nas pessoas e como esses elementos contribuem para a formação da identidade local.

Além disso, vamos explorar as raízes históricas do São João, focalizando suas origens no Brasil, com ênfase no sertão nordestino, particularmente em Euclides da Cunha, Bahia. Nesta análise, examinaremos as mudanças e permanências do *Arraiá do Cumbe*²⁰ ao longo dos anos. Investigaremos como as tradições culturais são mantidas e revitalizadas neste local, seja

²⁰ Nome tradicional do arraial da festa de São João em Euclides da Cunha, Bahia.

por meio de festivais de quadrilhas ou eventos como o *Nativus do Cumbe*²¹ e como essas práticas tradicionais são incorporadas e reinterpretadas no contexto local.

²¹ Evento popular que acontece durante os festejos de São João em Euclides da Cunha, o qual abordaremos em detalhes no próximo capítulo.

3 ARRAIÁ DO CUMBE: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

3.1 A FESTA DE SÃO JOÃO COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO DA SERTANIDADE EUCLIDENSE

O conceito de festa refere-se a um evento social ou cultural organizado para celebrar um momento específico, como um feriado, aniversário, casamento, formatura, entre outros marcos significativos. As festas podem variar significativamente em termos de tamanho, escopo, propósito e estilo, dependendo da cultura, tradições e preferências dos organizadores e participantes. “[...] Ela está presente nos costumes de vários povos, como manifestações tanto populares como da elite, transmitidas e transformadas de geração a geração ao longo dos séculos” (Cunha, 2009, p.18). As festas, geralmente, envolvem elementos como música, dança, comida, bebida, decoração temática e interação social. Elas proporcionam oportunidades para as pessoas se reunirem, se divertirem, compartilharem experiências e fortalecerem laços sociais. Em última análise, o conceito de festa está intrinsecamente ligado à celebração da vida, das conquistas, dos relacionamentos e da cultura. A socióloga Alice Itani a descreve como:

Um fato social, histórico e político. Ela constitui o momento e o espaço da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música e da dança. Celebra a vida e a criação do mundo. Constitui espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas (Itani, 2003, p. 7-8).

As festas têm sido uma parte intrínseca da história e formação cultural do Brasil desde os seus primórdios. Durante o período colonial, as festas que se difundiram no Brasil foram trazidas pelos colonizadores, sendo em sua maioria de natureza religiosa. Del Priore (1994) destaca que as festas no Brasil colonial não eram apenas eventos religiosos, mas também serviam como instrumentos de controle social e afirmação do domínio colonial sobre a população nativa. Inicialmente, esses eventos religiosos desempenhavam o papel de atrair os índios para a fé cristã e de consolidar a presença dos colonos no território da colônia. Além disso, as festas serviam como uma forma de evitar que as práticas religiosas dos nativos, consideradas pagãs pelos colonizadores, prevalecesse na terra colonizada. Nesse contexto, a historiadora Del Priore define o conceito de festa como:

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores de festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (Del Priore, 1994, p.10).

Para Tinhorão (2000), durante mais de duzentos anos, o lazer coletivo no Brasil colônia não se limitava a festas dedicadas ao lazer individual. Ao contrário, constituía-se de “[...] momentos de sociabilidade festiva, propiciados ora por efemérides ligadas ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pelo poder espiritual da Igreja” (Tinhorão, 2000, p.7). Logo, as festas no Brasil colonial eram eventos multifacetados que refletiam as complexidades sociais, culturais e religiosas da época. Elas desempenhavam um papel importante na vida comunitária, proporcionando momentos de celebração, expressão cultural e interação social em meio a uma sociedade colonial marcada por desigualdades e diversidade cultural.

Assim, as festividades no Brasil colonial não só desempenhavam um papel religioso, mas também tinham implicações sociais, culturais e políticas na construção da identidade colonial e na manutenção da ordem estabelecida pelos colonizadores. Ao longo do tempo, essas festas evoluíram e se transformaram, incorporando elementos das diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira. Segundo Priore (1994, p.9), “O tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias”. Nesse sentido, a festa se desenvolve em um “território lúdico” no qual os participantes, independentemente de sua origem social, expressam suas frustrações e reivindicações.

Segundo Cunha (2009, p.18), “[...] a festa é de fato um marcante elemento constitutivo do modo de vida brasileiro”. Por isso, as festas no Brasil são uma parte importante da cultura brasileira, pois reflete sua diversidade cultural, sua história e sua identidade coletiva, além disso proporciona oportunidades para as pessoas se reunirem, celebrarem e compartilharem sua alegria e sua cultura. Nesse sentido, a festa não pode ser vista apenas como diversão lúdica, mas sim como um elemento fundamental na formação e na preservação das identidades locais e regionais.

Na perspectiva da festa como uma construção simbólica de significados e um espaço para compartilhar experiências, propomos aqui examinar a festa de São João como um dos elementos da identidade sertaneja e do sentimento de pertencimento ao sertão euclidense. Este evento, considerado a maior festa popular do Nordeste brasileiro, é uma manifestação que nos conecta como municípios de forma íntima e significativa. Pretendemos ressaltar a sua natureza simbólica e identitária, através das vivências pessoais e coletivas de alunos do 9º ano do Colégio José Aras e de agentes sociais locais, evidenciando como a festa de São João é um símbolo vivo da cultura e da tradição sertaneja, enraizada na história e no cotidiano afetivo da comunidade euclidense.

A origem das festas juninas remonta à celebração do solstício de verão, especialmente no Hemisfério Norte. Elas têm como principal símbolo o fogo, refletindo a reverência ao sol

em diversas culturas ao redor do mundo, em que o sol muitas vezes é considerado sagrado. Conforme apontado por Itani (2003), a história e os significados das festas juninas podem ser reformulados e reinterpretados ao longo do tempo, adaptando-se às diferentes perspectivas e contextos culturais.

As festas pagãs do solstício de Verão foram apropriadas pela Igreja católica e deslocadas para as datas de comemoração de Santo Antônio, São João Batista e São Pedro. No entanto, observa-se que essas festas santificadas foram recriadas como comemoração das colheitas (*Ibidem*, 2003, p. 69).

Para Morigi (2001), a festa de São João tem suas raízes nas tradições do Egito antigo, onde o culto ao sol e à fertilidade era uma parte essencial das celebrações das colheitas. Com o tempo, esses rituais festivos foram adotados pelos egípcios e se espalharam pela Europa, especialmente na Espanha e em Portugal. Com a ascensão do Cristianismo como religião dominante no Ocidente, a festa foi integrada ao calendário cristão, sendo oficialmente associada ao nascimento de São João Batista em 24 de junho. No entanto, mesmo antes disso, os povos europeus já celebravam a chegada do sol e do calor com grandes fogueiras e festividades. Assim, segundo Jolivaldo Freitas

Com o crescimento e força da igreja católica toda a festividade pagã foi adaptada e as festas juninas ganharam uma outra conotação. As fogueiras passaram a ser acendidas para os santos católicos. Isso, principalmente, a partir do século IV quando os pagãos foram convertidos ao catolicismo e as crenças antigas e politeísta extermínadas (Freitas, 2017, p. 13).

Comemoradas no mês de junho, as primeiras descrições das festas juninas no Brasil colonial remontam ao século XVI, conforme nos relata o padre Fernão Cardim ao pontuar a participação ativa dos nativos nas celebrações e o apreço que eles demonstravam por essas festividades.

Três festas celebram estes índios com grande alegria, aplauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de São João, porque suas aldeias ardem em fogo, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. (Cardim *apud* Cunha, 2009, p.14).

A tradição das festas juninas, introduzidas no Brasil pelos portugueses em homenagem aos três santos católicos Santo Antônio, São João e São Pedro, “[...]não carregam unicamente valores religiosos, como mastros de santos, mas também costumes do calendário agrário” (Itani, 2003, p. 70). Inicialmente, essas festas eram acompanhadas por procissões destacando seu caráter religioso, mas com o passar do tempo, essas festividades incorporaram elementos das tradições indígenas e africanas, como observado por Freitas (2017):

Os festejos juninos viraram com o passar do tempo umas das mais importantes tradições brasileiras depois de ser amalgamada, misturados, virar um cadiño de valores e simbolismos, com a influência dos indígenas e dos africanos. Virou rito, manifestação, cultura e festa com forte apelo popular e importância econômica. Festa da fartura como nos tempos pagãos (*Ibidem*, 2017, p. 14).

As festas durante o período colonial não podem ser rigidamente categorizadas como exclusivamente profanas ou sagradas. Elas frequentemente se mesclavam, incorporando elementos de ambas as esferas. Como observado por Priore (1994, p. 19), “[...] elas, de fato, caminham juntas. É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa”. Desse modo, podemos dizer que as fronteiras entre o sagrado e o profano, o popular e o erudito, eram difusas e permeáveis. Essa fusão cultural caracterizou fortemente o Brasil colonial e contribuiu com a diversidade cultural existente hoje no país. As festividades atuais refletem uma ampla fusão cultural, incorporando elementos da tradição católica europeia, influências afro-brasileiras, heranças indígenas e uma diversidade de expressões culturais próprias do Brasil.

As festas juninas no Brasil têm raízes profundas na cultura tradicional, remontando à colonização ibérica nos séculos XVI e XVII. Durante o período colonial, essas festividades se disseminaram entre índios e escravizados, mas foi com a chegada da família real portuguesa em 1808 que adquiriram novas características. A vinda da corte portuguesa trouxe consigo costumes aristocráticos, incluindo a contradança, uma dança de casais que logo se tornou popular em festividades como casamentos, batizados e as próprias festas juninas. A contradança, ao ser incorporada, deu origem às quadrilhas, que passaram a ser uma marca das celebrações juninas e outros eventos populares (Morigi, 2001, p.43).

Nesse sentido, as festas juninas, em especial a festa de São João, tornaram-se uma tradição profundamente enraizada na cultura brasileira, mas seu impacto é particularmente significativo na região nordeste do país. Durante o mês de junho, as cidades nordestinas se transformam em um mar de cores, música e celebração, onde pessoas de todas as idades se unem para homenagear os santos e vivenciar essa festa popular tão significativa. As ruas são decoradas com bandeirinhas coloridas, as fogueiras iluminam a noite sob o ritmo do forró e o cheiro de comidas típicas como milho assado, canjica e pé-de-moleque permeia o ar. “Assim, a festa junina é entretorcida por um conjunto de instâncias mediadoras de sentido que constroem a teia significativa que envolve as noções de identidade regional e cultura nordestina” (Morigi, 2001, p. 21). Logo, a festa de São João não apenas toma conta do Brasil inteiro, mas encontra na região nordeste um terreno fértil para florescer e encantar pessoas de todo o país com sua magia e autenticidade. Conforme destaca, José Morigi:

[...] Essas festas enraizaram-se em todo o Brasil e em cada região, assumiram características específicas. No Nordeste, porém, elas adquiriram maior força e vigor. Ainda hoje, embora estejam bastante modificadas e distantes de suas formas originais, elas tornaram-se focos de atração, pois em torno delas se aglutanam multidões. Plenamente absorvidas pela cultura regional e local, são consideradas como festas da tradição e da cultura nordestina, fazendo parte do seu calendário oficial de comemorações (*Ibidem*, 2001, p.44).

A celebração de São João exerce um papel crucial no fortalecimento da economia dos principais estados do Nordeste. Entre eles, destacam-se Campina Grande, na Paraíba; Caruaru, em Pernambuco; Mossoró, no Rio Grande do Norte; Areia Branca em Sergipe e São Luís, no Maranhão, conhecido por seu famoso Bumba-meu-boi. No entanto, é na Bahia que a festa de São João assume uma representatividade singular, abrangendo quase a totalidade dos 417 municípios do estado (Freitas, 2017, p. 17).

Coube aos padres jesuítas, grandes catequizadores, a disseminação dos festejos na Bahia. Tanto que antigamente tudo começava com a tradição das trezenas em louvor a Santo Antônio, seguindo-se o folguedo de São João e as homenagens a São Pedro, tudo no âmbito da Igreja Católica (*Ibidem*, 2017, p. 21).

Embora Freitas (2017), destaque Areia Branca, em Sergipe, como um dos locais de maior relevância para as festas juninas no Nordeste, é importante observar que, nos últimos anos, o município tem perdido destaque frente a outras cidades do estado. Na atualidade, cidades como Aracaju, a capital, têm assumido papel central na realização das festividades, com grandes eventos que atraem um público significativo e fomentam a economia local de maneira mais expressiva. O crescimento do forró e das manifestações culturais em outras regiões sergipanas, somado ao maior investimento em infraestrutura e promoção da festa em Aracaju, tem enfraquecido a posição de Areia Branca, que antes era um centro de referência. Assim, é possível afirmar que a festa de São João em Sergipe, embora ainda importante, já não encontra mais em Areia Branca o epicentro que Freitas descreve, refletindo a dinâmica de descentralização que ocorre na tradição junina do estado.

O autor destaca a Bahia como um estado onde a festa de São João tem forte presença em quase todos os seus 417 municípios. Entretanto, outros estados do Nordeste, como o Maranhão, mantêm essa tradição em todo o seu território. Conforme apontado no Dossiê²² de Registro do Bumba Meu Boi, a diversidade e a riqueza cultural maranhense tornam as festividades juninas uma das mais representativas da região, com cada cidade e comunidade contribuindo com suas próprias particularidades e tradições. Ainda assim, é importante ressaltar

²² **Gov.br.** Disponível em: <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/complexo-cultural-do-bumba-meu-boi-do-maranhao/>. Acesso em: 28 de nov. 2024.

a relevância das festas juninas na Bahia, que também desempenham um papel fundamental na cultura nordestina.

É nesse contexto que se configura o Arraiá do Cumbe no município de Euclides da Cunha, na região do semiárido baiano, em vigor enquanto evento público desde 1983, porém a tradição da celebração do São João no Cumbe é muito mais antiga, conforme nos relata Aras (2003, p. 336) “Toda casa da cidade, da fazenda ou choupana se preparava para a noite de São João, pois quem não acendesse a fogueira, São João não passaria na porta”. Com o tempo, a tradição transformou-se em uma festa popular, com direito a quadrilha junina, pau de sebo, quebra-pote e muito forró.

Figura 1 - Casamento na roça no Arraiá do Cumbe, 1987.



Fonte: **Museu do Cumbe**. Disponível em:
<https://www.museudocumbe.com/search?q=S%C3%A3o+jo%C3%A3o> . Acesso em: 10 mar. 2024.

Segundo Aras (2003), durante as celebrações de São João no Cumbe, atual Euclides da Cunha, havia fogos e o estrondo dos bacamartes de pólvora, as comadres, compadres e toda a vizinhança se reuniam para celebrar o Santo do batismo. As jovens solteiras participavam de brincadeiras, como equilibrar porcelanas cheias d'água na cabeça ao redor da fogueira. Algumas, que não viram suas promessas atendidas por Santo Antônio, buscavam sinais de casamento com os “bozós” por meio de simpatias, como enterrar facas nas bananeiras, na esperança de que, no dia seguinte, o nome de seu futuro cônjuge aparecesse. “Na roça, a sanfona, o pandeiro e a viola emendavam as valsas com baião; rodas cantadas no terreiro por meninas e mocinhas, até o sol raiar” (*ibidem*, 2003, p.337). Para o autor,

O São João do passado tinha fogueira em todas as casas, algumas sendo altas (arbustos com folhas nos galhos espalhados) onde se penduravam laranjas, doces, pipocas e presentinho para a meninada apanhar no momento em que ela fosse queimada e caísse. Áí, era uma zoada danada, juntando a algazarra dos meninos e o barulho dos fogos, traques, bombas, busca-pés, rojões foguetes, etc., (Aras, 2003, p. 337).

Segundo informações do blog Museu do Cumbe, as primeiras celebrações do São João no Cumbe tiveram início na rua da igreja, hoje conhecida como Praça da Bandeira. Poucos anos depois, essas festividades foram transferidas para a Avenida Rui Barbosa, onde perduraram por longos anos. Com o crescimento e a crescente procura pelo Arraiá do Cumbe, famoso no sertão pela sua autenticidade, o espaço na Avenida Rui Barbosa tornou-se insuficiente para a quantidade de pessoas que passaram a frequentar o evento. Diante dessa demanda, em 1998, foi construída uma praça de eventos, também denominada forródromo, onde atualmente as festas de São João e outros eventos da cidade são realizados.

Figura 2 - Festa de São João na Avenida Ruy Barbosa em 1993.



Fonte: **Museu do Cumbe**. Disponível em: <https://www.museudocumbe.com/search?q=S%C3%A3o+jo%C3%A3o> . Acesso em: 18 mar. 2024.

Nos primórdios do Arraiá do Cumbe, de acordo com o mesmo blog, as festividades contavam com uma variedade de atividades tradicionais. A alvorada, coordenada por Tonheco do Hotel Lua, marcava o início das celebrações, seguida por desafios como o pau de sebo e quebra-pote, que testavam a destreza e a coragem dos participantes. As corridas de saco animavam a multidão, enquanto as quadrilhas, com seus casamentos na roça, encantavam os presentes. As comidas típicas enchem o ar com seus aromas irresistíveis, enquanto os balões, trazidos por Nego da Marinha, pontuavam o céu com suas cores vibrantes. O trio do *Jegue do*

Mundinho Doido adicionava um toque de música e folia à festa, completando assim a atmosfera única e animada do Arraiá do Cumbe.

Figura 3 - Trio do Jegue do Mundinho Doido, no Arraiá do Cumbe, 1992.



Fonte: **Museu do Cumbe**. Disponível em: <https://www.museudocumbe.com/search?q=S%C3%A3o+jo%C3%A3o>. Acesso em: 12 mar. 2024.

A festa de São João em Euclides da Cunha é uma celebração animada e tradicional que vai além do mês de junho. Ela começa já em março, quando os finais de semana na praça Duque de Caxias se tornam agitados com apresentações de forrozeiros locais, embalados com o autêntico forró²³ pé de serra como parte do “Projeto Forró da Praça²⁴”. À medida que junho se aproxima, o clima junino se instala na cidade, com ruas decoradas com bandeirolas e balões. O espírito junino se espalha por toda parte, nas escolas, no comércio e em todos os cantos da cidade. Assim, “[...] através das comemorações, os festeiros demarcam, apropriam, percebem e vivenciam o território, gerando o que nomeamos de territorialidades da festa junina” (Marques, 2018, p.17).

Os festejos oficiais no Arraiá do Cumbe começam por volta do dia 20 ou 21 de junho, marcados pela tradicional alvorada às 5 horas da manhã pelas ruas da cidade. Um trio elétrico com bandas de forró anuncia a abertura do Arraiá do Cumbe, que culmina em 4 a 5 dias de festa

²³ Caracterizado pelo forró, que é acompanhado por três instrumentos básicos: sanfona, zabumba e triângulo. Para aprofundamento, ver Cardoso (2016, p. 101-104).

²⁴ Trata-se de uma iniciativa privada realizada de março a junho na principal praça da cidade, com apresentações nos finais de semana de artistas locais, para celebrar o forró pé de serra.

no forródromo da cidade. Durante esses dias, acontece o tradicional Nativus do Cumbe²⁵, o pé de serra andante do sertão. Os participantes percorrem as ruas da cidade dançando e celebrando o São João raiz.

Outra tradição marcante na comunidade durante este período é o Festival de Quadrilhas²⁶, promovido pela Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha como parte integrante das festividades juninas. O evento conta com a participação de grupos de quadrilhas provenientes de bairros da cidade e povoados que se apresentam com coreografias estilizadas e vestimentas vibrantes e coloridas, contribuindo para uma atmosfera festiva e contagiante. Assim, as festividades juninas no município transcendem o mês de junho, oferecendo uma programação culturalmente rica, regada a forró e tradição, que envolve toda comunidade, mantendo viva a essência do São João no sertão.

Em 2023, o Arraiá do Cumbe foi agraciado com um hino que captura sua verdadeira essência, fortalecendo a conexão indissolúvel entre a festa junina e a identidade sertaneja. Mais do que uma simples melodia festiva, essa composição representa um testemunho vivo da riqueza cultural e da singularidade do povo sertanejo. Ele celebra as tradições com orgulho e devoção, mantendo a chama da festa junina acesa em meio às ameaças de apagamento dessa tradição.

Hino do Arraiá do Cumbe²⁷

Letra: Chico D’Oliveira²⁸
 Música: Chico D’Oliveira

Vem pra cá vamos forrozar
 Vem pra pro nosso arraiá
 Vem pracá vem pro Arraiá do Cumbe
 Venha ver que coisa boa ver o dia clarear (bis)

Tem quadrilha, tem fogueira
 Tem canjica e tem licor
 Tem muita gente bonita
 É São João do nosso amor

Forrozeiro, animação
 Milho verde e buscapé
 Quem vem, volta de novo
 Pra o nosso arrastapé

²⁵ Teremos uma seção nesse trabalho que abordará com mais detalhes sobre essa manifestação cultural.

²⁶ Abordaremos esse evento mais adiante.

²⁷ Instituído pela Lei municipal nº 1677 de 05 de janeiro de 2023.

²⁸ Artista local, cantor e compositor talentoso, ele se destaca como uma das principais atrações de forró pé de serra no tradicional Arraiá do Cumbe.

Céu bonito colorido
Sanfoneiro em todo canto
Nosso povo acolhedor
A cidade é um encanto

Referência do nordeste
Arraiá que tanto brilha
Orgulho de nossa gente
Venha ver que maravilha

É São João, é São João
Vamos pular a fogueira
E brincar a noite inteira
Com amor no coração. (bis)
(Oliveira, 2023, grifo nosso)

O *Hino do Arraiá do Cumbe*, de Chico D’Oliveira, celebra as tradições juninas do Nordeste/Sertão brasileiro, destacando elementos culturais e simbólicos destas festividades. A letra enfatiza a alegria e o orgulho regional, convidando todos a “forrozar” e celebrar juntos. Referindo-se ao Arraiá do Cumbe como uma “referência do nordeste”, o hino posiciona a festividade como um símbolo da rica cultura local, promovendo a preservação e a celebração das tradições nordestinas, bem como fortalecendo o sentimento de pertencimento local.

3.2 FORRÓ: ARTE E IDENTIDADE SERTANEJA NO CONTEXTO CULTURAL DO BRASIL E DO NORDESTE

Em 2021, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) anunciou por unanimidade a declaração das matrizes tradicionais do forró²⁹ como Patrimônio Cultural do Brasil. Além disso, o forró foi reconhecido como um supergênero musical, agregando diversos ritmos nordestinos, como xote, xaxado, baião, chamego, quadrilha, arrasta-pé e pé-de-serra. A solicitação de registro³⁰, feita em 2011 pela Associação Cultural Balaio do Nordeste da Paraíba, foi acompanhada nos últimos dez anos por um processo minucioso de documentação³¹ e descrição das matrizes tradicionais em colaboração com as comunidades envolvidas.

²⁹ **Gov.br.** Disponível em: <https://www.gov.br/iphant/pt-br/assuntos/noticias/uma-das-mais-importantes-manifestacoes-populares-as-matrizes-tradicionalis-do-forro-sao-reconhecidas-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 26 fev. 2024.

³⁰ A conselheira Maria Cecília Londres, relatora da proposta, apresentou uma análise abrangente das origens do ritmo nordestino e da palavra "forró", ressaltando sua importância cultural, que abrange desde artesanatos até a preservação de instrumentos como rabeca, sanfona, triângulo e zabumba.

³¹ **IPHAN.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/licitacoesConveniosContratos/detalhes/549> . Acesso em: 26 fev. 2024.

O reconhecimento oficial do forró como manifestação da cultura nacional, através da Lei 14.720³² de 2023 sancionada pelo presidente Lula, representa um marco importante para a música e a identidade cultural do Brasil. O projeto de lei, PL 5.838/2019³³, destaca a contribuição de ícones como Luiz Gonzaga, Genival Lacerda, Dominguinhos, Sivuca, Jackson do Pandeiro, entre outros, e sua influência na economia brasileira, especialmente durante as festas juninas. Originado na década de 1930 e popularizado nos anos 1950, o forró, com seu formato tradicional de trio sanfona, zabumba e triângulo, tornou-se um símbolo da identidade nordestina e do país, agora oficialmente reconhecido como parte essencial do patrimônio cultural brasileiro.

Enquanto música, o forró é executado por uma base instrumental composta por um triângulo, uma sanfona e uma zabumba. As músicas são em geral, acompanhadas de letras de duplo sentido, ou textos de conteúdo romântico ou de dores de amores, mas o seu conteúdo é quase sempre sensual, suscitando a imaginação e a libido dos dançarinos. O forró é a dança mais espontânea do período junino, pois não obedece a nenhuma coreografia preestabelecida e pode ser dançado por um casal, a qualquer hora e em qualquer lugar. Ele também não é exclusivo do período junino, apesar de ser uma de suas principais referências, é dançado o ano inteiro (Chianca *apud* Cunha, 2009, p.24-25).

O forró, como elemento central das festas juninas e da tradição cultural, enfrenta uma crescente ameaça de diluição e marginalização devido à introdução de outros ritmos nas comemorações juninas. Esta tentativa de descaracterização da festa junina deu origem ao Projeto de Lei 3083/2023, conhecido como Lei Luiz Gonzaga, que propõe a alocação de pelo menos 80% das verbas públicas destinadas às festas juninas para artistas vinculados ao forró e à cultura regional. O autor do texto, Fernando Rodolfo, diz que a “tradição do São João está se perdendo”, em razão de outros gêneros musicais estarem ocupando o “espaço” do forró, típico da festividade. O projeto está em tramitação no Congresso Nacional em caráter conclusivo e será avaliado pelas comissões de Cultura, Finanças e Tributação, além da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Nesse contexto, a festa de São João em Euclides da Cunha, assim como em muitas outras localidades do sertão nordestino e baiano, está passando por transformações influenciadas, principalmente, pela globalização. Essas mudanças refletem as características das identidades modernas, como apontadas por Hall (2022), em que as identidades estão sujeitas a “deslocamentos” ou “fragmentações”, levando os indivíduos a assumirem múltiplas

³² **Planalto.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/l14720.htm. Acesso em: 18 mar. 2024.

³³ **Senado Federal.** Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/159124> . Acesso em: 18 mar. 2024.

identidades. Apesar dessas mudanças, a festa de São João continua sendo um elemento central em nosso calendário cultural, isso reforça a concepção de que a festa de São João tem significado para os nordestinos/sertanejos e que, “[...] independentemente de ser uma festa industrializada, recupera de uma maneira diversa dimensões identitárias que não podem ser desprezadas” (Morigi, 2001, p. 20).

Nos últimos anos, observamos uma tendência preocupante de descaracterização da tradição junina, especialmente no que diz respeito ao gênero musical predominante, o forró. Durante as festividades juninas em Euclides da Cunha, a introdução de paredões tocando música de pagode ou outros estilos, têm contribuído significativamente para afastar a festa de suas raízes históricas, baseadas no forró. Além disso, no *Arraiá do Cumbe*, a presença de gêneros como brega e arrocha também tem contribuído para essa descaracterização da tradição junina. Essa tendência pode ser verificada na programação do Arraiá do Cumbe nos últimos cinco anos, conforme ilustrado nas figuras 4, 5 e 6.

Figura 4 - Programação do Arraiá do Cumbe, 2018.



Fonte: **Itaberaba Notícias**. Disponível em: <https://www.itaberabanoticias.com.br/sao-joao/sao-joao-de-euclides-da-cunha-anuncia-programacao-oficial-de-2018> . Acesso em: 25 mar. 2024.

Figura 5 - Programação do Arraiá do Cumbe, 2023.



Fonte: **Euclides da Cunha.com**. Disponível em: <https://www.euclidesdacunha.com/2023/06/06/prefeitura-de-euclides-da-cunha-divulga-programacao-completa-do-arraia-do-cumbe-2023/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Figura 6 - Programação do Arraiá do Cumbe, 2024.



Fonte: **Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha**. Disponível em: <https://www.euclidesdacunha.ba.gov.br/noticia/prefeitura-divulga-atracoes-e-programacao-do-arraia-do-cumbe-2024/315>. Acesso em: 18 maio 2024.

Na comparação entre as programações do *Arraiá do Cumbe* de 2018, 2023 e 2024 notamos uma mudança significativa no estilo das atrações. Em 2018, a maioria das apresentações – mais de 99% – foram voltadas para o forró, sobretudo o forró pé de serra e o

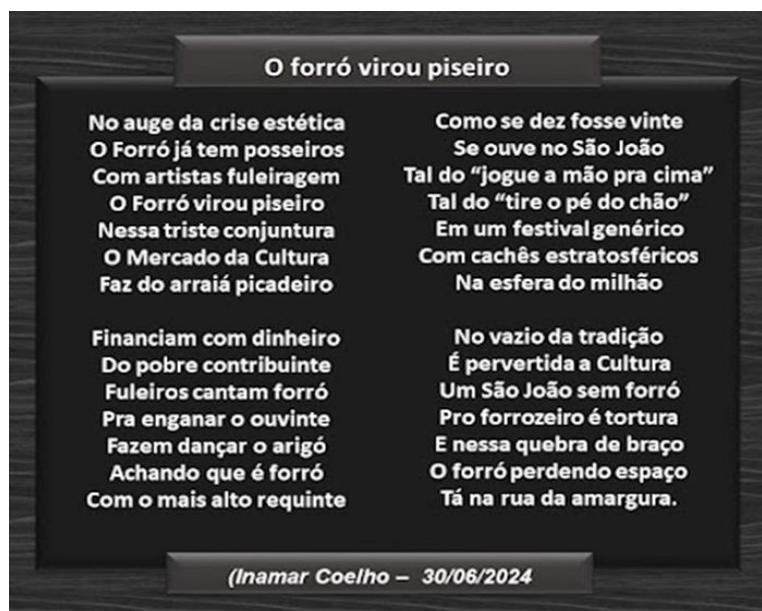
forró eletrônico. Já em 2023 e 2024 a programação apresentou uma predominância de brega, arrocha e sertanejo, que ganharam destaque em relação ao forró.

Especialmente, nos últimos dois anos, o tradicional Arraiá do Cumbe tem se afastado das autênticas tradições da festa junina nordestina/sertaneja. Em 2024, o evento priorizou o sertanejo e o arrocha, reduzindo significativamente as atrações de forró. Além disso, a inclusão de um camarote VIP acentuou ainda mais a descaracterização da festa de São João, conhecida por unir pessoas de todas as etnias e classes sociais.

Conforme uma enquete popular realizada em uma página de notícias local no Instagram³⁴, as melhores atrações do São João do Arraiá do Cumbe em 2024, foram Nattan, com seu estilo musical que vai do forró eletrônico definido como pop e romântico, misturando elementos de baladas clássicas, sofrência e pisadinha, e Henry Freitas, que apresenta uma mistura de “forró” com gêneros variados, incluindo pagode, funk e trap.

Este resultado é preocupante, pois comprova que o forró raiz vem, a cada ano, perdendo espaço para esses novos estilos musicais. Embora esse seja um gosta da geração mais jovem, muitas pessoas foram às redes sociais protestar, conforme versos do cordelista local Inamar Coelho.

Figura 7 - Cordel de Inamar Coelho.



Fonte: Blog Cordelizando na rede. Disponível em: <https://escritos-inamar.blogspot.com/2024/06/o-forro-virou-piseiro.html> . Acesso em: 13 jul. 2024.

³⁴ **Instagram.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8spDOfxulj/> . Acesso em: 13 jul. 2024.

Como podemos perceber, o cordel de Inamar Coelho oferece uma crítica contundente à transformação e comercialização do forró, especialmente no contexto das festas juninas, em que tradições culturais estão sendo diluídas por interesses comerciais. Os “posseiros” aqui podem ser interpretados como artistas que se apropriam do forró, mas que não respeitam suas raízes ou autenticidade. A análise sugere uma defesa fervorosa da preservação das tradições culturais e uma rejeição da superficialidade imposta pelo mercado.

3.3 NATIVUS DO CUMBE: “O PÉ DE SERRA ANDANTE DO SERTÃO”

A relação entre história e memória é complexa e multifacetada. Embora esses termos sejam frequentemente usados como sinônimos, eles se referem a processos diferentes e são interligados, de compreensão e interpretação do passado. Analisaremos seus conceitos à luz do aporte teórico de pesquisadores como Halbwachs (2013), Pierre Nora (1993), Michael Pollak (1992), e Meihy e Seawright (2021).

A história estuda e interpreta eventos passados com base em evidências e fontes confiáveis, buscando compreender o passado de forma objetiva, analisando causas, consequências e contextos. Além disso, utiliza métodos de pesquisa críticos e analíticos para investigar e interpretar os fatos. A memória, por sua vez, está mais focada nas lembranças individuais e coletivas, valorizando a perspectiva subjetiva e emocional dos sujeitos envolvidos. Ela é construída principalmente a partir das experiências pessoais, relatos orais, tradições familiares e culturais e tende a ser mais seletiva e subjetiva, muitas vezes visando preservar uma identidade pessoal, grupal ou cultural específica, além de transmitir valores e tradições.

O historiador Pierre Nora, em “lugares de memória” ratifica esses conceitos ao afirmar: “[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações” (Nora, 1993, p.9). Para ele, a história é uma reconstrução contínua e imperfeita de eventos que já se passaram e não existem mais (Nora, 1993). Nesse sentido, enquanto a memória toca a experiência humana, a sensibilidade e os sentidos, a história demanda problematização, análise e discurso crítico, sendo uma representação do passado.

Para Pollak (1992, p.201), “[...] a priori a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Mas, Maurice Halbwachs, nos anos 20 e 30, já havia destacado que a memória deve ser percebida como um “fenômeno coletivo e social”.

Sendo assim, a memória não é um processo estático, mas sim dinâmico e sujeito a mudanças, flutuações e transformações constantes. As memórias coletivas são constantemente reinterpretadas e reformuladas à medida que as sociedades e os grupos sociais evoluem. Logo, segundo Halbwachs (2013), as lembranças individuais são filtradas através das estruturas sociais e ideológicas existentes, e as mudanças nas estruturas sociais podem afetar a forma como as memórias são recordadas e transmitidas.

Nessa perspectiva, Pollak (1992) define os elementos constitutivos da memória, individual e coletiva através dos acontecimentos “vividos pessoalmente” e os “vividos por tabela”, ou seja, eventos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer. Assim, podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade de uma pessoa, quer na sua dimensão individual ou coletiva.

Nesse contexto, utilizando fragmentos da memória, pretendemos registrar nas próximas linhas um pouco da história do movimento *Nativos do Cumbe: O pé de serra andante* que, atualmente, representa um dos eventos mais autênticos do São João em Euclides da Cunha, Bahia. A metodologia utilizada foi uma entrevista escrita realizada em 9 de março de 2024. Optamos por esse formato em razão do nosso entrevistado residir atualmente na capital baiana, o que impossibilitou uma entrevista presencial gravada. Em 7 de março de 2024, enviamos um questionário para Anderson Michel Santos de Andrade, educador físico de 44 anos, natural de Euclides da Cunha e atualmente residente em Salvador. O questionário com perguntas abertas foi enviado via WhatsApp e foi respondido prontamente pelo nosso entrevistado dois dias depois. Michel, fundador do Nativus do Cumbe, bloco junino criado em 2005 e conhecido como “O pé de serra andante”, iniciou o movimento devido a sua percepção com a descaracterização do São João local. Ele observou que o forró pé de serra tradicional estava sendo substituído por outros gêneros musicais como forró eletrônico, arrocha, sertanejo e pagodão baiano, conforme nos relatou,

De 1992 a 2004 era notório como os adolescentes e jovens, na sua grande maioria, da cidade de Euclides da Cunha e região, não curtia mais o forró pé de serra. O que mais estava sendo consumido nesse período era o “Forró eletrônico”. Com o surgimento do Nativus do Cumbe em 2005, passamos a despertar e perceber que essa geração passou a valorizar o gênero e passou a consumir. É tanto que hoje é notório como eles se programam, fantasiando-se de personagens do nordeste, fazendo com que movimente o comércio local, principalmente do comércio têxtil (Andrade, 2024).

O nome *Nativus do Cumbe* é uma homenagem à banda de reggae *Natiruts*, anteriormente conhecida como *Nativus*, da qual o entrevistado é um grande admirador. Embora a referência à banda de reggae possa parecer distante da essência do projeto, que valoriza o

forró pé de serra, o nome carrega originalidade e um significado profundo. *Nativus* remete aos “nativos”, às pessoas da região, reforçando a conexão com as raízes culturais locais. Assim, a escolha do nome reflete a identidade do projeto, que se caracteriza pela proposta de “sair andando, tocando e cantando pelas ruas da cidade”.

Figura 8 – *Nativus* do Cumbe, 2024.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

O evento *Nativus do Cumbe*: O pé de serra andante, é um projeto independente coordenado por um grupo de 4 pessoas: Anderson Michel, Dra. Jéssica Andrade, Israel Abreu e Jane Jesus dos Santos. Porém, segundo o entrevistado, o movimento tem em torno de 28 pessoas engajadas entre familiares e amigos. Perguntado qual seria o diferencial do movimento ele respondeu:

Acredito que é a sua peculiaridade de buscar as raízes do povo nordestino e de manter a cultura junina autêntica viva. E de ser um evento aberto ao público sem discriminação de poder aquisitivo, de etnia, de gênero. Enfim é um evento onde todas as tribos se unem (Andrade, 2024).

Em 2024, o movimento celebrou sua vigésima edição, consolidando-se como uma tradição no São João de Euclides da Cunha, Bahia. Embora seja uma prática relativamente recente, sua legitimação como parte integrante das festividades juninas reflete o processo descrito por Eric Hobsbawm como a *invenção da tradição*. Segundo Hobsbawm e Ranger (1997), tradições inventadas são práticas que, mesmo introduzidas há pouco tempo, assumem a aparência de continuidade histórica, criando laços simbólicos com o passado.

Nesse contexto, o movimento em questão não apenas organiza eventos e celebrações, mas também ressignifica símbolos e narrativas culturais, conectando-as com as raízes populares e o imaginário coletivo do São João. Um exemplo disso é a evocação de figuras como o matuto e o cangaceiro, cujas vestimentas e elementos simbólicos reforçam a identidade sertaneja. Por meio de rituais, música e dança, reforça-se um sentimento de identidade comunitária e pertencimento, o que é central para a consolidação de tradições. Assim, mesmo sendo recente, sua repetição anual e os significados atribuídos ao longo das edições garantem seu lugar como um elemento “tradicional” no calendário cultural das festas juninas na cidade.

Embora seja um evento independente, organizado por pessoas físicas, nos últimos seis anos os organizadores têm buscado apoio da iniciativa pública e privada. No entanto, os principais colaboradores do evento são os “nativeiros”, como são chamados os foliões forrozeiros que adquirem o kit Nativus do Cumbe, composto por um chapéu de palha, uma caneca e 1 (um) litro de licor para apoiar o movimento cultural. Vale ressaltar que a aquisição deste kit não é obrigatória, mas geralmente os “nativeiros” o compram para se caracterizarem e, simultaneamente, ajudar financeiramente na realização do evento. Esta manifestação cultural representa o que há de mais autêntico na festa junina do município de Euclides da Cunha, conforme as palavras de Michel:

Celebramos ao som do gênero mais autêntico que representa a cultura junina, que é o forró pé de Serra. Com “triângulo, sanfona e zabumba”. Criado pelos verdadeiros arquitetos da música nordestina, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Pedro Sertanejo, Dominguinhos, Marinês, Trio Nordestino, Elba Ramalho, Alcymar Monteiro, Flávio Leandro, Flávio José entre outros menestréis da música nordestina (Andrade, 2024).

O pé de serra andante sempre ocorre no sábado de São João. De acordo com Andrade: “No início, nossa logística era mais complicada para transportar o nosso aditivo, que é o licor. Quando começamos, ele era transportado em barril no lombo dum jumento³⁵” (Andrade, 2024). Com o passar dos anos e o aumento do público, que se identificava cada vez mais com a proposta do movimento, a organização decidiu usar um caminhão “pau de arara” e um palco prancha³⁶ para puxar o cortejo pelas principais ruas da cidade ao som do mais autêntico forró pé de serra das festas juninas. Segundo nosso entrevistado, o grande êxito do movimento “[...] foi conseguir que as pessoas resgatassem as indumentárias tradicionais do povo nordestino,

³⁵ Carinhosamente apelidado de “Fofinho da Estrela”, ele conduzia uma carroça com cestos de amendoim e barris de licor, além de carregar uma grande zabumba estampada com a imagem do Rei do Baião.

³⁶ Uma prancha com quatro pneus, que serve como base para a montagem de um palco.

como as de vaqueiro, cangaceiro, jagunço, caipira e das pessoas comuns do dia a dia da nossa região” (Andrade, 2024).

Figura 9 - Nativus do Cumbe, 2008.



Fonte: Euclides da Cunha.com. Disponível em: <https://euclidesdacunha.com/2021/06/26/nativus-do-cumbe-terracicao-virtual-neste-sabado-26/> . Acesso em: 23 jun. 2024.

Em 2020 e 2021, devido à pandemia, a organização adaptou seu projeto às circunstâncias globais, realizando uma live para aquecer o coração do público, já que a proximidade física não era possível. Dessa forma, conquistaram grande visibilidade. Em 2022, o movimento voltou com mais força e vigor, atraindo um público que continua a crescer a cada ano.

O movimento Nativus do Cumbe representa o que há de mais autêntico na festa de São João de Euclides da Cunha, destacando especialmente a valorização do forró pé de serra e de outros elementos que simbolizam a nossa sertanidade. No entanto, em um cenário o qual ritmos musicais como sertanejo, arrocha e até música eletrônica estão ganhando cada vez mais espaço, a preservação e valorização dessa tradição se tornam um desafio. Ao mesmo tempo, isso representa uma oportunidade de reafirmação cultural e identitária. Quando questionado sobre essa situação, o nosso entrevistado comentou,

Na minha ótica acredito que não tem nada a ver outros gêneros musicais dentro das festividades juninas. Pouca gente sabe: o São João se resumia antigamente há um único dia. Foi Luiz Gonzaga, quem fez através do forró pé de Serra cantando seu povo e seus costumes juninos, com que a festa durasse o mês de junho todo. Então deixe o período junino para o forró pé de serra que foi quem construiu esse legado (Andrade, 2024).

O tradicional forró pé de serra andante representa a essência da cultura sertaneja ao valorizar os elementos simbólicos do sertão, como o chapéu de palha, o vaqueiro, o caipira e o próprio forró pé de serra. Esses elementos são fundamentais para a identidade cultural do sertão e têm um significado profundo para aqueles que vivem nesta região. Ao valorizar esses elementos, o forró pé de serra andante mantém vivas as tradições do sertão, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho entre os sertanejos. Ao ser questionado sobre sua relação com o sertão, o entrevistado respondeu,

É onde eu me encontro comigo mesmo e com a origem dos meus antepassados. Com a ampla diversidade cultural, que vai da culinária, à maneira de se vestir, à maneira de falar, nossos sotaques e dialetos, da nossa maneira resiliente de ser, assim como o bioma fantástico da nossa caatinga do sertão nordestino com seu poder fantástico de se regenerar com apenas uma única chuva (Andrade, 2024).

Sobre a contribuição cultural do movimento para a cultura local, nos respondeu: “Acredito que o Nativus do Cumbe tem o poder de contribuir culturalmente, fazendo com que as pessoas se reconheçam dentro da sua própria cultura regional e passem a valorizá-la” (Andrade, 2024). O evento cresce a cada edição, e os organizadores têm outros projetos futuros em desenvolvimento, como o Encontro de Forrozeiros de Euclides da Cunha e região, atendendo a um pedido do público à diretoria.

Figura 10 – Nativus do Cumbe.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado (2024).

Desse modo, o movimento Nativus do Cumbe, centrado no forró pé de serra e outros elementos simbólicos do sertão, desempenha um papel crucial na manutenção da autenticidade das festas de São João em Euclides da Cunha. A perspectiva do nosso entrevistado reforça a importância de se manter fiel às raízes culturais, destacando como Luiz Gonzaga foi fundamental para a expansão e popularização do São João através do forró pé de serra. A contribuição do Nativus do Cumbe vai além da simples celebração festiva, promovendo um sentimento de pertencimento e incentivando as pessoas a valorizarem suas próprias raízes culturais.

3.4 FESTIVAL DE QUADRILHAS NO CUMBE: TRADIÇÃO REINVENTADA

As quadrilhas juninas, uma das principais atrações das festas juninas, possuem uma importância cultural significativa no Brasil, especialmente no Nordeste/Sertão brasileiro. Elas são mais que uma dança; representam um elemento central das celebrações juninas, repletas de simbolismo e tradição. Segundo Albuquerque (2013, p.44), “Etimologicamente, a palavra “quadrilha” é proveniente do francês *quadrille*, do italiano *quadriglia* ou *squadro* e do espanhol *cuadrilhas*, que remetem à disposição de pares em forma de quadrado”.

Originada em Paris no século XVIII, a quadrilha teve como precursor Philip Musard, considerado por Giffoni (1973, p. 103) “o pai das quadrilhas”. Essa manifestação cultural chegou ao Brasil no século XIX, trazida pela Corte Portuguesa e foi adaptada e enriquecida com elementos brasileiros. A prática dessa dança ajuda a manter viva as tradições culturais e a transmiti-las para as novas gerações (Albuquerque, 2013).

As quadrilhas juninas são uma das tradições mais emblemáticas das festas juninas no Brasil. Essas festas, celebradas em junho em homenagem aos santos populares – São João, Santo Antônio e São Pedro – são marcadas por danças, casamento na roça e muita alegria. Uma das partes mais divertidas e esperadas da quadrilha junina é o “casamento na roça”, uma encenação humorística de um casamento típico do interior. Nessa representação, o noivo, frequentemente relutante, é forçado a se casar com a noiva, que está grávida. Os personagens principais são: o noivo, a noiva, o pai da noiva – também chamado de “coronel” –, o padre, o delegado e outros figurantes como os padrinhos e convidados. Nas palavras de Chianca (1999),

As quadrilhas podem ser precedidas por um casamento *matuto* no qual se encena um casamento forçado de um *matuto* que teria engravidado uma *matuta*. O casamento ocorre com a presença de um policial (ou xerife) e do pai da *matuta*, além do padre e das famílias dos noivos e demais convidados. Enquanto encenam a celebração do casamento, através de um texto malicioso que leva a plateia às gargalhadas, o noivo é convencido das vantagens e aceita o matrimônio (sob a mira do revólver do policial),

mas sendo recapturado diversas vezes em tentativas desesperadas de fuga durante o casório. A *quadrilha* é precisamente a dança dos noivos com o conjunto dos convidados após a cerimônia religiosa do casamento (Chianca *apud* Albuquerque, 2013, p. 46-47).

Embora esse modelo de quadrilha seja uma tradição, cada região do Brasil pode ter suas próprias variações, refletindo suas tradições e costumes específicos. No Nordeste, por exemplo, a quadrilha é uma dança altamente coreografada e estilizada, enquanto em outras regiões podem ser mais simples e informal. Isso ajuda a expressar e fortalecer a identidade regional. Logo, as quadrilhas juninas desempenham um papel crucial na preservação e promoção da cultura brasileira. Elas são uma celebração vibrante e alegre que une comunidades, preserva tradições e proporciona diversão para todos os envolvidos.

Dada sua importância, as quadrilhas juninas foram oficialmente reconhecidas como manifestações da cultura nacional brasileira, conforme publicado no Diário Oficial da União em 24 de junho de 2024. A decisão ocorreu após a sanção da Lei Nº 14.900/2024³⁷ pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, destacando a relevância dessas tradições nas festas juninas brasileiras.

Nessa perspectiva, para compreender a relação dessa manifestação cultural nas festas de São João de Euclides da Cunha, optamos por realizar entrevistas por meio de questionários escritos. Esta abordagem visa captar as percepções de pessoas envolvidas, dada a falta de pesquisas e documentos no município sobre este evento. O nosso foco é entender como as quadrilhas juninas são vivenciadas e percebidas por essas pessoas, explorando o significado cultural dessa tradição, a participação comunitária e a importância dessas festas para a identidade local.

Nesta perspectiva, conforme Meihy & Seawright (2021), a entrevista, elemento crucial na construção da narrativa histórica, também se configura como uma reconstrução da vivência sob diferentes aspectos. No caso em questão, essa reconstrução ocorre a partir da ótica dos colaboradores, que são sujeitos históricos plenos e não meros espectadores. Ainda segundo os mesmos autores, considerar o entrevistado como colaborador exige o reconhecimento de que estamos lidando com matéria e subjetividade vivas, o que implica uma atitude ética na relação entrevistador/colaborador e fidelidade ao que é dito.

A abordagem metodológica aqui empregada fundamenta-se na aplicação de questionários com perguntas abertas. Esta escolha se justifica pela necessidade de entrevistar

³⁷ **Jus Brasil.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/documentos/2569780889/lei-n-14900-24-06-2024-do-dou>. Acesso em: 01 jul. 2024.

uma pessoa que se encontrava em outro estado e pela dificuldade de agendar entrevistas presenciais com os demais entrevistados devido ao período do Festival de Quadrilhas. Os entrevistados selecionados incluem antigos e atuais organizadores do festival e uma “puxadora” de quadrilha.

Para reconstruir a narrativa do festival de quadrilhas em Euclides da Cunha, entrevistamos três agentes sociais da comunidade local: Ronaldo Campos³⁸, Mauriza Ribeiro Cândida³⁹ e Alfredo de Lima Silva Júnior⁴⁰. O nosso propósito com essas entrevistas é identificar padrões e capturar diferentes perspectivas sobre o festival. Em nosso ponto de vista, essa abordagem apresenta várias vantagens que podem enriquecer a nossa análise e compreensão sobre o evento.

A opção de entrevistar o professor Ronaldo Campos se justifica pela sua significativa trajetória como um dos fundadores do Festival de Quadrilhas em Euclides da Cunha e por seu papel como diretor de cultura durante o período de 2009 a 2016, quando o festival passou por um período de consolidação.

O processo de entrevistas, especialmente com os atuais organizadores do festival de quadrilha, não foi nada fácil. Desde meados de abril tentamos entrar em contato com dois membros da organização, mas sem sucesso. Durante esse período, os organizadores estavam envolvidos com a apresentação teatral “A Paixão de Cristo”, uma produção que já se tornou tradição na Sexta-Feira Santa da comunidade. Após várias tentativas sem resposta, em 6 de junho protocolamos um questionário com 13 perguntas abertas no Gabinete de Cultura da Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha, destinado à organização do evento. No entanto, só obtivemos resposta em 29 de junho de 2024, devido ao envolvimento dos organizadores na realização do festival.

A escolha de Mauriza se justifica por seu longo engajamento social e cultural na comunidade onde reside. Atuando como professora e quadrilheira há mais de 20 anos, ela proporciona uma perspectiva singular. Além disso, o nosso interesse em explorar a visão de uma mulher sertaneja de uma comunidade rural sobre o festival de quadrilha pode enriquecer significativamente essa pesquisa. Enviamos o questionário para esta entrevistada em 09 de junho de 2024 e obtivemos a resposta vinte dias depois.

³⁸ Professor, gerente administrativo e ex-diretor de cultura de Euclides, 57 anos, natural de Gandu, Bahia, vive em Euclides da Cunha desde os oito anos de idade e, por isso, se considera um euclidense nato.

³⁹ Natural de Euclides da Cunha, professora do Ensino Fundamental em uma comunidade rural do município (Carnaíba), 54 anos e quadrilheira há mais de 20 anos.

⁴⁰ Representante Territorial de Cultura, Semiárido Nordeste II – SECULT/BA, ex-diretor de cultura do município de Euclides da Cunha. Natural de Serrinha-Bahia, reside em Euclides da Cunha há mais de 20 anos.

Em 10 de junho de 2024, enviamos um questionário para o professor Ronaldo Campos que, embora resida em Euclides da Cunha, no momento da entrevista se encontrava em São Paulo realizando um curso. Ele respondeu o questionário através de áudios pelo WhatsApp que posteriormente foram reproduzidos e transcritos. Ronaldo Campos, atuando como gestor escolar, participou das discussões iniciais sobre a criação do festival de quadrilhas em Euclides da Cunha. De acordo com ele, a ideia surgiu no início do ano letivo de 2001, durante uma reunião de gestores escolares com a secretaria de educação da época. O objetivo dessa proposta era integrar as escolas da sede com as dos povoados através da cultura representada em um festival de quadrilhas. Essa perspectiva está alinhada com a declaração da nossa segunda entrevistada, Mauriza Cândida, que sobre o assunto mencionou

O festival de quadrilhas juninas foi criado no ano de 2001, no 2º mandato do prefeito Renato Campos, com o objetivo de estruturar e incentivar os grupos quadrilheiros já existentes que movimentavam a cultura junina no município. O projeto se intitulava “Forró Quentão” e era organizado pela Secretaria Municipal de Educação, através da pasta da Cultura, que engajava as comunidades quadrilheiras da sede do município e da zona rural (Cândida, 2024).

A proposta era organizar uma quadrilha de cada povoado, mas inicialmente as maiores comunidades e escolas da sede do município que deviam participar. Cada quadrilha escolhia um tema e desenvolvia um enredo em torno dele. Os temas poderiam ser relacionados ao sertão, à cultura local ou inspirados em músicas, obras literárias ou artistas, como Luiz Gonzaga, entre outros. O festival começava no mês de maio, em cada fim de semana acontecia a competição em um povoado diferente e a final seria na sede do município no período da festa de São João, dinâmica mantida até os dias de hoje. De acordo com o nosso entrevistado, Alfredo Júnior,

A circulação do festival pelas comunidades do interior trouxe um movimento significativo de economia criativa nas localidades. Hoje, além de dinamizar a economia local, o festival tem como seu maior trunfo a fomentação cultural em grande escala, promovendo arte e educação de maneira incisiva (Silva Jr., 2024).

A proposta foi bem aceita entre os participantes, porém logo surgiram os questionamentos de alguns gestores escolares sobre o financiamento do projeto, como transportes para conduzir os participantes para outras comunidades, figurinos, entre outros gastos, uma vez que muitos alunos não tinham condições de arcar com essas despesas. Com esses questionamentos, a secretaria de educação da época se comprometeu a disponibilizar o transporte para todas as comunidades que iriam participar, além disso ficou acertada uma ajuda de custo para comprar a chita para a confecção das vestimentas e a compra das sandálias de couro.

E assim nasceu o Festival de Quadrilhas, um dos projetos mais tradicionais das festas juninas em Euclides da Cunha, Bahia. Segundo Ronaldo Campos (2024), “[...] no primeiro ano, as apresentações já foram bem interessantes e cada ano que se passava o festival ficava muito mais interessante ainda”. Ano após ano, o objetivo de unir as comunidades rurais, tanto a sede quanto os povoados, foi se consolidando. Essa conexão se desenvolveu naturalmente e, apesar da competição, a juventude se integrava e os professores interagiam de forma mais eficaz. Nas palavras de Ronaldo,

As quadrilhas dessa época eram bem tradicionais, era a chita, a sandália de couro, o chapéu de palha e de couro. As quadrilhas eram bem nordestinas, bem catingueiras, era o vestido de chita, a sandália de couro, os homens com as calças remendadas, era bem gostoso aquilo ali, era emocionante (Campos, 2024).

O olhar do nosso entrevistado sobre o passado ao descrever as quadrilhas como “bem nordestinas” e “bem catingueiras” sugere uma forte conexão com a identidade regional e cultural da região Nordeste/Sertão. Essa perspectiva nos leva a refletir sobre as mudanças e permanências presentes nesta festividade. As vestimentas descritas, como vestidos de chita e calças remendadas, sandálias de couro e chapéus de palha, não são apenas funcionais, mas carregam um significado simbólico profundo. Elas podem representar valores como simplicidade, autenticidade e resistência cultural, especialmente considerando que muitas vezes eram feitas de materiais acessíveis e disponíveis na região.

Com o passar dos anos, o festival foi se fortalecendo e ganhando identidade própria. Em 2009, o nosso entrevistado, Ronaldo Campos assumiu o cargo de diretor de cultura e começou a acompanhar o festival mais de perto. Nesse ano, os organizadores iniciaram discussões com os representantes das quadrilhas para escolher um nome para o evento. Após diversas sugestões e debates, o festival foi batizado como *Forró Quentão*⁴¹. Nesse período, o festival foi crescendo e ganhou destaque inclusive no programa Bahia Rural⁴², no quadro destaque da semana.

O tema de cada quadrilha era interessantíssimo e a gente só sabia no dia da primeira apresentação, cada qual com seu tema diferente. Uma homenageando Luiz Gonzaga, outra Nossa Senhora, outra homenageando o sertanejo, outra o sanfoneiro. Então cada quadrilha tinha seu tema. E era um tema muito bem estudado, muito bem trabalhado (Campos, 2024).

A análise do trecho revela que as quadrilhas juninas são mais do que simples apresentações de dança, mas um meio de educar, preservar e transmitir valores culturais. Elas são manifestações ricas e complexas da cultura brasileira, integrando elementos históricos,

⁴¹ Sugestão da professora da rede municipal, Rejane Canário.

⁴² Globoplay. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5102103/>. Acesso em: 28 jun.2024.

religiosos e regionais. A preparação e a execução desses temas reforçam o senso de comunidade, pertencimento e identidade regional. Além disso, contribui para a preservação e a promoção da identidade cultural das comunidades, celebrando suas raízes e tradições de maneira vibrante e envolvente.

A comunidade se encantava com as apresentações das quadrilhas, um momento que muitos familiares esperavam para acompanhar seus filhos durante o período de competição. Nas comunidades que recebiam o festival, a chegada do evento era motivo de grande festa. O comércio local se beneficiava significativamente, vendendo uma variedade de comidas típicas, como maçãs do amor e bebidas tradicionais, o que impulsionava a economia local e criava um ambiente festivo e acolhedor para todos os participantes e visitantes. Na visão da professora Mauriza,

O projeto Forró Quentão objetivava estruturar a movimentação das quadrilhas juninas existentes, levando os festejos juninos para todas as localidades do município envolvidas no projeto, através da caravana da alegria, bem como incentivava a permanência dos grupos de quadrilhas instituídos e a formação de novos grupos quadrilheiros, na sede e nos povoados, para fortalecimento e valorização da cultura junina (Cândida, 2024).

Figura 11 – Forró Quentão, 2016.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Z3qzlrO2XUg>. Acesso em: 28 jun. 2024.

Com o passar dos anos, a adesão ao festival foi diminuindo, muitos povoados deixaram o festival, pois as quadrilhas se tornaram cada vez mais estilizadas e os custos aumentaram significativamente. Embora haja ajuda de custo por meio de recursos públicos, muitas

comunidades não têm condições de arcar com as despesas para competir. Nas palavras da professora Mauriza,

Conforme o festival foi se difundindo, as quadrilhas juninas foram sofrendo influências de quadrilhas de outras regiões e passaram por processos de mudanças, no que se refere ao conjunto de organização das juninas, perdendo as características do tradicional e se tornando quadrilhas estilizadas, com muitas coreografias, glamour e brilhos nos figurinos e acessórios. Enquanto que permanece a tradição do festival e a dança em pares (Cândida, 2024).

Na visão do nosso entrevistado Alfredo Junior,

Hoje, observa-se que as quadrilhas juninas de Euclides da Cunha seguem uma tendência muito forte influenciada pelo teatro de revista e pelos grandes musicais. Euclides da Cunha é uma cidade com uma rica tradição teatral, e essas quadrilhas emergem a partir da construção dos festivais de teatro dos anos 2000 e do fortalecimento das fanfarras (Silva Jr.,2024).

Podemos observar que nossos entrevistados destacam a evolução das quadrilhas juninas, elemento central das festas juninas no Brasil, em Euclides da Cunha e como essas têm se transformado ao longo do tempo. Essa transformação ocorre especialmente devido à troca de influências entre diferentes regiões e às apresentações mais teatralizadas e elaboradas. As falas evidenciam a dualidade entre tradição e modernidade nas quadrilhas juninas, refletindo tanto as tradições locais quanto às influências externas. No entanto, embora essas mudanças tenham criado uma versão estilizada das quadrilhas, a tradição subjacente do festival e da dança em pares continua sendo uma constante. Essa evolução demonstra a capacidade das manifestações culturais de se adaptarem e se reinventarem, mantendo-se vivas e relevantes ao longo do tempo.

Nos últimos anos, o festival de quadrilhas deixou de ser vinculado às escolas, agora são grupos independentes que representam comunidades rurais/povoados e bairros da cidade. As escolas da rede municipal de ensino continuam a apresentar suas quadrilhas, mas agora essas apresentações não são mais uma competição. O foco passou a ser uma celebração cultural e o envolvimento comunitário, permitindo que os alunos aproveitem a tradição sem a pressão dos altos custos e da competição acirrada. Isso incentiva a participação de mais escolas e comunidades, valorizando a cultura local e promovendo a integração entre os participantes.

Figura 12 – Apresentação de quadrilhas das escolas municipais de Euclides da Cunha, Bahia, 2024



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Desde 2017, o nome do festival foi alterado para *Folia Sertaneja*. Segundo o nosso entrevistado, Alfredo Júnior, “O nome foi alterado de *Forró Quentão*, devido ao seu apelo alcoólico, para *Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja*” (Silva Jr.,2024). As juninas de maior tradição são: *Arrox o Nô* (Distrito de Caimbê), Carcará do Sertão (Bairro Duda Macário/sede), *Caipiras Aloprados* (Distrito de Aribicé), *Encantus* (Bairro Nova América/sede), *Luar do Sertão* (Bairro Nova América/sede) e *Raízes do Sertão* (Bairro Populares/sede). A quadrilha *Chamego Sertanejo*, do Distrito de Carnaíba, pioneira nesse movimento quadrilheiro, participou do projeto até o ano de 2017 e ainda sonha em voltar a competir.

Em 2024, apenas cinco quadrilhas juninas participaram do *Festival Folia Sertaneja*: Arrox o Nô, Carcará do Sertão, Caipiras Aloprados, Encantus e Luar do Sertão. A quadrilha Caipiras Aloprados, do Distrito de Aribicé, conquistou o 1º lugar com o tema: “*Alegria: a vida é uma festa*”. Inspirada na arte do picadeiro, a Caipiras Aloprados levou a magia do circo para a praça e encantou o público e os jurados, vencendo em 9 dos 12 quesitos avaliados. Esta vitória marca o primeiro título da Caipiras Aloprados no Festival de Quadrilhas Juninas, organizado pela Prefeitura de Euclides da Cunha.

Figura 13 – Caipiras Aloprados, vencedores do Folia Sertaneja 2024.



Fonte: Blog Lazaro Medeiros. Disponível em: <https://lazaramedeiros.com.br/slideshow/renato-aragao-e-homenageado-em-quadrilha-junina-na-bahia/> . Acesso em: 28 jun. 2024.

Além de celebrar a magia do circo, a campeã homenageou grandes ícones do humor, como Renato Aragão, Chaplin, Grande Otelo e Mazzaropi, artistas que dedicaram suas carreiras a trazer alegria ao público. A quadrilha também prestou uma homenagem especial ao eterno ator euclidense Nielson dos Anjos, destacando sua significativa contribuição para a cultura local. Nielson dos Anjos foi memoravelmente representado no papel do noivo por Matheus Oxumaré, adicionando um toque emocional e nostálgico às apresentações. As juninas, Arroxé o Nó e Carcará do Sertão conquistaram o segundo e terceiro lugar, respectivamente.

Figura 14 – Cartaz do festival Folia Sertaneja 2024.



Fonte: Página do Instagram @prefeituraeuclides. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C77D5-WxWxW/> . Acesso em: 03 jul. 2024.

De acordo com o nosso entrevistado Alfredo Junior, um dos atuais organizadores do festival, o *Regulamento do Folia Sertaneja de Euclides da Cunha* destaca a elevada importância da preservação das músicas tradicionais juninas e do engajamento dos folguedos populares das comunidades rurais e da sede. O regulamento valoriza as famílias e suas memórias, promovendo a continuidade das tradições culturais que fortalecem a identidade local. Isso celebra a riqueza do patrimônio imaterial e perpetua as vivências e os costumes que moldam a história e a alma da região.

Entre os critérios estabelecidos no regulamento, destaca-se a exigência de que 90% dos artistas sejam residentes no município. Os coletivos devem incluir, no mínimo, a participação de 14 casais e se apresentar tanto nas localidades do interior quanto na sede, conforme determinado pela comissão gestora. Além disso, é requerido que os “brincantes” tenham no mínimo 16 anos, garantindo a inclusão e o engajamento dos jovens nas tradições culturais.

Ainda segundo Alfredo Júnior, a organização do *Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja de Euclides da Cunha* envolve uma equipe diversificada, incluindo artistas, produtores, profissionais liberais, motoristas, seguranças, profissionais de saúde – enfermeiros, médicos e psicólogos –, eletricistas, profissionais da educação e membros da comunidade. Segundo ele, planejar um evento dessa magnitude apresenta vários desafios logísticos, como a contratação de toldos para oferecer proteção e conforto aos participantes e espectadores, suporte técnico operacional para a operação de mais de 16 ônibus para o transporte das quadrilhas juninas, além da disponibilização de veículos para a locomoção dos jurados e da comissão organizadora, e a instalação de equipamentos, incluindo a montagem do palco, sistema de som e iluminação. Além disso, é fundamental gerenciar os espaços para garantir uma acomodação segura e confortável para todos, proporcionando uma experiência enriquecedora e imersiva. Atualmente, o custo aproximado para a realização do festival é de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) cobertos por recursos próprios. No futuro, o objetivo é desenvolver uma organização sistemática para buscar melhores financiamentos por meio de instituições municipais, estaduais e federais.

Em relação às percepções dos entrevistados sobre as mudanças e transformações das festas juninas nos últimos anos, todos expressaram preocupações quanto à preservação das tradições autênticas, observando que, em alguns casos, essas mudanças podem diluir as características culturais que definem a essência das festas juninas. Sobre essa questão, comentaram

Tenho percebido que as tradições das festas juninas têm passado por mudanças nos últimos anos. As festas de São João aquecem a economia de muitas cidades nordestinas. Grandes palcos de festas, que movimentam milhões, são espaços disputados. Artistas locais e tradições como as quadrilhas que representam o símbolo das festas juninas, atualmente reconhecidas como manifestação da cultura nacional, e a cultura do forró vêm perdendo espaço para atrações como cantores sertanejos. Em nome da evolução dessas festividades, muito tem se perdido dos elementos tradicionais das festas juninas, o que poderá levar ao enfraquecimento da cultural de identidade do povo nordestino e a customização das tradições juninas (Cândida, 2024).

As festas juninas do interior se tornaram um grande palco para a apresentação de artistas nacionais de grande porte, atraindo um público significativo. No entanto, é fundamental que os gestores municipais entendam que, além de trazer público, esses artistas não são a única razão pela qual os turistas se lembram do evento. O que realmente deixa uma marca duradoura na memória dos visitantes são os registros culturais e as tradições locais do município. Portanto, para maximizar o impacto das festas juninas, é necessário equilibrar a presença de grandes shows com a promoção de feiras e exposições culturais que destaque o folclore local e a história da cidade. Essas atividades podem incluir apresentações de quadrilhas, exposições de artesanato e culinária típica, e workshops culturais. Essa abordagem garantirá que as festas juninas não sejam apenas um evento de entretenimento, mas também uma celebração da cultura local que enriqueça a experiência dos turistas e fortaleça a identidade cultural da cidade (Silva Jr., 2024).

As falas nos revelam uma necessidade urgente de refletir sobre o equilíbrio entre tradição e inovação. As mudanças nas festas juninas ocorrem dentro de um contexto mais amplo de globalização, em que a cultura popular tende a se homogeneizar. A valorização de outros estilos musicais em detrimento do forró raiz, por exemplo, é um sintoma dessa transformação, podendo resultar na diluição da identidade cultural nordestina/sertaneja. Isso pode levar à perda de singularidade nas expressões culturais locais, criando uma tensão entre a inovação e a preservação da tradição.

Nesse sentido, a necessidade de equilibrar a presença de artistas renomados com a valorização das tradições locais se tornou evidente. O foco excessivo em grandes shows pode levar à perda de autenticidade e à desconexão com a cultura local, enquanto uma abordagem mais equilibrada enriquece a experiência e fortalece a identidade cultural.

Portanto, as festas juninas devem ser vistas como uma oportunidade para celebrar e preservar a cultura local, criando um espaço onde tradição e modernidade possam coexistir. O engajamento dos gestores municipais é fundamental para garantir que essas celebrações continuem a ser relevantes e significativas, tanto para os turistas quanto para a comunidade local. Assim, um planejamento cuidadoso que priorize o equilíbrio entre shows e atividades culturais é essencial para o sucesso e a preservação das festas juninas.

3.5 VOZES DO SERTÃO EUCLIDENSE: PERCEPÇÕES SOBRE A SERTANIDADE E A FESTA DE SÃO JOÃO

Nesta seção, analisaremos quatro entrevistas realizadas com artistas locais cujas trajetórias estão diretamente ligadas ao tema central da nossa pesquisa. Os entrevistados são: o cantor e compositor Chico D’Oliveira⁴³, figura renomada na região; o sanfoneiro Ivan do Nascimento, conhecido popularmente como Vaninho San⁴⁴; a multiartista Melissa Bonfim,⁴⁵ conhecida como Mel do Cumbe; e o cordelista Inamar Coelho⁴⁶.

A escolha desses artistas se justifica pela relevância de suas atuações culturais na comunidade e pela representatividade que possuem em relação aos elementos presentes na pesquisa, como o forró, a sanfona e o cordel. Nossa objetivo é compreender as percepções desses artistas sobre a sertanidade euclidense, investigando suas visões sobre a cultura local, especialmente a festa de São João, e a maneira como se relacionam com o sertão e como percebem sua realidade. Buscamos também explorar o papel das tradições e manifestações culturais na construção e preservação da identidade local.

José Francisco de Oliveira, mais conhecido como Chico D’Oliveira, é cantor, compositor e professor aposentado. Nascido em Euclides da Cunha, hoje com 64 anos, carrega uma rica herança musical em sua trajetória. Vindo de uma família de músicos, Chico teve como principais inspirações seus tios e irmãos mais velhos, que também se dedicavam à arte. Apelidado de “Rei da Folia”, ele iniciou sua jornada musical ainda criança, participando de competições de calouros.

Aos 14 anos, começou a tocar bateria e, no ano seguinte, já integrava uma banda. Contudo, foi como cantor que encontrou sua verdadeira paixão. Aos 17 anos, deu início à sua carreira profissional, despertando o desejo de gravar seu primeiro disco. Sobre essa fase, ele relembra: “O sonho de todo mundo que canta é gravar um disco. Naquele tempo, era muito difícil gravar. E eu consegui realizar esse sonho”. A trajetória de Chico D’Oliveira é marcada pela dedicação à música e pelo talento que o consolidou como uma figura relevante na cultura local e regional.

O Rei da Folia possui um repertório impressionante, com 9 CDs e 1 DVD gravados. Reconhecido por sua versatilidade, ele transita entre seresta, MPB e, principalmente, sua grande paixão, o forró. Chico se tornou uma figura simbólica do Arraiá do Cumbe, sendo um dos

⁴³ Entrevista gravada concedida em 30 de agosto de 2024.

⁴⁴ Entrevista gravada concedida em 22 de outubro de 2024.

⁴⁵ Entrevista escrita concedida em 26 de setembro de 2024.

⁴⁶ Entrevista escrita concedida 21 de outubro de 2024.

poucos, senão o único, a participar de todas as edições. Autor de diversos sucessos, suas composições de forró se destacam por incorporarem elementos da cultura local, como em “Cuscuz Temperado”, “Pega o Bode”, “Arraiá do Cumbe” e “Rei da Folia”. Ele explica: “Pegamos as músicas e adicionamos nossa riqueza cultural”. Com um olhar atento à valorização regional, Chico reforça: “Tenho essa preocupação de compor músicas de forró pensando na nossa região”.

Quando questionado sobre a relevância do forró nas festas juninas e a crescente presença de outros ritmos nos últimos anos, Chico D’Oliveira afirmou: “Eu sempre cantei forró, porque acredito que a festa junina deve ser com forró”. Em outro momento, destacou: “Meu repertório é composto 70% de arrasta-pé, e o restante contempla outros estilos, mas tudo dentro do universo do forró”. Enfatizando sua posição, declarou: “Na minha visão, o São João, em sua essência, deveria ter o forró como protagonista, de preferência o forró autêntico. Essa é a minha opinião”.

A fala do entrevistado reflete um posicionamento claro em defesa da valorização do forró como elemento central das festas juninas e reforça o vínculo histórico e cultural entre o forró e as celebrações juninas, destacando que este ritmo é uma das principais expressões da identidade nordestina/sertaneja, durante esse período. Ele ainda destacou a relevância de preservar a tradição nordestina ao afirmar:

Acho que é muito importante não deixar morrer esse tipo de cultura, que representa a riqueza do nosso povo, nordestino. O forró é, sem dúvida, a maior expressão cultural que temos no Nordeste, principalmente aqui na Bahia, e em especial em Euclides da Cunha, com o nosso querido Arraiá do Cumbe (Oliveira, 2024).

O entrevistado destaca a necessidade de preservar tradições como o forró em um mundo cada vez mais globalizado, alertando para o risco do apagamento cultural devido à massificação e à popularidade de gêneros externos. Ele reforça a importância de políticas culturais que valorizem o forró como patrimônio brasileiro, especialmente nas festas juninas, garantindo sua continuidade e autenticidade. Sobre a presença de outros ritmos nas festas de São João, ele saiu, mais uma vez, em defesa do forró ao dizer:

Tem um carnaval aí que forrozeiro não tem vez. Tem uma festa lá de Barretos, sei lá onde, que forrozeiro não tem vez. Aí chega o São João, a festa junina, aí quem tem vez são as pessoas que não tem nada a ver com forró. Nada (Oliveira, 2024).

Dito isto, ele reforçou a força e a resistência do gênero ao afirmar:

Mas o forró é uma coisa que não vai morrer nunca, mesmo que tentem matar, como diz o outro, mas porque é aquela coisa, sabe? Está no sangue e tudo mais. E, muitas

vezes, pode entrar nisso aí um lado mais comercial. Na indústria cultural mesmo (Oliveira, 2024).

A fala de Oliveira reflete uma preocupação cultural legítima sobre o lugar do forró no contexto das festividades de São João e, mais amplamente, no cenário musical brasileiro. Ao destacar que outros ritmos têm tomado espaço do forró nas festas de São João, ele evidencia um fenômeno de descaracterização cultural que pode ocorrer quando festas tradicionais se tornam mais comerciais e menos comprometidas com suas raízes culturais. Essa inquietação também se reflete nas declarações dos demais entrevistados.

Ivan do Nascimento, conhecido artisticamente como Vaninho Sam, nasceu em Monte Santo, cidade vizinha a Euclides da Cunha, mas vive em Euclides há 30 anos. Hoje aos 44 anos, ele nutre grande apreço por Euclides, cidade que foi fundamental em sua formação como artista e cidadão. Desde criança, ele sempre foi fascinado pela sanfona, cresceu em uma família de músicos, na qual seu avô tocava violão e seu tio-avô, sanfona. O seu primeiro contato com o som da sanfona ocorreu quando ele tinha em torno de três anos, ao ouvir seu tio-avô tocar. Como ele mesmo recorda:

Eu pequeno, ouvia ele tocando e aquele som da sanfona já me encantou. Eu fiquei muito apaixonado pelo som da sanfona. E eu não sei se é porque eu sou de família de músico, mas me despertou um grande interesse de um dia ser sanfoneiro (Nascimento, 2024).

O menino cresceu nutrido pelo sonho de se tornar um músico profissional. No entanto, para alcançar esse objetivo, precisou começar a trabalhar desde cedo. Atuou como engraxate, carregador de fretes na feira, vendia geladinhos e temperos, sempre focado em juntar dinheiro para adquirir uma sanfona. Após dois anos de esforço e dedicação, conseguiu realizar seu sonho e comprar seu primeiro acordeom, que até hoje guarda com carinho e gratidão. Sua paixão pelo instrumento era tão grande que, na sua adolescência, tentou criar uma sanfona usando tábuas e papelão, mas sua tentativa não tenha tido êxito. Ao ser questionado o que a sanfona representa em sua vida, ele respondeu:

Às vezes, quando a gente tá em momentos que todo mundo tem seus momentos meio de fragilidade, ela me fortalece, me traz energia positiva, porque quando eu pego nela e começo a produzir algumas melodias, alguns sons, aí eu esqueço de alguma coisa que possa estar me incomodando. Então a sanfona para mim é um remédio, é uma calma, é um alimento, é uma paz de espírito, é muita coisa boa (Nascimento, 2024).

Essa fala revela uma relação profundamente emocional e simbólica do sujeito com a sanfona, destacando-a como um elemento transformador e terapêutico. Essa relação está vinculada ao universo nordestino/sertanejo, em que a sanfona possui um papel central na música

popular, como o forró. Ao tocar, ele não apenas expressa sua cultura, mas também transforma uma ferramenta cultural em instrumento de cura emocional. Essa reflexão demonstra como a arte, aqui representada pela sanfona, pode ser um veículo de autoconhecimento e resiliência.

Inspirado por grandes nomes do forró, como Luís Gonzaga e Flávio José, Vaninho valoriza a importância do forró e da sanfona nas festas de São João. Para ele, “Para ser festa de São João, tem que ter forró”. Mesmo com a presença de instrumentos eletrônicos, ele acredita que o trio nordestino — sanfona, triângulo e zabumba — é essencial, e mesmo com a inclusão de outros instrumentos eletrônicos, o trio tradicional deve sempre ocupar o papel principal. Ele já está na estrada há 23 anos como músico profissional, mas antes de seguir carreira solo, passou por diversas bandas de forró, tanto locais quanto regionais. Atualmente, o artista possui 8 CDs gravados e está com planos de lançar videoclipes em 2025.

Questionado sobre as mudanças e transformações das festas de São João nos últimos anos, ele também expressou preocupação com a perda de espaço do forró e a presença crescente de outros ritmos, como a pisadinha, o arrocha e o sertanejo.

A gente fica preocupado porque você faz um investimento desse num instrumento, como a sanfona, e não tem espaço pra você tocar, você tá perdendo espaço pra outros gêneros musicais, que eu não tenho nada a ver com isso. Eu acredito que tem espaço pra todos, mas cada estilo musical na sua época, esperar a época pra ser tocado, né? Aí, chegando no meio de junho, a gente não ter esse espaço, aí a gente fica preocupado (Nascimento, 2024).

Esse tipo de fala é um alerta sobre a necessidade de políticas públicas e ações culturais que priorizem e garantam a continuidade das tradições regionais. O forró, como Patrimônio Cultural do Brasil, precisa de proteção ativa, especialmente em contextos simbólicos, como o período junino, para que as gerações futuras possam vivenciar e se conectar com esse legado.

Outra artista que contribuiu com suas percepções sobre a preservação da cultura sertaneja foi Melissa Bonfim, mais conhecida como Mel do Cumbe. Jovem mulher negra, sertaneja e multiartista, Mel é formada em Teatro pela UNEB. Nascida em São Paulo e criada em Euclides desde a infância, ela descobriu sua identidade e ancestralidade aos 15 anos, ao interpretar Maria Domingas de Jesus, sobrevivente do massacre de Canudos, no monólogo *Canudos: Memórias de Maria Domingas*. A peça retrata as vivências das mulheres canudenses durante a guerra, incluindo violência e exploração, marcando profundamente sua trajetória artística.

Com garra e doçura, Mel atua como atriz, diretora, cantora e compositora, engajada na valorização da cultura sertaneja, indígena e quilombola, além da preservação da Caatinga e da defesa dos direitos das mulheres. Sua arte conecta saberes ancestrais ao mundo contemporâneo,

refletindo seus sonhos e lutas. Durante sua graduação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), ela idealizou e fundou o “Coletivo de Mulheres Multiartistas Semi-Áridas”, projeto ao qual tem se dedicado muito atualmente. Para Mel,

O coletivo nasceu com o intuito de fomentar e fortalecer a produção feminina nos sertões, de propiciar um ajuntamento de artistas e trazer as nossas regiões uma experiência rara: espetáculos literomusicais compostos somente por mulheres onde suas narrativas, composições, dramaturgias, poesias, encenações, performances, musicalidades e etc. são valorizadas e compartilhadas encantando, tocando e propiciando uma autoidentificação com o público feminino presente (Bonfim, 2024).

A estreia oficial do Coletivo aconteceu em 2022, na Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), sob a sombra de um umbuzeiro, árvore símbolo do sertão. O grupo deu início à sua trajetória com um vídeo-performance⁴⁷ aprovada em edital, reinterpretando o hino da Bahia e exaltando as contribuições dos sertanejos e povos originários para a independência do Brasil na Bahia. Desde então, o grupo vem marcando presença em diversas cidades baianas, participando de festas e feiras literárias. Em 2024, o Coletivo conquistou espaços de destaque, como o palco do Teatro Castro Alves, em Salvador, o SESC de Petrolina (PE), e encerrou o ano com uma apresentação memorável no V Encontro Nacional de Mulheres Agricultoras do MPA⁴⁸, também em Salvador.

Melissa Bonfim, é também idealizadora e integrante da Cumbe Arte Produções, com a qual organizou diversos eventos em Euclides da Cunha, incluindo o primeiro festival literário da cidade, o FLICUMBE⁴⁹, aprovado por edital estadual em 2024. Ela também é fundadora, integrante e diretora do Coletivo Teatral CUMBE ENCENA, formado principalmente por estudantes do ensino médio da escola pública. Além disso, é artesã e possui uma loja virtual⁵⁰, onde comercializa peças feitas à mão com elementos naturais da caatinga, que ela chama de “bio – agradáveis”.

Mel é uma jovem multiartista que vive sua sertanidade de forma muito genuína e autêntica, algo que se reflete em sua personalidade, em sua forma de ser e estar no mundo e, principalmente, em sua arte. Ao ser perguntada sobre o que o sertão significa, Mel respondeu com a mesma autenticidade em que vive e expressa sua sertanidade.

⁴⁷ **YOUTUBE.** Semi-Áridas “Hino ao Dois de Julho”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SALaSfLdAEM>. Acesso em: 27 jan. 2025.

⁴⁸ Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA Brasil.

⁴⁹ **GOVERNO DA BAHIA.** Resultado final de classificação organizado por classificação e nota. Disponível em: https://www.ba.gov.br/fpc/sites/site-fpc/files/migracao_2024/arquivos/wp-content/uploads/2024/10/Resultado-FINAL-de-classificacao-organizado-por-classificacao-e-nota-2.pdf. Acesso em: 30 jan. 2025.

⁵⁰ **Instagram.** Arte de Fulô. Disponível em: <https://www.instagram.com/artedafulo/>. Acesso em: 27 de jan. 2025.

Sertão pra mim é casa, quilombo, aldeia...é um lugar no Nordeste brasileiro (frisando o meu lugar de fala), que integra a região semiárida e é muito mais do que seca, fome e pobreza.

Cresci embrenhada na caatinga e impressionada com a fartura e buniteza dos sertões. Entretanto, sempre me pegava contrariada pelas narrativas estereotipadas do meu lugar, que eram reforçadas até por mim e pelos meus conterrâneos, e que sempre nos colocavam em posições de “coitados”, “extremamente resistentes”, “desprovidos de inteligência” e “empobrecidos” (Bonfim, 2024).

As descrições do sertão como lugar de “coitados”, “resistentes” ou “empobrecidos”, mencionados por Mel, refletem estereótipos historicamente construídos. Essas narrativas têm raízes em processos coloniais, na literatura regionalista e nas representações midiáticas, que muitas vezes pintam o sertão de forma reducionista, ignorando suas riquezas culturais, econômicas e ecológicas. Reconhecer a beleza, a fartura e a resiliência do sertão em sua complexidade é um ato político e cultural. Essa postura tem potencial para inspirar novas gerações a enxergarem o sertão como um espaço de potência e criatividade, não apenas como um lugar de privação. Mais do que desconstruir estereótipos, o desafio está em criar narrativas que refletem a realidade diversa do sertão, sempre partindo do olhar e da voz de quem vive e sente a região.

A entrevistada ainda destaca que as tecnologias modernas e a busca por padrões de vida e beleza estrangeiros têm distanciado as pessoas de sua realidade no sertão. Além disso, aponta a falta de engajamento da sociedade sertaneja em valorizar os privilégios de pertencer a esse lugar, algo que reflete a ausência de políticas públicas voltadas para o fortalecimento dessa identidade. No entanto, ela observa um aumento na valorização de grupos sociais, suas produções e costumes, ainda que, muitas vezes, motivado por uma tendência passageira, o que para ela, pode gerar efeitos positivos. Segundo Mel, iniciativas artísticas e literárias também têm desempenhado um papel importante no fortalecimento do sentimento de pertencimento ao sertão. Sobre o seu fazer artístico, disse,

Eu sempre busco trazer o forró, coco, elementos nordestinos, ritmos nordestinos para os palcos, assim como poesias, enfim, que questionem esse lugar e que façam com que as pessoas, a plateia, as pessoas que estão assistindo, tendo contato com o meu trabalho, com a minha arte, com o meu ser, possam se questionar sobre os seus papéis sociais e, sobretudo, sobre como a gente precisa olhar para trás para poder seguir, sobre valorizar e estar em contato com a nossa ancestralidade (Bonfim, 2024).

Inamar Santos Coelho, natural de Euclides da Cunha, tem 50 anos, é formado em Letras pela UNEB e atua como servidor público na Secretaria Municipal de Educação em Euclides da Cunha – BA. Sua trajetória no universo do cordel começou em 2007, durante a licenciatura, quando precisou criar um cordel para uma apresentação acadêmica, incentivado por uma colega de turma. Contudo seu primeiro contato com esse gênero literário ocorreu bem antes, na

adolescência, nos anos 1980, ao ler o clássico *As proezas de João Grilo*. Desde então, além de apreciar e buscar a leitura de cordéis, dedica-se também à sua produção.

Quando questionado sobre o que o cordel representa para ele e para a cultura brasileira em especial a cultura nordestina e sertaneja, respondeu:

A Literatura de Cordel, embora por muito tempo preterida pelo cânone da Literatura Brasileira, sobrevive ao descaso e resiste ao tempo sendo fiel à tradição e ao modelo vindo da Europa. Para mim é a mais alta representação da Cultura Nordestina, não à toa foi reconhecida Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN em 2018. A Literatura de Cordel influencia o Cinema, a TV em séries e novelas, a cultura sertaneja, reforçando a tradição e reavivando a memória do nosso povo (Coelho, 2024).

Inamar Coelho escreve cordéis de forma espontânea, aproveitando os momentos disponíveis em meio à sua rotina agitada. Seu processo criativo é motivado tanto por datas comemorativas e homenagens, quanto por temas sociais, como injustiças, política, desigualdades e preconceitos. Além disso, dedica-se a exaltar a história, a cultura e as tradições locais, com destaque para o massacre de Canudos, as manifestações culturais, a caatinga e sua rica biodiversidade.

Para definir o sertão, Inamar parafraseia Guimarães Rosa, ao dizer: “O Sertão é o mundo, é a nossa casa, é o nosso berço, e expressar esse amor é muito difícil em palavras”. Logo, ele enxerga o sertão como o cerne da identidade, um espaço de origem e significado que transcende as palavras. Entretanto, aponta como a globalização midiática, principalmente as redes sociais, televisão e cinema estrangeiro, obscurece essa conexão com a própria identidade, promovendo uma visão distorcida do sertão.

Ao ser questionado sobre o futuro do cordel diante das novas tecnologias, o entrevistado demonstrou otimismo, destacando a capacidade desse gênero de dialogar com diferentes gerações e se adaptar a novos contextos, como o ambiente digital, sem perder sua essência. Ele citou o exemplo do uso do seu blog⁵¹, que ilustra a integração do tradicional com o moderno, ampliando o alcance dessa forma de expressão. Além disso, ele ressaltou o encanto das novas gerações, que veem no cordel uma ferramenta criativa e versátil para abordar os mais diversos temas, assegurando sua continuidade e renovação.

Segundo nosso entrevistado, o cordel está profundamente conectado ao sertão e às festas juninas, representando elementos que deveriam ser pilares de nossa identidade cultural. No entanto, ele destaca que, a cada ano, essas celebrações têm suas tradições deturpadas, cedendo

⁵¹ **BLOGGER.** Cordelizando na rede. Disponível em: <https://escritos-inamar.blogspot.com/>. Acesso em: 27 de jan. 2025.

espaço a influências de culturas externas. Esse processo enfraquece significativamente o sentimento de pertencimento e a valorização da cultura sertaneja.

Para encerrar, Inamar Coelho foi convidado a deixar uma mensagem em versos para o mundo e, em forma de cordel, assim escreveu:

Vamos todos no presente
Observar o passado
Pra garantir no futuro
Um diferente legado
Com respeito ao diferente
Que o amor seja sagrado

Nesse mundo imaginado
Prevaleça a utopia
O amor e a amizade
Altruísmo e empatia
Muita Arte e Cultura
Na viva Democracia.

Com menos burocracia
Mais calma mais tolerância
Que o respeito à Tradição
Ganhe toda relevância
Sem tanta alienação
Fanatismo e ignorância

Nessa nova circunstância
Não exista ditadura
Menos armas e mais livros
Menos telas mais leitura
Os humanos irmanados
Pela paz, pela cultura.

(Inamar Coelho, 2024)

As entrevistas desempenharam um papel fundamental na pesquisa, proporcionando à autora uma compreensão mais ampla da realidade sociocultural local. Esse aprofundamento enriqueceu as discussões realizadas nas aulas-oficinas, estabelecendo uma conexão significativa entre os temas abordados, os conceitos explorados e as experiências culturais dos alunos. Assim, entrevistas dessa natureza têm o potencial de fortalecer a aprendizagem histórica, especialmente ao abordar temas como o sertão, o São João e o cordel, além de promover a valorização e a disseminação do patrimônio cultural da região.

4 APLICAÇÃO DE AULAS-OFCINAS E REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM HISTÓRICA ATRAVÉS DA PRODUÇÃO DE CORDEL

4.1 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA

No campo da Educação Histórica, ensinar e aprender História vai além da simples transmissão de conteúdos substantivos. Na perspectiva de Rüsen (2011), esse processo envolve o desenvolvimento da aprendizagem histórica, bem como a formação da consciência histórica, que se manifesta na compreensão crítica das relações temporais e na capacidade de interpretar o passado, compreender o presente e projetar o futuro. Esse foco é fundamental para entender os processos cognitivos que ela desencadeia, permitindo que tanto a pesquisa acadêmica quanto a prática pedagógica sejam conduzidas com base em questões ligadas à vida prática e às demandas da sociedade.

Nessa perspectiva, Isabel Barca (2012, p. 37) identifica como um princípio fundamental da Educação Histórica: a integração entre teoria e prática. Esse princípio incentiva o ensino de história a partir de investigações e abordagens fundamentadas em experiências empíricas. Além disso, conforme Barca (2004, p. 134), essa abordagem promove a progressão gradual do conhecimento histórico, favorecendo o desenvolvimento de competências históricas essenciais no processo de ensino e aprendizagem.

No livro *Jörn Rüsen e o Ensino de História*, organizado pelas pesquisadoras Maria Auxiliadora Schmidt, Tânia Braga Garcia e Isabel Barca, destaca-se a importância de que a aprendizagem histórica seja significativa para os jovens, contribuindo para um entendimento mais amplo e profundo da vida (p. 11). As autoras defendem, logo na introdução, que tanto crianças quanto jovens podem desenvolver ideias históricas que, ao longo do tempo, tornam-se progressivamente mais sofisticadas em relação à natureza do conhecimento histórico.

Para Rüsen (2011, p.16), “A consciência histórica será algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no quotidiano”. Nesse contexto, a consciência histórica permite que os alunos se reconheçam como agentes ativos em um processo contínuo de transformações. Essa perspectiva crítica amplia sua capacidade de interpretar eventos sob diferentes ângulos, favorecendo uma análise mais aprofundada e um julgamento mais fundamentado.

Para promover o desenvolvimento da aprendizagem histórica entre os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental no Colégio José Aras, na rede municipal de Euclides da Cunha,

adotamos uma estratégia pedagógica que pode potencializar o ensino de História, despertar a consciência histórica dos estudantes e tornar as aulas mais significativas. Essa estratégia são as aulas-oficinas, conforme propostas por Barca (2004). As aulas-oficinas proporcionam aos alunos experiências práticas que vão além da mera transmissão de conteúdo, permitindo a construção de uma consciência histórica crítica, criativa e voltada para uma reflexão das relações temporais.

Segundo Barca (2004), nas aulas em formato de oficinas, o aluno assume o papel de protagonista em sua própria formação, trazendo consigo ideias prévias e experiências variadas. Já o professor é concebido como um investigador social e responsável por organizar atividades que promovam a problematização. Para a autora, esse processo possibilita o desenvolvimento de três instrumentalizações fundamentais no ensino de História: a interpretação de fontes, a compreensão contextualizada dos acontecimentos e a comunicação eficiente.

Em nossa proposta de aulas-oficinas, abordamos temas relacionados ao sertão, à sertanidade e à cultura sertaneja, com especial destaque para a festa de São João. Durante os encontros, os alunos foram estimulados a refletir sobre suas vivências e formas de ser e estar no mundo, atribuindo significado histórico à sua realidade. As oficinas resultaram na criação de cordéis, uma forma de arte que, em nossa visão, é pouco explorada nas salas de aula, apesar de sua imensa riqueza, poética e histórica. Sobre o uso do cordel nas aulas de História, Maria Ângela de Faria Grillo afirma que,

A literatura de cordel pode ser trazida para a sala de aula como uma linguagem alternativa para o estudo da história. Ao relatarem os acontecimentos de um determinado lugar num determinado período, os folhetos se transformam em memória, em registro e em documento (Grillo, 2003. P 117).

Nesse contexto, utilizamos a produção de cordéis como uma estratégia pedagógica no ensino de História, com o objetivo de explorar a identidade sertaneja e a celebração da festa de São João em Euclides da Cunha, na Bahia. Essa abordagem está alinhada à terceira competência geral da BNCC (Brasil, 2018), que propõe a valorização do repertório cultural dos educandos, incentivando a apreciação e participação em diversas manifestações artísticas e culturais, desde as locais até as globais, além de promover a inserção em práticas diversificadas de produção artístico-cultural.

Essa prática proporcionou aos alunos uma reflexão mais próxima da sua realidade, utilizando uma linguagem acessível e estreitamente conectada ao seu cotidiano e à sua cultura, como podemos observar nas aulas-oficinas descritas ao longo desta seção. Assim, a produção de cordéis teve como propósito não apenas promover a aprendizagem histórica, mas também

servir como um instrumento de engajamento com a cultura popular, estímulo à criatividade e fortalecimento da consciência histórica.

A proposta foi implementada em duas turmas do 9º ano, turno matutino, no Colégio José Aras, pertencente à rede municipal de ensino de Euclides da Cunha. As atividades foram realizadas nas turmas A e B. Inicialmente, o planejamento previa a aplicação do projeto em uma turma do turno matutino e outra do vespertino; contudo, essa organização não foi viabilizada devido à indisponibilidade de horários para a execução das ações previstas.

A nossa proposta apresenta uma abordagem interdisciplinar, contudo, na prática, isso não foi plenamente concretizado. Durante o período de aplicação das oficinas, a escola estava envolvida em outro projeto pedagógico intitulado *Literart*, o que dificultou a parceria com os demais colegas para a implementação total da proposta. Conseguimos, no entanto, contar com as aulas cedidas pelas disciplinas de Língua Portuguesa, História, Artes e Geografia para a aplicação do projeto. Destacamos, também, a contribuição da professora de Língua Portuguesa, Valdenir Lopes, que, atuando no momento no apoio pedagógico, nos auxiliou na estruturação e produção dos cordéis. Reiteramos que a nossa proposta tem um caráter essencialmente interdisciplinar e acreditamos que, nos próximos anos, poderá ser ampliada, não apenas na escola onde foi aplicada, mas também em outras instituições de ensino, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação.

Realizamos cinco aulas-oficinas em cada turma durante os meses de outubro e novembro, com três horas-aula de 50 minutos cada. No entanto, a intenção é aplicar essa proposta nos meses de maio e junho, período em que as festas juninas estão em plena efervescência. As atividades foram conduzidas por meio de uma abordagem diversificada, combinando a análise de textos, imagens, vídeos, músicas e cordéis, que serviram como ponto de partida para discussões e criações dos alunos.

Ao longo desse processo, os alunos criaram desenhos, xilogravuras e cordéis que representaram o sertão e a festa de São João. Por meio dessa iniciativa, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar, de forma prática, os elementos históricos e culturais que compõem sua sertanidade, promovendo uma aprendizagem significativa acerca de sua identidade cultural. Nessa perspectiva, Grillo (2006, p.82), destaca que a literatura de cordel “[...] ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em seus vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e, especialmente, o histórico”. Assim, em nossa proposta, o cordel se apresenta como uma rica ferramenta pedagógica, capaz de estimular a aprendizagem histórica e fortalecer o sentimento de pertencimento dos alunos à sua comunidade e cultura local.

Para Santos (2018, p.34), “trabalhar o cordel nas aulas de história, surge então como uma possível alternativa de incentivar aos alunos participarem do processo de produção de um importante elemento da cultura popular nordestina”. Para o autor, essa prática pode promover o sentimento de pertencimento e o engajamento dos alunos no processo de construção de saberes históricos. Assim, aulas de história não apenas abordariam a teoria necessária, mas também favoreceriam uma participação prática e criativa, enriquecendo o aprendizado e fortalecendo o vínculo com a identidade cultural. Logo, “O cordel, seja no ensino de história ou não, por todo seu contexto, não deixa de ser também um saber histórico” (p.34).

Dessa forma, o uso do cordel nas aulas de história pode enriquecer a compreensão dos processos históricos, potencializar a aprendizagem histórica e promover um diálogo com a cultura local. Por meio da criação de cordéis sobre eventos históricos, personagens regionais e temas ligados à cultura local, os alunos têm a oportunidade de mobilizar a consciência histórica e explorar seu entorno social a partir de suas próprias perspectivas culturais. Além disso, essa prática estimula a leitura e a escrita de maneira criativa e lúdica, conectando o aprendizado teórico à vivência cotidiana, o que contribui para uma aprendizagem mais significativa.

4.2 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O Colégio José Aras está localizado na Rua Professor Pedro Monteiro Campos, nº 116, no centro de Euclides da Cunha – BA. A instituição funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, e, no ano letivo de 2024, atendeu o total de 989 alunos, distribuídos em 34 turmas do 6º ao 9º ano do ensino regular, além de oferecer a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com o maior número de alunos entre as escolas da rede municipal, é a maior instituição de ensino do município.

Fundada na década de 1970, durante a gestão do prefeito Antenor Dantas é uma das instituições de ensino mais tradicionais do município. Originalmente chamada Escola Anexa ao Educandário Oliveira Brito⁵², sua criação tinha como objetivo atender os estudantes do curso de magistério da escola Educandário Oliveira Brito (EOB), funcionando como espaço para a realização de estágios. Inicialmente, oferecia apenas o Ensino Fundamental I no turno matutino e o fundamental II no noturno, expandindo sua estrutura e atuação ao longo dos anos. Em 1997, a escola foi desmembrada do EOB e passou a se chamar Centro Educacional Euclidense. Em

⁵² Resolução CEE 1008/82 de 21/07/82.

2009, foi rebatizada como Colégio José Aras⁵³, em homenagem ao poeta local José Soares Ferreira Aras, figura de grande relevância na história local.

Figura 15 – Antiga sede do Colégio José Aras



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Segundo levantamento realizado no mês de dezembro de 2024, a equipe gestora do Colégio José Aras é composta por uma diretora e três vice-diretoras, todas nomeadas pela administração municipal. O corpo docente conta com 34 professores graduados, sendo alguns pós-graduados e mestres, além de 02 coordenadores pedagógicos. A equipe de apoio inclui 03 vigilantes, 01 secretária escolar, 02 agentes administrativos, 01 bibliotecário, 01 auxiliar de biblioteca, 08 auxiliares de serviços gerais, 03 merendeiras, 05 auxiliares de disciplina, 02 assistentes de aprendizagem, 01 professora de braile (REDA) e 01 neuro psicopedagogo (REDA), além disso, a escola disponibiliza de 01 professor de música, 01 professora de dança e teatro, ambos contratados.

Em janeiro de 2025, o Colégio José Aras foi transferido para uma nova sede devido às condições precárias de sua infraestrutura, que já não oferecia as condições necessárias para o adequado funcionamento escolar.

A nova sede do Colégio José Aras está localizada na Rua Antônio Conselheiro, no Jardim das Acáias, bairro Populares, conta com uma infraestrutura moderna e bem equipada, composta por 12 salas de aula, biblioteca, laboratório de ciências, laboratório de informática e um auditório. Além disso, dispõe de sala da direção, sala de coordenação, sala dos professores,

⁵³ A partir da Lei Municipal nº 1292, de 19 de outubro de 2009.

secretaria e três pavilhões de salas, cada um com banheiros próprios. Também disponibiliza de uma quadra poliesportiva coberta, calçadão coberto e estacionamento. A estrutura inclui ainda almoxarifado, sala para armazenamento de produtos de limpeza, cozinha com dispensa, refeitório e vestiários próximos à quadra, equipados com chuveiros, garantindo conforto e funcionalidade para todos os usuários.

Figura 16 – Nova sede do Colégio José Aras



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

O perfil dos sujeitos da pesquisa, conforme informações do diário de classe, abrange estudantes de duas turmas do 9º ano, totalizando 59 alunos, sendo 30 na turma A e 29 na turma B. Desses estudantes, 35 residem na zona urbana e 24 na zona rural. A composição por gênero é equilibrada, são 31 meninas e 28 meninos, com idades entre 14 e 17 anos. A maioria dos alunos pertence a famílias de baixa renda, sendo que 55% são beneficiários do programa Bolsa Família. Esses dados refletem a realidade socioeconômica dos estudantes e ajudam a compreender as condições em que estão inseridos, além dos possíveis desafios que enfrentam no ambiente escolar e em suas vidas cotidianas.

4.3 DISCUTINDO OS RESULTADOS DAS AULAS OFICINAS

4.3.1 Aula-oficina 1: Problematizando o conceito de sertão e sertanejo.

As discussões apresentadas nesta seção referem-se aos resultados obtidos nas aulas-oficinas implementadas nas turmas do 9º ano A e B do Colégio José Aras, turno matutino, durante os meses de outubro e novembro de 2024. Inicialmente, apresentamos a proposta das aulas-oficinas, que seriam realizadas em cinco etapas, distribuídas ao longo de três aulas subsequentes de 50 minutos, totalizando 150 minutos cada oficina.

Em seguida, foi aplicado um questionário diagnóstico composto por dez perguntas abertas, abordando temas relacionados ao sertão, bem como à cultura e identidade sertaneja. Os resultados deste questionário serão discutidos a seguir. A primeira pergunta, “O QUE É O SERTÃO PARA VOCÊ?”, gerou respostas que podem ser organizadas em três categorias principais: aquelas que definem o sertão como um espaço geográfico; as que o conceituam no contexto cultural; e, por fim, as que o percebem como um lugar marcado pela seca.

Como nossa pesquisa adota uma abordagem de natureza qualitativa, optamos por não discutir todas as respostas obtidas no questionário. Em vez disso, apresentamos uma amostra representativa dessas respostas, que, em conjunto, abrange a maioria das respostas dos alunos, conforme mostrado nos quadros a seguir. Nesta dinâmica, serão apresentadas as respostas do questionário referentes aos conhecimentos prévios coletados no primeiro dia de oficina, bem como as respostas obtidas, com o mesmo questionário, após a aplicação do projeto, na última aula-oficina. Embora, juntas, as turmas somem 59 alunos, optamos por analisar apenas os questionários dos alunos que estiveram presentes tanto na primeira quanto na última oficina, que corresponde 25 da turma A e 17 da turma B, totalizando 42 alunos.

O objetivo é avaliar a progressão na qualidade e profundidade das respostas dos alunos, considerando suas vivências, a forma como percebem sua sertanidade e o papel das tradições e manifestações culturais na construção dessa identidade. Os quadros a seguir apresentam a pergunta norteadora, a identificação dos alunos por pseudônimos para preservar sua identidade, bem como suas respostas com base nos conhecimentos prévios e após a realização das aulas-oficinas. Além disso, indicam a quantidade de respostas de outros alunos que compartilham do mesmo contexto, tanto nas considerações iniciais quanto na pós-intervenção.

Quadro 01 – Conceito de sertão

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O CONCEITO DE SERTÃO	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS AULAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS

O QUE É O SERTÃO PARA VOCÊ?	A (9º A)	“O sertão é um lugar bonito com uma diversidade de vegetação e os povoados da zona rural”.	“Para mim, é tudo aquilo que remete à nossa cultura como o São João, as comidas típicas etc”.	Considerações iniciais: 10 Pós-aplicação:07
	B (9º A)	“Para mim sertão é uma cultura cheia de histórias de festejos e tristezas”.	“Sertão para mim é um conceito complexo que traz diversidade”.	Considerações iniciais: 10 Pós-aplicação: 05
	C (9º A)	“Para mim é um lar alegre e calmo”.	É tudo aquilo que me caracteriza por ser um sertanejo e ser pertencente a essa terra”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação:06
	D (9º B)	“O sertão é uma região do nordeste”.	“O sertão para mim é um lugar no nordeste cheio de tradições”.	Considerações iniciais: 07 Pós-aplicação: 04
	E (9º B)	“O sertão para mim é ter o clima quente e seco, ar quente e plantações um pouco secas”.	“O sertão para mim é um lugar vivo, lindo e rico culturalmente”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação: 06
	F (9º B)	“Sertão para mim é quando o clima é seco e faz muito calor”.	“Sertão para mim é um lugar de cultura que vai muito além da seca”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação:04

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

A análise das respostas apresentadas no Quadro 01 sobre o conceito de “sertão” revela como os alunos interpretam e percebem esse espaço com base em seus conhecimentos prévios. Dentre as respostas examinadas, 48% enfatizam características relacionadas ao clima e à vegetação, frequentemente associadas à seca. Outros 24% vinculam o sertão à cultura, enquanto 28% o percebem unicamente como um espaço geográfico. Nessa análise inicial, percebe-se que a concepção de sertão é profundamente moldada tanto pelas vivências pessoais dos alunos quanto pelas representações historicamente construídas acerca desse espaço.

As respostas pós-aplicação das oficinas indicam que 52% dos participantes passaram a enxergar o sertão culturalmente, indo além de estereótipos como a seca e a aridez. Destacam-se termos como “diversidade”, “vivo”, “lindo” e “rico culturalmente”, que demonstram uma valorização positiva do espaço sertanejo e das suas tradições. Respostas como “vai muito além da seca” mostram que os participantes começaram a questionar narrativas reducionistas sobre

o sertão, compreendendo-o como um espaço complexo, com valores e riquezas culturais. Esse movimento reflete o processo de aprendizagem descrito por Freire (1996, p. 13), segundo o qual, “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

Quadro 02 – Sobre o sentimento de pertencimento ao sertão

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTAS PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
COMO VOCÊ SE SENTE PERTENCENTE AO SERTÃO, SE CONSIDERA SERTANEJO(A)? POR QUÊ?	G (9º A)	“Não me considero sertanejo diretamente, mas sinto uma profunda admiração pela cultura sertaneja”.	“Sim, porque eu tenho os mesmos costumes que me conectam com a cultura sertaneja”.	Considerações iniciais: 06 Pós-aplicação: 10
	H (9º A)	“Sim, o sertão é como eu citei anteriormente o sertão está presente em nossas vidas”.	“Sim, pois eu convivo com a cultura e costumes do sertão”.	Considerações iniciais: 19 Pós-aplicação: 08
	I (9º B)	“Não, porque eu não me identifico com a cultura da minha cidade apesar de achar uma cultura muito linda”.	“Não, porque não me sinto pertencente ao sertão”.	Considerações iniciais: 09 Pós-aplicação: 08
	J (9º B)	“Sim, porque eu moro no sertão e vivo como sertaneja”.	“Sim, porque eu moro no sertão e me identifico com a cultura sertaneja”.	Considerações iniciais: 06 Pós-aplicação: 14

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

Os dados apresentados revelam diferentes níveis de identificação e pertencimento à cultura sertaneja entre os estudantes, evidenciando como essa identidade é vivenciada e percebida. Antes das oficinas, 59% dos alunos demonstravam algum grau de pertencimento ao sertão, seja pelo local de residência, pelos costumes ou pela cultura. Um exemplo dessa identificação é a afirmação: *“Sim, porque moro no sertão e me identifico com a cultura sertaneja.”* Em contrapartida, 36% não se reconheciam como sertanejos. Após a realização das oficinas, o percentual de pertencimento aumentou para aproximadamente 76%, indicando um fortalecimento da conexão dos alunos com sua identidade, enquanto o percentual de não pertencimento caiu para 19%, evidenciando uma maior conscientização sobre sua própria identidade.

A transformação na resposta do aluno denominado “G” após a realização das aulas-oficinas indica que o projeto teve um impacto significativo na percepção de sua identidade cultural. No início, ele não se via como sertanejo, mas, ao vivenciar as atividades propostas, passou a perceber os vínculos culturais que o conectam à tradição sertaneja. Esse processo de valorização e reconhecimento das suas próprias práticas e costumes é reflexo da sua aprendizagem histórica e do fortalecimento do seu pertencimento cultural proporcionado pelas aulas. Essa ideia dialoga com o pensamento de Rüsén (2010, p.112) que afirma: “[...] o aprendizado histórico, inserido na dimensão da experiência, torna-se um processo de formação sempre que se desenvolve uma competência experencial específica”.

Logo, o aprendizado histórico vai além da simples memorização de fatos ou eventos; ele se insere na dimensão da experiência quando está conectado ao vivido, ao compreendido, ou ao relacionado com a realidade do indivíduo ou da coletividade.

Quadro 03 – Sobre a representação do sertanejo na sociedade

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTAS PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
COMO VOCÊ PERCEBE A REPRESENTAÇÃO DO SERTANEJO NA SOCIEDADE? VOCÊ SE SENTE REPRESENTADO(A) POR ESSA IMAGEM? COMO VOCÊ DEFINIRIA O SERTANEJO “REAL” NA SUA PERSPECTIVA?	K(9ºA)	“Eu acho que associam muito o sertão a pobreza, a fome, escassez e esquece de mostrar a verdadeira perfeição a variedade de coisas”.	“Acho que é muito representado como povo sofrido, mas vejo o sertão como cultura e diversidade”.	Considerações iniciais: 04 Pós-aplicação: 06
	B(9ºA)	“Na sociedade a definição de sertanejo é puro estereótipo. Bem, talvez não, porque o sertanejo vai muito além de só São João”.	“O sertanejo é estereotipado, não me sinto representado como uma caipira. O sertanejo é cultura”.	Considerações iniciais: 06 Pós-aplicação: 07
	L(9º A)	“A festa junina, a culinária e o acolhimento, caracteriza o sertanejo na sociedade”.	“Percebo pela sobrevivência, as festas juninas e a culinária”.	Considerações iniciais: 14 Pós-aplicação: 05
	E (9º B)	“Na sociedade representam o sertão de uma forma exagerada, eu não me sinto representada dessa forma como eles mostram. Defino o sertão pela cultura e clima”.	“Na sociedade, nas novelas, mostra-se um lugar seco, pobre e cheio de pessoas com roupas ‘características’. Eu não me sinto	Considerações iniciais: 07 Pós-aplicação: 14

			representada. O sertanejo é muito mais do que isso é cultura”.	
M(9ºB)	“Representa nas festas de São João, em novelas, secas e etc. Eu não me sinto representado. O sertanejo real é um povo que é inteligente e sábio”.	“Percebo que o sertanejo é conhecido como um povo pobre e analfabeto. Não me sinto representado. O sertanejo real é um povo inteligente que não vive só na miséria”	Considerações iniciais: 07 Pós-aplicação: 05	

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

A análise das respostas apresentadas no quadro 03, que trata das representações do sertanejo na sociedade, revela que os alunos possuem uma percepção crítica questionando os estereótipos associados ao sertanejo, refletindo um conhecimento prévio já marcado por essa visão crítica. Assim, podemos observar que 57% das respostas nos conhecimentos prévios já apontavam a ideia de que o sertão é frequentemente associado à pobreza, fome e escassez, na pós aplicação esse percentual sobe para 76%, indicando uma maior consciência da construção imagética do sertão. Por outro lado, 45% dos alunos antes e pós aplicação do projeto, conseguem enxergar além desses estereótipos, reconhecendo o sertão como um espaço de grande diversidade cultural e riqueza. A referência às novelas, que costumam representar o sertão como um lugar árido e seco, com pessoas vestidas de maneira “típica”, ilustra como a mídia simplifica e distorce a identidade do sertanejo, ignorando sua complexidade. Há um descontentamento evidente com essa visão, que não consegue abranger as múltiplas dimensões do sertão, que vai além do sofrimento e da carência, e se estende a uma rica tradição e identidade cultural.

De acordo com as respostas dos alunos, eles não se sentem representados por essas imagens, pois consideram que o sertanejo real é mais do que a figura estereotipada de pessoas humildes ou analfabetas. Esse tipo de posicionamento crítico está alinhado ao que estabelece a quarta competência da BNCC para o ensino de História no Ensino Fundamental. Tal competência ressalta a relevância de “Identificar interpretações que expressem as perspectivas de diferentes sujeitos, culturas e povos sobre um mesmo contexto histórico, posicionando-se de maneira crítica, fundamentada em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (Brasil, 2018, p. 402). Essa visão também está alinhada com o pensamento de Freire

(1996, p. 18-19), que destaca a importância de “[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...]”.

Nesse sentido, a valorização da inteligência, sabedoria e a pluralidade cultural do sertanejo são aspectos destacados pelos alunos que procuram uma representação mais autêntica. Para esses participantes, o sertão é um lugar de forte identidade cultural, que se define por sua rica tradição, seus costumes e pelo clima único, e não apenas pelas dificuldades econômicas e sociais. Em suas perspectivas, o sertanejo é um povo resiliente e culturalmente vasto, que não pode ser reduzido a uma simples imagem de miséria ou sofrimento.

Quadro 04 – Sobre a presença do sertão na vida cotidiana

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
DE QUE FORMA O SERTÃO ESTÁ PRESENTE EM SUA VIDA E COMO ELE INFLUENCIA SUAS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS?	H (9º A)	“Pelas culturas e tradições, como: festeos juninos, histórias da nossa origem e comidas típicas”.	“O sertão está presente em diversas formas na minha vida, está presente nos costumes, crenças e na culinária”.	Considerações iniciais: 08 Pós-aplicação: 06
	L (9º A)	“Através da música, da culinária e das comidas típicas	“Está presente na música, como a sanfona e o forró, na culinária, com pratos típicos como o cuscuz e pamonha e das festividades, como o São João”.	Considerações iniciais: 11 Pós-aplicação: 10
	I (9º B)	“O sertão está presente na minha vida, na forma de vestir e na cultura da minha cidade”.	“O sertão está presente na minha vida na forma de falar, nas músicas e na culinária”.	Considerações iniciais: 06 Pós-aplicação: 10
	M (9º B)	“Está presente nas músicas e no clima”.	“Ele está nas festas, nas culturas, no sotaque e influencia a minha fala”.	Considerações iniciais: 08 Pós-aplicação: 04

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

Neste quadro, as respostas iniciais dos alunos estão focadas em aspectos sensoriais e imediatos da vida no sertão, como comida, música e festividades. Essa perspectiva, dialoga com a abordagem sociocultural de Vygotsky (2001) ao conectar aspectos relacionados ao contexto histórico do indivíduo, às particularidades individuais, às vivências, às experiências e às condições materiais.

Após a realização das aulas-oficinas, observamos uma ampliação na compreensão dos alunos, que passaram a se apropriar com mais clareza de alguns elementos característicos do sertão. Eles passaram a reconhecer esses elementos não apenas nas manifestações culturais diretas, como festas e pratos típicos, mas também em aspectos mais sutis da identidade, como o sotaque, a fala e as crenças. Essa mudança reflete uma reflexão mais consciente sobre a influência do sertão na formação pessoal e social, indicando que as oficinas contribuíram, mesmo que sutilmente, para ampliar o entendimento dos alunos sobre a cultura sertaneja.

Quadro 05 – Sertão e sentimentos

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
COMO VOCÊ DESCREVERIA OS SENTIMENTOS QUE O SERTÃO EVOCA EM VOCÊ?	G (9º A)	“Nostalgia, resiliência, e admiração e felicidade”.	“Um ar de inspiração, imaginação, esperança e bravura”.	Considerações iniciais: 08 Outros: 06 Pós-aplicação: 11
	L (9º A)	“Sensação de força e saudade e alegria”.	“Sentimento de força e pertencimento”.	Considerações iniciais: 11 Pós-aplicação: 05
	N (9º B)	“A capacidade de enfrentar as dificuldades, além disso a conexão com a beleza da paisagem”.	“Descreveria como força, garra, alegria e felicidade”.	Considerações iniciais: 06 Pós-aplicação: 14
	E (9º B)	“Raiva e tédio por causa do clima ser seco”.	“Raiva por causa do clima seco”.	Considerações iniciais: 04 Pós-aplicação: 04

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

A análise das respostas sobre o questionamento proposto no quadro 05, evidencia diferentes aspectos emocionais e simbólicos associados ao sertão, destacando a complexidade da relação dos alunos com esse ambiente. Nesse sentido, cerca de 50% das respostas dos alunos, no geral, refletem a percepção do sertão como um espaço de desafios, mas também de força e identidade. Eles reconhecem tanto as adversidades da região quanto a resiliência necessária para superá-las, expressando um vínculo singular com esse lugar, marcado por sentimentos de saudade, pertencimento e admiração. Essa conexão afetiva com a cultura, o povo e o ambiente sertanejo desempenham um papel fundamental na construção de sua identidade.

Por outro lado, respostas como: “Raiva e tédio por causa do clima ser seco” evidencia uma perspectiva mais negativa, emocionalmente marcada pelas dificuldades impostas pelo

ambiente natural. Essa visão ressalta o impacto direto do clima seco na percepção sobre o sertão, gerando sentimento de frustração e monotonia. Contudo, essa visão pode ser vista como uma oportunidade para aprofundar a compreensão da relação dos indivíduos com o território sertanejo, promovendo reflexões sobre suas riquezas culturais, tradições e a capacidade de superar desafios. Isso pode contribuir para transformar visões negativas e fortalecer a conexão com esse espaço tão singular.

Quadro 06 – Identificação com a cultura sertaneja

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
QUE ELEMENTOS DA CULTURA SERTANEJA VOCÊ SE IDENTIFICA?	C (9º A)	“Pelo sotaque, pelas comidas que são muito diferentes das demais da região”.	“O sotaque, a vestimenta e o modo de viver”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação: 05
	H (9º A)	“Eu me identifico muito com a cultura junina”.	“Eu me identifico muito com o São João”.	Considerações iniciais: 10 Pós-aplicação: 09
	G (9º A)	“A vida simples e humilde e comer comidas típicas ao sertanejo, por exemplo o cuscuz”.	“As comidas, as vestimentas e os festejos como o São João”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação: 07
	O (9º B)	“Me identifico com roça e músicas sertanejas”.	“Me identifico com as vestimentas e linguagem”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação: 04
	P (9º B)	“As comidas e as festas”.	“As músicas, as festas juninas e a culinária”.	Considerações iniciais: 10 Pós-aplicação: 14

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

A análise das respostas à pergunta “Com quais elementos da cultura sertaneja você se identifica?” revela aspectos significativos sobre a percepção e valorização dessa cultura pelos participantes. Tanto as considerações iniciais quanto as respostas finais, evidenciam uma identificação diversificada com a cultura sertaneja, abrangendo aspectos materiais, como comidas e vestimentas, e imateriais, como os festejos, sotaque, música e o modo de vida. Nas respostas, é possível observar uma forte identificação dos alunos com as festas juninas, especialmente com a celebração de São João. Nesse sentido, 71% das respostas, pós aplicação do projeto, têm relação com essa festividade, o que demonstra seu papel central na cultura

nordestina/sertaneja, sendo um símbolo de identidade e pertencimento. Essa ligação afetiva e cultural reflete não apenas a importância do São João, mas também sua capacidade de promover sociabilização, alegria e resistência cultural.

Esse posicionamento é corroborado pelas respostas da sétima pergunta do questionário. Ao serem questionados sobre a principal festa popular da região, todos indicaram unanimemente a festa de São João. Esse resultado destaca a significativa relevância cultural e social dessa celebração para a comunidade local, evidenciando tradições, costumes e valores que reforçam a ligação da comunidade com sua identidade cultural, como demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 07 – Importância da festa de São João para a cultura local

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
QUAL É A IMPORTÂNCIA CULTURAL DA FESTA DE SÃO JOÃO PARA A COMUNIDADE LOCAL? COMO ESSA CELEBRAÇÃO CONTRIBUI PARA A IDENTIDADE CULTURAL DO SERTÃO?	A(9º A)	“Relembrar as tradições e a cultura”.	“É celebrar nossas origens, ela contribui representando nossa cultura através da música e do forró”.	Considerações iniciais: 13 Pós-aplicação:06
	L(9º A)	“É fundamental para a identidade cultural do sertão, contribui com o forró e comidas típicas”.	“É importante para a identidade cultural do sertão porque resgata tradições e celebra a cultura local”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação:10
	Q(9º B)	“A importância cultural da festa de São João para a comunidade é as festas, grupos de dança, grupos de bandas que toca músicas de São João”.	“A importância cultural da festa de São João é uma manifestação única da identidade brasileira, sendo uma oportunidade de preservar tradições”.	Considerações iniciais: 06 Pós-aplicação:04
	R (9ºB)	“As festas de São João são de grande importância, pois representa nossa cultura, representa a identidade do sertão, representa a fé e a esperança”.	“A importância da festa de São João é a representatividade, é a marca do povo sertanejo, construindo a identidade cultural do sertão”.	Considerações iniciais: 07 Pós-aplicação:13

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

As respostas apresentadas antes e depois da aplicação das aulas-oficinas demonstram que os alunos reconhecem a relevância cultural da festa de São João como um pilar da identidade sertaneja, conforme mencionado anteriormente. Ao afirmarem que a celebração “representa nossa cultura” e “a identidade do sertão”, os participantes reforçam a hipótese de que a festa de São João integra um dos principais elementos identitários da região. O destaque para a “identidade cultural do sertão” e a “representatividade” sublinha como essa festividade se tornou um símbolo da vivência e dos valores do povo sertanejo. Ao associar a festa à construção da identidade cultural local, as respostas evidenciam que os participantes compreendem a festa como uma manifestação coletiva que fortalece o pertencimento ao sertão.

Quadro 08- O papel do forró nas festas de São João

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
QUAL É O PAPEL DO FORRÓ NAS FESTIVIDADES DE SÃO JOÃO? COMO ESSE ESTILO MUSICAL SE INTEGRA À TRADIÇÃO E À CULTURA DA REGIÃO?	K(9º A)	“O papel é divertir o povo, representa muito o povo”.	“O papel dele é ressaltar a nossa identidade sertaneja”.	Considerações iniciais: 09 Pós-aplicação:08
	L (9º A)	“É a alma das festas juninas, ele traz energia e animação. Ele se integra citando a cultura etc.”.	“É alma da festa junina, traz energia e animação”.	Considerações iniciais: 09 Pós-aplicação:10
	S (9º B)	“O forró é muito importante, o forró tá integrado desde os tempos antigos”.	“O forró é uma dança fundamental no São João, se integra na tradição por ser um patrimônio nacional brasileiro”.	Considerações iniciais: Pós-aplicação:04
	R (9ºB)	“O papel do forró é representar em forma de música as festas de São João, utilizando instrumentos tradicionais da região”.	“O papel do forró é de grande importância, pois ele acompanha a tradicional festa de São João e faz parte da nossa identidade.”	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação:15

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

Conforme podemos observar no quadro, no conhecimento prévio dos alunos, o forró é identificado principalmente como uma forma de entretenimento nas festas de São João, com

algumas menções à sua importância histórica e cultural. No entanto, a conexão entre o forró e a identidade local ainda não é plenamente explorada. Os alunos percebem o forró como algo representativo do “povo” e da animação nas festas, mas ainda falta uma reflexão mais profunda sobre como o forró, enquanto expressão musical e dança, é um reflexo da cultura sertaneja, suas tradições e sua história.

Após as oficinas, as respostas dos alunos mostram uma melhor compreensão sobre o papel do forró nas festas de São João, particularmente no que diz respeito à sua ligação com a identidade sertaneja e com o patrimônio cultural brasileiro. Assim, aproximadamente 64% dos participantes, pós aplicação das oficinas, passaram a enxergar o forró não apenas como uma forma de diversão, mas como uma expressão cultural significativa que representa as tradições e valores da comunidade. Esse resultado evidencia o impacto das oficinas no processo de valorização do forró dentro das festas de São João. Além disso, o reconhecimento do forró como patrimônio nacional e sua relação com a tradição e a animação das festas indicam uma melhor compreensão da importância do forró dentro do contexto cultural local e nacional.

Quadro 09 – A presença de outros ritmos nas festas de São João

PERGUNTA NORTEADORA	ALUNO	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	RESPOSTA PÓS-APLICAÇÃO DAS OFICINAS	NÚMERO DE RESPOSTAS RELACIONADAS
COMO VOCÊ AVALIA A PRESENÇA DE OUTROS RITMOS MUSICAIS NAS FESTIVIDADES DE SÃO JOÃO?	G (9º A)	“Como algo cultural e importante para o Nordeste”.	“Acho que não é necessário, acho que o forró é mais simbólico para todos”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação:09
	T (9ºA)	“Acho superlegal porque é importante incluir várias culturas de músicas brasileiras”.	“Acho legal e inovador porque as pessoas querem também os outros ritmos musicais”.	Considerações iniciais: 05 Pós-aplicação:09
	M (9ºB)	“Que a cultura do sertão está expandindo”.	“Acho legal ter diversidade de ritmos musicais nas festividades, mas não deve substituir o forró”.	Considerações iniciais: 08 Pós-aplicação:06
	B (9º A)	“Na minha opinião não deveria nem tocar funk ou outro estilo musical, pois a festa perde completamente a sua essência. Um exemplo	“Acho péssimo, pode até ter um equilíbrio, porém ter mais ritmos que não tem nada a ver	Considerações iniciais: 11 Pós-aplicação:15

		foi a festa deste ano na cidade de Euclides, não teve uma única música de Luiz Gonzaga na festa”.	com o forró pode causar um impacto nesta cultura”.	
--	--	---	--	--

Questionário aplicado no Colégio José Aras nas turmas do 9º ano A e B (2024). Readaptado. Fonte: A autora (2025).

A observação das respostas dos alunos sobre a introdução de outros ritmos nas festas de São João, antes e após a aplicação das aulas oficinas, revela diferentes perspectivas em relação à preservação da essência cultural dessas festividades, bem como ao acolhimento da diversidade musical. As respostas podem ser agrupadas em três grandes categorias de posicionamentos: defesa do forró como símbolo cultural, aceitação da diversidade musical, e preocupação com o equilíbrio entre tradição e inovação.

A análise supracitada, antes e pós aplicação das oficinas, evidencia uma tensão entre tradição e inovação nas festas de São João. Enquanto aproximadamente 42% dos alunos expressaram opiniões contrárias à inclusão de outros ritmos musicais, argumentando que isso compromete a essência da festa, cerca de 39% mostram-se mais receptivos à diversidade musical. A percepção crítica da ausência de Luiz Gonzaga em eventos locais demonstra que, mesmo com a abertura à inovação, a tradição ainda ocupa um espaço significativo no imaginário coletivo dos jovens sertanejos. Os resultados mostram uma tendência de adaptar a festa aos novos tempos e públicos, sem perder de vista a importância da tradição, simbolizada pelo forró.

Após a aplicação do questionário durante a primeira aula-oficina, realizamos a leitura coletiva do texto/entrevista de Durval Muniz (2019), *Escavando o oco do sentido ou o que significa ser-tão?* Durante essa etapa, os alunos foram incentivados a refletir sobre o significado de “sertão” a partir de uma abordagem conceitual. Além disso, foram instigados a contextualizar esse território em seus aspectos sociais, econômicos e culturais, atendendo a uma das atitudes historiadoras previstas na BNCC (Brasil, 2018).

Na discussão do texto, os alunos ampliaram sua percepção sobre o sertão, superando os clichês e reconhecendo sua riqueza histórica, cultural e simbólica. Eles identificaram possíveis estereótipos e idealizações, além de compreenderem que o sertão não é um espaço distante, mas algo presente em nosso cotidiano, mais próximo do que imaginamos.

Dando continuidade, os estudantes foram convidados a criar um desenho que respondesse à pergunta: “*O que é o sertão para você?*”. Essas produções visuais foram, então, livremente compartilhadas com a turma, promovendo um momento de troca e socialização de ideias.

Figura 17 – Desenhos 1, 2, 3, 4, 5 - Representações do sertão, 9º ano B



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Conforme podemos observar nos desenhos elaborados pelos alunos, percebemos a predominância de elementos característicos da paisagem sertaneja, especialmente representados por ícones como os cactos e o mandacaru. Essas figuras são símbolos marcantes da região semiárida e refletem a conexão cultural e ambiental que os estudantes possuem com o território onde vivem. Além de sua relevância estética, essas representações revelam uma valorização da identidade local e um olhar sensível para os elementos naturais que compõem o sertão brasileiro. Nesse contexto, aproximadamente 59% dos desenhos, incluindo as duas turmas, apresentaram uma relação direta com esses símbolos.

Cerca de 25% das representações visuais dos alunos destacaram a festa de São João. A presença dessa festividade nos desenhos produzidos para representar o sertão reflete a centralidade dessa celebração no imaginário cultural e afetivo da região. Os elementos visuais associados à festa, como fogueiras, bandeirinhas, sanfona, forró e comidas tradicionais, surgem como símbolos marcantes da identidade sertaneja, ressaltando o papel da festa como uma das expressões culturais mais significativas do sertão euclidense, conforme evidenciado nos desenhos a seguir.

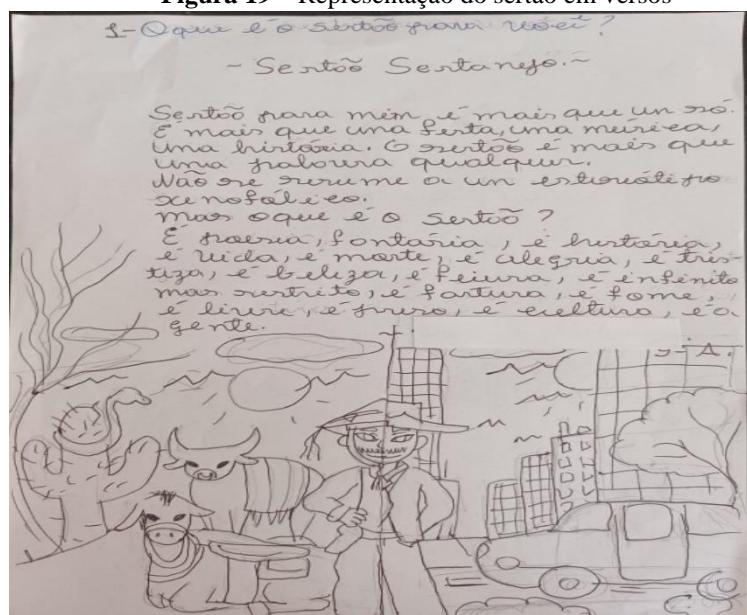
Figura 18 – Desenhos 6, 7, 8, 9 – Representações do sertão, 9º ano B



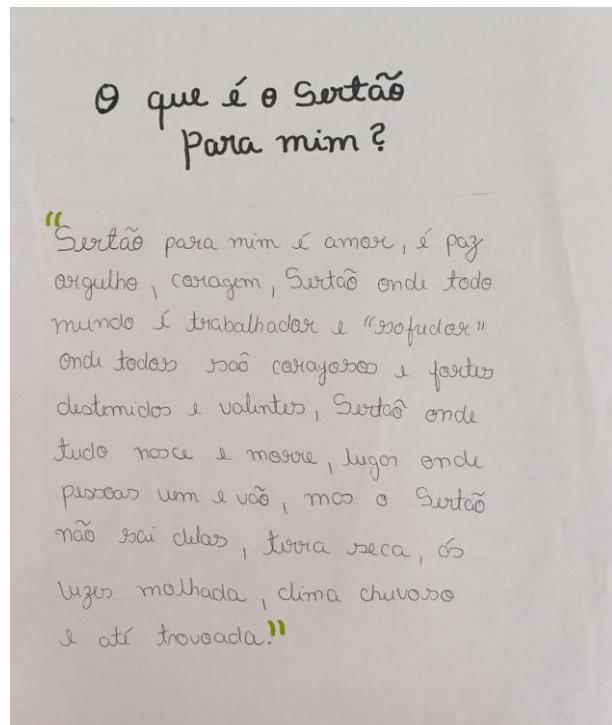
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Os desenhos sugerem que o São João é visto como um momento de suspensão das atividades cotidianas (Priore, 1994), transformando o sertão em um lugar de encontro, festa e alegria. É um retrato de um sertão festivo, que resiste às adversidades por meio da celebração e da cultura. Além de ilustrações de cactos, mandacarus e representações da festa de São João, 14% das produções também retrataram suas definições de sertão por meio de textos em prosa e versos, como é possível ver nas imagens a seguir.

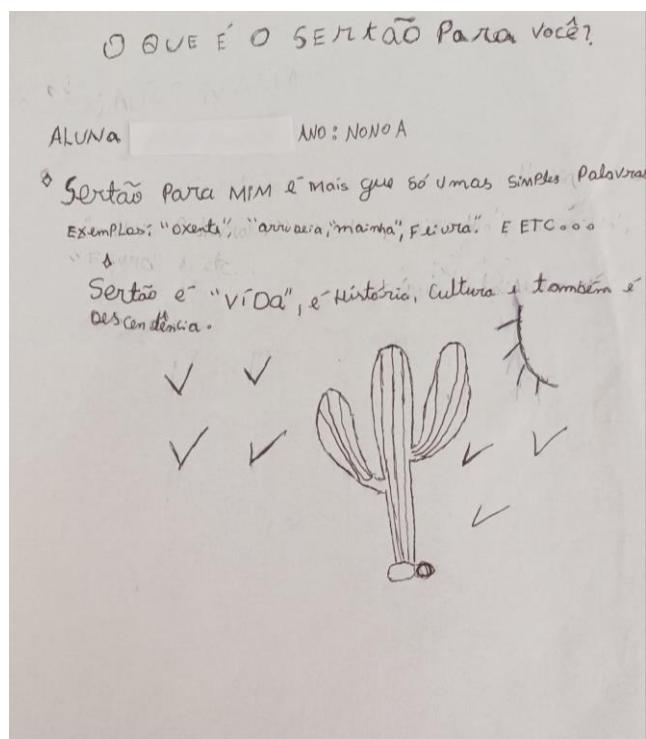
Figura 19 – Representação do sertão em versos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Figura 20 – Representação do sertão em versos

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Figura 21 – Representação do sertão em prosa

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Nos versos apresentados, é possível identificar palavras que caracterizam o sertão e o sertanejo, como “coragem”, “fortes”, “destemidos”, “valentes”, além de referências à “vida”, “cultura” e “história”. O sertão transcende os estereótipos, como nos recorda o(a) autor(a) da figura 19, manifestando-se como uma poesia que expressa os contrastes entre o seco e o molhado, o belo e o feio, a fome e a fartura.

Para encerrar a primeira aula-oficina, foi exibido o documentário *Brasil Sertanejo* (26 minutos), inspirado na obra *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro. O documentário explora diversos elementos materiais e imateriais da cultura sertaneja e foi seguido por uma breve discussão oral.

4.3.2. Aula oficina 2: O sertão cantado em versos de cordel

A segunda aula-oficina teve início com a declamação do cordel *Nativus do Cumbe*, do poeta local Orlando Freire, proporcionando um momento de imersão na cultura e identidade sertaneja. Em seguida, foi promovida uma discussão sobre como o cordel expressa essas características culturais, destacando sua importância como manifestação artística e literária do sertão. Também foram abordadas as características e a estrutura típicas do cordel, com orientações específicas sobre métrica, rima e linguagem, além de explicações detalhadas sobre os conceitos de verso, estrofe e rima, essenciais para a composição desse gênero literário.

Dando continuidade à oficina, realizamos a escuta da música/cordel “*Triste Partida*”, de Patativa do Assaré, na interpretação de Luiz Gonzaga. Após a audição, promovemos uma reflexão coletiva sobre os temas abordados na obra.

Em seguida, alguns participantes declamaram as estrofes do cordel, proporcionando uma vivência mais próxima da oralidade característica desse gênero literário. Para encerrar, ouvimos novamente a letra do poema, seguida de uma discussão aprofundada sobre os aspectos sociais, culturais e afetivos presentes no texto.

Logo em seguida, foi destacada a xilogravura como a principal forma de ilustração na literatura de cordel. Assim, apresentamos o vídeo “Como fazer isogravura”, que explicou a técnica artística da xilogravura e forneceu um guia passo a passo para a criação de isogravura⁵⁴.

⁵⁴ Uma forma de criar uma gravura com isopor e transformá-lo em um carimbo. Basta esculpir o desenho na placa de isopor e utilizá-la para reproduzir a imagem quantas vezes quiser.

A exibição teve como objetivo preparar os participantes, tanto teoricamente quanto na prática, para a atividade principal da aula-oficina 4, em que os alunos irão aplicar essa técnica na produção de xilogravuras.

Para finalizar a segunda aula oficina, os alunos foram organizados em grupos de três membros e receberam a tarefa de começar a criação de um cordel sobre o sertão e a cultura sertaneja.

Figura 22 – Produção de cordel



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

4.3.3. Aula oficina 3: O que é identidade? Quais elementos definem a identidade sertaneja?

Na terceira aula da oficina, foi proposta uma problematização sobre o conceito de identidade, seguida de uma discussão sobre como o sertão influencia a formação da identidade das pessoas da região. Para aprofundar o entendimento, os alunos elaboraram um mapa mental na lousa a partir da palavra “IDENTIDADE”, explorando os elementos que compõem a identidade sertaneja. Durante a atividade, os alunos foram incentivados a refletir sobre as diversas influências culturais, sociais e ambientais que moldam a identidade da comunidade à qual pertencem.

O mapa mental destacou diversos elementos da cultura sertaneja, incluindo festividades como a Festa de São João e a Festa de Reis, além de manifestações religiosas e culturais como procissões, cavalgadas e vaquejadas. Também evidenciou a gastronomia típica, com pratos como cuscuz, carne de bode, buchada e feijoada.

Em seguida, realizamos a leitura e reflexão do poema *Coração Nordestino*, de Braulio Bessa (2018). O poema oferece uma análise profunda da identidade nordestina/sertaneja, destacando com sensibilidade as características que moldam a essência desse povo. Ao evocar cenas cotidianas, como as cantorias, as festas, a religiosidade popular e a relação com a natureza, o autor constrói um retrato autêntico e plural, que reflete as múltiplas dimensões dessa identidade.

Em um momento posterior, os participantes formaram um círculo e no centro foram dispostas imagens representando diversas manifestações culturais brasileiras, como o carnaval, as festas juninas, o bumba meu boi, entre outras. Cada um escolheu a imagem com a qual mais se identificava e fez uma breve reflexão sobre as razões dessa conexão, compartilhando experiências pessoais. As manifestações culturais escolhidas refletiram a cultura local, como a festa de São João, cavalgadas, procissões e festa de Santos Reis. A atividade promoveu uma conexão com as raízes culturais, estimulando o diálogo, a valorização da diversidade e o fortalecimento dos laços identitários.

Figura 23 – Atividade sobre identidade cultural



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Para concluir a oficina, os alunos se reuniram novamente nos grupos formados na aula anterior para dar continuidade à criação dos cordéis.

4.3.4 Aula oficina 4: A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense

A Aula-Oficina 4 iniciou com a leitura coletiva e discussão do texto jornalístico do historiador baiano Manoel Passos (2021), “*Historiador da BA fala da origem das festas juninas, importância na cultura popular e devoção a santos*”. Durante a leitura e conversa, foram abordadas a origem e o significado das festas juninas no Brasil, destacando suas raízes históricas, culturais e religiosas. Exploramos ainda as tradições, os costumes e os elementos que caracterizam essas celebrações, como as quadrilhas, as comidas típicas e as fogueiras, símbolos marcantes da identidade dessas festividades.

Em seguida, abordamos brevemente a história do forró, destacando suas origens nordestinas e sua evolução ao longo do tempo. Para complementar, exibimos um vídeo do YouTube com Dominguinhos, no qual ele demonstra os diferentes estilos de forró, como o xote, o baião e o arrasta-pé. O vídeo também apresenta os instrumentos que representam a essência do ritmo – sanfona, zabumba e triângulo. Essa abordagem proporcionou uma experiência enriquecedora, fortalecendo a conexão dos participantes com o tema.

Logo após, realizamos uma conexão com a realidade local dos estudantes, abordando o contexto histórico e cultural da festa de São João em Euclides da Cunha, destacada como patrimônio imaterial do povo sertanejo é essencial para a preservação da identidade cultural local. Foram exibidos vídeos do Arraiá do Cumbe dos anos 1988, 1990 e 2023, que geraram discussões sobre:

- **Mudanças:** As estruturas das festas juninas foram ampliadas, incluindo maior presença de patrocínios comerciais. Além disso, o forró tradicional tem sido substituído ou misturado com outros gêneros musicais, como sertanejo universitário, arrocha e até música eletrônica, dependendo do público.
- **Permanências:** Mesmo com algumas variações, as danças e músicas tradicionais, como o forró e a quadrilha, continuam sendo elementos centrais das festividades. Também permanecem as comidas típicas, as fogueiras, os fogos de artifício e a devoção aos santos católicos (São João, Santo Antônio e São Pedro).

Nesse contexto, os alunos refletiram sobre as transformações e permanências nas festas juninas, debatendo os impactos da globalização e da modernização no equilíbrio entre tradição e inovação. Essa abordagem está alinhada à Competência 2 de História para o Ensino Fundamental, prevista pela BNCC (Brasil, 2018), que propõe “Compreender a historicidade no

tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e continuidade nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais [...]".

Para encerrar a oficina 4, os alunos realizaram a criação de isogravuras inspiradas na técnica da xilogravura, um elemento tradicional da literatura de cordel e da cultura nordestina. O objetivo foi representar aspectos do sertão e da festa junina, estimulando a criatividade e a expressão artística. Para essa atividade, os alunos foram organizados nos mesmos grupos da produção dos cordéis, já que as xilogravuras seriam utilizadas como capas decorativas para os folhetos de cordel que estavam sendo desenvolvidos nas oficinas.

Foram distribuídos materiais como bandejas de isopor, rolinhos de tinta, tinta guache preta, folhas de papel ofício e tesouras. Explicamos que as bandejas de isopor funcionariam como matrizes para as gravuras. Os alunos desenharam com lápis na superfície da bandeja, pressionando suavemente para criar sulcos. Depois de concluir o desenho, aplicaram uma camada uniforme de tinta guache preta sobre a matriz utilizando o rolinho e em seguida as imagens foram impressas no papel, conforme podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 24 – Produzindo xilogravuras



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Essa atividade foi uma experiência muito positiva, pois os alunos demonstraram grande entusiasmo ao participar. Foi uma excelente oportunidade de aproximá-los das tradições culturais nordestinas, resgatando e celebrando a identidade do sertão por meio da arte e do cordel.

Figura 25 – Xilogravuras



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

4.3.5 Aula oficina 5: *O sertão*, cantado por Luiz Gonzaga

A aula-oficina iniciou com a exibição do vídeo “Quem foi Luís Gonzaga, o Rei do Baião?”. Antes da exibição, os alunos foram instigados a compartilhar seus conhecimentos prévios sobre o artista, incluindo músicas marcantes e sua contribuição para a valorização da cultura sertaneja. A participação foi muito ativa, com os estudantes demonstrando interesse e curiosidade sobre a importância histórica de Gonzaga.

Após o vídeo, a turma ouviu a música *Asa Branca*, promovendo uma reflexão coletiva sobre as questões históricas e sociais presentes na canção. As discussões destacaram a sensibilidade dos alunos em interpretar os sentimentos expressos na letra, ampliando a compreensão sobre o contexto do sertão e os desafios enfrentados por seu povo.

Em seguida, os estudantes foram organizados em grupos e receberam diferentes letras de músicas de Luiz Gonzaga, como *Xote das Meninas* e *Ave Maria Sertaneja*. Cada grupo escolheu uma forma de representação artística para trabalhar com a obra:

- **Desenho** que capturasse a essência da canção;
- **Poema** inspirado na letra;
- **Cordel** narrando a história contada na música;
- **Coreografia** que expressasse os sentimentos e ritmos da melodia.

Algumas dessas produções ficaram para serem apresentadas na Mostra Cultural, incentivando a criatividade e o engajamento dos alunos.

A oficina reforçou a relevância de Luiz Gonzaga como símbolo da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que estimulou o olhar crítico e artístico dos estudantes. Para encerrar a atividade, os grupos se reuniram para finalizar os cordéis, consolidando o aprendizado de forma colaborativa e significativa.

4.3.6 Mostra cultural: *Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense*

No dia 14 de novembro de 2024, aconteceu a culminância das aulas-oficinas, concretizada por meio de uma mostra cultural que contou com a participação dos alunos das turmas 9º A e B do Colégio José Aras, além de artistas locais. O evento também teve a presença do orientador deste trabalho, o professor Paulo Heimar Souto, além disso, contou com a presença de outras turmas de 9º ano do Colégio José Aras, que foram convidadas para assistir às apresentações. A programação foi realizada no Teatro Antonieta Xavier Siqueira Santos, localizado na Escola Estadual Centro Territorial de Educação Profissional Sertão Forte – CETEP. A escolha por este local se deu pela falta de espaço no Colégio José Aras para a realização deste evento e pela adequação do espaço para as apresentações programadas.

Na abertura do evento, a pesquisadora fez uma breve apresentação de seu projeto de pesquisa, justificando a escolha do tema e compartilhou informações sobre o projeto de aulas-oficinas implementado em turmas do 9º ano do Colégio José Aras. Em seguida, apresentou a programação do evento, destacando a importância desse momento cultural para os estudantes, que participaram ativamente das aulas-oficinas, refletindo a concretização das atividades realizadas durante a execução do projeto.

O momento seguinte foi marcado por uma emocionante apresentação do professor de canto do Colégio José Aras, Lael, acompanhado pela aluna Evelyn, do 9º ano C. Juntos, eles interpretaram a icônica canção *Disparada*, de Geraldo Vandré, eternizada na voz de Jair Rodrigues. Essa obra, carregada de simbolismo, é um verdadeiro hino de luta e orgulho nordestino, reafirmando a identidade sertaneja.

Na sequência, o coral formado por alunos do 9º ano do Colégio José Aras, sob a orientação do professor Lael, trouxe ao público uma interpretação especial do cordel cantado *Literatura de Cordel*, de Francisco Diniz. O poeta, cordelista e escritor sertanejo possui mais de 60 folhetos publicados e já foi agraciado com o prêmio “Novos Autores Paraibanos” pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), consolidando seu lugar como uma referência na cultura nordestina.

Figura 26 – Cordel cantado

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Dando continuidade às apresentações, os alunos do 9º ano A recitaram cordéis criados durante as aulas oficinas. Inspirados no sertão, os alunos exploraram em suas composições o cotidiano sertanejo, as tradições, os desafios e a resiliência do povo sertanejo. Em cada verso, revelam a vida árida e ao mesmo tempo repleta de beleza dessa região, destacando as lutas e a força que define a identidade sertaneja.

Figura 27 – Recital de cordel

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Em seguida, os alunos do 9º ano B apresentaram o clássico *Ave Maria Sertaneja*, de Luiz Gonzaga, uma obra que traduz a fé e a devoção do povo sertanejo. A canção estabelece uma conexão entre a religiosidade e a cultura do sertão, evidenciando como a espiritualidade está profundamente enraizada nas expressões artísticas e na identidade cultural sertaneja. Por meio dessa interpretação, os alunos destacaram a beleza e a profundidade dessa relação no contexto do sertão baiano.

Figura 28: Coreografia *Ave Maria Sertaneja*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Logo após, tivemos mais um recital de cordéis dos alunos do 9º ano B que trouxeram em suas composições a relação entre o sertão e a festa junina. Em suas produções, eles exploraram de forma criativa e poética a rica relação entre o sertão e a festa junina, destacando elementos culturais, históricos e identitários que fazem parte desse universo. Por meio de versos rimados e narrativas envolventes, os estudantes celebraram a tradição sertaneja e os encantos das festas juninas, transmitindo ao público a importância de preservar e valorizar essas manifestações culturais tão marcantes.

Em seguida, a quadrilha convidada “Arroche o Nô” subiu ao palco, proporcionando um espetáculo vibrante de cultura, sertanidade e alegria. Com muita cor, energia e tradição, o grupo apresentou uma pequena amostra do espetáculo que foi exibido no Festival de Quadrilhas de

2024, o qual prestou uma homenagem ao Rei do Baião, Luiz Gonzaga, resgatando a história de um dos maiores ícones da cultura nordestina.

Figura 29 – Apresentação *Quadrilha Arrox o Nô*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Na sequência, foi formada a mesa para uma roda de conversa com artistas locais convidados, com o objetivo de discutir a cultura local, destacando o trabalho artístico de cada um. Os participantes foram Chico de Oliveira (forrozeiro), Vaninho San (sanfoneiro) e Maxuel (quadrilheiro). Para enriquecer ainda mais esta roda de conversa, convidamos também duas jovens artistas que, infelizmente, não puderam participar devido a compromissos em suas agendas.

Figura 30 – Roda de conversa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Dando sequência à culminância do projeto, o grupo de forró *Vaninho San* encantou o público ao trazer o autêntico som do forró pé de serra. Com o ritmo contagiate da sanfona, do triângulo e da zabumba, fomos tomados pela verdadeira essência dessa música que, por sua autenticidade, marca gerações. A combinação vibrante desses instrumentos, juntamente com as danças animadas, não só resgatou as raízes do forró, mas também renovou o prazer de vivenciar uma tradição musical que faz pulsar o coração do nordeste.

Figura 31 – Forró pé de serra



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

É importante ressaltar que, ao longo da realização das aulas-oficinas, enfrentamos inúmeros desafios. A ausência de recursos materiais e financeiros na unidade escolar exigiu que a pesquisadora custeasse integralmente o projeto com os recursos da bolsa CAPES. Logo, para viabilizar a execução de um projeto dessa natureza, é necessário garantir recursos, sendo esse um papel essencial do poder público, que deve incentivar e subsidiar tais iniciativas. Além disso, é crucial estabelecer parcerias interdisciplinares, assegurando que o trabalho seja realizado de forma colaborativa e não recaia exclusivamente sobre uma única pessoa. Esse ponto, em especial, deve ser cuidadosamente analisado e reavaliado em edições e aplicações futuras do projeto.

4.3.7 A aprendizagem histórica por meio do cordel: o sertão e o São João na perspectiva de estudantes do 9º ano do ensino fundamental

Nesta seção, apresentamos a análise de alguns cordéis⁵⁵ produzidos pelos estudantes dos 9º anos A e B do Colégio José Aras. Os versos exploram aspectos da cultura local, alinhados à parte diversificada do currículo de história, com foco no sertão, na identidade sertaneja e na festa de São de João. Por meio da linguagem poética do cordel, os alunos foram incentivados a refletir e expressar suas percepções históricas sobre os elementos culturais e identitários do sertão, destacando a riqueza e singularidade dessas tradições.

Os cordéis foram compostos por sextilhas, estrofes com seis versos, caracterizadas por um esquema de rimas no segundo, quarto e sexto versos, o que proporciona musicalidade e harmonia ao texto. Essa estrutura não apenas enriquece o conteúdo poético, mas também desempenha um papel fundamental na preservação da tradição oral, já que facilita tanto a memorização quanto a recitação. A métrica varia, mas a maioria dos versos segue um padrão de redondilha maior (7 sílabas poéticas), comum na tradição oral. As produções resultaram na criação de folhetos de cordel intitulados “*Cordelando o Sertão Euclidense: Cultura e Tradição*”.

Figura 32 – Folhetos de cordel



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024)

⁵⁵ Foram produzidos dois folhetos de cordel, um por turma. Nesta seção, analisamos apenas cinco dessas produções, enquanto as demais estão anexadas a este trabalho.

A partir dessas produções, buscaremos compreender não apenas o modo como os alunos se apropriaram dos conhecimentos históricos, mas também como construíram suas narrativas, utilizando os recursos estilísticos e temáticos do cordel para representar a realidade do sertão e as tradições festivas da festa de São João. Esta análise permitirá investigar as conexões entre a história, a cultura e a linguagem, evidenciando como os alunos foram capazes de relacionar a sua vivência local com os saberes históricos que estudaram, ao mesmo tempo em que produziam uma forma de expressão popular genuína.

A partir dessa investigação, é possível perceber como o gênero do cordel pode se tornar um instrumento eficaz na construção de significados históricos e culturais, permitindo aos estudantes não apenas o aprendizado de conceitos, mas também a criação de uma representação poética que reflete suas próprias identidades e vivências. Conforme podemos observar nos versos a seguir:

FORTE SERTÃO

No sertão da Bahia,
O sol forte a queimar,
Euclides veio contar
Histórias de encantar
De um povo bravo e valente
Que não para de lutar.

Quem nasce nesse chão,
É difícil de viver;
Com a fé de cada dia,
Aprende a não ceder,
Sempre lutando,
Pra mais tarde vencer.

Esse é o sertão da Bahia,
De lutas e de calor,
Onde o povo tão sofrido
Nunca perde seu valor;
Nessa terra, com fervor,
Nunca perde seu amor.

Quem parte do sertão
Leva sempre uma lição
De força, fé e coragem,

Que guardou no coração;
Sempre tem a esperança
De que terá a direção.

Faz tempo que não via
A chuva cair sem parar,
Vendo a terra encharcada,
Sem o sol avistar;
E o sertanejo sorrindo,
Com a esperança a renovar.

Com a chuva no sertão,
Esverdeia a plantação;
Quando vimos o céu cinza,
Damos pulos de emoção.
A semente adormecida
Brota no coração deste chão.

Cada gota que se espalha
É um alívio, é um louvor;
O sertanejo agradece
Com o suor e com amor,
Pois sabe que a fartura
É promessa ao lavrador.

Obrigada, meu leitor,
Por ouvir com tanto apreço.
Que as histórias do sertão
Te acompanhem desde o começo.
Nas rimas deste poema,
Vai o meu maior apreço.

Autoria: Lara Vitória, Hiago Severo, Katlin Gabrielly, 9º A

O cordel *Forte Sertão* destaca os elementos que caracterizam o sertão baiano, como a luta diária, as condições climáticas severas e a essência da vida sertaneja, marcada por desafios, resistência e resiliência. Os versos abordam aspectos sociais, culturais e ambientais da região, dialogando diretamente com os conteúdos escolares de História, Geografia e Língua Portuguesa. Sua análise histórica permite explorar elementos centrais para a construção da identidade sertaneja e o contexto histórico do semiárido brasileiro.

O poema inicia descrevendo o clima árido do sertão, onde “o sol forte a queimar” se torna metáfora das adversidades enfrentadas pelo sertanejo. A escassez de recursos, principalmente a água, é apresentada como um dos maiores desafios da vida na região, contextualizando a sobrevivência em uma das áreas mais secas do país. Ao mesmo tempo, o cordel celebra a bravura e a determinação do povo sertanejo, que “não para de lutar”. Essa visão nos remete à obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que trouxe o sertão para o centro das discussões nacionais ao retratá-lo como um território de extremos – adversidade e resistência.

Dessa forma, é possível perceber que a partir dessas evidências apresentadas, os alunos alcançaram uma aprendizagem histórica significativa ao refletirem, por meio do poema, aspectos essenciais da cultura e da identidade sertaneja. Eles demonstraram reconhecimento do contexto histórico e cultural do sertão baiano, destacando tanto as dificuldades impostas pelo clima árido quanto a simbologia da chuva como elemento de transformação. Além disso, valorizaram a identidade do povo sertanejo, evidenciando traços como coragem, fé e resiliência diante das adversidades. A relação íntima entre o sertanejo e a natureza foi abordada com sensibilidade, revelando uma compreensão da interdependência entre o homem e o ambiente no cenário do sertão.

ARRAIÁ DO CUMBE

Quando chega o mês de junho,
 É o mês da alegria.
 A fogueira já se acende,
 Tem bandeirolas e fantasia.
 O povo fica dançando,
 No forró até meio-dia.

Sou matuto arretado,
 Que deixa o povo encantado.
 O sanfoneiro puxa forró,
 Com seu jeito animado.
 Sou cabra sertanejo,
 E nunca perco o rebolado.

Aqui tem muita festança,
 Alegria no sertão.
 É forró que não se cansa,
 Tem licor e animação.
 Pamonha, milho na brasa,

São João é tradição!
 Tem casamento na roça,
 Quadrilha e animação.
 Os convidados de João
 Vão pular fogueira, então.
 A chuva começa a cair,
 E o casamento virou emoção.

Aqui tem arrasta-pé,
 Traz a cachaça, seu João!
 O forró já começou,
 E não falta animação.
 As crianças soltam chuvinha,
 É alegria e diversão.

O sanfoneiro puxa o forró,
 A zabumba faz vibrar.
 Na dança bem coladinho,
 Ninguém fica sem dançar,
 Pois a cultura do sertão
 Faz o corpo balançar.

Nas noites de São João,
 Tem muita animação.
 Tem o forró da praça,
 Às tardes tem paredão.
 Tem os Nativus do Cumbe,
 Pra manter a tradição.

Esse é o Arraiá do Cumbe,
 Na fé de Pedro e João.

O povo canta e reza
 Com muita devoção,
 Misturando crença e festa:
 É grande a emoção!

Autoria: Gabrielly, Glenda Heloyse e Maiza Ribeiro, 9º A.

A análise do cordel “Arraiá do Cumbe”, revela aspectos culturais, sociais e históricos que envolvem a festa de São João em Euclides da Cunha. Elementos como a música, a dança

(forró e quadrilha), as comidas típicas (milho, canjica, pamonha) e os trajes (roupas de matuto e matuta) evidenciam e marcam simbolicamente a identidade sertaneja.

O título “Arraiá do Cumbe” remete ao tradicional arraiá da festa de São João na cidade de Euclides da Cunha. O cordel celebra esse rico legado cultural, destacando os eventos festivos do período, como as noites de São João, o tradicional forró na praça, as tardes animadas com paredão e as apresentações dos Nativus do Cumbe. Além disso, ressalta a fé e a devoção do povo sertanejo, que tornam essa celebração ainda mais especial.

Ao mencionar os “Nativus do Cumbe”, o texto reforça a importância de grupos locais que lutam para preservar as tradições sertanejas frente às influências externas. Isso reflete um movimento de resistência cultural que busca valorizar o forró, o arrasta-pé e os costumes genuínos do sertão, evitando o apagamento histórico e cultural.

CULTURA SERTANEJA

No sertão, o sol brilha,
A poeira se levanta sem parar.
O povo dança na quadrilha,
Com a sanfona a tocar.
As estrelas do céu surgindo,
O sertanejo começa a dançar.

Meu sertão tem de tudo:
Festas populares e procissões,
São João e cavalgada,
Com forró e tradições.
O sertanejo se alegra
E pede a Deus proteção.

As crianças brincam no terreiro
De pega-pega e pião,
Com sorriso que contagia
A alegria do sertão.
Um corre-corre sem fim,
Com muita emoção.

Quando a chuva cai,
O sertão fica florido.
Quando a seca volta,
O povo fica sofrido.

Mantém-se a esperança,
E tudo fica renascido.

O chão aqui é quente,
Mas o povo é resistente.
Com coragem vai plantar,
Mesmo com o sol ardente.
Continua a trabalhar,
E a fé sempre presente.

No São João do Sertão,
A fogueira arde no chão.
O povo, com paixão, dança;
A sanfona toca, alegre canção.
Tem milho e quentão,
E sabor no coração.

Nesse chão, o vaqueiro,
Com seu chapéu de couro,
Montado no seu cavalo,
Enfrenta o sol e o touro.
Com o laço na mão,
Vence o desafio sem choro.

Esse é o meu sertão,
Meu sertão nordestino,
Cheio de histórias e valores.
Esse lugar foi meu destino.
Guardo a paixão das lembranças
Que criei desde menino.

Autoria: Mariane Mota, Maryane César, Priscila Andrade e Raissa Reis, 9º B

O cordel “Cultura Sertaneja” exalta a riqueza cultural, natural e social do sertão nordestino, retratando com sensibilidade o cotidiano, as tradições e os sentimentos do povo sertanejo. Por meio de versos carregados de simbologia, o poema celebra as festas populares, como o São João, as quadrilhas, o forró e as cavalgadas, destacando-as como pilares fundamentais da identidade sertaneja.

A dualidade entre a chuva e a seca aparece como um reflexo da íntima relação do sertanejo com o ambiente. Mesmo diante das adversidades da estiagem, a esperança é um traço

constante, enquanto a resistência do povo é simbolizada pela coragem sob o sol escaldante e pela confiança na providência divina. Esses elementos moldam o imaginário e a essência do sertão.

Referências ao forró, ao vaqueiro e à sanfona preservam e difundem os símbolos da cultura sertaneja, realçando suas nuances afetivas e históricas. O poema, ao resgatar memórias e celebrar os valores da região, reforça o senso de orgulho e pertencimento do povo nordestino.

FESTA JUNINA NO SERTÃO

O São João no sertão
 Trazendo a harmonia,
 Tocando o forró,
 A felicidade contagia,
 Dançando e cantando
 Com muita alegria.

O festival de quadrilhas
 Não pode faltar.
 Cada qual com seu par,
 Prontos para dançar,
 vestidos de caipira
 Fazendo seu arraiá.

Com suas comidas típicas,
 Que são de apaixonar:
 Broa de milho, pamonha e canjica,
 Essas não podem faltar.
 Licor, caldo e amendoim,
 Os melhores para degustar.

O forró é nossa tradição;
 Hoje tem arrocha e pisadinha,
 Mas cadê o xote e o baião?
 Pra acabar com essa ladainha!
 Sanfona, zabumba e triângulo
 Sempre serão nossa linha.

Na poeira do sertão,
 O povo vai caminhar,
 Com fé dentro do coração,
 Bandeiras a tremular.

São João traz a emoção
E nos guia sem parar.

A fogueira faz a festa,
Chama quente a nos aquecer.
Sanfona que se presta,
Zabumba faz estremecer.
Noite alegre, sempre honesta,
O sorriso a florescer.

No sertão, a tradição
É dançar até raiar.
O céu brilha de emoção,
A lua vem espiar.
Cada canto é oração
E a fé faz celebrar.

Nosso povo sertanejo,
Com alegria e união,
Celebra com muito gosto
Essa grande tradição.
No sertão, a festa é viva;
Felicidade é o refrão.

Autoria: Lucas de Jesus, Kelvy Bonfim, Pedro Henrique Oliveira, Pedro Lucas Cardozo, 9º B

No cordel “São João no Sertão”, o forró e as quadrilhas são destacados como elementos centrais das festas juninas, mas o poema também faz uma crítica discreta à mudança dos estilos musicais, como o arrocha e a pisadinha, que têm substituído danças tradicionais como o xote e o baião. A pergunta “Cadê o xote e o baião?” expressa uma sensação de perda e nostalgia pelas raízes culturais, refletindo a preocupação com a preservação da identidade do sertão.

Além disso, o poema faz menção a pratos típicos como broa de milho, pamonha, canjica, licor, caldo e amendoim, que representam não apenas a culinária do sertão, mas também a simplicidade e a riqueza cultural da festa. A sanfona, zabumba e triângulo, instrumentos característicos do forró, são mencionados como símbolos da música tradicional que acompanha a celebração junina, reforçando a ligação entre a música e a identidade cultural da região.

O SÃO JOÃO NO NORDESTE

Aqui no sertão nordestino,
 O São João é tradição.
 Quando junho se aproxima,
 É festa no coração.
 Todos se enfeitam com alegria,
 Prontos pra celebração!

As ruas já se preparam,
 Com bandeirolas e balões;
 A fogueira ilumina
 A festa no sertão,
 Comemorando com alegria
 E amor no coração.

As comidas típicas são essenciais:
 Temos quentão e paçoca,
 E a fartura é tradição;
 Temos pamonha e pipoca.
 Isso não pode faltar,
 Enquanto rola fofoca.

Na nossa festa junina,
 Temos muitas brincadeiras:
 Cabo de guerra, bingo e pescaria,
 Temos a dança das cadeiras.
 O povo se diverte que só
 E se aquece com as fogueiras.

O forró, baião e xote
 Também não podem faltar;
 Tem sanfona, triângulo e zabumba,
 E o povo no arraiá a dançar.
 O forró está sendo esquecido,
 Mas ninguém pode apagar.

A quadrilha é algo marcante
 No Arraiá do Cumbe:
 Luar do Sertão e Encantus
 Com muitos volumes,
 Com os Nativus do Cumbe,

O pé de serra de muitos costumes.

As vestimentas são uma beleza,
Com xadrez e saias a rodar;
Bandana, chapéu e bota de couro,
O vestido de chita vem a se destacar.
Povo alegre, vibrante e encantado,
Festejam a noite até clarear.

E assim encerramos nossa conversa,
Foi um prazer compartilhar
Sobre essa cultura tão rica,
Que precisamos sempre celebrar.
Jamais esqueceremos
Desse arraiá que nos faz sonhar.

Autoria: Anabella Bonfim, Jociane Batista, Vitória Soares, Helloyse de Santana, Yasmim Lopes e Camilla, 9º B.

O poema ressalta diversos elementos emblemáticos da cultura nordestina, como as comidas típicas (paçoca, pamonha, pipoca), as brincadeiras tradicionais (cabo de guerra, bingo, pescaria), as danças (quadrilha, forró, baião, xote) e as vestimentas características (xadrez, chapéu de couro, vestido de chita). A repetição desses aspectos reforça a ideia de que o São João é uma manifestação cultural profundamente enraizada no cotidiano sertanejo, simbolizando a celebração de sua identidade regional.

A menção especial ao forró, baião e xote destaca a importância da música dentro da festividade. Ao afirmar que o forró não pode ser apagado, o poema se transforma em uma defesa desse patrimônio cultural. No encerramento, a obra reafirma a necessidade de celebrar e preservar a tradição, como expresso nos versos: “Jamais esqueceremos / Desse arraiá que nos faz sonhar”. Essa passagem sugere que, apesar das mudanças ou desafios, a festa e seus elementos permanecerão vivos na memória e nas práticas da comunidade.

O poema também utiliza imagens visuais (bandeirolas, fogueiras, vestidos de chita, chapéus de couro) e sonoras (sanfonas, triângulos, zabumbas) para criar uma atmosfera que transporta o leitor para o universo festivo. Expressões como “luz da fogueira” e “som da sanfona” intensificam o aspecto sensorial, permitindo que o leitor quase experimente a vivacidade da celebração.

Com base no exposto, pode-se afirmar que a produção de cordéis é uma metodologia potente para aproximar os estudantes de sua própria cultura, incentivando reflexões e atribuindo novos significados à sua realidade. Ao valorizar a história local, contextualizar aspectos históricos e sociais, e estimular reflexões críticas e simbólicas, essa prática promoveu uma compreensão histórica mais profunda e o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes. Essa experiência evidenciou o papel do cordel como um elo entre história e cultura local, favorecendo uma aprendizagem histórica significativa e a formação de sujeitos críticos e conscientes de suas raízes.

Ademais, as aulas-oficinas se mostraram extremamente produtivas e significativas para a aprendizagem histórica dos alunos. Apesar dos desafios enfrentados, as atividades realizadas geraram resultados altamente positivos, incentivando os participantes a refletirem sobre seu lugar no mundo e se reconhecerem como sujeitos históricos. As oficinas estimularam a troca de saberes, valorizaram as tradições populares e fortaleceram as conexões com as raízes culturais dos participantes. Essa integração entre teoria e prática destacou a relevância das festas populares, como o São João, na construção da identidade local e na preservação das memórias históricas do povo sertanejo. Como resultado, os alunos vivenciaram um aprendizado transformador e significativo, que os levou a novas reflexões sobre seu lugar no mundo e a ressignificarem suas experiências e percepções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação foi motivada pela percepção, advinda da prática docente da pesquisadora, de um distanciamento dos estudantes do 9º ano do Colégio José Aras, em Euclides da Cunha – BA, em relação à identidade sertaneja. Diante desse cenário, foi identificado um elemento cultural capaz de fortalecer o vínculo dos estudantes com suas raízes e intensificar o sentimento de pertença ao sertão euclidense. A festa de São João foi escolhida como a manifestação cultural que mais fortalece os laços da comunidade local. Assim, a pesquisa propôs uma reflexão sobre a identidade cultural do sertão euclidense, destacando a importância dessa festividade como elemento identitário e explorando o potencial do cordel como ferramenta pedagógica no ensino de história.

Com base nas reflexões teóricas, conceituais e metodológicas desenvolvidas ao longo da pesquisa, é possível concluir que a investigação atingiu com êxito seus objetivos ao aproximar os estudantes da cultura sertaneja por meio da festa de São João e da produção de cordéis. Essa experiência se revelou extremamente positiva, pois permitiu que os alunos refletissem sobre sua identidade e se reconhecessem como sujeitos históricos pertencentes ao sertão euclidense.

Nesse sentido, a investigação se propôs a compreender como os estudantes do 9º ano do Colégio José Aras compreendem e vivenciam a identidade sertaneja em seu cotidiano. A aplicação de questionários com perguntas abertas, antes e depois das aulas-oficinas, possibilitou a análise das diferentes formas pelas quais essa identidade se manifesta no dia a dia dos alunos, fortalecendo a relação entre a teoria e a realidade vivida por eles. Constatou-se que muitos estudantes não se identificam com a versão estereotipada do sertanejo, mas reconhecem sua conexão com o sertão por meio da cultura, especialmente através das festividades juninas. A mídia, nesse contexto, exerce um papel central na construção desses estereótipos, que historicamente reforçam uma visão reducionista da identidade sertaneja.

Outro objetivo de desenvolvimento foi compreender as percepções subjetivas de membros da comunidade local sobre a sertanidade euclidense e a celebração do São João. Por meio de entrevistas qualitativas, tanto escritas quanto gravadas, foi possível captar diferentes perspectivas de indivíduos envolvidos na preservação da cultura local, ampliando o entendimento sobre as práticas e valores que sustentam a identidade sertaneja.

As entrevistas desempenharam um papel central no aprofundamento da compreensão do São João enquanto prática cultural e elemento identitário da comunidade local. A partir de relatos de artistas e outros membros da comunidade, identificaram-se aspectos simbólicos e

históricos da festa, que vão além do caráter celebrativo e estão profundamente ligados à memória individual e coletiva, bem como à construção da sertanidade. Esse material contribuiu para enriquecer as discussões das aulas-oficinas, conectando os estudantes às raízes históricas e culturais de sua comunidade.

No entanto, o foco principal da pesquisa foi desenvolver e implementar um roteiro de aulas-oficinas para turmas do 9º ano do Colégio José Aras, utilizando-as como estratégia pedagógica para aprofundar os saberes sobre o sertão e a cultura junina. Embora nem todos os discentes tenham alcançado plenamente essa consciência histórica, o processo certamente abriu caminhos para reflexões mais profundas. Nesse contexto, o conceito de consciência histórica fundamenta-se nas ideias de Jörn Rüsen (2011), que buscam estimular o pensamento crítico dos sujeitos, promovendo uma contínua conscientização sobre sua própria historicidade.

As aulas-oficinas, fundamentadas em Barca (2004), foram estruturadas com debates e atividades práticas como a produção de cordéis, mostraram-se extremamente produtivas na promoção da aprendizagem histórica. Por meio delas, os estudantes foram incentivados a refletir criticamente sobre os conceitos de sertão e identidade sertaneja, ao mesmo tempo em que compreenderam a importância da festa de São João na formação da identidade local. Essa abordagem integrada permitiu que os alunos não apenas compreendessem o passado, mas também ressignificassem seu lugar no presente, reconhecendo-se como sujeitos históricos.

A utilização do cordel como ferramenta pedagógica se revelou uma abordagem potente para explorar as temáticas em discussão. Através da produção de cordéis, os estudantes tiveram a oportunidade de expressar suas próprias perspectivas sobre o tema, desenvolvendo a autonomia, a autenticidade e a produção autoral.

Os cordéis produzidos pelos alunos não foram analisados em sua totalidade. No entanto, os que foram examinados representaram bem o conjunto, abordando temas que revelam aspectos culturais, sociais e históricos do sertão euclidense. Nessas produções, os alunos conseguiram explorar elementos essenciais da cultura e da identidade sertaneja, atribuindo novos significados à sua realidade. É importante destacar que, inicialmente, os alunos enfrentaram algumas dificuldades na construção das primeiras estrofes dos cordéis. Contudo, com as orientações, especialmente sobre as rimas, eles conseguiram desenvolver os textos com grande facilidade.

A aprendizagem histórica, enquanto processo formativo, foi enfatizada ao possibilitar que os estudantes estabelecessem conexões entre os temas abordados e suas próprias vivências. A articulação entre história, cultura e prática pedagógica permitiu a construção de um conhecimento histórico que transcende a simples memorização de datas e fatos. Ao produzir

cordéis, os alunos aprimoraram habilidades críticas, interpretativas e criativas, ampliando sua capacidade de análise histórica e ressignificando suas experiências cotidianas, conforme preconiza a BNCC (2018) ao estimular a atitude histórica dos alunos.

Nessa perspectiva, a pesquisa enfatizou a importância de articular o ensino de História com os aspectos culturais da história local. Essa abordagem foi adotada com o objetivo de dar maior visibilidade às narrativas regionais e populares, frequentemente marginalizadas pelos métodos tradicionais de ensino. Os resultados da investigação evidenciam que a incorporação desses elementos em sala de aula não apenas amplia o repertório histórico dos alunos, mas também fortalece suas conexões com a própria identidade. Além disso, embora tenha enfrentado desafios, a experiência revelou um grande potencial como abordagem pedagógica, fortalecendo tanto a história local quanto as práticas culturais. Logo, a necessidade de um maior apoio institucional, por meio de parcerias com a unidade de ensino e a Secretaria de Educação, foi uma lição valiosa para garantir a continuidade e expansão de iniciativas semelhantes no futuro.

Ademais, a proposta representa uma contribuição significativa ao currículo local, que historicamente carece de iniciativas pedagógicas desse tipo, especialmente aquelas voltadas para as questões identitárias locais e regionais. Em particular, a valorização da nossa sertanidade deve ser incentivada e incorporada aos bancos escolares do município de Euclides da Cunha, Bahia. Assim, a proposta será apresentada à Secretaria de Educação do município, visando sua implementação nas escolas da rede municipal de ensino que ofertam turmas de 9º ano do ensino fundamental.

Além de contribuir para o campo educacional, essa pesquisa também respondeu a inquietações pessoais que marcam minha trajetória como filha do sertão euclidense, mulher nordestina, mãe e educadora. Seu significado foi transformador, pois resgatar e valorizar as raízes culturais do sertão euclidense, especialmente por meio da festa de São João e do cordel, fortaleceu minha conexão com minha identidade e com a luta pela preservação de nossa cultura. Como mãe, percebo a importância de ensinar nossos filhos a se orgulharem de suas origens e compreenderem o valor de nossa história, longe das distorções da mídia e dos estereótipos. Como educadora, constatei o impacto de aproximar os alunos de sua própria história e identidade, criando um ambiente de pertencimento e empoderamento. Essa pesquisa não apenas ampliou minha visão pedagógica, mas também reforçou meu compromisso com a educação, com a valorização das culturas locais e com a formação de cidadãos críticos e conscientes do seu lugar no mundo.

Em síntese, a pesquisa evidenciou que a articulação entre ensino de História, cultura popular e identidade cultural é uma rica estratégia para promover uma aprendizagem histórica significativa. Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também forma sujeitos críticos, conscientes de suas raízes e comprometidos com a preservação da memória e do patrimônio cultural do sertão nordestino. Esperamos que essa experiência sirva de referência para ações pedagógicas que conectem a cultura popular, a história local e o ensino de história, estimulando novas pesquisas e iniciativas que fortaleçam os vínculos identitários e ampliem os saberes históricos dos estudantes na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Revista Observatório Cultural Itaú**, São Paulo, n. 25, p. 21-33, maio/nov. 2019. Disponível em: <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100102/01-Durval.pdf> . Acesso em: 07 fev. 2024.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. O Sertão é uma palavra que designa sempre o outro: Entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. **Revista Historiar**, Rio Grande do Norte, v. 13, n. 24, p. 309-325, jan./jun. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/sandr/Downloads/gilbertogilvan,+2021_entrevista_durval_muniz%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sandr/Downloads/gilbertogilvan,+2021_entrevista_durval_muniz%20(1).pdf) . Acesso em: 01 abr. 2024.

ALBUQUERQUE, Teresa Katia Alves de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001-2011)**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Amazonas, p. 154. 2013.

ANDRADE, Elaine Santos. **Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual Gov. Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro – SE**. 2020. 230 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

ANDRADE, Michel Santos de. **Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos**. Euclides da Cunha, 9 jun. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta dissertação].

ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. Salvador: Contexto e Arte, 2003.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. *In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p.131-144.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jordge Zahar Ed., 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. *Estudos Avançados*, 32(93), 127-149. *In. NADAI, Elza. Revista Brasileira de História*. v. 13, n. 25/26, p. 143-162. São Paulo: set. 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562> . Acesso em: 16 jul. 2024.

BONFIM, Melissa Martins. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 26 set. 2024 [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “I” desta dissertação].

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História: ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC, 1998.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 3^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

CAMPOS, Ronaldo. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 10 jun. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “F” desta dissertação].

CÂNDIDA, Mauriza Ribeiro. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 29 jun. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “D” desta dissertação].

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A História Cultural:** Entre Práticas e Representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

COELHO, Inamar Santos. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 21 out. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “J” desta dissertação].

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões:** Campanha de Canudos: Edição crítica. São Paulo: Ática, 2012.

CUNHA, Idaiana Almeida. **História e identidades culturais:** a festa de São João no Recanto da Saudade. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grade, Paraíba, p. 43. 2009.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEMO, Pedro. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1989.

EUCLIDES DA CUNHA. Lei nº 1677, de 10 de janeiro de 2023. Institui o hino do Arraiá do Cumbe. **Diário Oficial:** Euclides da Cunha-BA, ano I, n 70, p. 7-8, 06 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Jolivaldo. **Origens e Histórias do São João na Bahia:** *tradições, culinária, brincadeiras, danças, cancioneiro e simpatias*. Salvador: Jolivaldo Freitas/Farol da Barra, 2017.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. **A dança folclórica brasileira.** São Paulo, 1973.

GRILLO, Maria Ângelo de Faria. História em verso e reverso. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 01 out. 2006, p. 82.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Org.). **A Invenção das tradições**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Col. Pensamento Crítico, 55).

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Midia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. 19. vol. Rio de Janeiro, 1959. v. 20, p. 222-226.

ITANI, Alice. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1990, p.423-483.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e SEAWRIGHT, Leandro. Espaços e definições. In: **Memórias e narrativas. História oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2021.

MORIGI, Valdir José. **Imagens recortadas, tradições reinventadas**: as narrativas da festa junina em Campina Grande, Paraíba. 2001. 352 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MORIGI, Valdir Jose. **Mídia, identidade cultural nordestina**: festa junina como expressão. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-13, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4192> . Acesso em: 07 fev. 2024.

NADAI, E. Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v.13, n. 25/26, p. 62-143, 1993. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000875066> . Acesso em: 01 jun. 2024.

NASCIMENTO, Ivan do. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 22 out. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “H” desta dissertação].

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, p.7-28, dez./1993.

OLIVEIRA, Chico. **Hino do Arraiá do Cumbe**. Euclides da Cunha: Studio N. Mattos, 2023. Disponível em: <https://www.amazon.com/Hino-Arrai%C3%A1-Cumbe-Chico-DOLiveira/dp/B0C7LYWBCD> . Acesso em: 01 jun. 2024.

OLIVEIRA, José Francisco de. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 30 ago. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “G” desta dissertação]. POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PESSOA, Fernando. **O Guardador de Rebanhos**. In: Poemas de Alberto Caeiro. Lisboa: Ática, 1946. 10. ed. 1993. p. 32.

RIBEIRA, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. IN. **A história escrita**: teoria e história da historiografia. Malerba, Jurandir (Org.) São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. Universidade Federal do Paraná, Brasil. **Revista História da Educação - RHE** . v. 16 n. 37. p. 73-91. Porto Alegre Maio/ago., 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. **Documento curricular referencial da Bahia para educação infantil e ensino fundamental**. v. 1. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. 484 p.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. **Documento Curricular Referencial do Município de Euclides da Cunha para o Ensino Fundamental**. Euclides da Cunha, BA: Secretaria Municipal da Educação, 2022. p. 29-40.

SILVA J.R, Alfredo de Lima. Entrevista concedida a Sandra Maria dos Santos. Euclides da Cunha, 29 jun. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “E” desta dissertação].

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EDUEL, 2013.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-Tão baiano**: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Salvador: EDUFBA, 2007. 115f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – UFBA, Salvador.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - AULAS-OFCINAS: POR UMA POÉTICA CULTURAL E IDENTITÁRIA DO SERTÃO EUCLIDENSE

Autoria: Sandra Maria dos Santos.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto.

Público-alvo: Professores de História e estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Carga horária: 20 horas/aulas.

APRESENTAÇÃO

O produto pedagógico em tela é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada: *A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense e o cordel como ferramenta pedagógica no ensino de história*, apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A escolha desse tema se justifica por inquietações pessoais e pela percepção da falta de conexão dos estudantes do 9º ano do colégio José Aras com a identidade sertaneja. A presente proposta visa preencher essa lacuna, destacando a festa de São João como elemento identitário de afirmação da sertanidade, explorando a literatura de cordel como ferramenta pedagógica potencializadora no ensino de história.

A ação é uma atividade interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História, Língua Portuguesa, Geografia e Artes e será implementada em duas turmas do 9º ano do Colégio José Aras, parte da rede municipal de ensino em Euclides da Cunha, Bahia. A atividade será conduzida com um total de 59 alunos, distribuídos em duas turmas, e terá uma carga horária total de 20 horas/aulas.

Do ponto de vista metodológico, a elaboração deste material pedagógico fundamenta-se no modelo de Aula-Oficina, conforme proposto por Barca (2004). Esse enfoque metodológico representa uma alternativa ao tradicional modelo de “aula conferência”, no qual o professor é o único detentor do conhecimento, e à “aula-colóquio”, na qual o professor permanece central no processo de ensino-aprendizagem, atuando como “planejador de recursos e gestor do diálogo”. No contexto da Aula-Oficina, o professor assume um papel de facilitador, buscando interpretar as ideias prévias dos alunos, que são considerados agentes ativos na

construção do conhecimento. Essa abordagem se baseia em atividades problematizadoras, proporcionando aos estudantes uma participação mais ativa e estimulando a reflexão crítica.

As oficinas pedagógicas nada mais são do que um modelo de processo educativo: trata-se de atividades práticas e coletivas que promovem com base em um tema, um momento de interação em grupo – por meio de situações concretas e significativas, desenvolvendo diferentes habilidades e conhecimentos.

A aula-oficina é um caminho proposto pela educação histórica que parece se adequar ao desenvolvimento de literacia⁵⁶ e consciência histórica⁵⁷. Através dessa metodologia, proposta por Isabel Barca (2004), os alunos constroem o conhecimento histórico usando o princípio investigativo como base da aprendizagem. Logo, o professor aparece como organizador das atividades que irão problematizar os saberes históricos.

Ademais, a proposta de aulas-oficinas surge aqui como resposta à carência de materiais pedagógicos que contemplam elementos da cultura sertaneja nos bancos escolares do município de Euclides da Cunha, Bahia. Com o intuito de contribuir com o currículo local e oferecer um material de apoio direcionado aos professores do 9º ano do ensino fundamental, a abordagem visa fomentar a reflexão sobre a identidade sertaneja, destacando a valorização e o respeito pela diversidade cultural local.

Neste contexto, busca-se não apenas contribuir para a história local e suprir parcialmente essa lacuna, mas também adotar uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize as tradições e saberes da cultura sertaneja, com destaque para a festa de São João. O objetivo é proporcionar um ensino de história em que os alunos se reconheçam como sujeitos históricos, fortaleçam seu sentimento de pertencimento ao sertão baiano e desenvolvam uma maior consciência de sua identidade.

Nessa perspectiva, a concepção desta aula-oficina alinha-se com os princípios da pedagogia por objetivos⁵⁸, que postula que toda ação educativa, para ser eficaz, necessita de um planejamento cuidadoso e uma organização minuciosa. A proposta também está alinhada com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de história, promovendo a chamada atitude historiadora, na qual discentes e docentes desempenham papéis ativos no processo de ensino-aprendizagem, incorporando cinco processos fundamentais: identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise. Nossa abordagem reflete

⁵⁶ Para se aprofundar nesse conceito, ver Lee (2006) e Barca (2006).

⁵⁷ Por consciência histórica compreende-se “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (Rüsén, 2001, p. 57).

⁵⁸ Acerca dessa pedagogia, ver Cupolillo (2007) e Sacristán (1997).

integralmente essa perspectiva, enfatizando não apenas os temas a serem abordados, mas também as estratégias que serão adotadas para proporcionar uma experiência de aprendizagem significativa⁵⁹.

Delineamos, assim, a seguinte estrutura para as aulas-oficinas: Iniciaremos provocando uma problematização do conceito de sertão; exploraremos o significado da categoria 'sertanejo'; em seguida, discutiremos as noções de identidade e fluidez das identidades, investigando os elementos que definem a identidade sertaneja. Abordaremos, ainda, a relação entre cultura popular e identidade, tendo como foco a festa de São João, objeto do nosso estudo, conectando todas essas temáticas ao universo do cordel. Certamente, abordaremos não apenas os aspectos do cordel, mas também nos dedicaremos à exploração de suas características distintivas, sua estrutura única e os processos envolvidos em sua produção. Por fim, realizaremos uma mostra cultural com recitais de cordéis, roda de conversa com artistas locais e apresentações artísticas, como o forró pé de serra e quadrilha junina, destacando a riqueza e a diversidade cultural local. Essa organização criteriosa visa não apenas facilitar o processo de ensino-aprendizagem, mas também incentivar a participação ativa⁶⁰ dos estudantes, promovendo um mergulho significativo no universo cultural e histórico do sertão euclidense.

O CORDEL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

De origem portuguesa, o cordel teve suas raízes no Trovadorismo medieval por volta do século XII. Segundo Araújo e Costa (2021), o folheto de cordel enquanto poesia popular surgiu em Portugal, por volta do século XVII, porém teve seu apogeu no Brasil como gênero narrativo no século XIX, principalmente no Nordeste brasileiro. No entanto, é no início do período republicano que o cordel começa a ganhar mais destaque na região nordeste. Logo, “por conta da migração nordestina para todo o Brasil, a literatura de cordel passou a ser um símbolo da cultura popular não só do Nordeste, mas de todo o país” (Costa, 2021, p. 13). Sobre suas raízes, pesquisas apontam que

A história do cordel liga-se à tradição medieval, em que a atividade de contar histórias numa comunidade estava presente. Um narrador, anônimo, contava suas experiências e, através dessa ação, transmitia um ensinamento moral, um provérbio, uma sugestão prática, uma norma de vida (BENJAMIN, 1994, apud Santos, 2018, p. 12).

⁵⁹ AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

⁶⁰ Essa proposta está alinhada com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (2018) para o ensino de história, promovendo a chamada atitude historiadora.

Nesse sentido, fica evidente que o cordel se originou da tradição oral e foi adaptado para o formato impresso, sendo vendido em folhetos ilustrados com xilogravuras⁶¹. Para Santos (2018), a literatura de cordel mantém uma estreita relação com os discursos e tradições populares e com a realidade vivida por seus autores, abrangendo não apenas aspectos do cotidiano, mas também questões sociopolíticas cruciais da sociedade nordestina do começo do século XX.

Assim como na idade média, o cordel nordestino vem retratar o contexto social o qual a população estava inserida, reproduzindo através de suas rimas, histórias, fatos ou até desejos de um povo muitas vezes alijado das principais decisões políticas que os afetava diretamente (Ibidem, 2018, p. 13).

A termo “cordel” origina-se da forma peculiar de como esses folhetos eram comercializados, sendo pendurados em cordões ou barbantes em feiras e exposições. Porém, embora essa denominação esteja ligada à prática tradicional de venda, o termo “cordel” transcendeu sua literalidade, tornando-se um símbolo da rica expressão artística e literária do Brasil, em especial do Nordeste brasileiro. Caracterizada por seus versos rimados, sua linguagem acessível, ritmo compassado e variedade de temas, a literatura de cordel é uma excelente forma de despertar o interesse dos alunos pela leitura, poesia e cultura popular.

Os folhetos de cordel nos transportam para um contexto histórico que perdurou até há algumas décadas, quando o cordel representava um dos principais meios de comunicação no interior do Nordeste brasileiro. Muitas vezes, era através do cordel que as pessoas eram educadas e informadas; alguns ouvintes aprendiam a ler por meio desses folhetos, enquanto outros, mesmo sem saber ler, memorizavam as histórias e as transmitiam adiante. Assim, o cordel desempenhava um papel crucial na disseminação de conhecimento e cultura, conectando comunidades e preservando tradições ao longo do tempo (Silva, 2023).

Silva (2023), observa também que apesar de ter desaparecido das feiras e praças, a literatura de cordel sobrevive no Brasil e persiste até os dias atuais. Mesmo com o avanço da tecnologia e a urbanização, os poetas de cordel continuam a escrever e a propagar sua arte. Além disso, a literatura de cordel é celebrada e preservada através de festivais, eventos e iniciativas que promovem sua importância cultural e mantêm viva essa expressão artística

⁶¹ A xilogravura é uma técnica de impressão em que a matriz utilizada é uma placa de madeira esculpida. A palavra "xilogravura" tem origem grega, sendo "xylon" associado à madeira. Nessa técnica, a imagem é esculpida na madeira, que depois é usada para imprimir em diversos materiais. No Brasil, renomados artistas como Gilvan Samico, Abraão Batista, Amaro Francisco, José Costa Leite, José Lourenço e J. Borges são reconhecidos como mestres da xilogravura.

única. Assim, apesar das mudanças sociais e tecnológicas, o cordel continua a ser uma parte significativa do patrimônio cultural brasileiro, demonstrando sua resiliência e relevância ao longo do tempo.

Em 2018, o reconhecimento da literatura de cordel como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Brasil foi um marco importante para a preservação e promoção dessa expressão popular no país. Sob a influência dessas narrativas rimadas, importantes escritores nordestinos, como Patativa do Assaré⁶² e, atualmente, Bráulio Bessa⁶³ emergiram contribuindo significativamente para a disseminação e valorização do cordel na sociedade brasileira. Assim, o cordel transcende sua função original de mero entretenimento, tornando-se um símbolo da cultura popular, capaz de enriquecer o entendimento da história regional e nacional, ao mesmo tempo em que preserva e celebra a riqueza do nordeste brasileiro.

Na presente abordagem, o cordel se apresenta como uma ferramenta pedagógica no ensino de História, que pode intensificar a aprendizagem histórica dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II do Colégio José Aras, no município de Euclides da Cunha, Bahia. O cerne dessa proposta concentra-se na sertanidade e na festa de São João como elemento identitário de afirmação da identidade sertaneja, vinculando os estudantes à cultura e ao contexto do sertão euclidense. Nesse sentido, os cordéis desempenham um papel significativo no ensino de história ao ilustrar eventos históricos, aspectos culturais e festividades locais.

O uso do cordel no ensino de História pode proporcionar aos alunos uma conexão pessoal com o conteúdo, permitindo-lhes encontrar significado nas narrativas apresentadas. Essa abordagem vai além de simplesmente utilizar o cordel como uma ferramenta pedagógica, ela oferece a oportunidade de questionar e explorar a relação entre o sujeito e seu contexto histórico, incentivando a reflexão sobre suas percepções de mundo. Dessa forma, o cordel não apenas ensina História, mas também estimula a consciência histórica do aluno sobre sua própria identidade e realidade em que está inserido. Conforme, observa Roberta Alves,

A Literatura de Cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se

⁶² Patativa do Assaré (1909-2002) foi um renomado poeta e repentista do Brasil. Ele se destacou como um dos principais expoentes da cultura popular nordestina no século XX. Com uma linguagem descomplicada, mas profundamente poética, ele capturou em seus versos a dura realidade e as adversidades enfrentadas pelo povo do sertão.

⁶³ Bráulio ganhou destaque nas redes sociais ao promover a literatura de cordel tradicional. Como idealizador do projeto "Nação Nordestina", ele se dedica à promoção da cultura nordestina, sendo reconhecido como "embaixador do Nordeste". Em 2017, lançou o livro "Poesia com Rapadura" pela editora CENE, inspirado na obra de Patativa do Assaré. Notavelmente, Bráulio tornou-se o primeiro autor de literatura de cordel a alcançar o primeiro lugar na lista de mais vendidos da Amazon.

assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto (Alves, 2008, p.108).

A utilização do cordel como recurso pedagógico na sala de aula possui um vasto potencial educacional. Segundo Costa (2021), ao inserir o cordel no contexto das aulas de História, não apenas se enriquece o conteúdo, mas também se tornam as experiências de ensino-aprendizagem mais significativas. Ele destaca que a incorporação da literatura de cordel no ensino de História pode fomentar a “interdisciplinaridade”, estimular a “criatividade” e aprimorar as “habilidades de leitura e oralidade” dos alunos. Além disso, essa metodologia pode estimular a cooperação entre os estudantes, favorecendo a construção colaborativa do conhecimento.

Por outro lado, Santos (2018) ressalta a “ludicidade” e a “musicalidade” do cordel dentro da sala de aula, observando como esses elementos têm o poder de despertar o interesse dos alunos e facilitar a aprendizagem. Ele também destaca a proximidade entre a linguagem do cordel e a vivência oral dos estudantes, o que facilita a compreensão e a identificação com os temas tratados. Essa abordagem não apenas enriquece o ambiente educacional, mas também estabelece uma conexão mais profunda entre os alunos e os conteúdos aprendidos, estimulando a criatividade, gosto pela leitura e pela expressão artística. Dessa forma, ao incorporarmos o cordel nas aulas, oferecemos uma valiosa contribuição ao ensino de História, enriquecendo-o e proporcionando uma abordagem diversificada para explorar a identidade sertaneja e as tradições juninas.

A utilização da literatura de cordel numa perspectiva interdisciplinar e como recurso pedagógico no ensino de História encontra respaldo em teóricos da Educação e da Literatura, bem como em várias pesquisas que destacam sua importância como instrumento de democratização do conhecimento e de valorização da cultura popular.

Conforme Morin (2005), a interdisciplinaridade se torna central no processo de ensino e aprendizagem na medida em que supera a visão fragmentada nos processos de criação e compartilhamento do conhecimento. Ele sustenta que apenas um pensamento que abrace a complexidade de uma realidade multifacetada pode impulsionar uma reforma do pensamento em direção à contextualização, articulação e interdisciplinaridade do conhecimento humano.

Para Morin (2005), a interdisciplinaridade não significa apenas a combinação de diferentes disciplinas acadêmicas, mas também a integração de diferentes formas de conhecimento, incluindo o conhecimento científico, artístico, filosófico e popular. Ele enfatiza

a necessidade de um “pensamento complexo” que seja capaz de abordar a complexidade, a incerteza e a ambiguidade inerentes aos problemas contemporâneos.

Paulo Freire (1974), por exemplo, defendia uma abordagem educacional que partisse do universo cultural dos alunos, utilizando elementos de sua realidade para construir o conhecimento. Nesse sentido, a literatura de cordel, com sua linguagem acessível e temas próximos à vivência do povo, se encaixa perfeitamente nesse propósito pedagógico. Outro teórico que reconheceu a importância da literatura de cordel como uma forma de expressão cultural genuína do povo brasileiro foi Luís Da Câmara Cascudo. Ele documentou extensivamente o folclore nordestino, incluindo os temas, as técnicas narrativas e as características específicas dos folhetos de cordel.

Em *Vaqueiros e cantadores*, Cascudo (2005) analisou a literatura de cordel como parte integrante da tradição oral brasileira, destacando sua riqueza cultural e sua capacidade de refletir aspectos da sociedade e da história do país. Ele também reconheceu a literatura de cordel como uma forma de arte popular que permite a disseminação de conhecimento, valores e tradições entre as camadas mais diversas da população. Assim, a contribuição de Cascudo para o estudo e a valorização da literatura de cordel foi significativa, ajudando a consolidar sua importância como parte essencial do patrimônio cultural brasileiro.

Ao unir o cordel à abordagem interdisciplinar, abrimos caminho para uma variedade de abordagens educativas e artísticas. O cordel se revela como uma poderosa ferramenta pedagógica capaz de dialogar com uma série de componentes curriculares, incluindo história, geografia, linguagens, entre outros. Esse recurso não apenas espelha as tradições, valores e identidades de diversas comunidades, mas também serve como um meio eficaz para fomentar o entendimento e o respeito às diversas culturas. Integrando essa expressão cultural profunda com múltiplas disciplinas, enriquecemos o ambiente educacional, valorizamos a rica cultura popular brasileira e incentivamos o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo dos alunos.

Fazer uso do cordel no contexto escolar é levar em consideração que este tipo de literatura assume uma natureza interdisciplinar, tendo em vista que seus diversos temas se relacionam aos conteúdos das áreas de conhecimento, proporcionando aos alunos formas criativas e prazerosas de compreender as temáticas abordadas em sala de aula, além de colaborar para o desenvolvimento da leitura dos alunos, sua oralidade e socialização (Araújo e Costa, 2021, p.377).

Nessa perspectiva, a proposta tem como objetivo ampliar o entendimento e fomentar reflexões sobre a identidade sertaneja por meio de aulas-oficinas. O intuito é incentivar a criação de cordéis que expressem e celebrem a diversidade e a riqueza da cultura sertaneja com

foco na festa de São João. Nesse contexto, propõe-se a elaboração de uma estrutura poética baseada na sextilha, composta por seis linhas ou versos, em que o segundo, quarto e sexto versos compartilhem uma rima comum. Apesar da inspiração na tradição do cordel, a métrica não será rigidamente imposta, priorizando-se uma abordagem que facilite uma aprendizagem significativa no ensino de História.

Desse modo, trabalhar com a literatura de cordel é uma forma de resgate da memória coletiva, trazendo à tona eventos, personagens e tradições que, muitas vezes, são esquecidos ou marginalizados nos livros didáticos tradicionais. Assim, os cordéis podem complementar e enriquecer o conteúdo histórico apresentado em sala de aula, proporcionando aos alunos uma perspectiva mais ampla e diversificada da História.

Ao explorar a literatura de cordel no ensino de História, os professores não apenas estimulam o gosto pela leitura e pela cultura popular, mas também promovem uma educação mais inclusiva, crítica e contextualizada, que valoriza a diversidade de vozes e perspectivas presentes na construção do conhecimento histórico.

AULA-OFIGINA

Figura 1: Painel temático de cordel com xilogravura



Fonte: **Diário do Nordeste**, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/veja-5-dicas-para-decorar-a-festa-de-sao-joao-1.3243713>. Acesso em: 20 abr. 2024.

Público-alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II do Colégio José Aras do município de Euclides da Cunha, Bahia.

Facilitadores: Professor de História, Língua Portuguesa, Geografia e Artes.

Carga horária: 20 horas/aulas.

Unidade temática: Valorização cultural e identitária do Sertão de Euclides da Cunha-Bahia (contemplando a parte diversificada do currículo).

OBJETOS DE CONHECIMENTO:

- Problematizando o conceito de sertão e sertanejo.
- O Sertão cantado em versos de cordel.
- Conceito de identidade.
- Elementos definidores da identidade sertaneja.
- A festa de São João como elemento identitário da Sertanidade Euclidense.
- O Sertão cantado por Luís Gonzaga,

COMPETÊNCIAS DA BNCC PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

(COMPETÊNCIA 1) Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

(COMPETÊNCIA 2) Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

(COMPETÊNCIA 4) Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Brasil, 2018. grifo nosso).

HABILIDADES:

- Questionar a ideia estereotipada do sertão como uma região árida e atrasada, incentivando os estudantes a entenderem a diversidade geográfica e cultural presente nessas áreas.
- Analisar a construção social do termo “sertanejo” e como ele evoluiu ao longo do tempo, destacando as diferentes representações desse conceito.
- Investigar as principais características que definem a identidade sertaneja, como a relação com a terra, o modo de vida, a religiosidade e as manifestações culturais.
- Explorar as festas juninas, especialmente a celebração de São João, como expressões culturais de afirmação da identidade sertaneja local.
- Analisar a linguagem, as rimas e as ilustrações presentes nos cordéis, destacando como essas narrativas contribuem para a preservação da história e identidade sertaneja.

AULA-OFIGINA 01 (Tempo: 03 aulas de 50 minutos):

Objeto do conhecimento: Problematizando o conceito de sertão e sertanejo.

Facilitador: Professor de História.

Apresentação da Proposta “Aula-Oficina”

Objetivo: Introduzir os participantes à dinâmica da aula oficina, destacando a natureza participativa e prática dos encontros.

Abordagem metodológica:

1. Saudação e acolhimento dos participantes.
2. Apresentação do formato da aula-oficina, destacando sua abordagem prática e colaborativa.
3. Explicação sobre a importância de explorar a identidade sertaneja como tema central.
4. Destaque para a interação constante entre os participantes, encorajando a troca de experiências e conhecimentos.

Atividade 1:

Aplicação de Questionário Diagnóstico

Objetivo:

Coletar informações iniciais sobre as percepções e conhecimentos dos participantes em relação à identidade sertaneja.

Abordagem metodológica:

1. Distribuição do questionário impresso ou eletrônico.
2. Explicação sobre a importância das respostas para orientar as discussões da aula.
3. Tempo para os participantes preencherem o questionário de forma individual.
4. Coleta dos questionários e breve discussão dos temas abordados.

Questionário

1. O que é o “sertão” para você?

2. Você se sente pertencente ao sertão, se considera sertanejo(a)? Por quê?
3. Como você percebe a representação do sertanejo na sociedade? Você se sente representado(a) por essa imagem? Como você definiria o sertanejo “real” na sua perspectiva?
4. De que forma o sertão está presente em sua vida e como ele influencia suas experiências cotidianas?
5. Como você descreveria os sentimentos que o sertão evoca em você?
6. Que elementos da cultura sertaneja você se identifica?
7. Qual a principal festa popular do lugar em que você vive?
8. Qual é a importância cultural da festa de São João para a comunidade local? Como essa celebração contribui para a identidade cultural do sertão?
9. Qual é o papel do forró nas festividades de São João? Como esse estilo musical se integra à tradição e à cultura da região?
10. Como você avalia a presença de outros ritmos musicais nas festividades de São João?

Atividade 2:

Leitura do texto/entrevista com Durval Muniz: *Escavando o oco do sentido ou o que significa ser-tão?* **Arte!** **Brasileiros.** Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/escavando-o-oco-do-sentido-ou-o-que-significa-ser-tao/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

Habilidades:

- Promover a leitura crítica e a discussão sobre o conceito de sertão com base na entrevista de Durval Muniz.
- Estimular a expressão criativa através do desenho, relacionando as percepções individuais sobre o sertão.

Abordagem metodológica:

- Leitura coletiva e discussão da entrevista/texto de Durval Muniz sobre o sertão.
- Estimule os alunos a destacar pontos importantes, conceitos-chave e reflexões apresentadas.
- Peça aos alunos que, após a leitura, reflitam sobre o que entenderam do conceito de sertão apresentado por Durval Muniz.

- Incentive-os a anotar suas reflexões para usar como base na atividade seguinte.
- Distribua uma folha de ofício para cada aluno.
- Formule a pergunta: “O que é o sertão para você?”
- Explique que eles devem expressar suas percepções através de um desenho na folha, utilizando cores e formas que representem suas interpretações pessoais.
- Crie um momento de socialização.
- Promova uma discussão coletiva sobre as diferentes interpretações e representações do sertão.

Atividade 3:

Exibição do documentário: *Brasil sertanejo*. **Youtube.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G6Ebki1tdMU>. Acesso em: 06 jan. 2024.

Habilidade:

Promover discussões sobre a importância da preservação da cultura material sertaneja, estimulando uma apreciação mais profunda da riqueza cultural dessa região.

Abordagem metodológica:

Exibir o documentário *Brasil sertanejo* (tempo: 26 minutos)

Após a exibição, inicie a discussão com os seguintes questionamentos:

1. O que é cultura material e imaterial?
2. Quais elementos da cultura material sertaneja foram observados no documentário?
3. Quais elementos da identidade sertaneja aparecem no filme?
4. Qual a ideia de sertão apresentada no documentário, ele condiz com a realidade?
5. Quais aspectos positivos da realidade do sertão não foram explorados pelo filme?

Conclua a atividade com uma reflexão sobre a importância da preservação da cultura material e imaterial, bem como a grandiosidade do sertão que vai além das suas vastas paisagens áridas e da sua natureza exuberante. Ela está intrinsecamente ligada à resiliência e à criatividade do povo sertanejo, que soube adaptar-se às adversidades climáticas e geográficas, construindo uma cultura rica e diversificada.

Destaque como esses elementos desempenham um papel vital na transmissão de tradições e na construção de identidades culturais.

AULA-OFIGINA 02 (tempo: 3 aulas de 50 minutos):

Facilitadores: Professor de História e professor de Língua Portuguesa.

Objeto do conhecimento: O Sertão cantado em versos de cordel.

Figura 2 – Literatura de cordel



Fonte: **Jornal Opção**. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/literatura-de-cordel-patrimonio-cultural-do-brasil-138590/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

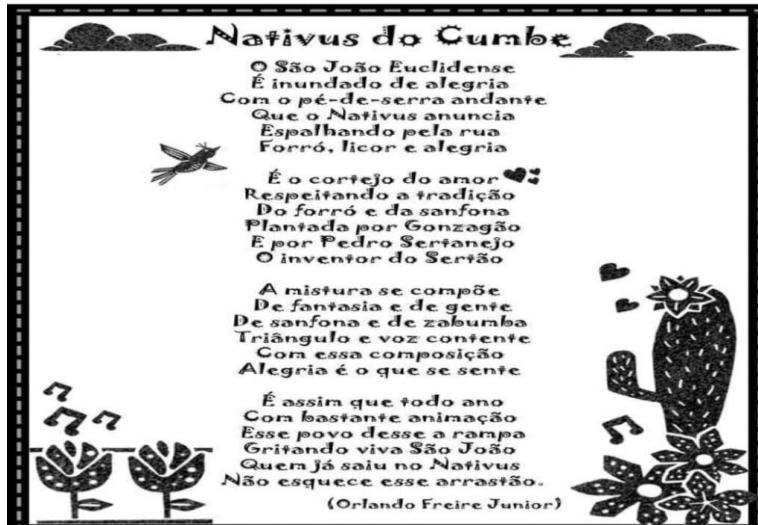
Habilidades:

- Analisar a estrutura do cordel, destacando seus elementos distintivos, como métrica, rimas, narrativa, linguagem e temática, a fim de compreender como esses componentes se entrelaçam para formar uma forma poética singular e expressiva.
- Utilizar o cordel como ferramenta pedagógica para promover a valorização da cultura sertaneja, estimulando a criatividade dos alunos e desenvolvendo habilidades de leitura, escrita e oralidade.

Atividade 1:

Declamação do cordel: *Nativus do Cumbe*, de Orlando Freire (poeta local).

Figura 3 – Cordel Nativus do Cumbe



Fonte: Perfil instagram - [@nativusdocumbe](https://www.instagram.com/p/Bx45NLol7A0/?hl=pt_BR). Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bx45NLol7A0/?hl=pt_BR. Acesso em: 20 abr. 2024.

Abordagem metodológica:

- Introdução ao gênero literário do cordel.

No Brasil o cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel (Marinho e Pinheiro, 2012, p. 17).

- Discussão sobre como o cordel expressa a cultura e identidade sertaneja.
- Características e estrutura típicas do cordel.
- Orientações sobre métrica, rima e linguagem do cordel.
- Verso, estrofe e rima.

Atividade 2:

Cordel *Triste Partida*, de Patativa do Assaré (publicado em formato de folheto de cordel em 1950) – escuta (na voz de Luiz Gonzaga) e reflexão (tempo: 8min50s).

A Triste Partida

Luiz Gonzaga
Setembro passou
Outubro e Novembro

Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós,
Meu Deus, meu Deus

Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
Ai, ai, ai, ai

A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedras de sal,
Meu Deus, meu Deus

Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Natal
Ai, ai, ai, ai

Rompeu-se o Natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Meu Deus, meu Deus

Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois a barra não tem
Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Meu Deus, meu Deus

Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: “isso é castigo
não chove mais não”
Ai, ai, ai, ai

Apela pra março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
Meu Deus, meu Deus

Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
Ai, ai, ai, ai

Agora pensando
Ele segue outra tria

Chamando a famia
Começa a dizer
Meu Deus, meu Deus

Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai

Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar
Meu Deus, meu Deus

Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar
Ai, ai, ai, ai

E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Meu Deus, meu Deus

Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
Ai, ai, ai, ai

Em um caminhão
Ele joga a famia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus

A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá
Ai, ai, ai, ai

O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra
Seu berço, seu lar
Meu Deus, meu Deus

Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar
Ai, ai, ai, ai

No dia seguinte
Já tudo enfadado

E o carro embalado
Veloz a correr
Meu Deus, meu Deus

Tão triste, coitado
Falando saudoso
Seu filho choroso
Exclama a dizer
Ai, ai, ai, ai

De pena e saudade
Papai sei que morro
Meu pobre cachorro
Quem dá de comer?
Meu Deus, meu Deus

Já outro pergunta
Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato
Mimi vai morrer
Ai, ai, ai, ai

E a linda pequena
Tremendo de medo
“Mamãe, meus brinquedo
Meu pé de fulô?”
Meu Deus, meu Deus

Meu pé de roseira
Coitado, ele seca
E minha boneca
Também lá ficou
Ai, ai, ai, ai

E assim vão deixando
Com choro e gemido
Do berço querido
Céu lindo azul
Meu Deus, meu Deus

O pai, pesaroso
Nos filho pensando
E o carro rodando
Na estrada do Sul
Ai, ai, ai, ai

Chegaram em São Paulo
Sem cobre quebrado
E o pobre acanhado
Procura um patrão
Meu Deus, meu Deus

Só vê cara estranha
De estranha gente
Tudo é diferente
Do caro torrão
Ai, ai, ai, ai

Trabaia dois ano,
Três ano e mais ano

E sempre nos prano
De um dia vortar
Meu Deus, meu Deus

Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, ai, ai, ai

Se arguma notícia
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Meu Deus, meu Deus

Lhe bate no peito
Saudade lhe molho
E as água nos óio
Começa a cair
Ai, ai, ai, ai

Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus

O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela famia
Não vorta mais não
Ai, ai, ai, ai

Distante da terra
Tão seca mas boa
Exposto à garoa
À lama e o paul
Meu Deus, meu Deus

Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No Norte e no Sul
Ai, ai, ai, ai

Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8n2bIOESPRQ> . Acesso em: 18 maio 2024.

Abordagem metodológica:

Cada participante deverá declamar uma estrofe do cordel. Em seguida, faremos a escuta e a reflexão da letra.

Reflexão em grupo

1. Qual é o contexto histórico e cultural por trás da música “Triste Partida”? Qual é o significado da letra e como ela reflete as experiências e emoções do povo nordestino, visto que ele é o tema central da obra de Patativa do Assaré.
2. Quais são os temas principais abordados no cordel “Triste Partida”? Como o uso da linguagem e das imagens poéticas contribui para a expressão de emoções como saudade, solidão e melancolia?
3. Como a religiosidade do povo nordestino é expressa nos versos da canção?
4. Como a música 'Triste Partida' reforça ou desafia estereótipos e discursos sobre o sertão, considerando a representação da melancolia e das experiências de partida dentro desse contexto cultural?”
5. De que maneira a letra de “Triste Partida” confronta e denuncia as injustiças sociais e econômicas presentes na realidade sertaneja?

Atividade 3:

Cordel e xilogravura.

Exibição do vídeo: *Como fazer Isogravura* (técnica inspirada na xilogravura - 6min11s). **Youtube.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_KF84Y2F3vk. Acesso em: 23 abr. 2024.

O vídeo explora o conceito de xilogravura e apresenta um guia passo a passo para realizar a isogravura, técnica que será trabalhada na aula-oficina 4.

Atividade 4:

Hora do cordel.

Dividir a turma em grupos de três alunos e iniciar a elaboração de um cordel sobre o sertão e a cultura sertaneja.

AULA-OFIGINA 03 (tempo 03 aulas de 50 minutos):

Facilitadores: Professor de História

Objeto do conhecimento: O que é identidade? Quais elementos definem a Identidade Sertaneja?

Figura 4 – Festa junina



Fonte: Plataforma redigir. Disponível em: https://www.plataformaredigir.com.br/tema-redacao/em---cordel---festa-junina_poema---em. Acesso em: 25 abr. 2024.

Habilidades:

- Explorar o conceito de identidade em suas múltiplas dimensões, desde as perspectivas individuais até as coletivas, examinando como ela é formada, moldada e redefinida ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.
- Investigar e compreender a complexidade da identidade sertaneja, explorando suas raízes históricas, elementos culturais e sua natureza fluida em um mundo em constante mudança.

Abordagem metodológica

Atividade 1:

- Problematização do conceito de identidade.
- Discussão sobre como o sertão influencia a formação da identidade das pessoas que vivem na região.
- Construção de um mapa mental na lousa a partir da palavra “IDENTIDADE”. Em seguida, deve-se abordar a seguinte questão: Quais elementos definem a nossa identidade?
- Projetar no data show a perspectiva do sociólogo Stuart Hall sobre identidade.

[...]O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas

identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambianta de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2005, p.13).

Reflexão:

Como a noção de identidade fragmentada e fluida, conforme descrita por Stuart Hall, afetam o nosso sentimento de pertencimento ao sertão em um mundo onde as fronteiras culturais e sociais estão em constante transformação?

Atividade 2:

Leitura e reflexão do poema *Coração Nordestino*. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-coracao-nordestino/>. Acesso em: 02 de dez. 2024.

CORAÇÃO NORDESTINO **Bráulio Bessa**

Um cantador de viola
fazendo verso rimado,
toicim de porco torrado
numa velha caçarola,
um cego pedindo esmola,
lamentando o seu destino,
é só mais um Severino
que não tem o que comer.
Tudo isso faz bater
um coração nordestino.
As conversas de calçada,
os causos de assombração,
em riba de um caminhão
a mudança inesperada,
galinha bem temperada
sem usar tempero fino,
quebranto forte em menino

pra benzedeira benzer.

Tudo isso faz bater

um coração nordestino.

Banho de chuva na biqueira,

dindim de coco queimado,

menino dependurado

nos braços de uma parteira,

manicure faladeira,

o gado magro e mofino,

novenas para o divino,

pedidos para chover.

Tudo isso faz bater

um coração nordestino.

Pracinhas pra namorar

sem pular nenhuma etapa,

cachaça no bar da tapa,

cantadores pra rimar,

um forrozim pra dançar,

que também é nosso hino,

quer dançar, eu lhe ensino

até o suor descer.

Tudo isso faz bater

um coração nordestino.

Quando a gente olha pro alto

consegue enxergar a lua,

caminhar no mês da rua

sem ter medo de assalto,

um terreiro sem asfalto,

sem concreto clandestino,

um açude cristalino,

um cheiro no bem querê.

Tudo isso faz bater

um coração nordestino.

Uma porca parideira

com uns doze bacurim,
gente boa e gente ruim,
zoada no fim de feira,
arapuca, baladeira,
o chapéu de Virgulino,
na bodega de Firmino
tem de tudo pra vender.

Tudo isso faz bater
um coração nordestino.

Um bebo toma uma cana,
cospe no pé do balcão,
a luz de um lampião
ilumina uma cabana,
uma penca de banana
na casa de Marcolino,
pirão grosso e caldo fino
pra mode o cabra comer.

Tudo isso faz bater
um coração nordestino.

Uma velha na janela
reclamando de uma dor,
casinhas de toda cor
azul, verde, amarela,
um pé de seriguela
no quintal de Marcelino,
no Mobrai, Seu Jesuíno
aprendendo a escrever.

Tudo isso faz bater
um coração nordestino.

Tem milho verde cozido,
castanha feita na brasa,
no oitão da minha casa,
um bebo véri estendido,
na outra esquina, perdido,

mais um bebo, um dançarino,
igreja tocando o sino
no final do entardecer.

Tudo isso faz bater
um coração nordestino.

O gibão de um vaqueiro
que é sua armadura,
engenho de rapadura
pega-pega no terreiro,
um barrão lá no chiqueiro
pra quem é chique, um suíno,
o caminhão de Faustino
cheio de manga pra vender.

Tudo isso faz bater
um coração nordestino.

São milhões de pensamentos
que não saem da cabeça,
e antes que eu me esqueça
registro esses momentos
com poesia e sentimentos
desde os tempos de menino,
talvez fosse o meu destino
nascido pra escrever
aquiilo que faz bater
um coração nordestino.

Questões para reflexão

1. Como o poema descreve a vida cotidiana no sertão nordestino? Quais elementos culturais e sociais são destacados?
2. O que o poema revela sobre a relação do nordestino com a sua terra e as suas tradições?
3. De que maneira as referências a elementos como o forró, a cachaça e o trabalho rural constroem a identidade sertaneja?

4. Como as imagens de simplicidade, como o “gibão de um vaqueiro” ou o “pirão grosso”, contribuem para a construção da figura do sertanejo no poema?
5. A presença de figuras como o “cego pedindo esmola” e o “homem de fé” no poema ajuda a ilustrar a diversidade de personagens e experiências no sertão? Como isso enriquece a identidade sertaneja?
6. Como o poema aborda a nostalgia e o valor das tradições, como o banho de chuva ou os causos de assombração, para a construção da identidade nordestina?
7. De que forma a linguagem e as expressões populares no poema ajudam a reforçar a autenticidade da cultura sertaneja?
8. Qual o papel da música e da dança (como o forró) na construção do sentimento de pertencimento à identidade nordestina?

Atividade 3:

Identificação cultural.

Com os participantes em círculo, coloque no chão/centro da sala diversas imagens que representem diferentes manifestações culturais brasileiras, como o carnaval, festas juninas, bumba meu boi, cavalgadas, festa de Reis, congada, festa do Divino, entre outras. Em seguida, convide os participantes a escolherem a imagem com a qual mais se identificam. Eles podem fazer isso por meio de uma breve reflexão individual expondo as razões de suas escolhas, promovendo uma troca de experiências e histórias pessoais.

Essa atividade não só permite que os participantes se conectem com suas raízes culturais e identidades, mas também promove o diálogo e o entendimento mútuo sobre o sentimento de pertencimento.

Atividade 4:

Hora do cordel.

Reunir os grupos da aula passada para dar seguimento à criação dos cordéis.

AULA-OFICINA 04 (Tempo: 03 aulas de 50 minutos):

Facilitadores: Professor de História e professor de Artes

Objeto de conhecimento: A festa de São João como um dos elementos identitários da sertanidade euclidense.

Figura 4 – Festa de São João



Fonte: Prefeitura Municipal de Euclides da Cunha-BA. Disponível em: <https://www.euclidesdacunha.ba.gov.br/noticia/prefeitura-divulga-programacao-do-arraias-do-cumbe-retro-2022/252>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Habilidade:

- Reconhecer a Festa de São João como um elemento unificador essencial na construção e afirmação da identidade local.

Atividade 1:

Leitura e discussão do texto *Historiador da BA fala da origem das festas juninas, importância na cultura popular e devoção a santos: 'Festa da colheita'*. **G1 Notícias**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/saojoao2021/noticia/2021/06/03/historiador-da-ba-fala-da-origem-das-festas-juninas-importancia-na-cultura-popular-e-devocao-a-santos-festa-da-colheita.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Destacar no texto os elementos culturais das festas juninas que estejam alinhados com a tradição junina local.

Abordagem metodológica:

- Apresentação sobre a origem e significado das festas juninas no Brasil.

- Explicação sobre as tradições, costumes e elementos típicos das festas juninas, como as quadrilhas, as comidas típicas e as fogueiras.
- História do forró e suas raízes nordestinas.
- Principais instrumentos utilizados no forró – sanfona, zabumba, triângulo.
- Demonstrações de diferentes estilos de forró – xote, baião, arrasta-pé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WaCYRGblKaQ>. Acesso 22 abri. 2024

Atividade 2:

Música *São João na roça* (03min).

São João na Roça

Luís Gonzaga

A fogueira tá queimando
 Em homenagem a São João
 O forró já começou
 Vamos, gente, rapa pé nesse salão (2x)

Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Yaiá
 Dança Janjão com Raquer e veu com Sinhá
 Traz a cachaça, Mané!
 Eu quero ver, quero ver paia avoar (2x)

Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H3RDBalEIKw>. Acesso em: 18 maio 2024.

Explore o papel da música na preservação da cultura popular por meio de debates em sala de aula.

Conexão com a realidade local

- Discussão sobre os elementos que compõem a festa de São João local, incluindo as comidas e bebidas típicas, as músicas, o festival de quadrilhas, o Nativus do Cumbe – evento popular do lugar –, as vestimentas tradicionais e as festividades religiosas deste período.
- Projeção de imagens dos festejos juninos de Euclides da Cunha de épocas diferentes.

- Vídeos do Arraiá do Cumbe (Euclides da Cunha) dos anos 1988, 1990 e 2023. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=GmU3N4alqtk> <https://www.youtube.com/watch?v=TY-vtOAGkMo> <https://www.youtube.com/watch?v=jbYZR7tpbPk>, respectivamente. Acessados em: 28 jan. 2024.
- Discutir sobre mudanças e permanências na festa de São João local.
- Explorar o significado cultural do forró na festa de São João e refletir sobre a introdução de outros estilos musicais nesse evento tradicional.

Atividade 3:

Trabalhando com xilogravura

Materiais:

1. Bandeja de isopor;
2. Lápis;
3. Rolinho para pintar;
4. Tinta guache preta;
5. Folha de papel;
6. Tesoura.

- Os alunos serão orientados a fazer isogravura retratando imagens que remetem ao sertão e a festa junina.
- Estimule a criatividade e a expressão artística dos alunos ao longo dessa atividade.
- Destaque que as xilogravuras serão usadas na estamparia das capas dos folhetos de cordel que estão sendo produzidos nas oficinas, os quais serão expostos na Mostra Cultural.

AULA-OFICINA 05 (Tempo: 03 aulas de 50 minutos):

Facilitadores: Professor de História e professor de Língua Portuguesa.

Objeto de conhecimento: *O Sertão*, cantado por Luiz Gonzaga.

Figura 5 – Luiz Gonzaga



Fonte: **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-luiz-gonzaga>. Acesso em: 22 abr. 2024.

Habilidade:

Analisar e compreender a representação do sertão na obra musical de Luiz Gonzaga, explorando suas influências culturais, sociais e históricas, e seu impacto na construção da identidade nordestina/sertaneja e na valorização da cultura popular brasileira.

Atividade 1:

Exibição de um vídeo sobre a vida e obra de Luiz Gonzaga.

Indagando conhecimentos prévios:

1. O que vocês sabem sobre Luiz Gonzaga?
2. Qual é a música de Luiz Gonzaga que vocês consideram mais significativa e por quê?
3. Qual é o papel de Luiz Gonzaga na cultura e identidade do sertão nordestino?

Exibição do vídeo:

Quem foi Luís Gonzaga, o rei do baião? (10min36seg). **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5k-MG4icLiM>. Acesso em: 22 abr. de 2024.

Discutindo o vídeo oralmente:

1. Quais são os principais traços e elementos da cultura sertaneja que se destacam na vida e na obra de Luiz Gonzaga, conforme apresentados no vídeo?
2. Existem curiosidades ou eventos inesperados na trajetória de Luiz Gonzaga que foram revelados ou explorados no vídeo e que você não conhecia anteriormente?
3. Como o vídeo descreve a influência de Luiz Gonzaga no desenvolvimento e na popularização do forró, e de que maneira sua carreira e legado estão entrelaçados com esse gênero musical?

Atividade 2:

Escuta e interpretação da canção *Asa Branca* (tempo 5min39seg).

Asa Branca

Luiz Gonzaga

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água, perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por falta d'água, perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro, não chore não, viu?
Que eu voltarei, viu, meu coração?
Eu te asseguro, não chore não, viu?
Que eu voltarei, viu, meu coração?

Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHG2hxbc> . Acesso em:

18 maio 2024.

Questões para reflexão

1. Como a música “Asa Branca” retrata a vida e as experiências das pessoas que vivem no sertão nordestino?
2. Quais são os principais temas abordados na letra de “Asa Branca” e como eles são representados musicalmente?
3. De que maneira a letra da música “Asa Branca” reflete os sentimentos de saudade, esperança e as características culturais da festa de São João no contexto do sertão?
4. Qual é a importância histórica e cultural de “Asa Branca” na música brasileira e na identidade nordestina/sertaneja?
5. “Asa Branca” pode ser vista como uma forma de protesto ou crítica social? Em caso afirmativo, quais são os aspectos da sociedade ou das condições de vida no sertão que a música aborda?

Atividade 3:

Trabalho em grupo com 5 componentes.

Para essa atividade, a turma será dividida em grupos e cada grupo receberá a letra de uma das canções de Luiz Gonzaga. Após a leitura e análise da letra em grupo, os participantes terão a tarefa de representar artisticamente a canção de formas diversas. Podem optar por criar um desenho que capture a essência da música, compor um poema inspirado na letra, desenvolver um cordel que conte a história da canção ou ainda criar uma coreografia que traduza os sentimentos e ritmos da música. Ao final, cada grupo apresentará sua interpretação artística para os colegas, promovendo uma troca de experiências e percepções sobre a obra de Luís Gonzaga.

1. Xote das meninas;
2. No meu pé de serra;
3. Ave maria sertaneja;
4. Qui nem jiló;
5. A vida do viajante;
6. Luar do Sertão;
7. Sabiá;
8. Forró no escuro.

HORA DO CORDEL:

Reunir os grupos das aulas anteriores para finalizar a produção dos cordéis.

Atividade 5:

Aplicação do mesmo questionário utilizado no primeiro dia de aula para analisar a progressão da aprendizagem histórica dos alunos ao longo das aulas-oficinas.

AULA OFICINA 06: Mostra Cultural (Tempo 05 aulas de 50 minutos).

Habilidade:

Proporcionar uma experiência cultural enriquecedora e inspiradora que celebra, preserva e promove a diversidade e a riqueza da herança cultural local.

Nesta aula, busca-se celebrar e preservar a rica cultura local, destacando diferentes aspectos da tradição e da arte. As apresentações planejadas oferecem uma visão abrangente das expressões culturais típicas da região, envolvendo os alunos, agentes sociais da comunidade e artistas convidados. Abaixo está uma descrição detalhada de cada apresentação:

Apresentação 1: Roda de conversa com figuras proeminentes da comunidade (entrevistados).

- Um momento de interação e diálogo com indivíduos dedicados à preservação da cultura local.
- Participantes incluem um sanfoneiro, que traz o som característico do acordeão; um zabumbeiro, responsável pelo ritmo marcante do forró; um apaixonado forrozeiro, que compartilha sua vivência e amor pela música nordestina; um mestre puxador de quadrilha, responsável por liderar os passos e coreografias das danças tradicionais; e um talentoso cordelista, que traz consigo as rimas e histórias do cordel.
- A roda de conversa permite que os participantes compartilhem suas experiências, desafios e perspectivas sobre a importância da preservação cultural.

Apresentação 2: Recital de cordéis produzidos pelos alunos.

- Uma oportunidade para os alunos apresentarem os cordéis que produziram durante as oficinas.

- Os cordéis são uma forma de literatura popular que combina poesia, narrativa e ilustrações, frequentemente abordando temas do cotidiano e da cultura local.
- Os alunos têm a chance de demonstrar sua criatividade e habilidades literárias, compartilhando suas próprias histórias e reflexões por meio dessa rica expressão artística popular.

Apresentação 3: Musical - Forró Sertanejo.

- Um grupo de forró pé de serra local será convidado a se apresentar, com ênfase nos instrumentos tradicionais como sanfona, triângulo e zabumba.
- O público é convidado a dançar e se envolver com a energia e a alegria característica desse estilo musical tão querido pelo povo sertanejo.

Apresentação 4: Apresentação de quadrilha junina (Grupo Convidado).

- Um grupo de quadrilha junina será convidada a apresentar sua performance, trazendo a beleza e a tradição das danças juninas.
- A apresentação destaca os passos coreografados, os trajes coloridos e a animação que marcam essa forma de manifestação cultural.
- A quadrilha junina representa um importante aspecto das festividades típicas do período junino, celebrando as tradições e os costumes do Nordeste.
- Em conjunto, essas apresentações proporcionam uma experiência rica e diversificada, destacando a importância da cultura local, sua preservação e sua vitalidade na comunidade. A Mostra Cultural serve como um espaço de celebração, aprendizado e conexão com as tradições e expressões artísticas que fazem parte da identidade cultural local.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez. 2001.

ALVES, Roberto Monteiro. **Literatura de cordel:** por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, ano 2, v. 4, p. 103-109, jul.-dez. 2008

ANDRADE, Carlos Drummond de. D. **Obra poética**, v. 4-6. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

ARAS, José, *No Sertão do Conselheiro*. Salvador: Contexto e Arte, 2003.

ARAÚJO, M. J.; COSTA, M. C. A literatura de cordel e a interdisciplinaridade no contexto escolar. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 7, n. 21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2876/2691>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BARCA, I. Literacia e consciência histórica. In. **Educar**, Curitiba, p. 96 – 112, 2006.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p.131-144.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** História: ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC, 1998.

CASCUDO, L. C. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

COSTA, Ronie Franca. **Literatura de cordel e ensino de História:** diálogos e possibilidades no Ensino Fundamental. 2021. 131f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - UNIFESP, Guarulhos.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEE, P. Em direção a um conceito de literacia histórica. In. **Educar**, Curitiba, p. 131 – 150, 2006.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Jordania Alyne Santos. **As territorialidades da festa junina de Campina Grande (PB) (2016-2017)**. 2018. 116f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFRN, Natal.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.

RIBEIRO, Darcy. Brasil sertanejo. *In: O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 338 -362.

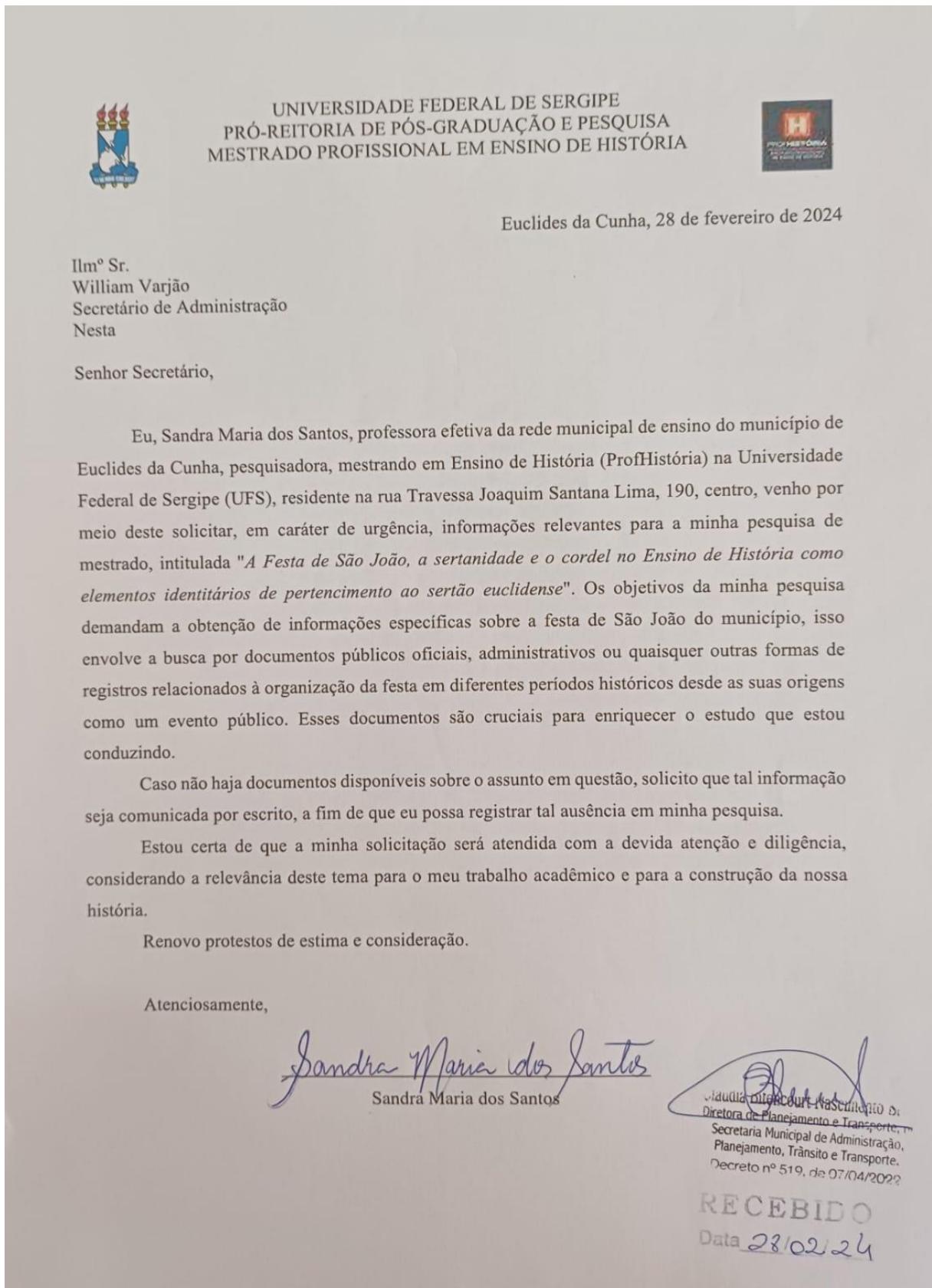
RÜSEN, J. **Razão da história**: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Ary Leonan Lima. **Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de história: conceitos, repertórios e experiências**. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. **Documento Curricular Referencial do Município de Euclides da Cunha para o Ensino Fundamental**. Euclides da Cunha, BA: Secretaria Municipal da Educação, 2022.

SILVA, Amanda Muniz da. Trajetória da literatura de cordel no Brasil: das feiras às mídias digitais. **Verbum**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 6-31, set. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/61815/43333>. Acesso em: 18 abr. 2024.

APÊNDICE B – Ofícios enviados para concretização da pesquisa





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Euclides da Cunha-BA, 28 de agosto de 2024

À

Maria Iris Araujo da Silva Santana
Diretora do Colégio José Aras
Rua Pedro Monteiro Campos, 116
Nesta

Assunto: Aplicação de projeto de pesquisa

Prezada diretora,

Eu, **Sandra Maria dos Santos**, professora da rede municipal de ensino de Euclides da Cunha, mestrando em Ensino de História – ProfHistória/UFS, venho por meio deste, solicitar a Vossa Senhoria a permissão para aplicar o projeto de pesquisa interdisciplinar nesta unidade de ensino, nos meses de setembro e outubro de 2024, intitulado **“Por uma poética cultural e identitária do sertão euclidense”** que é parte propositiva da dissertação **“A festa de São João como elemento identitário da sertanidade euclidense e o cordel como ferramenta pedagógica no Ensino de História.”**

O referido projeto tem como objetivo desenvolver e implementar aulas/oficinas como estratégia pedagógica para promover a participação ativa dos alunos e aprofundar a compreensão sobre o sertão e a cultura junina visando fortalecer o sentimento de pertencimento ao sertão. A proposta pedagógica é direcionada aos alunos do 9º ano e contempla a parte diversificada do currículo local.

O projeto será desenvolvido em 20 horas/aulas (3 aulas semanais) e contará com atividades diversas, bem como ações interdisciplinares nas áreas de História, Língua Portuguesa, Artes e Geografia.

Agradeço antecipadamente a atenção e aguardo um retorno positivo.

Atenciosamente,

Neide Varejão Macedo de Moura
Vice-Diretora

Portaria nº 081, de 04/01/2021

Sandra Maria dos Santos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Euclides da Cunha, 28 de fevereiro de 2024

Ilmo Sr.
João Batista Pires Reis
Presidente da Câmara Municipal de Euclides da Cunha
Nesta

Senhor Presidente,

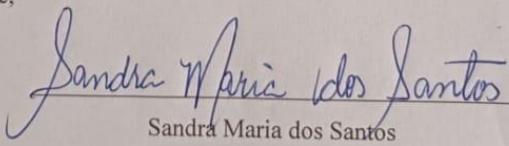
Eu, Sandra Maria dos Santos, professora efetiva da rede municipal de ensino do município de Euclides da Cunha, pesquisadora, mestrando em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade Federal de Sergipe (UFS), residente na rua Travessa Joaquim Santana Lima, 190, centro, venho por meio deste solicitar, em caráter de urgência, informações relevantes para a minha pesquisa de mestrado, intitulada "*A Festa de São João, a sertanidade e o cordel no Ensino de História como elementos identitários de pertencimento ao sertão euclidense*". Conforme os objetivos da minha pesquisa, é de suma importância que eu obtenha informações específicas sobre a **festa de São João** local, quais sejam: atos legislativos, projetos de lei e demais documentos pertinentes relacionados ao tema, que possam contribuir para o enriquecimento do meu estudo.

Caso não haja documentos disponíveis sobre o assunto em questão, solicito que tal informação seja comunicada por escrito, a fim de que eu possa registrar tal ausência em minha pesquisa.

Estou certa de que a minha solicitação será atendida com a devida atenção e diligência, considerando a relevância deste tema para o meu trabalho acadêmico e para a construção da História Local.

Renovo protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Sandra Maria dos Santos

Euclides da Cunha
28/02/2024
Ass.:

APÊNDICE C - Entrevista com representante do “Nativus Do Cumbe”: o pé de serra andante do sertão

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Anderson Michel Santos de Andrade.

IDADE: 44 anos.

PROFISSÃO: Educador Físico.

NATURALIDADE: Euclides da Cunha-BA.

II. QUESTÕES NORTEADORAS E RESPOSTAS DO PARTICIPANTE

1. *Quando surgiu e qual é a inspiração por trás do evento “Nativus do Cumbe”?*

“O pé de serra andante, Nativus do Cumbe, surgiu em 2005. Devido eu notar uma deficiência dentro do São João de Euclides da Cunha quanto ao forró e à cultura junina de raiz. Já que cada vez mais se priorizava outros gêneros musicais, como exemplo do forró fake, arrocha, sertanejo, e até mesmo o pagodão baiano”.

2. *Quem são os organizadores e quem financia o evento?*

“Fica à frente do projeto do movimento Nativus do Cumbe: Anderson Michel; Dra. Jéssica Andrade; Israel Abreu e Jane Jesus dos Santos. Mas o Nativus do Cumbe tem em torno de 28 pessoas engajadas no movimento. Entre familiares e amigos.

Os nossos grandes colaboradores são, desde o início, os nossos foliões forrozeiros adquirindo o nosso kit Nativus do Cumbe que é composto pôr “Chapéu de palha, caneca, e 1 (um) litro de licor” para manter o movimento cultural. Mas, como esse custeio não é o essencial para arcar com as despesas e proporcionar melhorias, nos últimos seis anos buscamos apoio também na iniciativa pública e privada”.

3. *O que torna o “Nativus do Cumbe” único em comparação com outros eventos culturais da região?*

“O que torna o Nativus do Cumbe único, acredito que é a sua peculiaridade de buscar as raízes do povo nordestino e de manter a cultura junina autêntica viva e de ser um evento aberto ao público sem discriminação de poder aquisitivo, de etnia, de gênero. Enfim, é um evento onde todas as tribos se unem”.

4. Quais elementos definem a identidade dos nativos do Cumbe?

“Sem dúvidas, nossa musicalidade através do forró pé de serra: triângulo, sanfona, zabumba e outros instrumentos utilizados dentro da musicalidade nordestina. E nosso grande feito que foi conseguir com que as pessoas buscassem as indumentárias do legado do povo nordestino, como vaqueiro, cangaceiro, jagunço, caipira, pessoas comuns do dia a dia da nossa região”.

5. Por que o nome “Nativus do Cumbe”?

“Engraçado que muita gente me pergunta de onde veio a ideia desses nomes. A princípio, eu tinha a ideia de colocar o nome ‘O pé de serra andante’, devido à ideia de sair andando, tocando e cantando pelas ruas da cidade. Mas, quando eu ainda morava em Euclides da Cunha no ano de 1996, eu conheci a banda de reggae *Nativus Banda*, essa hoje *Natiruts*, a qual sou muito fã. E daí acabei simpatizando com o nome e me veio a ideia de criar uma banda chamada *Nativus do Cumbe*. Então acabei juntando os dois nomes e, como eu costumo dizer, temos nome e sobrenome: ‘NATIVUS DO CUMBE. O pé de serra andante’”.

6. Como o evento celebra e promove a cultura e a tradição junina?

“Celebramos ao som do gênero mais autêntico que representa a cultura junina, o forró pé de Serra com triângulo, sanfona e zabumba. Criado pelos verdadeiros arquitetos da música nordestina, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Pedro Sertanejo, Dominguinhos, Marinês, Trio Nordestino, Elba Ramalho, Alcymar Monteiro, Flávio Leandro, Flávio José entre outros menestréis da música nordestina”.

7. Quais são as principais atrações e atividades promovidas pelo “Nativus do Cumbe”?

“A principal atração promovida é justamente o pé de Serra Andante no sábado de São João. Mas temos outros projetos em vista para se desenvolver futuramente. Como encontro de forrozeiros, de Euclides da Cunha e região. Até mesmo porque o público tem pedido e cobrado da nossa diretoria, lamentando que só uma vez no ano é muito pouco”.

8. são os aspectos logísticos mais desafiadores ao organizar um evento itinerante como o “Nativus do Cumbe”?

“No início a nossa logística era mais dificultosa para transportar o nosso aditivo, que é o licor, até mesmo porque, quando tudo começou, era transportado em barril no lombo de um jumento. Hoje usamos caminhão ‘pau de arara’ e um palco prancha. Nossa maior dificuldade é organizar a sonorização e conseguir fazer com que os nossos foliões integrantes do *Nativus do Cumbe* cheguem na hora marcada prevista para nossa saída. Risos”.

9. Como vocês promovem o evento e atrai o público para participar?

“Sempre foi uma divulgação muito tímida, simples, de boca a boca, mas, nos últimos anos, divulgamos através da radiodifusão, carro de som e através das redes sociais, como o Instagram, Facebook, YouTube e, até mesmo, WhatsApp. Mas continuo acreditando que o nosso maior divulgador é o nosso público boca a boca”.

10. Como você avalia o impacto cultural e social do evento no município de Euclides da Cunha?

“De 1992 a 2004 era notório como os adolescentes e jovens, na sua grande maioria da cidade de Euclides da Cunha e região, não curtia mais o forró pé de serra. O que mais estava sendo consumido nesse período era o ‘Forró eletrônico’. Com o surgimento do *Nativus do Cumbe* em 2005, passamos a despertar e perceber que essa geração passou a valorizar o gênero e passou a consumi-lo. É tanto que hoje é notório como eles se programam, fantasiando-se de personagens do nordeste, fazendo com que movimente o comércio local, principalmente do comércio têxtil”.

*11. Que relação existe entre o sertão, a tradição junina e o *Nativus do Cumbe*?*

“Toda relação! Eu acredito que essas três coisas estão entrelaçadas. Não existiria o Nativus do Cumbe sem a tradição junina, que é o nosso maior propósito. E não existiriam as festas juninas sem Sertão. Porque é nesse período que o Nordeste se enche de orgulho e comemora o momento de fartura do sertanejo. É a maior festa regional do país”.

12. O que é o sertão para você? Você se sente pertencente ao sertão?

“O sertão, para mim, é tudo! É onde eu me encontro comigo mesmo e com a origem dos meus antepassados. Com a ampla diversidade cultural que vai da culinária, à maneira de se vestir, à maneira de falar, nossos sotaques e dialetos, da nossa maneira resiliente de ser, assim como o bioma fantástico da nossa caatinga do sertão nordestino com seu poder fantástico de se regenerar com apenas uma única chuva”.

13. Como essa festa popular contribui para a identidade cultural do sertão?

“Acredito que o Nativus do Cumbe teve e tem o poder de contribuir culturalmente, fazendo com que as pessoas se reconheçam dentro da sua própria Cultura regional e passem a valorizar”.

14. Qual é o papel do forró pé de serra nesta festividade? Como esse estilo musical se integra à tradição e à cultura da região?

“O forró pé de serra difundido inicialmente na década de 1940, por Luiz Gonzaga, no Rio de Janeiro, e por Pedro Sertanejo, natural de Euclides da Cunha, em São Paulo. Foi e é, sem dúvidas, o gênero musical que mais retratou os festejos juninos e a cultura do seu povo”.

15. Como você avalia a presença de outros ritmos musicais nas festividades de São João em Euclides da Cunha?

“Na minha ótica, acredito que não tem nada a ver outros gêneros musicais dentro das festividades juninas. Pouca gente sabe, mas o São João se resumia antigamente há um único dia. Foi Luiz Gonzaga quem fez, através do forró pé de Serra, cantando seu povo e seus costumes juninos, com que a festa durasse o mês de junho todo. Então deixe o período junino para o forró pé de serra que foi quem construiu esse legado”.

APÊNDICE D – Entrevista com puxadora do Festival de Quadrilhas

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Mauriza Ribeiro Cândida.

IDADE: 54 anos.

PROFISSÃO: Professora do Ensino Fundamental I.

NATURALIDADE: Euclides da Cunha – Bahia.

II. QUESTÕES NORTEADORAS E RESPOSTAS DO PARTICIPANTE

1. *Como e quando o festival de quadrilhas começou em Euclides da Cunha e qual é a sua importância para a comunidade local?*

“O festival de quadrilhas juninas foi criado no ano de 2001, no segundo mandato do prefeito Renato campos, com o objetivo de estruturar e incentivar os grupos quadrilheiros já existentes que movimentavam a cultura junina no município. O projeto se intitulava “Forró Quentão” e era organizado pela Secretaria Municipal de Educação através da pasta da Cultura, que engajava as comunidades quadrilheiras da sede do município e da zona rural”.

2. *Quais são os principais objetivos do festival de quadrilhas em termos de preservação cultural e engajamento da comunidade?*

“O projeto ‘Forró Quentão’ objetivava estruturar a movimentação das quadrilhas juninas existentes, levando os festejos juninos para todas as localidades do município envolvidas no projeto através da caravana da alegria, bem como incentiva a permanência dos grupos de quadrilhas instituídos e a formação de novos grupos quadrilheiros, na sede e nos povoados, para fortalecimento e valorização da cultura junina”.

3. *Quais são os critérios para as quadrilhas participantes? Há alguma seleção ou processo de inscrição específico?*

“As quadrilhas juninas deveriam se inscrever no projeto de acordo com o Regulamento, observando o número de participantes, o tema a ser explorado e a preservação de alguns elementos da tradição junina. As quadrilhas faziam suas inscrições no projeto, depois de realizar o processo de seleção de seus participantes em suas comunidades”.

4. *Quantos e quais são os grupos de quadrilhas que já se formaram tradição nessa festividade?*

“Muitos foram os grupos de quadrilhas que passaram pelo projeto desde sua criação, que foi sendo renovado de uma gestão municipal para outra. Porém, apenas cinco se tornaram tradição nesse movimento: Arroxé o Nó, do distrito de Caimbé, Caipiras Aloprados do Povoado de Aribicé, Raízes do sertão, Carcarás do sertão e Encantos (antiga Luar do Sertão) todas da sede do município. Contudo, a quadrilha Chamego Sertanejo, do distrito de Carnaíba, pioneira nesse movimento quadrilheiro, participou do projeto até o ano de 2017”.

5. *Quais são os desafios enfrentados na organização do festival de quadrilhas?*

“Falando do lugar de quadrilheira e presidente do grupo Chamego Sertanejo, o maior desafio enfrentado, ao longo dos 20 anos de participação nessa festividade, foi a insuficiência dos recursos financeiros e a falta de patrocinadores”.

6. *Como é feito o financiamento do festival? Há recurso federal e apoio do governo local ou de patrocinadores?*

“A Prefeitura Municipal, através do projeto ‘Folia Sertaneja’, assim intitulado atualmente, financia uma quantia padrão para todos os grupos de quadrilhas inscritos no projeto, com a finalidade de ajudar nos custos dos figurinos e assume a logística de transporte e lanche para todas as localidades que recebem a caravana ‘Folia Sertaneja’. Entretanto, como o financiamento do governo local não é suficiente para custear todas as despesas, os quadrilheiros buscam outros meios legais para o levantamento do recurso”.

7. *Como as quadrilhas se preparam para o festival? Há um processo de ensaio e preparação intensivos?*

“As quadrilhas se preparam para o festival de forma intensiva, começando a definir seus projetos futuros e construir seus cronogramas de reuniões e ensaios logo após o término do festival, mantendo o ritmo intensivo de preparação para o festival seguinte no decorrer de todo ano”.

8. *Quais mudanças e permanências você observa no festival ao longo do tempo, incluindo os estilos de dança, os temas explorados e as coreografias apresentadas?*

“Conforme o festival foi se difundindo, as quadrilhas juninas foram sofrendo influências de quadrilhas de outras regiões e passaram por processos de mudanças, no que se refere ao conjunto de organização das juninas, perdendo as características do tradicional e se tornando quadrilhas estilizadas com muitas coreografias, glamour e brilhos nos figurinos e acessórios. Enquanto ao que permanece a tradição do festival é a dança em pares”.

9. Como são selecionados os jurados do festival? Quais são os critérios de avaliação das quadrilhas?

“O nível dos jurados avançou muito, comparado ao início do festival, pois os jurados selecionados atualmente possuem formação acadêmica e experiência na área. Como as quadrilhas são avaliadas em critérios diversos, que vão da técnica ao artístico, são, consequentemente, selecionados jurados técnicos e artísticos para comporem um corpo de jurados específicos para cada localidade que receba o festival Folia Sertaneja”.

10. O festival de quadrilhas promove algum tipo de intercâmbio cultural com outras regiões do país?

“Não tenho uma resposta precisa para esta questão, mas acredito que o festival de quadrilhas não promove nenhum intercâmbio cultural com outras regiões do país. Porém, os quadrilheiros têm buscado essa relação cultural com outras regiões quando têm seus figurinos confeccionados em outros estados e são convidados a participar de concursos de quadrilhas em outras localidades do nordeste”.

11. Em sua opinião, qual é a importância dos festivais de quadrilha na preservação da cultura junina e como eles contribuem para fortalecer a identidade cultural do sertão?

“De acordo com a publicação no Diário Oficial da União, no dia 24 de junho de 2024, as quadrilhas juninas foram oficialmente reconhecidas como patrimônio cultural nacional, após a sanção da Lei N° 14.901/2024, pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, destacando o papel fundamental dessas manifestações nas festas juninas _brasileiras. Os festivais de quadrilhas desempenham um papel fundamental na preservação deste patrimônio, pois além de movimentar e incentivar o resgate da tradição cultural junina, as nossas quadrilhas não apenas encantam com a beleza dos figurinos e a criatividade das apresentações, mas são um elo vivo com nossas raízes folclóricas. (Re)contam histórias passadas e do presente do nosso Nordeste e de todo Brasil e contribuem para o fortalecimento da identidade

cultural, promovendo a inclusão através da participação coletiva e o orgulho de pertencimento ao nosso sertão”.

12. Quais são os planos para o festival? Há alguma inovação ou expansão planejada?

“Não tenho conhecimento a respeito.”

13. Você observa mudanças significativas nos festejos juninos ao longo dos últimos anos? Quais são suas percepções e perspectivas sobre essas possíveis transformações e seus impactos na preservação da cultura junina?

“Tenho percebido que as tradições das festas juninas têm passado por mudanças nos últimos anos. As festas de São João aquecem a economia de muitas cidades nordestinas. Grandes palcos de festas, que movimentam milhões, são espaços disputados. Artistas locais e tradições como as quadrilhas que representam o símbolo das festas juninas, atualmente reconhecidas como manifestação da cultura nacional, e a cultura do forró vêm perdendo espaço para atrações como cantores sertanejos.

Em nome da evolução dessas festividades, muito tem se perdido dos elementos tradicionais das festas juninas, o que poderá levar ao enfraquecimento da cultura de identidade do povo nordestino e a customização das tradições juninas”.

APÊNDICE E - Entrevista com organizador do Festival de Quadrilhas

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Alfredo de Lima Silva Júnior.

IDADE: 40 anos.

PROFISSÃO: Representante Territorial de Cultura (RTC), Semiárido Nordeste II – SECULT/BA.

NATURALIDADE: Serrinha-BA, residente em Euclides da Cunha há 20 anos.

II. QUESTÕES NORTEADORAS E RESPOSTAS DO PARTICIPANTE

1. Como e quando o festival de quadrilhas começou em Euclides da Cunha e qual é a sua importância para a comunidade local?

“O concurso de quadrilha junina de Euclides da Cunha teve início nos anos 2000, informalmente, organizado pelas comunidades do interior e alguns representantes culturais da sede. Em 2009, passou a se chamar ‘Forró Quentão’, produzido pela gestão de Fátima Nunes. Contudo, foi apenas em 2017 que a Diretoria de Cultura de Euclides da Cunha, gerida por Alfredo Júnior, Jean Fabrício e reforçada por uma Comissão Gestora na gestão do Prefeito Luciano Pinheiro, reformulou o evento. O nome foi alterado de ‘Forró Quentão’, devido ao seu apelo alcoólico, para ‘Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja’ (FQJFS), ideia do produtor Alfredo Júnior.

Com um apoio mais consistente, o governo passou a determinar o patrocínio de acordo com o número de casais participantes, priorizando as escolhas dos artistas para a composição de materiais e a contratação de profissionais para suas produções, incluindo costureiras, aderecistas e profissionais liberais. A circulação do festival pelas comunidades do interior trouxe um movimento significativo de economia criativa nas localidades. Hoje, além de dinamizar a economia local, o festival tem como seu maior trunfo a fomentação cultural em grande escala, promovendo arte e educação de maneira incisiva”.

2. Quais são os principais objetivos do festival de quadrilhas em termos de preservação cultural e engajamento da comunidade?

“Dentro das diretrizes consagradas nos artigos do Regulamento do Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja de Euclides da Cunha sobressai-se a elevada importância conferida à preservação das músicas tradicionais juninas e ao engajamento dos folguedos populares das comunidades rurais e da sede. O regulamento exalta a valorização das famílias e suas memórias, promovendo a continuidade das tradições culturais que enraízam e fortalecem a identidade local, celebrando a riqueza do patrimônio imaterial e perpetuando as vivências e os costumes que moldam a história e a alma da região”.

3. Quais são os critérios para as quadrilhas participantes? Há alguma seleção ou processo de inscrição específico?

“Dentro dos critérios estabelecidos no regulamento do Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja de Euclides da Cunha, destaca-se a exigência de que 90% dos artistas sejam residentes no município. Os coletivos devem conter, no mínimo, a participação de 14 casais e se apresentar nas localidades do interior e da sede, conforme determinado pela comissão gestora. Além disso, é exigido que os brincantes tenham no mínimo 16 anos, garantindo a inclusão e o engajamento dos jovens nas tradições culturais”.

4. Quantos e quais são os grupos de quadrilhas que já se tornaram tradição nessa festividade?

“Quadrilha Junina Arroche o Nô - Distrito de Caimbé; Caipira Aloprados - Distrito de Aribicé; Encantus - Bairro Nova América; Carcarás do Sertão - Bairro Duda Macário; Luar do Sertão - Bairro Nova América; Raízes do Sertão - Bairro Populares”.

5. Quais são os desafios enfrentados na organização do festival de quadrilhas?

“A participação de mais de 300 membros é essencial para o sucesso do Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja de Euclides da Cunha. Este evento envolve uma equipe diversificada, incluindo: artistas, produtores, profissionais liberais, motoristas, seguranças, profissionais de saúde (enfermeiros, médicos e psicólogos), eletricistas, profissionais da educação e membros da comunidade.

Organizar um evento dessa magnitude apresenta vários desafios logísticos, incluindo: contratação de toldos – para oferecer proteção e conforto aos participantes e espectadores; suporte técnico operacional – operação de mais de 16 ônibus para o transporte das quadrilhas juninas; disponibilização de veículos para a locomoção dos jurados e da comissão organizadora; instalação de equipamentos – montagem do palco, sistema de som e iluminação; e gerenciamento dos espaços – para garantir uma acomodação segura e confortável para participantes e espectadores, proporcionando uma experiência enriquecedora e imersiva.

Atualmente, o custo aproximado para a realização do festival é de R\$ 300 000 00 (trezentos mil reais) com recursos próprios. O objetivo futuro é desenvolver uma organização sistemática para buscar melhores financiamentos por meio de instituições municipais, estaduais e federais”.

6. Como é feito o financiamento do festival? Há recurso federal e apoio do governo local ou de patrocinadores?

“O recurso do Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja vem exclusivamente do município de Euclides da Cunha”.

7. Como as quadrilhas se preparam para o festival? Há um processo de ensaio e preparação intensivos?

“O projeto de uma quadrilha junina para o Festival Folia Sertaneja em Euclides da Cunha é dividido em três etapas principais, cada uma com suas próprias atividades e prazos:

1 Pré-Produção (janeiro a fevereiro) - Preparar e organizar todos os aspectos necessários para o desenvolvimento da quadrilha e sua participação no festival. Abrir um processo de inscrição para grupos interessados em participar da quadrilha junina. Divulgar o edital de inscrição, definir critérios de participação, e receber as inscrições dos grupos interessados.

2 Produção (março a junho) - Organização Sistemática do Tema, escolher e desenvolver o tema que será apresentado pela quadrilha durante o festival. Reunir os participantes, elaborar o enredo, selecionar músicas, e planejar a coreografia e figurino. Planejamento do conteúdo da apresentação. Desenvolver e ensaiar a apresentação da

quadrilha. Ensaios e Preparação – conduzir ensaios regulares com coreografia, a música, os figurinos e os aspectos cênicos para preparar o brincante para as apresentações. Se apresentar no Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja. Organizar a logística do evento, coordenar a programação das apresentações, e garantir a infraestrutura necessária para o festival.

3 Pós-Produção (julho a agosto) - Finalizar o projeto, avaliando os resultados e preparando o relatório de execução. Construção do Relatório Final detalhando sobre a execução do projeto e o festival. Compilar informações sobre a execução das atividades, avaliar os resultados, documentar os aspectos positivos e as melhorias necessárias, como analisar o financeiro e sugestões para futuras edições do festival.

Cronograma do Projeto

Etapa	Período	Atividades Principais
Pré-Produção	janeiro a fevereiro	Inscrições e definição do tema
Produção	março a junho	Ensaios, preparação e realização do festival
Pós-Produção	julho a agosto	Elaboração do relatório final e avaliação dos resultados

Exemplo de Cronograma Detalhado

Mês	Atividades
Janeiro	- Lançamento do edital de inscrições - Recebimento das inscrições
Fevereiro	- Seleção dos grupos - Definição do tema e planejamento do espetáculo
Março	- Início dos ensaios - Continuação dos preparativos para o festival
Abril	- Ensaios contínuos - Preparação dos figurinos e cenários
Maio	- Ensaios finais - Ajustes nas apresentações e organização logística
Junho	- Realização do Festival de Quadrilha Junina Folia Sertaneja
Julho	- Início da elaboração do relatório final - Compilação de documentos
Agosto	- Finalização do relatório - Análise dos resultados e feedback

8. Quais mudanças e permanências você observa no festival ao longo do tempo, incluindo os estilos de dança, os temas explorados e as coreografias apresentadas?

“Hoje observa-se que as quadrilhas juninas de Euclides da Cunha seguem uma tendência muito forte influenciada pelo teatro de revista e pelos grandes musicais. Euclides da Cunha é uma cidade com uma rica tradição teatral e essas quadrilhas emergem a partir da construção dos festivais de teatro dos anos 2000 e do fortalecimento das fanfarras”.

9. Como são selecionados os jurados do festival? Quais são os critérios de avaliação das quadrilhas?

“Para cada seletiva são selecionados três jurados que avaliam doze categorias: tema, evolução, trilha sonora, coreografia, marcador/apresentador, figurino, casal de noivos, casal destaque, rainha, alegorias, adereços e conjunto. Em geral, os jurados possuem currículos artísticos diferenciados, com formação em áreas como teatro, música, dança, artes plásticas, audiovisual e produção cultural, entre outras”.

10. O festival de quadrilhas promove algum tipo de intercâmbio cultural com outras regiões do país?

“Sim, hoje é uma realidade as quadrilhas juninas de Euclides da Cunha posteriormente se apresentarem em outras cidades, em outros circuitos de festivais”.

11. Em sua opinião, qual é a importância dos festivais de quadrilha na preservação da cultura junina e como eles contribuem para fortalecer a identidade cultural do sertão?

“Como fomento principal de estímulo cultural, um dos vetores de maior importância é o entendimento da memória cultural das comunidades e a valorização da sociedade local, junto ao reconhecimento dos folguedos populares que estão relacionados às quadrilhas juninas, a exemplo do pífano, reisado, bumba meu boi, coco, entre outros”.

12. Quais são os planos para o festival? Há alguma inovação ou expansão planejada?

“Como principal prioridade, o objetivo é tornar a festa das quadrilhas juninas um patrimônio público do município de Euclides da Cunha. Com a regulamentação adequada,

será possível sistematizar metas mais eficazes de financiamento e dinamizar a participação das quadrilhas juninas em outros festivais”.

13. Você observa mudanças significativas nos festejos juninos ao longo dos últimos anos? Quais são suas percepções e perspectivas sobre essas possíveis transformações e seus impactos na preservação da cultura junina?

“As festas juninas do interior se tornaram um grande palco para a apresentação de artistas nacionais de grande porte, atraindo um público significativo. No entanto, é fundamental que os gestores municipais entendam que, além de trazer público, esses artistas não são a única razão pela qual os turistas se lembram do evento. O que realmente deixa uma marca duradoura na memória dos visitantes são os registros culturais e as tradições locais do município. Portanto, para maximizar o impacto das festas juninas, é necessário equilibrar a presença de grandes shows com a promoção de feiras e exposições culturais que destaquem o folclore local e a história da cidade. Essas atividades podem incluir apresentações de quadrilhas, exposições de artesanato e culinária típica, e workshops culturais. Essa abordagem garantirá que as festas juninas não sejam apenas um evento de entretenimento, mas também uma celebração da cultura local que enriqueça a experiência dos turistas e fortaleça a identidade cultural da cidade”.

APÊNDICE F - Entrevista com ex-organizador do Festival de Quadrilhas

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Ronaldo Campos.

IDADE: 57 anos.

PROFISSÃO: Gerente Administrativo.

NATURALIDADE: Gandu, Bahia.

II. QUESTÕES NORTEADORAS E RESPOSTAS DO PARTICIPANTE

1. *Como e quando o festival de quadrilhas começou em Euclides da Cunha e qual é a sua importância para a comunidade local?*

“As quadrilhas juninas em Euclides da Cunha começaram em uma reunião de gestores escolares da sede e dos povoados com a secretária Maria José Agres de Carvalho. Na época, o prefeito era Renato Campos e havia a necessidade de interagir, certo? Esses povoados. E aí os diretores sentiam essa necessidade, né? Que muitas vezes eram povoados próximos e eles não tinham uma aproximação entre as escolas, aí então surgiu nessa época a ideia de a gente construir, através da cultura, as quadrilhas juninas entre os povoados, né? Entre a sede e os povoados.

E aí aquilo que planejamos em meados de abril de 2001, colocamos no papel e seguimos em frente. No início, uma dificuldade terrível; as escolas reclamavam porque não tinham condições. Aí a secretária conseguiu o transporte, né? Através da Secretaria de Educação e Cultura, conseguimos o transporte para levar esses alunos de povoado para povoado.

Ainda respondendo à primeira pergunta, a gente viu a importância dessa ligação entre os povoados e a sede. Como foi feito? Como foi programada essa situação? O que seria? Seria aos sábados e domingos, nos finais de semana. Cada final de semana em um povoado diferente, tudo isso era feito através de sorteio. Eram em torno de oito povoados que participavam, e a gente começou no mês de maio e a final do concurso acontecia na sede nos dias de São João. No primeiro ano, as apresentações já foram bem interessantes e, a cada ano que viu, o festival ficava muito mais interessante ainda”.

2. Quais são os principais objetivos do festival de quadrilhas em termos de preservação cultural e engajamento da comunidade?

“O verdadeiro objetivo das quadrilhas, como eu falei na primeira resposta, né? É... nós tínhamos o objetivo de unir as comunidades rurais, sede e povoados, não é isso? Então funcionou bem com aquela juventude toda junta, interação entre professores. O tema de cada quadrilha era interessantíssimo, e a gente só sabia no dia da primeira apresentação, cada qual com seu tema diferente. Uma homenageando Luiz Gonzaga, outra Nossa Senhora, outra homenageando o sertanejo, outra o sanfoneiro. Então cada quadrilha tinha seu tema. E era um tema muito bem estudado, muito bem trabalhado. Eles estudavam, liam, pesquisavam trajes, pesquisavam a história do enredo no qual ele ia se apresentar. Então o objetivo é também esse, é levar a questão do aluno”.

3. Quais são os critérios para as quadrilhas participantes? Há alguma seleção ou processo de inscrição específico?

“Sim. As escolas precisavam inscrever suas quadrilhas com o número certo de participantes. Primeiro seria a pontualidade, compromisso, responsabilidade. Eram dez tópicos que a gente entregava no ato de inscrição, depois a escolha do tema que deveria ser trabalhado de acordo com o que foi escolhido. Entendeu? Então nós tínhamos vários critérios de ter pontualidade. Vou até pesquisar aqui pra ver quais eram os dez critérios, mas nós tínhamos dez critérios realmente”.

4. Quantos e quais são os grupos de quadrilhas que já se tornaram tradição nessa festividade?

“Essa pergunta quatro ela é bem interessante, porque nós temos aí cinco quadrilhas que continuam se apresentando, como é o caso da Carcará do Sertão, que é do bairro Duda Macário, entendeu? Nós temos a do bairro Populares, a de Aribicé, a de Caimbé e Carnaíba que são as pioneiras. A de Carnaíba teve um período que não participou, mas agora eu fiquei sabendo que tá retornando, porque algumas delas saíram, outras retornaram, outras ficaram fora, outras não retornaram mais, pois teve um período que houve uma queda muito grande nas apresentações das quadrilhas. Com a nova gestão em 2005, as quadrilhas se apresentavam assim capengas, sem aquela força, aquele animo, chegou um momento que elas quase não sobreviveram. Aí em 2009, eu retorno como diretor de cultura aí nós resgatamos totalmente

as quadrilhas em Euclides da Cunha, aí sim nasce o nome do festival Forró Quentão, que foi uma sugestão da professora Rejane Canário”.

5. Quais são os desafios enfrentados na organização do festival de quadrilhas?

“Os desafios, né? Exatamente esse, o desafio era esse: a questão da gente tomar conta, organizar aquela preocupação, ter, por exemplo, os meninos vinham de Aribicé, da Várzea do Burro, vinham do Caimbé, iam pra Ruilândia, aquela preocupação de passar naquela pista que tinha, entendeu? A gente tinha todo aquele cuidado, diretores, motoristas eram super responsáveis, não podia nem sonhar em beber, porque eram jovens, crianças, pais que estavam ali naquele ônibus. Um carro transportava os alunos, outro carro transportavam o material das apresentações deles, entendeu? Muitos pais adoravam, acompanhavam, ajudavam muito mesmo. Eu ficava muito feliz quando eu via os pais, pra nossa surpresa, muita gente saia de Euclides da Cunha pra assistir. Vamos assistir o Forró Quentão, hoje é onde? A gente divulgava muito as pessoas saiam de casa com seu carro, sua família e iam assistir”.

6. Como é feito o financiamento do festival? Há recurso federal e apoio do governo local ou de patrocinadores?

“Foi um dos desafios que eu diria assim também, o financiamento, porque nós somos uma região pobre e as famílias não tinham condições de custear os gastos. E aí os diretores questionavam “Ah, Ronaldo, nós estamos com dificuldade de formar a quadrilha porque tem alunos que não podem pagar o traje, comprar a sandália de couro. E aí, o que nós vamos fazer? A gente está com dificuldade de participante exatamente por esse motivo”. Eu fui até a prefeita, conversei com ela e ela me orientou a procurar o controle interno, ver juridicamente, legalmente, como é que a gente podia ajudar. Então nós conseguimos financiar o tecido, a chita, a sandália de couro e a costureira e o restante dos assessórios ficou a cargo deles”.

7. Como as quadrilhas se preparam para o festival? Há um processo de ensaio e preparação intensivos?

“Eles começavam os ensaios no mês de março, os alunos ficavam ansiosos para começar os ensaios. Assim que começavam as aulas eles já ficavam perguntando: “Este ano

vai ter o Forró Quentão?”. Então eles ensaiavam bastante. Muitos participantes daquela época, hoje são quadrilheiros e estão à frente da quadrilha da sua comunidade”.

8. Quais mudanças e permanências você observa no festival ao longo do tempo, incluindo os estilos de dança, os temas explorados e as coreografias apresentadas?

“É, Sandra, as mudanças foram muitas, muitas mesmas, elas saíram do tradicional para a modernidade, não tenho nada contra, mas quando era o Forró Quentão as quadrilhas dessa época eram bem tradicionais, era a chita, a sandália de couro, o chapéu de palha e de couro. As quadrilhas eram bem nordestinas, bem catingueiras, era o vestido de chita, a sandália de couro, os homens com as calças remendadas, era bem gostoso aquilo ali, era emocionante. Hoje as quadrilhas não são mais ligadas às escolas, não sei o que houve, e muitos povoados não participam mais porque não tem condições. Hoje nós temos apenas dois povoados participando, porque as quadrilhas de hoje têm muito luxo, eles gastam um absurdo, 60, 80, 100 mil reais e aí fugiu da nossa realidade. A prefeitura repassa um valor para cada grupo, mas não é o suficiente para arcar com os gastos”.

9. Como são selecionados os jurados do festival? Quais são os critérios de avaliação das quadrilhas?

“Os jurados do festival, eles eram selecionados através da cultura, né? Pessoas que eram ligadas à cultura, entendeu? Uma pessoa que entendia do figurino, uma pessoa que entendesse de dança, entendeu? Cada jurado tinha o seu perfil, tinha aquele jurado que de tudo ele entendia. Em cada apresentação eram cinco jurados, né? Ou seja, em cada povoado a gente colocava cinco jurados diferentes e aí quando chegava na sede, na final, esse grupo a gente escolhia os cinco melhores jurados, os que mais se destacavam, esses eram convidados para finalizar o concurso, porque a premiação do Forró Quentão era na sede do município”.

10. O festival de quadrilhas promove algum tipo de intercâmbio cultural com outras regiões do país?

“Na minha época a gente sempre recebia convite para participar de apresentações culturais, mas a gente só participava por aqui mesmo, no estado da Bahia. A quadrilha que mais se destacava recebia o convite pra ir pra Senhor do Bonfim, Serrinha, Feira de Santana,

já foram pra Salvador. Mesmo porque era uma coisa escolar, né? A responsabilidade era muito grande. Nenhum diretor, nenhum professor queriam ter essa responsabilidade. Hoje já fiquei sabendo que algumas quadrilhas já foram pra o estado de Pernambuco, acho que foi a Carcará do Sertão”.

11. Em sua opinião, qual é a importância dos festivais de quadrilha na preservação da cultura junina e como eles contribuem para fortalecer a identidade cultural do sertão?

“O Forró Quentão nasceu da necessidade de interagir com as escolas através da cultura, da dança, da história. A gente trazia a família para dentro da escola, as famílias se engajavam, ajudavam a arrumar, a maquiar seus filhos, era uma coisa muito bonita. Sandra, tinha cada tema que eu chegava a ficar arrepiado, os alunos aprendiam sobre a vida de Jorge Amado através da quadrilha. Então não era só uma apresentação, era conhecimento, era cultura. Eles aprendiam sobre Luiz Gonzaga, Gonzaguinha, entendeu? Era muito bonito de se ver”.

12. Quais são os planos para o festival? Há alguma inovação ou expansão planejada?

“Se eu retornasse a ser diretor de cultura, ou mesmo se eu tiver a oportunidade de falar com o próximo diretor de cultura, eu diria para resgatar a tradição das quadrilhas juninas, a verdadeira cultura nordestina e sertaneja, da chita, do chapéu de palha e da sandália de couro. E diria, também, para resgatar a tradição dos povoados, trazer esses povoados para participar”.

13. Você observa mudanças significativas nos festejos juninos ao longo dos últimos anos? Quais são suas percepções e perspectivas sobre essas possíveis transformações e seus impactos na preservação da cultura junina?

“Essa última pergunta eu já respondi em respostas anteriores. Como eu já falei, foram muitas as mudanças, hoje as quadrilhas são muito luxuosas, é muito glamour, não tem mais a simplicidade da roupa de chita, do chapéu de palha, da sandália de couro. A chita saiu do contexto das quadrilhas. Na minha opinião, perdeu a essência, são quadrilhas lindas, mas eu não vejo mais a cultura nordestina, sertaneja sendo representada”.

APÊNDICE G – Entrevista com o forrozeiro Chico D’Oliveira

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: José Francisco de Oliveira (Chico D’Oliveira)

IDADE: 64 anos

PROFISSÃO/FORMAÇÃO: Cantor/compositor e professor aposentado

NATURALIDADE: Euclides da Cunha - BA

II. QUESTÕES NORTEADORAS

Boa tarde, aqui é Sandra, eu sou estudante do mestrado profissional Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe - UFS, e estou fazendo uma pesquisa sobre identidade sertaneja com foco na festa de São João. Eu estou aqui com o professor e cantor Chico de Oliveira, que é filho da Terra, e vai me conceder essa entrevista e contribuir com a minha pesquisa. Chico, boa tarde. Boa tarde, professora Sandra. “Para mim é um prazer, sempre que tem esse tipo de movimento cultural e esse seu trabalho em especial, que fala de coisa junina, que, como diz o ditado, é a minha cara, que eu sou um cantor, mas sou, antes de tudo, um forrozeiro, né? Então, estou aqui à sua disposição. Acho que é muito importante a gente não deixar morrer esse tipo de cultura, que é a riqueza de nós, nordestinos. E o forró é, sem dúvida, é a maior riqueza cultural que nós temos para quem mora no Nordeste, principalmente aqui na região da Bahia, em especial aqui em Euclides da Cunha, que é o nosso querido Arraia do Cumbe.”

01. Eu quero começar com a primeira pergunta, Chico. O que é o sertão pra você? Você se sente pertencente ao sertão nordestino?

“O sertão, sem dúvida, é o quê? É uma região do Nordeste, fisicamente falando, né? E também, como eu falei, é uma cultura de um povo, né? É um povo que geralmente chamam de sofrido. Eu tenho um poema que eu digo, sempre matado, mas nunca morrido, né? E, como eu falei, tem essa riqueza. É uma região que... talvez até discriminada, mas tem uma riqueza muito forte, uma riqueza interior. Tanto é que algumas pesquisas demonstram que um dos povos mais felizes é justamente o nordestino. Você vê uma certa contradição, porque é considerado um

pessoal mais pobre, pessoal mais, entre aspas, sofredor, mas é um pessoal feliz, porque gosta, ama a nossa cultura, a nossa riqueza aqui do Nordeste e do Sertão. E o sertão é assim, a gente valoriza muito a chuva, valoriza muito a terra, valoriza muito os costumes, enfim. Então, eu sou um nordestino muito satisfeito com a nossa região”.

02. Como você vê a relação entre o sertão e a festa de São João? Você acha que essa festa, essa manifestação cultural tão importante para a nossa cultura, como você mesmo falou, tem alguma relação com a nossa identidade enquanto sertanejo? Que relação você vê entre sertão e São João?

“Ah, sim, com certeza. Tem uma ligação direta, né? Vamos dizer, direta, sim. Porque há muitos anos atrás, devido o Luiz Gonzaga, enfim, e outros que lançou o forró pro Brasil e pro mundo, né? Então ficou, quando se fala em São João, a gente se lembrava de Forró. Embora, ultimamente, está havendo uma certa distorção, na minha opinião, né? Tá misturando muito, tá misturando demais. Que misture, mas não, tá entendendo? E aí é uma luta pra nós que defendemos o verdadeiro Forró, né? Que é o Forró autêntico, o Forró Pé-de-Serra, que é pra gente não perder a nossa cultura, a nossa riqueza, como eu falei na primeira fala, tá entendendo? Mas tem toda a ligação, toda a ligação. Eu acho que tem espaço pra todo mundo, como disse a Elba Ramalho, é? Todas as estrelas brilham, porém, nenhuma atropela a outra, né? Então, tem espaço pra todo mundo agora sim, cada um na sua. Eu acho que o São João, pelo menos, a parte maior deveria ser forró, e de preferência o forró autêntico. Essa é a minha opinião”.

03. Chico, você como cantor, compositor, conhecido aqui na região como o rei da folia, né? Você participou de todos os arraiais do Cumbe? Porque assim, de acordo com as minhas pesquisas, o primeiro arraiá foi em 1983, o arraiá oficial mesmo. Aí eu queria saber se você já participou de todos, ou se já ficou de fora de algum.

“Olha, pra mim é uma honra muito grande. Eu acho que eu sou o único, não só de Euclides da Cunha, mas de toda a região que participou de todos os arraiais. Mas desde 83, sim. Eu gravei meu primeiro disco em 82. Aquela coisa ainda prematura e tal. Mas quando aconteceu, A primeira barraca que chamaram de Arraiá do Cumbe, ali na rua da igreja, que eu não sei nem se foi antes do que você tá falando aí. Desde aquele dia eu sempre fiquei, eu sempre participei, nunca fiquei fora. Você sabe que às vezes a pessoa diz, ah, mas entra um

prefeito ou uma prefeita que não é da sua linha política, né, e deixa você fora. Mas eu mesmo, tendo prefeitos e prefeitas que eu não votei, vão ser mais direto, mas nunca me deixaram de fora. mesmo eu sendo contra politicamente. Então eu tenho a honra de dizer a todos que participei de todos, todos Arraiá do Cumbe aqui da minha cidade. Até que eu fiz o hino, o hino do Arraiá é da minha autoria, gravado por mim é de minha autoria, o hino do Arraiá do Cumbe”.

04. Quais são as memórias que você tem das festas de São João, no Arraiá do Cumbe? Você pode relatar qualquer fato que você lembra, como era. Algo que marcou esse passado que é tão presente na nossa vida hoje.

“Pois é, é como eu falei, eu lembro mesmo quando começaram com uma barraca na rua da igreja, próxima a minha casa, que mandaram me chamar com um violão na barraca, sem nada ligado, né? Ah, a gente sabe que você canta, pá, e eu fui lá e cantei. E eu lembro que por ser São João, naquela época, antes de ser cantor, eu fui baterista, né? E o que acontece mesmo naquela época, eu já cantava, eu já pegava e começava a cantar forró. Porque sempre cantei forró, eu já fui muito bombardeado, mas parece que eu estava no caminho certo, tanto é que deu certo que até hoje nunca fiquei fora. O pessoal dizia, ah, canta música de sucesso. Eu sempre cantei forró. no São João, entendeu? Então as lembranças que eu tenho são essas. O primeiro São João que realmente marcou, que já foi uma coisa mais profissional, com palco, com atrações de fora. Acredito que foi em 87, por aí, 88. Aliás, minto, foi em 86. que já foi ali na Praça Duque de Caxias, que passou muito tempo sendo realizado ali, né? Depois, em 96, foi que foi para o forródromo, né? Então, esse tempo todo na Praça Duque de Caxias, aí já vinha artista de fora, artistas famosos sempre estava lá para fazer a abertura ou o fechamento ou fazer o meu show. Eu sempre cantei forró, porque eu sempre achei que a festa junina tem que ser com forró”.

05. Você observa mudanças significativas nos festejos juninos ao longo dos últimos anos, principalmente? Quais são as suas percepções e perspectivas sobre essas possíveis transformações que é resultado da globalização, enfim, e seus impactos para preservar a cultura junina? Como você vê essas mudanças significativas?

“Olha, a gente trabalha em cima do respeito, eu respeito muito, como falei, agora já tem nossa opinião, é uma pena, uma pena muito grande, aí diz, ah, mas é a juventude, não sei

o que, eu não concordo, acho que a juventude tá ali, porque se a grande mídia joga somente esse tipo de coisa, aí a juventude é também um pouco vítima de toda essa história, entendeu? E a juventude gosta de forró. O exemplo maior sou eu mesmo aqui, que eu sou filho da terra. Eu esse ano, por exemplo, fiz meu show 8h10 da manhã, no último dia, entendeu? Com sol quente, aquela coisa toda, e a galera tava lá, muita gente, muito jovem principalmente, porque nesse horário só fica mais jovem. Então o jovem gosta também do forró. Agora precisa ser trabalhado e precisa ser respeitado, o que eu acho que eu sou contra, respeito mas sou contra, é você fazer um arraiar e colocar 80% de outros estilos que não precisa citar aqui o nome e deixa o forró com 20% 15% tem uma lei aí que tomara que vinga tomara que dê certo que a lei Luiz Gonzaga que vai que quando se isso der certo que todo arraiar toda grade de forró terá que ter pelo menos 80% de forró Tomara que isso dê certo, viu? Vai ser uma realização muito grande pra todos nós. Nós da Cine, todo mundo tem que ganhar. Porque, gente, tem um carnaval aí que forrozeiro não tem vez. Tem uma festa lá de Barreto, não sei de onde, que forrozeiro não tem vez. Aí chega o São João, a festa junina, aí quem tem vez são as pessoas que não tem nada a ver com forró. Nada”.

06. Alguma tradição ou prática que era comum no passado foi perdida ou modificada ao longo dos anos durante as festas de São João? O que você acha que mais se perdeu?

“Ah, sim, com certeza. Já começa pelas músicas, pelos forrós. Já começa por aí... Às vezes você tá numa festa assim, parece muito mais uma micareta, muito mais um carnaval, muito mais uma festa comum do que um São João, né? E São João é uma coisa assim que é muito... é cheio de emoção, quando o São João é verdadeiro mesmo. Então começa principalmente com os estilos de forró. E a gente sente muito de hoje contratar, ah, é famoso, tem milhões de visualizações, então bota no São João. Eu acho que não é por aí, entendeu? a grande mídia, que é um pouquinho, digamos assim, irresponsável ou responsável por tudo que passa. E aí, como já disse, o pessoal termina, eu não diria aceitando, mas engolindo, de certa forma, como dizia o velho Raul Seixas, que era um cara muito para frente, muito avançado nisso aí, ele dizia, olha, a gente tem que engolir, e engolindo dizer mais nada porque bate tanto na tecla que termina assim e como nós falamos é uma pena muito grande mas o forró é uma coisa que não vai morrer nunca mesmo que que tentem matar, como diz o outro, mas porque é aquela coisa, sabe? Está no sangue e tudo mais. E, muitas vezes, pode entrar nisso aí um lado mais comercial. Na indústria cultural mesmo. Na indústria mesmo. Então, é isso aí. É o que está pegando. Mas a gente que é forrozeiro, a gente defende de corpo e alma tudo isso aí.

Com todo respeito, acho mais cada coisa no seu lugar. Verdade, né? Primeiro veio o forró chamado forró eletrônico, né? Forró eletrônico, forró de plástico, forró moderno, forró não sei o que lá, olha tanto nome que deram aí. E o forró pé de serra vem a cada ano perdendo espaço, né?”

07. Há tradições ou costumes que você acredita que são essenciais para a festa e devem ser preservados? Eu acho até que você já até respondeu, né?

“O pessoal fala... Tem gente que é radical. Diz, ah, acho que São João deveria ser somente forró. Eu até nem concordo tanto assim, porque infelizmente tem esse lance aí da juventude, mas não pode você colocar o forró como um complemento da festa. De lugar que fosse um complemento. Ah, bota não sei quem, não sei quem, aqueles cantores famosos, né, que em uma hora de relógio leva o dinheiro de você fazer uma escola, leva o dinheiro de você... Construir um hospital. Construir um hospital, e se uma hora que... Quando é com poucos tempos, você nem lembra o nome do cara cantor, é... Então eu acho absurdo é ir e deixar o forró como um complemento. Aí diz aí, bota aquele forrozeiro ali. não sei o que lá e às vezes nem coloca né então eu acho que o crime maior tá sendo esse aí entendeu é uma cultura realmente é tirana e mais mas o forró tá aí mas não vai como eu falei acho que não vai morrer tão cedo Tomara, né”?

08. Como a sua arte contribui para manter viva a tradição da cultura junina?

“É porque eu sou assim, né? Apesar de muito tempo na carreira, na estrada, né? Todo ano eu faço uma coisa diferente, uma coisa nova. Eu faço questão, tá entendendo? Porque o pessoal fala muito, ah, muda o repertório. Pra gente não é bem assim. Agora é interessante, rapaz. Ninguém pede pra Alcimar Monteiro mudar o repertório. Ninguém pede pra Flávio José mudar o repertório. Ninguém pede pra o nosso rei da música popular brasileira mudar o repertório. Então a gente que tem um trabalho próprio, tem que seguir a linha, respeitar, claro, entendeu? Então assim, eu não mudo assim o estilo, eu posso até mudar o repertório, mas não o estilo, tá entendendo? Então por isso que todo ano eu lanço uma coisa nova. O ano teve o ano do gol do Brasil, depois do Cuscuz temperado, depois do CNQ, depois do Arraiá do Cumbe, eu sei que todo ano tem uma coisa nova pra galera. Esse ano eu lancei o forró do Gari, que é também uma coisa que eu fiz questão de defender, né? Uma profissão que merece respeito. E a gente juntou como forró e deu certo, foi muito legal. E já tô pensando que vou

fazer para o ano que vem. Então, acho que é por aí. É por isso que eu mantendo vivo, né? Toda essa coisa. A gente, nas pesquisas, sempre, graças a Deus, o pessoal reconhece, sempre me coloca, digamos assim, como destaque. Eu agradeço demais a todas as pessoas que gostam. Eu tenho pessoas que dizem, olha, Chico, eu vou dormir, aí me acordo 3h30, 4h só pra assistir seu show. Pô, eu fico muito feliz com isso, porque tem aquelas pessoas que valorizam e respeitam o nosso trabalho”.

09. Em que aspectos a festa de São João reflete a vida cotidiana das pessoas na comunidade euclidense? De que maneira esta festa contribui para o fortalecimento da identidade local? Ou seja, qual é a relação que existe entre a comunidade da Euclides da Cunha e o São João?

“Inclusive uma festa que vem crescendo, a gente tem que reconhecer isso. Crescendo a festa, tal, cada ano que passa, mais movimento. A gente tem que ver o lado bom também, né? Então, todo mundo vende, participa, as famílias vêm pra cá e tudo mais. Eu acho que já começa pela letra das músicas. Quando você canta uma música que a letra diz alguma coisa sua, que tem a ver com você. Quando eu lancei o Cuscuz Temperado junto com o meu amigo Rogério Mota, que é um forrozeiro também muito bom. A gente falou, vamos se preocupar com isso. Por quê? Porque a pessoa, quem é que não gosta de cuscuz no Nordeste? Então a gente juntou a coisa com a outra. O próprio Luiz Gonzaga já fazia isso. Com o jumento, com não sei o quê. Coisas nossas, né? Como eu acabei de falar, o gari. gente pega as músicas e coloca a nossa riqueza para as músicas que é pra marcar as pessoas. Quando eu falei da Seleção Brasileira, no São João, quando eu fiz a letra do Arraia do Cumbe, me preocupei muito em falar das nossas riquezas, quem vem e volta de novo, tem muito forró aqui no Arraiá do Cumbe, ver o dia clarear, essas coisas todas. Então acho que é por aí que, como você falou aí na pergunta, que influi, o que influi na nossa cultura é justamente a forma como você lança o trabalho, que eu poderia também lançar um forró pé de serra falando de coisas que não tivesse nada a ver com a nossa região. E eu tenho essa preocupação de fazer as músicas de forró pensando em nossa região”.

10. Uma outra pergunta que o Chico... É uma pergunta que você inclusive já respondeu. Na sua opinião, qual o papel do forró nas festas de São João? Se você quiser falar mais alguma coisa para reforçar, mas você já respondeu.

“Sempre tem. Então, nesse caso, eu vou me referir particularmente a mim, porque o forrozeiro, o artista, ele tem a sua proposta. E o pessoal pergunta, assim, a ver qual é a minha proposta, é mais ou menos isso, a minha. Entendendo? Tem forrozeiro que tem proposta diferente. A minha proposta é alegria, é por isso que me chamam de Rei da Folia, porque é colocar o pessoal pra dançar, é alegrar o pessoal, tá entendendo? A minha proposta é esta. É por isso que eu canto muito no meu show, quem tá acostumado aí. Até meus colegas falam, você não devia ser o rei da folia, devia ser o rei do arrasta-pé. Eu boto muito o arrasta-pé, que o arrasta-pé é um dos ritmos que engloba o forró. Tem o xote, tem o baião, tem o xaxado, e tem o arrasta-pé, que é aquele mais que arrasta o pé mesmo, né? Então, quase tudo que eu faço é baseado no arrasta pé. Só para você ter uma ideia, o meu repertório, 70% é de arrasta-pé e o resto é para os outros estilos, mas tudo dentro do forró”.

11. Qual o forró seu que você mais gosta, que é uma marca registrada da sua carreira, da sua arte?

“Tem uns que eu gosto e tem uns que marcaram mais. Olha, o que marcou muito, por exemplo, foi a música do Bode. Pega o bode, pega o bode, pega o bode pra capar. E eu lancei essa música e até hoje tem crianças, meninos de 10 anos, pega o bode, pega o bote, tá entendendo? Agora eu tenho música que marcaram também, tem o Rei da Folia, tem o Cantor Mascarado, Beijo Molhado, tá entendendo? São músicas minhas que marcaram, que toda vez que a gente canta, todo mundo lembra. Até Bilu Teté o pessoal lembra muito, entendeu? Vou Encher a Cara, embora hoje eu não beba mais. Mas foi uma música que marcou, que tocou muito, entendeu? E tem aquelas outras versões. Agora eu gosto muito de música minha. Forró do Funga Funga, Forró Brasileiro, que eu cantei na TV e tudo mais. Ah, o Funga Funga eu gosto muito. Funga, funga, funga no pescoço da morena. Então são essas músicas que marcam, né? Agora tem as músicas do Luiz Gonzaga que eu canto, né? No meu repertório tem muita música do Luiz Gonzaga, Jakson do Pandeiro, entendeu? Enfim...

12. Chico, você começou a cantar com quantos anos, você lembra?

E eu comecei a tocar com... Eu tinha 14, 15 anos, bateria, mas eu comecei a cantar, e eu já cantava em programa de calouros. Primeiro que eu comecei a cantar com 9 anos, entendeu? E aí meu sonho sempre foi gravar. Aí depois eu comecei a cantar em banda. Eu comecei a cantar nas bandas, eu tinha 17, 18 anos, entendeu? Mas o sonho era gravar. O sonho

de todo mundo que canta é gravar um disco. Naquele tempo era muito difícil gravar um disco. E eu consegui gravar naquela época.

13. Você tem quantos discos gravados?

Eu tenho um CD, então, oito ou nove. E tem um DVD, e músicas gravadas aleatórias tem muitas”.

14. Chico, eu percebo que você vem de uma família de artistas, né? Muita gente da sua família canta, né? Canta, toca, enfim. Você foi influenciado por algum familiar seu a entrar no mundo da música?

“Boa pergunta. Eu tinha uns tios, né? Quando eu era criança, tio João, tio Itá. É que tocava pra gente e eu, moleque, ficava observando. E depois que fui crescendo, foi pelos meus próprios irmãos. Oliveira, Rubinho, professor Rubinho, que me ensinou as primeiras notas. Paulinho, que são meus irmãos mais velhos, né? Depois, eu sou da geração dos saudosos de cabelo de milho, que eu perdi há pouco tempo, o Zezé Calce o Pé também, que, aliás, o único que não tem nada a ver com música é o Zezé, porque o resto de todos tem uma ver musical”.

15. Como você avalia a presença de outros ritmos musicais nas festividades São João e Euclides da Cunha?

“É um tema muito vasto. Eu vou dar mais uma opinião aqui. Olha, gente, é como eu falei a você. É uma pena, porque eu já tenho espaço pra eles, não é? Então, vamos dar mais espaço pra eles. Ah, mas não tem tanto forrozeiro pra encher São João. É que eu ouço muita conversa. E uma pessoa uma vez me disse isso. Ah, você vai botar só forró e tem tanta sanfona? Minha gente, claro que tem. Tem, tem muito forrozeiro bom por aí. E sem falar os famosos, porque hoje muita gente não olha tanto o valor do artista, mas o valor da fama, que é outra coisa também, que é uma pena as pessoas pensarem assim, os contratantes. Mas aí eu acho que... que se essa lei realmente vingar, ou pelo menos ajudar, já vai melhorar bastante, tá entendendo? Embora vai ter muita gente aí que não canta forró, dizendo que é forrozeiro só pra ficar dentro da programação. Eu acho que vai acontecer muito isso. Eu tô cantando a pedra aqui com antecedência. Vai acontecer muito. Pessoas que vão dizer, ah, não é forrozeiro, nunca cantou forró, mas vai gravar um forrozinho ali só pra tapear, pra dizer que é forrozeiro

e entrar na programação, né? Então, talvez aconteça isso, mas a gente sente muito. É uma pena”.

Chico, eu agradeço muito a sua participação. Se você quiser falar mais alguma coisa, tá? Fica o espaço aberto. “Eu agradeço muito a sua disponibilidade, o seu sim, a sua contribuição. Com certeza as suas respostas irão ajudar bastante na minha pesquisa, no meu estudo. E eu quero agradecer demais. Eu que agradeço. Parabéns pelo trabalho. É sempre bom. Eu bato palmas para esse povo fazer esse tipo de trabalho. Outras pessoas me procuram também. Eu acho que não pode deixar morrer. E uma educadora, um educador, tem que pensar nesse lado. Porque educação não é tão somente conteúdo passado, talvez até pelo governo, sei lá. Tem esse tipo de coisa. Eu não acredito em educação sem arte, sem cultura, sem esporte educativo, essas coisas. Eu acho que o importante para a juventude é isso aí. Entendeu? Então, muito obrigado, viu? Estou à disposição, qualquer coisa”.

APÊNDICE H – Entrevista com o sanfoneiro Vaninho San

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Ivan do Nascimento (Vaninho San)

IDADE: 44 anos

PROFISSÃO/FORMAÇÃO: Músico (sanfoneiro)

NATURALIDADE: Monte Santo/BA (Reside em Euclides da Cunha há 30 anos)

II. QUESTÕES NORTEADORAS

01. Ivan, Eu queria saber o seguinte, como e quando você começou a tocar sanfona? Alguém te influenciou ou inspirou nessa arte? Me conte um pouco sobre a sua trajetória e a sua relação com a sanfona.

“Boa noite. É um prazer enorme estar aqui, dando essa pequena entrevista, falando um pouco da minha vida musical e até também como cidadão que eu me considero cidadão euclidense e, mais ainda, montessantense. Eu falo isso porque eu sou filho de Monte Santo, mas já faz 30 anos que eu moro aqui em Euclides da Cunha, então toda a minha formação como músico, como cidadão, foi toda adquirida aqui, nessa cidade que eu amo tanto. Então, respondendo à sua pergunta, a minha família é família de músicos, meu avô tocava violão, o irmão dele era sanfoneiro, que o primeiro som de sanfona que eu ouvi foi produzido por ele, pelo irmão de meu avô. Então, a partir desse momento, eu acredito que isso deve ter sido quando eu tinha uns 3 para 4 anos de idade, que ele foi tocar na casa do meu avô, E eu pequeno, eu ouvia ele tocando e aquele som da sanfona já me encantou. Eu fiquei muito apaixonado pelo som da sanfona. E eu não sei se é porque eu sou de família de músico, mas me despertou um grande interesse de um dia ser sanfoneiro. Até quando eu ainda morava na zona rural, que a gente é filhos de montes de sanfona, mas a gente nasceu na zona rural. Eu costumava dizer que quando eu fosse morar na rua, eu ia me formar em músico. Eu queria ser músico formado. Mas músico não se forma, ele já nasce pronto. Ele estuda, né? Fica mais hábito, mais ligeiro em questão de teoria. Técnica, né? É, ajuda também em harmonia. Isso aí só músico vai entender. Mas nunca me saiu da mente que eu queria ser músico formado. E aí quando eu vim morar aqui, como falei no início da entrevista, há 30 anos, a minha primeira profissão foi ilustrar sapatos. Ilustrei sapatos desse município inteiro. Depois comecei a trabalhar nas feiras, pegando freto com a galinhota, que a gente chama. Vendi geladinho, vendi tempero, cebola,

essas coisas, vim de barracas. Tudo isso era... no plano de um dia comprar sanfona com dois anos certinho de trabalho eu comprei minha primeira sanfona que eu tenho até hoje não é a sanfona que eu uso em shows mas eu nunca mais, nunca vendi tá lá sempre comigo do lado a partir dessa aí eu já comprei mais três acordeons top de linha mas a minha primeirinha sanfona que eu comprei tô com ela até hoje enfim já respondi um”.

02. Vaninho eu li algo a seu respeito, que você tentou construir uma sanfona na sua infância/adolescência. Me conta como foi essa experiência.

“Teve isso também. Ainda quando eu morava na zona rural, eu era apaixonadíssimo por sanfona. Eu lembro que quando a gente morava na roça, eu acho que eu só tive mesmo, só consegui ver de pertinho dois acordeons, que um era esse do irmão do meu tio, de meu avô, que também era meu tio, né? E também uma outra sanfona que chegou lá, de um outro primo meu, mas essa aí foi ligeira. Foi uma passagem muito rápida. Com isso, vendo o instrumento, achei que poderia conseguir fazer, construir uma sanfona. Peguei uns pedaços de tábua, uns papelão e tentei construir uma, mas é muito difícil, não consegui ter sucesso e parei de insistir. Não consegui fazer, não”.

03. Vaninho, a sanfona é um instrumento muito ligado à cultura nordestina e sertaneja. O que ela representa pra você? Você já mostrou que tem uma paixão muito grande pelo instrumento desde a sua infância, né? Mas o que ela representa pra você, pra sua vida, pra sua identidade enquanto músico sertanejo?

“É uma coisa muito forte, assim, porque... Até quando eu vim morar aqui, quando eu ia lá visitar meus avós, que eles ficaram lá por um tempo ainda, eu saía... Nessa época a gente não tinha transporte próprio, a gente ia de transporte privado. E aí quando eu desembarcava, que eu seguia viagem, que eu andava mais ou menos dois quilômetros a pé, pra chegar na residência do meu avô, na sede lá da fazenda, eu ia imaginando no caminho as músicas que eu queria aprender, o que eu ia tocar, se porventura eu fosse ir pra um palco, alguma coisa assim. Então hoje é uma coisa que eu me sinto já realizado. Porque eu consigo fazer shows, como você mesmo sabe disso. Eu consegui tudo que eu tinha vontade, que eu tinha aquele sonho. Então pra mim a sanfona foi uma realização de sonho e com isso eu me transformo. Então pra mim a sanfona foi uma realização de sonho e com isso eu me transformo. Às vezes, quando a gente tá em momentos que todo mundo tem seus momentos meio de fragilidade, ela me fortalece, me traz energia positiva, porque quando eu pego nela e começo a produzir

algumas melodias, alguns sons, aí eu esqueço de alguma coisa que possa estar me incomodando. Então a sanfona para mim é um remédio, é uma calma, é um alimento, é uma paz de espírito, é muita coisa boa”.

04. Quem são os sanfoneiros ou músicos que mais influenciaram o seu trabalho durante toda a sua trajetória musical?

“O sanfoneiro, quem pega a sanfona e pendura nos peitos, o primeiro ABC, o alfabeto dele, é o Luiz Gonzaga. Se o cara disser que é sanfoneiro e não seguir o Luiz Gonzaga, ele não está sendo nada. O que mais me inspirou assim, que sigo até hoje, e digo que há de um que seguiu os passos e vai muito longe, é o Flávio José. O Flávio José é um artista completo. Ele canta muito bem, toca muito bem. Todos nós sabemos o valor que o Flávio José tem, principalmente no São João, no Rio de Janeiro. É uma atração, um artista de respeito. Há de um que seguiu os passos de Flávio José, e eu sou um deles. E é, digamos assim, um músico contemporâneo, que ainda está aí, nativa, tocando pelo Brasil afora. É, ele toca no São João, ele toca fora do São João, é um artista como você falou, não tem época para ele não”.

05. Uma outra pergunta, Vaninho. O São João é uma festa muito importante pra nossa cultura, na cultura nordestina. Qual o papel da sanfona e do forró na festa junina?

“Se não tiver um sanfoneiro, mesmo que não seja tão bom, vai ser uma festa como qualquer outra. Não vai ser uma festa de São João. Para ser festa de São João, tem que ter forró. E tem que ter sanfona. E se não tiver sanfona, não tem forró. Então é uma coisa... como se fosse o Natal do Mery Júnior, né? Se não tiver Papai Noel, não é Natal. Então, o São João, se não tiver uma banda que toque forró, que tenha sanfona, não é. Então é por isso que ela é muito importante. Pode até que não seja aquele sanfoneiro top, mas tem que ter na banda, né? A sanfona e mais o, digamos assim, o complemento, né? Que é o triângulo, a zabumba, que é o chamado trio nordestino. E o trio tradicional, né? O tradicional. E aí atrás, que vem a parte da bateria, vem a guitarra, o baixo, né? Algumas coisas eletrônicas, mas o trio tradicional tem que estar na frente ali. O trio tem que estar na frente”.

06. Vaninho, como é a vida de um sanfoneiro? Quais são os desafios que você já enfrentou durante a sua carreira? Aliás, você tem quantos anos que toca?

“Eu já, profissionalmente, meu primeiro show musical como sanfoneiro profissional foi em 2001. Então já faz 23 anos, né? foi até 2001, meu primeiro show musical com o San

Francisco de Plaçona foi em 2001. *Você já tocava antes?* É, porque na verdade eu comecei a tocar nas bandas, como todo músico sempre começa a tocar nas bandas para depois ele tomar seu destino, se quer carreira solo ou não, né? Isso aí é como toda profissão. É igualmente um clínico geral. E pra ele ser um especialista, primeiro tem que ser clínico geral, né? É igual o músico. O músico, pra você seguir sua carreira solo, ele primeiro tem que fazer uma experiência com outro pessoal pra ele descobrir o que ele quer, né? Mas sempre a gente enfrenta desafios, porque música é uma onda. É igual a onda do mar. Uma hora ele tá em alta, outra... outra vez tá embaixo e aí você sempre enfrenta esse desafio, sempre vai enfrentar esse desafio. Mas a gente não pode parar e nem desanimar e tem que seguir a guerra”.

07. E me diga uma coisa, Vaninho, você toca o ano inteiro ou é mais assim, no mês de junho, maio, que é próximo São João? Como é que funciona?

“Antes, o que eu falo isso é que até antes da pandemia mesmo, geralmente eu só tocava mesmo só o mês de junho, depois fica assim, uma festa, duas por mês, mas há uns dois anos pra cá, não sei se é porque a gente vai criando credibilidade, enraizando, vai criando mais um pouquinho de nome, aí o pessoal vai chamando. Hoje eu já tô tocando mais, tô tocando bastante. Fora do mês, de junho eu já tô tocando bastante, graças a Deus”.

08. Quais foram as bandas musicais que você já trabalhou ao longo da sua carreira? Você disse que começou em algumas bandas. Você poderia citar alguma dessas bandas?

“Muito prazer. A primeira banda que eu toquei, que foi meu mestre, foi a banda Realce. E você era sanfoneiro também. Foi o... Eu quero deixar até um abraço aqui para o Nilson. Você conhece o Nilson? Sim. O esposo da professora Beda de Leuza? Conheço. Então, o Nilson foi meu professor, foi quem me ajudou bastante. Então, eu fiquei com o Nilson há um tempo, tocando com ele. Depois do Nilson, eu toquei com o saudoso Ayrton Lick, na época o nome da banda dele era Ska Music. A gente ficou dois anos trabalhando, depois ele mudou o nome para Desejo de Mulher. A gente ficou mais dois anos trabalhando, quatro anos trabalhando com o Ayrton. Depois eu saí do Ayrton e fui trabalhar com o pessoal lá em Feira de Santana. Fiquei lá uns seis anos lá tocando com a galera. Aí eu returnei pra cá. E aí eu fiquei um tempo com a Flor de Açucena, fiquei um ano mais ou menos. A gente chegou até a gravar o DVD lá com a Flor Açucena. E aí, o pessoal daqui, trabalhei com isso, a galera toda aqui, o Arregaço, cheguei a gravar com o Arregaço, com o trem do Forró, um monte deles aí, eu acho que aqui não tem ninguém que eu não já trabalhei”.

09. E o que foi que levou você a seguir carreira solo, sair dessas bandas?

“É o sonho de todo artista? Acredito que sim, né? Assim como de todos os artistas, como de todo profissional, né? Ele quer ter o dele. Aí foi quando a Flor de Açaí diminuiu a quantidade de show e foi diminuindo, foi diminuindo, aí rapaz, esse negócio não era certo não. Aí eu precisava ganhar o troco. Foi quando eu gravei meu primeiro CD, uns 12 anos atrás. E aí começou a tocar esse CD e o pessoal começou a me procurar, e aí eu fui tomando gosto e já tô na carreira solo há uns... entre 12 a 13 anos. Ah, que legal. E você tem algum projeto em mente, um novo projeto? Sempre a gente tem projetos. Como já tenho o quê? Uns 7 CDs já gravados, acho que já... Não, 7 não, são 8. Já gravei 8 CDs. E aí, agora com essa... A tecnologia avançou bastante, não está permitindo que a gente grave mais CD, agora é videoclipe, essas coisas. Aí já estou com outro projeto para alguns videoclipes para o ano de 2025”.

10. Vaninho, você observa mudanças significativas nas festas juninas ao longo dos últimos anos?

“Eu fico muito preocupado, né? Porque, como eu falei no início, quem pega uma sanfona que pendura no peito, ele quer tocar forró. E a sanfona não é um instrumento barato. É um instrumento que dá pra comprar uma casa dessa e ainda sobra dinheiro, por incrível que pareça. Talvez alguém pense que é mentira, mas só quem é músico sanfoneiro que sabe o peso que leva nas costas. E a gente fica preocupado porque você faz um investimento desse num instrumento e não tem espaço pra você tocar, você tá perdendo espaço pra outros gêneros musicais, que eu não tenho nada a ver com isso. Eu acredito que tem espaço pra todos, mas cada estilo musical na sua época, esperar a época pra ser tocado, né? Aí, chegando no meio de junho, a gente não ter esse espaço, aí a gente fica preocupado. Não só eu, como todo músico do forró fica preocupado com isso”.

11. Como a sua arte contribui para manter viva a tradição da cultura junina? Você, enquanto sanfoneiro, que mantém a tradição, que preserva a tradição, como é que você vê? Melhor dizendo, de que forma a sua arte preserva essa identidade junina?

“É, rapaz, como a gente acabou de falar, fica assim um pouco sem força, porque a gente tenta seguir adiante, mas é como a gente falou, os outros ritmos invadem e aí a gente fica sem saber, será que tá tendo mais alguma importância? Será que os grandes, a juventude,

será que tá valendo a pena tanto a gente lutar por essa cultura, se eles mesmo que não dão muita importância, né? A gente fica com aquela preocupação. Mas a gente não pode parar não. Não pode deixar morrer, né? Não, não pode deixar morrer porque vai ter ali uma menina que vai gostar e de repente pode ser um forte que vai chegar numa cadeira grande lá e pode... mudar tudo. É por isso que a gente não pode, de forma alguma, pensar que ninguém está dando importância e parar”.

12. Na sua opinião, qual o papel do forró nas festas de São João? Essa aí já foi bastante comentada, né? A última também, como você avalia a presença de outros ritmos musicais nas festividades também já foi comentada.

“Então assim, as duas últimas a gente já falou. Então, Vaninho, eu quero agradecer a sua contribuição essa sua fala. Eu tenho certeza que vai ajudar bastante na minha pesquisa e quero deixar aqui os meus agradecimentos pelo seu sim, pela sua disponibilidade, pela sua colaboração. Meu muitíssimo obrigada, um boa noite e deixo aqui para você, se você quiser falar. Eu também agradeço demais, agradeço muito e me sinto até importante de estar participando e dando minha contribuição a pensar esse resumo, falando da minha vida musical como cidadão e também colaborando com a cultura do nosso município e também do Nordeste inteiro. Nós somos Brasil, Bahia. Então, agradeço demais, muito obrigado e estou à disposição para outras entrevistas, tanto de áudio como de imagem, da forma que for preciso. Muito obrigada”.

APÊNDICE I – Entrevista com a multiartista Mel do Cumbe

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Melissa Martins Bonfim (Mel do Cumbe)

IDADE: 25 anos

PROFISSÃO/FORMAÇÃO: Licenciada em Teatro - UNEB / Multiartista

NATURALIDADE: Nascida em São Paulo / Criada no Cumbe desde a infância

III. QUESTÕES NORTEADORAS

1. *Pra começar, quem é a Melissa Bonfim, a popular “Mel do Cumbe”?*

Cria da Lagoa Fechada, Mel é uma jovem mulher negra, sertaneja e multiartista, que teve um forte contato com a própria identidade e ancestralidade aos 15 anos através do teatro, interpretando uma sobrevivente do massacre de Canudos. A sobrevivente é Maria Domingas de Jesus e o monólogo intitulado “CANUDOS: memórias de Maria Domingas” aborda sobre as vivências de Domingas e das meninas e mulheres canudenses que viveram mazelas da guerra, incluindo violência física, estupro e venda para bordéis.

Essa dramaturgia e dar a vida a essa personagem nos palcos moldaram a mulher multiartista que Mel do Cumbe é!

Cheia de garra, sonhos e com a docura que lhe é nata, Mel é uma artista engajada na defesa da garantia dos direitos das mulheres, da preservação da fauna e da flora da Caatinga, pela valorização da cultura sertaneja, indígena e quilombola e da manutenção do perpetuar dos saberes ancestrais e o diálogo deles com a atualidade.

2. *O que é o sertão para você?*

Sertão pra mim é casa, quilombo, aldeia...

É um lugar no Nordeste brasileiro (frisando o meu lugar de fala), que integra a região semi-árida e é muito mais do que seca, fome e pobreza.

Cresci embrenhada na caatinga e impressionada com a fartura e buniteza dos sertões. Entretanto, sempre me pegava contrariada pelas narrativas estereotipadas do meu lugar, que

eram reforçadas até por mim e pelos meus conterrâneos, e que sempre nos colocavam em posições de “coitados”, “extremamente resistentes”, “desprovidos de inteligência” e “empobrecidos”.

A indignação causada por essa imagem me fez assumir uma postura contrária e consciente sobre esses estereótipos, pois eles não representam a grandeza e buniteza do meu lugar. Sendo assim, através da minha arte e da ocupação dos espaços sempre apresento o sertão como meu lugar no mundo e como o lugar que ele é: próspero, fértil, abençoado por uma vegetação única no mundo que precisa ser preservada e reconhecida mundialmente, um lugar de gente sábia, de tecnologias humanas avançadas no que tange o convívio com a seca, de pessoas instruídas e não instruídas pela ausência de políticas educacionais e públicas, entre outras coisas.

3. Quem lhe conhece percebe no seu jeito de ser e estar no mundo que você vive a sertanidade de uma forma muita genuína e autêntica. Você sempre se reconheceu como uma mulher sertaneja, ou houve um momento específico em sua vida em que você tomou consciência dessa sertanidade e passou a expressar essa identidade em sua vida e na sua arte?

Acredito que já respondi essa pergunta acima! Rsrsrs A história de uma menina que, entre os nove e os doze anos de idade, foi estuprada pelos soldados na frente do pai durante a invasão dos militares, vivenciou o massacre de Canudos sozinha e no final do massacre foi enviada para Queimadas provavelmente para servir como prostituta, como era o destino das meninas e mulheres sobreviventes, me atravessou profundamente e me fez enxergar o meu lugar no mundo como menina-mulher, sertaneja e negra e a herança ancestral de luta que carrego devido às mazelas sociais ainda tão presentes nos sertões e no mundo (destaco aqui a forte presença de ex-escravizados e de indígenas no contexto do Belo Monte).

4. Você percebe em muitos jovens e estudantes de hoje, uma ausência do sentimento de pertencimento ao sertão? Se sim, a que você atribui?

Acredito que há uma grande contribuição das tecnologias atuais e da necessidade de se encaixar em um padrão de beleza e de vida, sobretudo do exterior, que nunca nos privilegiou e não nos privilegia e isso gera um afastamento das pessoas da realidade delas.

Além disso, sinto que não há uma demanda tão grande no que tange o engajamento da nossa sociedade sertaneja à auto-percepção dos privilégios e benefícios de ocuparmos esse

lugar no mundo. Acredito que isso também se dê por falta de incentivo dos governos vigentes a esse tão importante sentimento de pertencimento! Mas acho que isso até tem melhorado, pois vejo que “está na moda” e que está sendo conveniente valorizar certos grupos sociais e suas produções, costumes e etc e, apesar da problemática desse modismo, isso pode gerar um impacto social positivo.

Paralelo a isso também vejo alguns pares realizando projetos que culminam na produção de artes, escritos e etc e geram esse fortalecimento do pertencimento dos nossos povos.

5. Você atualmente integra um projeto maravilhoso, o coletivo Semi-Áridas, formado exclusivamente por mulheres multiartistas do sertão. Poderia falar um pouco sobre esse projeto? Como ele surgiu, qual é o objetivo, e o que vocês têm realizado?

O Coletivo de Mulheres Multiartistas Semi-Áridas é uma idealização minha e a realização de um sonho de muitas mulheres sertanejas que habitam os palcos ou as plateias. Ele surge a partir do meu encontro, durante a minha graduação em Teatro dentro da Universidade Estadual da Bahia, com outras mulheres multiartistas, paralelo às minhas vivências caóticas com homens artistas nos palcos. O coletivo nasceu com o intuito de fomentar e fortalecer a produção feminina nos sertões, de propiciar um ajuntamento de artistas e trazer as nossas regiões uma experiência rara: espetáculos literomusicais compostos somente por mulheres onde suas narrativas, composições, dramaturgias, poesias, encenações, performances, musicalidades e etc são valorizadas e compartilhadas encantando, tocando e propiciando uma auto identificação com o público feminino presente.

Nossa primeira apresentação formal como Coletivo foi no solo sagrado da Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE) embaixo de um pé de umbuzeiro, nossa árvore sagrada do sertão. Aprovamos um edital onde fizemos uma releitura do hino da Bahia em formato de video-performance. Nele evidenciamos a participação dos povos dos sertões e dos povos originários no conflito que culminou na independência do Brasil na Bahia (está disponível no nosso canal do *YouTube*). Desde 2022 tocamos em diversas cidades da Bahia compondo programações de Festas e Feiras Literárias. Em 2024 ocupamos o palco do Teatro Castro Alves, em Salvador e do SESC da cidade de Petrolina - PE e o nosso último show de 2024 foi no V Encontro Nacional de Mulheres Agricultoras do MPA, sediado em Salvador.

6. Quais outros projetos você participa atualmente?

Sou idealizadora e integrante da Cumbe Arte Produções, com a qual realizei alguns eventos na cidade e aprovei, através de um edital estadual, a realização do primeiro festival literário da cidade de Euclides da Cunha, o FLICUMBE.

Sou idealizadora, integrante e diretora do Coletivo Teatral CUMBE ENCENA composto, em sua maioria, por estudantes do ensino médio público do Cumbe

Sou artesã e tenho uma loja virtual chamada Arte da Fulô, onde exponho e vendo artesanatos que costumo chamar de “bio-agradáveis”, feitos a mão com sementes, folhas, vagens e cipós da caatinga.

7. Como você vê a relação entre sertão e a festa de São João? Você acha que essa festa é parte da nossa identidade?

Acredito que os festejos juninos perderam a essência.

8. Você observa mudanças significativas nos festejos juninos ao longo dos últimos anos? Quais são suas percepções e perspectivas sobre essas possíveis transformações e seus impactos na preservação da cultura junina?

Eu tenho 25 anos, então eu acompanhei, migrando da adolescência para a fase adulta, essa transição. E assim eu percebo um impacto muito negativo nas mudanças juninas nos últimos tempos, porque eu vejo que os sanfoneiros, que são artistas, que tocam forró, esse gênero musical tão nosso, que é valorizado, sobretudo, no São João. Ele tem perdido espaço para a música sertaneja, para músicas a gode, que tenham mais conexão com outras épocas do ano, como o carnaval, por exemplo. E para estilos musicais que não agregam forró em seus festejos. É muito difícil você encontrar um forrozeiro ou uma forrozeira tocando num carnaval, assim como é muito difícil você encontrar um forrozeiro ou forrozeira cantando num evento de música sertaneja. Então, eles tiram um espaço que deveria ser dos forrozeiros e isso também demonstra uma falha. Uma falha nossa em não apoiar e não valorizar os nossos músicos de forró em todas as épocas do ano, de janeiro a abril, e de julho a novembro, a dezembro, enfim. Então, eu vejo o impacto dessa questão da invasão, desses outros ritmos. Vejo que as novas gerações, elas não têm contato com o forró como ele é, genuíno, genuinamente, né? Eu mesma conheci um pouco das tradições juninas no meu povoado. Entretanto, eu fui evangélica até os meus 14 anos, quando eu tinha um ano, minha mãe se converteu. Então, boa parte da minha infância eu vivi tendo conexão com a igreja e a igreja não cultuou esse processo do São João, né? Então, eu vivi algumas coisas, vi fogueiras de

ramos acesas, tinha a questão dos doces pendurados nas fogueiras, tinha o batismo, né? No caso, ser madrinha de fogueira, rodar a fogueira e batizar. Tinha o pau-de-sebo, tinha o quebra-pote, a galera da minha comunidade da Lagoa fechado se reunia nos festejos juninos para isso. Eu fui algumas vezes, participei dessa questão, mas hoje em dia eu vejo que não há mais. Os mais velhos não têm mais o hábito de cultivar essa questão e nós perdemos muito por isso.

9. Como sua arte contribui para manter viva a tradição da cultura junina e a identidade sertaneja?

A minha arte é, sobretudo, um instrumento político de posicionamento. E a forma como eu a utilizo para contribuir para a perpetuação das tradições juninas e para esses olhares atentos para a nossa identidade sertaneja é trazendo essas temáticas para os palcos que eu ocupo. O fato de eu ser uma mulher preta, sertaneja e ocupar um palco já diz muito sobre as mudanças positivas que estão acontecendo e sobre a importância desses corpos, desses espaços. O fato de eu ter idealizado e parido o Coletivo de Mulheres Magestas e Semiáridas também é uma forma política de reivindicar esse espaço, esse lugar, essa identidade. E eu sempre busco trazer o forró, coco, elementos nordestinos, ritmos nordestinos para os palcos, assim como poesias, enfim, que questionem esse lugar e que façam com que as pessoas, a plateia, as pessoas que estão assistindo, tendo contato com o meu trabalho, com a minha arte, com o meu ser, possam se questionar sobre os seus papéis sociais e, sobretudo, sobre como a gente precisa olhar para trás para poder seguir, sobre valorizar e estar em contato com a nossa ancestralidade.

10. Como você avalia a presença de outros ritmos musicais nas festividades de São João no Arraiá do Cumbe?

Avalio negativamente a invasão de outros ritmos no São João. Se fosse um Festival de Música caberia colocar uma banda que toque músicas de carnaval, mas não é um festival e isso descaracteriza profundamente os nossos festejos.

APÊNDICE J – Entrevista com o cordelista Inamar Coelho

I. IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO: Inamar Santos Coelho

IDADE: 50 anos

PROFISSÃO/FORMAÇÃO: Servidor Público/Licenciatura em Letras

NATURALIDADE: Euclides da Cunha

II. QUESTÕES NORTEADORAS

1. Quando e como você começou a escrever cordel? Quem ou o que te inspirou a seguir esse caminho?

Iniciei na escrita empenhada de Cordel em 2007 no curso de licenciatura por necessidade de uma apresentação de trabalho motivado por uma colega da turma. Tive contato com Cordel ainda na adolescência nos anos 80 com a leitura do cordel “As proezas de João Grilo” e de lá para cá sempre busquei a leitura de cordéis.

2. O que o cordel representa para você e para a cultura nordestina/sertaneja, especialmente em relação à preservação da história e da memória do povo?

A Literatura de Cordel, embora por muito tempo preterida pelo cânone da Literatura Brasileira, sobrevive ao descaso e resiste ao tempo sendo fiel à tradição e ao modelo vindo da Europa. Para mim é a mais alta representação da Cultura Nordestina, não à toa foi reconhecida Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN em 2018. A Literatura de Cordel influencia o Cinema, a TV em séries e novelas, a cultura sertaneja, reforçando a tradição e reavivando a memória do nosso povo.

3. Como funciona o seu processo criativo? Você segue alguma rotina ou ritual, e de onde vêm suas inspirações?

Meu processo criativo não segue nenhum ritual e escrevo apenas quando surge uma janela de tempo na correria constante em que vivo. Quando sinto a necessidade de falar sobre uma data especial, sobre um ícone da cultura, ou mesmo homenagear alguém, escrevo. As injustiças, a política, a desigualdade, a miséria, a intolerância, o racismo, a misoginia, a homofobia, a ignorância, me motivam a tecer minha crítica pelos versos do cordel, mas também a cultura local, a história, a memória, o próprio cordel, são temas da minha escrita.

4. Como você enxerga o futuro do cordel frente às novas tecnologias e sua relação com as novas gerações?

O Cordel é uma realidade atemporal que vem atravessando gerações a despeito dos modismos, por isso seu futuro é promissor. Eu mesmo faço uso da Internet como suporte para meus cordéis no Blog Cordelizando na Rede desde 2009. As novas gerações são apaixonadas pelo Cordel graças ao fascínio que ele traz, na possibilidade de ressignificar a realidade e ser acolher em si todos os temas possíveis.

5. Como a sua escrita se conecta com o território sertanejo e reflete a identidade dessa região?

Na minha escrita ressalto a nossa história local que está inserida na história do massacre de Canudos e para além disso escrevo sobre a nossa cultura local, nossas tradições, nossas belezas, nossas festas e manifestações culturais, nossa caatinga, nossa fauna e flora.

6. O que é o sertão para você?

Como diria Guimarães Rosa, o Sertão é o mundo, é a nossa casa, é o nosso berço, e expressar esse amor é muito difícil em palavras.

7. Você percebe em muitos jovens de hoje, uma ausência do sentimento de pertencimento ao sertão? Se sim, a que você atribui?

O mundo lido pelas redes sociais, pela televisão, pelo cinema americano, impede de notarmos a nós mesmos e o nosso lugar. Quando a TV traz a representação do nordeste em seus produtos culturais o faz de modo exagerado criando uma imagem deformada de nós mesmos, seja na linguagem e sotaque, seja nas vestimentas, seja no comportamento caricato

e isso cria na mente da sociedade uma rejeição. Por outro lado, muitos jovens conseguem desvincilar-se desse sentimento e passa a ver a nossa cultura como algo significativo e digno de defesa.

8. Como você vê a relação entre o cordel, o sertão e a festa de São João? Você acha que essa festa é parte da nossa identidade?

O Cordel tem tudo a ver com as Festas Juninas e com o sertão e todos estes elementos deveriam compor a nossa identidade, contudo a cada ano as festas são deturpadas em relação à tradição cultural do sertão para darem lugar à outras culturas alienígenas, o que em grande medida enfraquece o sentimento de identidade.

9. Você observa mudanças significativas nos festejos juninos ao longo dos últimos anos? Quais são suas percepções e perspectivas sobre essas possíveis transformações e seus impactos na preservação da cultura junina?

Há muito tempo as festas juninas da nossa região vêm mudando de fisionomia drasticamente com a incorporação de elementos de outras culturas e outras partes do país, como elementos da festa do peão, música sertaneja de sofrênci, pagode e funk em paredões de som, elementos que desconfiguram a tradição nordestina do forró.

10. Como você avalia a diluição do forró e a presença de outros ritmos musicais nas festividades de São João no Arraiá do Cumbe?

Avalio como um desserviço à Tradição e à Cultura nordestina causando a alienação da comunidade em relação à sua cultura local.

11. Como sua arte contribui para manter viva a tradição da cultura junina e a identidade sertaneja?

Minimamente alguém que lê o que escrevo poderá desenvolver uma crítica à essa situação em que tendemos a normalizar como natural.

12. Que conselhos você daria para quem quer começar a escrever cordel, e qual seria sua mensagem em versos para o mundo?

A primeira coisa para se adentrar no universo da literatura é através da leitura e com a Literatura de Cordel não é diferente. Ler os clássicos e os contemporâneos hoje é muito fácil pela internet e depois de ler a vontade de escrever surge, basta observar os modelos e seguir sendo fiel à tradição.

Mensagem:

Vamos todos no presente
Observar o passado
Pra garantir no futuro
Um diferente legado
Com respeito ao diferente
Que o amor seja sagrado

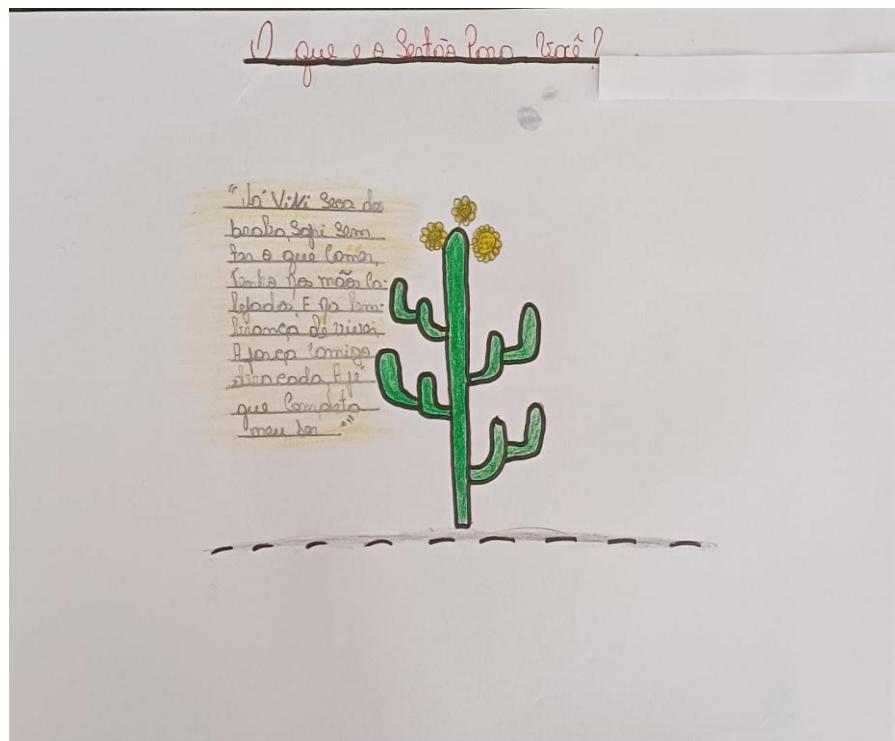
Nesse mundo imaginado
Prevaleça a utopia
O amor e a amizade
Altruísmo e empatia
Muita Arte e Cultura
Na viva Democracia.

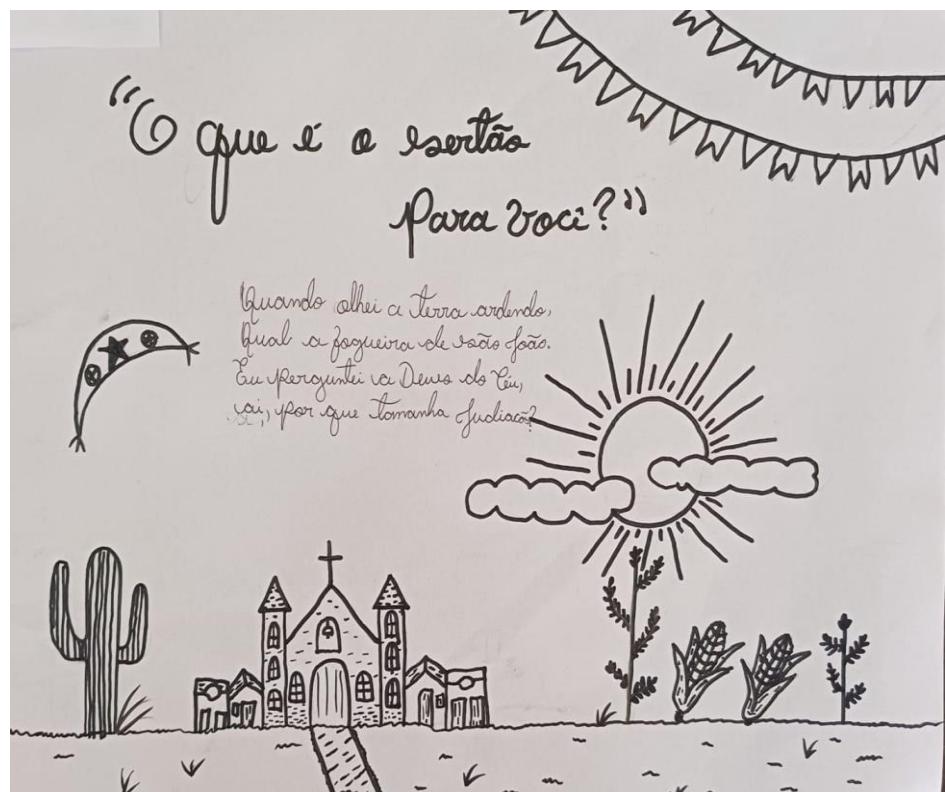
Com menos burocracia
Mais calma mais tolerância
Que o respeito à Tradição
Ganhe toda relevância
Sem tanta alienação
Fanatismo e ignorância

Nessa nova circunstância
Não exista ditadura
Menos armas e mais livros
Menos telas mais leitura
Os humanos irmanados
Pela paz, pela cultura.

01/12/2024

APÊNDICE K – Desenhos produzidas pelos alunos







APÊNDICE L – Cordéis produzidos pelos alunos

- CORDÉIS 9º ANO A

SERTÃO DESBRAVADOR

O sertão é meu lugar,
Terra boa pra viver.
O povo do meu sertão
Já tem força pra vencer.
Com a fé em Deus,
Só temos a agradecer.

Meu sertão tão bonito,
Nele vejo alegria.
Hoje tenho esperança
De conquistar um dia,
De vencermos a seca
Com a nossa valentia.

Meu sertão sonhador
Não só vive de dor;
Lugar de mulher destemida,
De homem trabalhador.
Aqui aprendemos de tudo
E sabemos dar valor.

Levo meu sorriso
E a alegria de viver.
Não perco a minha essência,
Mesmo sem vencer.
Enfrento os desafios
Sem nunca esmorecer.

Aqui, a chuva tarda a chegar,
E o sertanejo põe-se a rezar.
Quando o trovão corta o céu,
É sinal de água pra abençoar.
Nosso chão seco se veste de verde,
Fazendo a vida florescer e brotar.

Quando a seca aparece,
O gado começa a emagrecer.
O vaqueiro, em seu cavalo,
Começa a se entristecer.
Com a chuva, começa a ver
A felicidade transparecer.

O sertanejo se alegra,
 Vê o verde a despontar.
 A terra seca agradece,
 Com o rio a transbordar.
 O canto ecoa distante,
 É a vida a se renovar.

É por isso que eu falo contente,
 Com o coração a vibrar,
 Pois a vida no meu sertão
 Tem seu jeito de encantar.
 Cada gota que cai do céu
 É promessa a se realizar.

*Autoria: Lorena Moura, Layra Sofia,
 Sofia Santana e Gustavo Barreto – 9º ano A*

MEU SERTÃO É PURA ARTE

No sertão a vida é dura,
 Mas o povo não desanima.
 Com coragem e bravura,
 A esperança nos anima.
 Com trabalho vai pra frente
 E a fé no de lá de cima.

O sol brilha sem parar,
 A poeira levanta o chão.
 O povo vive a lutar,
 Com a enxada na mão.
 As flores brotam na seca,
 Depois de muita oração.

Em junho tem São João,
 Com fogueira e animação.
 Na mesa tem paçoca
 E a sanfona na mão.
 As crianças vão brincar,
 Em rodinha de pião.

Quando a chuva vem chegar,
 A esperança vai brotar.
 O verde toma o lugar
 E o sertão vai se alegrar.
 É tempo de comemorar
 E a vida celebrar.

As noites são cheias de luz,
 A lua brilha no céu.

No forró, a gente se embala,
A alegria é um troféu.
O povo canta com alma
E pinta a vida em papel.

Na beira do rio, a cantar,
Tem peixada pra comer.
Com amigos pra dançar,
É festa até o amanhecer.
No sertão eu sou feliz,
Vendo o sol se pôr e nascer.

Aqui, a gente aprende
A valorizar cada olhar.
A amizade é que acende
A chama a nos iluminar.
Mesmo na maior luta,
Nunca deixa de cantar.

A vida aqui é simples,
Mas cheia de tradição,
Com sabor e muitas rimas
Que aquecem o coração.
O sertão é meu lar,
Um abrigo de emoções.

Autoria: Michele Santos, Thainá Rodrigues e Isabella Diniz

SÃO JOÃO NO SERTÃO

A vida aqui é só alegria,
O sertão é cheio de emoção.
Com arte, se enfeita a jornada,
São João é festa e animação.
Sorrisos espalham felicidade,
Na dança, embala a canção.

Quando chega o mês de junho,
A festa é pura animação.
O povo se alegra e vibra,
Tudo é só emoção.
Forró e comidas típicas,
Um banquete em cada mão.

São João na minha terra
É a festa mais completa,
Cheia de alegria e tradição,
Sorrisos, emoção concreta.

E eu sigo firme na lida,
Cumprindo a missão de poeta.

Que venha a chuva cair,
São Pedro tá lá brincando,
Santo que traz lá do céu
A chuva, bênção chegando.
E com emoção, então,
A multidão vai se abraçando.

A chuva é tão esperada,
Faz brotar a esperança.
O céu brilha com fogos,
E todos caem na dança.
É festa de São João,
E tem muita comilança.

Se uma moça tropeça,
Vem um rapaz lhe ajudar;
Já lhe convida pra dançar,
Já tem romance no ar.
Santo Antônio abençoa,
E o amor começa a brotar.

Tem bolo de mandioca,
Cuscuz e o mugunzá,
Bolo de milho e amendoim,
E licor pra celebrar.
São João é uma festa arretada,
Tudo pro nosso arraial.

No arraiá do meu sertão,
Nunca falta animação,
Tem cultura e tradição,
Forró do velho Gonzagão,
Fazendo o melhor São João.

Autoria: Stefanny Santos Cézar

SERTÃO EM CLIMA DE VERÃO

Sertão é meu verão,
Seu calor é vastidão.
Sofrimento e tristeza
Atingem sua população,
Mas, quando a chuva cai,
A terra se enche de emoção.

Quando o dia amanhece,

O sol vem a alegrar,
Trazendo luz à vida
Para a noite espantar.
O céu todo iluminado
Com seu calor a queimar.

A festa de São João
Alegra o coração
Com comidas típicas,
Como arroz-doce e quentão.
Usam suas roupas de chita,
Com chapéu e gibão.

Lampião, homem valente,
O mais temido do sertão,
Uma lenda que resiste,
Com bravura no coração.
Seu nome marcou a história,
Com força e grande emoção.

A chuva chega ao sertão,
Alegrando o coração.
O solo sorri agradecido,
Revigora a vegetação.
A colheita floresce
Com sua renovação.

Quando a seca se vai,
O sertão se desfaz.
Com a chuva que chega,
A tristeza se faz paz.
Mas, ao se afastar a chuva,
O sertão se contrai, eficaz.

Celebre o sertão,
Pois é dia de São João!
Com sua refeição,
Tem mais emoção.
O povo se alegra
Com o clima de São João.

Música no sertão
Traz forró e tradição.
O povo se anima com
A chegada da celebração,
Com sua alegria.
Obrigado, meu São João!

Autoria: Caio Silva, Iudi Siqueira e Wendell Silva

MEU SERTÃO

Perguntam onde moro,
 Eu moro no Sertão,
 E digo com orgulho:
 Ele tem meu coração.
 É um lugar humilde,
 Não é lugar de ter mansão.

O sertão é resistente,
 É terra de gente valente.
 Quem nasce neste chão
 Enfrenta o sol ardente,
 A vida aqui é desafiadora,
 Mas seguimos contentes.

O sol do sertão
 Traz consigo a alegria,
 E, nesse chão tão quente,
 A felicidade irradia.
 No ar, o som da sanfona,
 O riso é quem contagia.

Vivendo aqui no sertão,
 Só tenho a agradecer.
 A união é nossa força,
 Faz tudo acontecer.
 Mesmo nos tempos difíceis,
 Nos basta apenas crer.

Todos aqui no sertão
 Sabem bem o que é amar.
 Fazendo o bem sempre,
 Só temos a ganhar.
 Nessa terra arretada,
 Só temos a prosperar.

Se ver um sertanejo,
 Não vai se confundir:
 O povo do sertão
 Não vem pra destruir.
 Sertanejo de verdade,
 O que tem é pra dividir.

Aqui no meu sertão,
 A vida é pé no chão.
 O sertanejo tem seu valor,
 Tem amor no coração.
 É homem forte e sagaz,
 Na labuta tem paixão.

Sou sertanejo com fé,
 Maior orgulho não há.
 Desde menino aprendi
 A valorizar meu lugar.
 Se isso te incomodar,
 Mais firme eu vou ficar.

Autoria: Miguel Oliveira, Jasper Almeida e José Santos

VIDA SERTANEJA

Nasci no sertão,
 terra abençoada,
 pelo sol é castigada,
 terra bem-apessoada,
 de homem trabalhador,
 minha terra dourada.

Não é só poesia,
 é o suor que faz crescer,
 enxada firme na mão,
 cultivando o amanhecer.
 Sob o sol do meio-dia,
 o coração forte a bater.

Sou menina sertaneja,
 me orgulho das minhas raízes,
 tenho história pra contar.
 Aprendi várias vezes
 o que é sertanejo:
 marcas e cicatrizes.

Ficaram marcados em minha vida,
 sigo com força e valentia.
 A cada passo, ganho sabedoria
 nesta terra de calor e empatia,
 onde reina a alegria
 e os sonhos florescem em poesia.

Esse é o sertão,
 lugar traiçoeiro,
 que por muitos é desprezado.
 É a terra do vaqueiro,
 do cabra da peste,
 do verdadeiro brasileiro.

Da mulher batalhadora,
 da sertaneja arretada,
 da moça bonita,
 do vestido de chita,

da mulher que não se rebaixa,
que é bruta, mas delicada.
Terra de Luiz Gonzaga,
Pedro Sertanejo e Dominguinhos,
da sanfona e do forró,
com seus toques tão fininhos.
Povo dança com firmeza,
pés ligeiros, com jeitinho.

O sertão não é só mito,
é história e é cultura,
é vida e é despedida,
é terra de bravura.
É encanto e é beleza,
ser sertanejo é ternura.

Autoria: Vitória Melanyr

IDENTIDADE SERTANEJA

Ser do sertão é ter fibra,
É lutar com valentia,
Contar histórias sem agonia,
Sem roubar a alegria.
O sol castiga, mas faz seguir,
Na esperança e harmonia.

No seu sustento de proteção,
O vaqueiro lhe estende a mão.
Na sua ida ao sertão,
Com amor no coração,
Se vê a tua devoção,
Guiando essa sua multidão.

De maneira eloquente,
É um orgulho permanente,
Com a voz dessa gente
Que sorri alegremente.
Até a chuva chegar,
Sua fé não acabará.

Suas raízes são fortes,
Jamais vão se apagar.
A cultura sertaneja
Sabe sempre se firmar,
Com a fé que o sertão
Vai sorrir ao se molhar.

Com as mãos bem calejadas,
Trabalha com devoção.

Quando parte, deixa marcas
Feitas de suor e chão.
Por raízes tão profundas,
Não se arranca do sertão.

No ritmo da sanfona
E o pandeiro a ressoar,
O sertanejo se encontra
Na dança a se embalar,
Com sorriso e esperança
Que o céu vai abençoar.

Quando chega o mês de junho,
O São João a celebrar;
A fogueira, o milho assado
E o forró a animar.
É cultura e é história
Que ninguém vai apagar.

E assim segue a jornada
No sertão, no seu viver:
É valente, é esperança,
É coragem pra vencer,
Com orgulho e identidade
De ser sertanejo e crescer.

Autoria: Alice Maria

MEU SERTÃO

No sertão tudo se arruma,
É pura diversão.
As crianças soltam pipa,
Correndo com emoção.
Tem gente que não gosta,
Mas se entrega à tradição.

Tem cuscuz pro dia e noite,
E não falta jabá pra comer.
Enfrentando espinho e mato,
Sabe a vida agradecer.
O povo planta esperança,
Sabe bem o que é viver.

No sertão, o sol é forte,
Queima o chão todo dia,
E o povo, sempre bravo,
Planta feijão com valentia.

Lutam sempre contra a seca,
Mas nunca perdem a alegria.

Meninos também estudam
E trabalham com prazer,
Sonhando com um mundo
Que desejam conhecer.
Na terra seca e dura,
Esse é seu jeito de viver.

O sonho do sertanejo
É ver a seca findar,
Com a plantação florescendo,
Sem nada a lamentar.
É uma luta difícil,
Mas juntos vamos triunfar.

Mantendo o sertão vivo,
Tudo sai controlado,
De um jeito iluminado,
Pra espantar o mau-olhado.
Pois a cultura sertaneja
Deixa o povo encantado.

A cultura de junho
Faz o corpo balançar.
É o mês mais querido
Pra dançar e amar.
O povo, em festa, se anima,
Quando a noite chegar.

Cultura junina é isso:
tradição e diversidade,
Com o forró pulsando no peito,
É festa e religiosidade,
Mantendo viva sua essência,
Celebrando a liberdade.

Autoria: Karlos Eduardo Santos 9º ano A

SERTÃO ADORADO

Meu sertão tão adorado,
De um povo apaixonado.
Venho com orgulho dizer,
Que esse chão abençoado
É minha força e meu legado,
Que me deixa emocionado

No sertão de chão rachado,
Luto pra ter o necessário.
Com as mãos endurecidas,
Trabalho dia após dia,
Pois cada pingo de chuva
É motivo de alegria.

O sertanejo faz a festa
Ao ver a chuva descer.
Quando o verde toma o chão,
Corre, ri, sem se conter.
Com a água abençoando,
Agradece a se envolver.

Nas festas de São João,
Fogueira, forró e balão,
Vem guiando a multidão,
Dançando com emoção.
Se vê a devoção:
Festa boa é no Sertão.

Forte e experiente,
Batalhadora e persistente,
Essa é a mulher sertaneja.
Ela é muito atraente;
Desconheço mais afobada,
É bastante resiliente.

Meu vaqueiro valente,
Com coragem no olhar,
Enfrenta o gado bravo
Sem nunca se abalar.
Forte e destemido,
Vive sempre a cantar.

Somos resistentes,
Terra dura de viver;
Mas, nascido desse solo,
Sabemos o que é vencer.
Com a nossa fé em Deus,
Só temos a agradecer.

Em nossas tradições,
Culturas a contar,
Bem-vindo ao sertão,
Onde a bravura vai reinar.
No solo dos valentes,
A ternura vem brotar.

Autoria: Valentina Janaina Canton, Luna Helena Oliveira e Kaio José Macedo

FESTA JUNINA

A festa de São João
 Traz alegria ao sertão.
 Tem fogueira e milho assado,
 Brincadeira de montão.
 É dia de muita festa,
 De poeira pelo chão!

A quadrilha é animada
 Sob o céu do meu sertão.
 A cantoria ecoa,
 Enche o peito de emoção.
 Vem dançar, vem celebrar
 A festança de São João!

A melhor festa do ano,
 É esperada com animação.
 As ruas ficam enfeitadas
 com bandeirolas e balões
 Trazendo a comemoração.
 São João celebra a união!

O Arraiá do Cumbe
 Antes era na praça.
 Quando tocava a forró,
 Enchia o povo de graça.
 E quando a festa findava,
 oh, festa boa, que massa!

Na noite de São João
 A fogueira pra aquecer.
 Toda casa é enfeitada,
 Muita história a dizer.
 E com muita alegria
 Faz o coração bater.

No céu todo iluminado,
 O povo vem festejar.
 A rua, bem enfeitada,
 Faz a alegria brotar.
 Juntos, vão se encontrar
 Pra tristeza espantar.

Na mesa, muita fartura:
 Tem canjica e tem pamonha.
 O gosto da tradição

Faz a alma se alegrar.
Entre risos e danças,
É a alegria a reinar.

As crianças correndo,
Brincando de roda,
Os adultos dançando,
vestidos na moda.
O amor se espalhando
Nas manhãs que acordam.

A fogueira se acende,
Histórias são contadas.
Sobre amores e sonhos,
Memórias encantadas.
Na festa de São João,
A vida é celebrada!

E assim, com fé e amor,
Reunimos a família,
Cantando e dançando,
Sentindo a alegria.
Que nunca acabe,
Esse amor que nos contagia!

Autoria: Lucas Gabriel Souza, Pietro Reis e Pedro Emílio Reis

CORDÉIS 9º ANO B

O SERTÃO NORDESTINO

O sertão nordestino,
Lugar de povo "trabaiador",
Cultura encantadora,
Inteligência a todo vapor.
Com pessoas fortes,
Com cenário encantador.

O povo sertanejo
Tem grande coração;
Humildade é seu lema,
Sempre com a razão.
Demonstram sua fé
Com grande devoção.

Tempo de chuva,
É grande a alegria;

A caatinga brota,
A animação contagia.
O verde nasce
Em grande romaria.

A labuta do dia a dia
É uma grande correria;
O café é feito
Por dona Maria,
Seu Zé está na rede
E a noite, fria.

O sol é quente,
O suor respinga;
O ovo frita,
Seu João vende pinga.
Dona Rosa grita:
"Menina, traga a moringa!"

Saio do mato,
Pego o cavalo,
Corro na mata,
Espanto o galo.
Desço a ladeira
Com muito embalo.

Pessoas estão a dançar,
Pois é noite de São João.
O arraiá é muito "bão",
Tem comida e quentão.
O sanfoneiro toca
Com muita animação.

Buchada de bode
É de lamber os dedos,
Bem temperada,
Come-se bocados.
O sertanejo é arretado,
Cheio de segredos.

Autoria: Mariany Reis da Costa

CULTURA JUNINA

O forró acontece,
O sertão vira alegria,
Pois o som da cultura
Vem com bandeira e fantasia,

E faz o corpo balançar
E alegrar nosso dia.

A fogueira já se acende
Pra espantar o mal olhado;
Com a dança da quadrilha,
Deixa o povo encantado.
De um jeito iluminado,
Deixa a gente inspirado.

Tem canjica e pamonha,
Milho verde a saborear;
Tem licor e bolo de milho
E delícias pra comemorar.
Com sua rica culinária,
Vamos todos festejar.

Tem fogueira a noite toda,
Muita chama e alegria;
Os casais se divertem
E fazem até simpatia.
Com a quadrilha rolando,
Vai alegrar o nosso dia.

Com o fole e a sanfona,
Ecoar em cada chão;
Que o sertanejo nunca esqueça
Dessa cultura e tradição.
Pois o forró é nosso grito:
Viva o nosso São João!

No toque da sanfona,
A tradição vai ecoar,
O coração pulsando forte,
O forró vem pra alegrar.
É um brado retumbante,
Que jamais vai se apagar.

O céu todo colorido
Faz a beleza espalhar;
Balões, fogos, bandeirolas
Que servem para enfeitar.
Com o toque da sanfona,
Vamos todos festejar.

Este é mês de junho,
Da festa de São João,
Com pratos e bebidas,
É nossa celebração.
Com música e quadrilha,

Celebramos o sertão.

Autoria: Tawira Barros de Oliveira, Erick Portugal, Cauan das Neves.

O SERTÃO

O meu divino Sertão,
Que o sertanejo tem valor,
Com sol de rachar,
A chuva traz seu clamor.
O chão seco ganha vida,
No peito bate o amor.

O sertão nordestino,
Com suas diversas culturas,
O sertanejo se reúne
Para celebrar com bravura
A festa de São João,
Com amor e ternura.

Na grande tarde do dia,
O café é preparado,
Para que na noite
O cuscuz seja cozinhado.
Quando passa das nove,
O sertão fica parado.

O povo da minha terra
Também tem o seu valor.
Guardam em cada olhar
Histórias de luta e dor.
Com fé, vão se levantando,
Construindo um novo amor.

Quando chega o verão,
O sertanejo chora,
Muita seca e calor,
Onde o povo mora.
Quando batem as seis horas,
O sertanejo comemora.

O sertão é muito seco,
Mas o povo é resistente,
Luta e se reinventa,
Com o sol, vai pra frente.
A fé nunca se ausenta,
Semeando a esperança.

Povo de muita fé,
E muita devoção.

Quando a seca chega,
A Deus ele ergue as mãos,
Reza o santo, faz promessa.
Com a certeza no coração.

Nas festas de São João,
O sertanejo se anima,
Comemora com fervor,
Numa festa tão divina.
É o nascimento de João,
Que o povo celebra e rima.

Autoria: João Henrique Souza e Diego Soares

SAUDAÇÃO SERTANEJA

Agradeço ao leitor
Pela sua atenção,
Por cada verso lido
Com tanta dedicação.
Vamos juntos conhecer
O projeto desta criação.

Este livreto é o fruto
De um estudo dedicado,
Nasceu nas aulas oficinas
Do José Aras, inspirado.
A identidade sertaneja
É o tema explorado.

Esse tema é estudado
Na pesquisa de mestrado,
Com foco na festa junina,
Nosso arraiá mais amado.
É o olhar dessa pesquisadora,
Com seu trabalho empenhado.

Nosso foco é a cultura
E a valorização identitária.
Celebramos o sertão
E as suas indumentárias.
Exaltamos o sertanejo
E a nossa culinária.

Nas aulas oficinas,
Houve debates e discussões,
Rodas de conversa animadas,
Vídeos, músicas e produções.
Estudamos textos e cordéis,

E gerou grande repercussão.

Produzimos cordéis,
Fizemos xilogravuras,
Desenhamos no papel,
Gravuras e figuras.
Cantamos forró,
Com muita ternura.

No sertão eu me reconheço,
Aqui é o meu lugar.
Cultura junina é festa,
Que nos faz sempre lembrar.
Com cordéis, a identidade
Vem forte a se afirmar.

É com muita gratidão
Que aqui me despeço,
Agradecendo ao leitor
Por tudo o que confesso.
Que a cultura sertaneja
Seja sempre um sucesso.

Autoria: Sandra Maria dos Santos (pesquisadora)